



KRESLEY COLE

Nº 1 DA LISTA DE BEST-SELLERS DO *NEW YORK TIMES*

PRAZERES  
SOMBRIOS

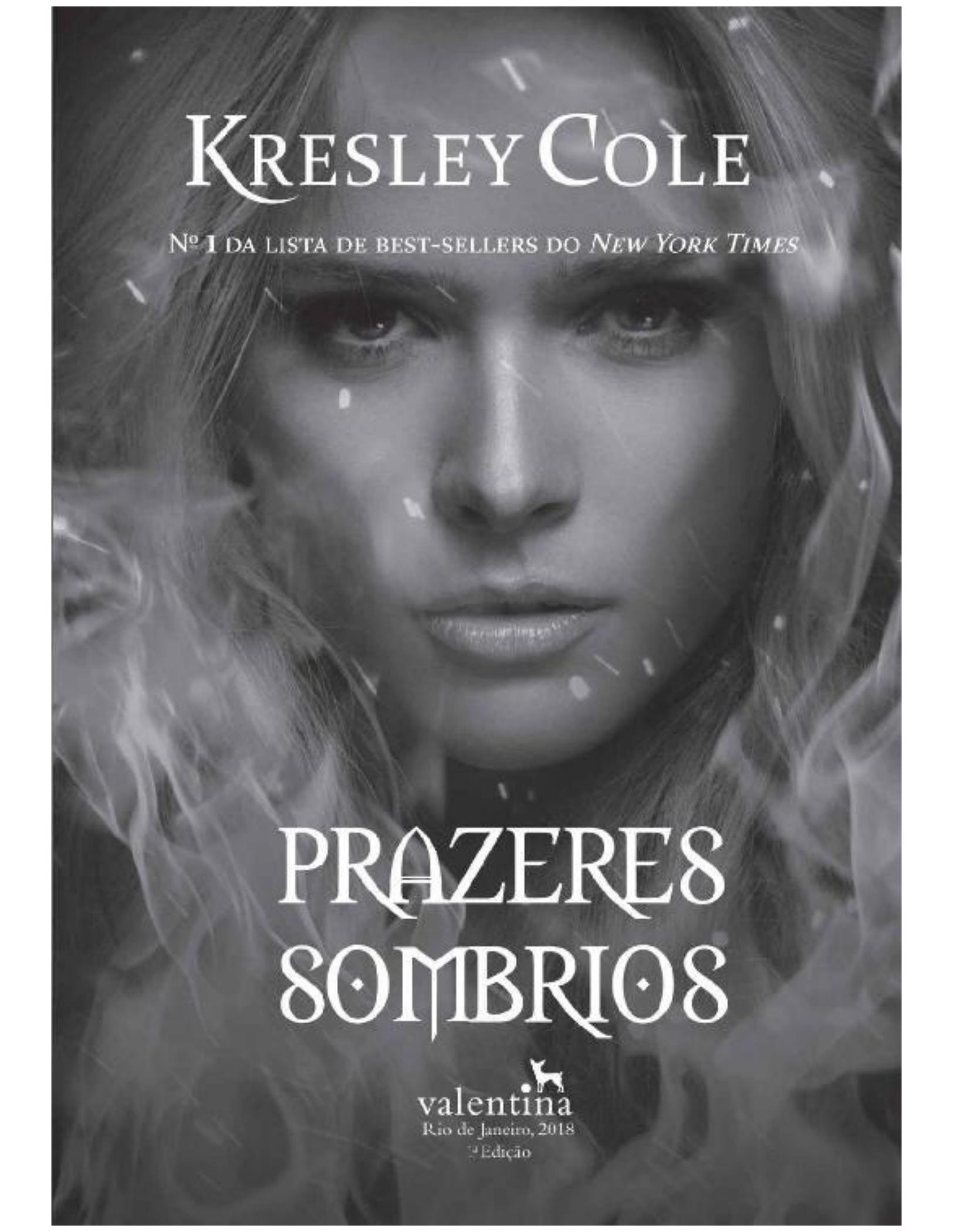
SÉRIE IMORTAIS LIVRO 2

  
valentina

PRAZERES  
SOMBRIOS

SÉRIE IMORTAIS  
VOLUME 2

*Tradução*  
Renato Motta



KRESLEY COLE

Nº 1 DA LISTA DE BEST-SELLERS DO *NEW YORK TIMES*

PRAZERES  
SOMBRIOS

  
valentina  
Rio de Janeiro, 2018  
2ª Edição

Copyright © 2006 by Kresley Cole  
Publicado mediante contrato com Pocket Books, um selo do grupo Simon & Schuster, Inc.

TÍTULO ORIGINAL  
*No Rest For The Wicked* CAPA  
Beatriz Cyrillo sob original de Damon Freeman FOTO DE CAPA  
Sebastian Cross

FOTO DA AUTORA  
Deanna Meredith Studios

DIAGRAMAÇÃO  
Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial ADAPTAÇÃO PARA EBOOK  
Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

**C655p**

Cole, Kresley Prazeres sombrios [recurso eletrônico] / Kresley Cole; tradução de Renato Motta. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Valentina, 2017.

recurso digital (Imortais; 2) Tradução de: No rest for the wicked Sequência de: Desejo Insaciável Formato: ePub Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-5889-055-7 (recurso eletrônico) 1. Romance americano. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Motta, Renato. II. Título. III. Série.

**17-  
45104**

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com  
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*Todos os direitos desta edição reservados à* EDITORA VALENTINA  
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana  
Rio de Janeiro – 22041-012  
Tel/Fax: (21) 3208-8777  
[www.editoravalentina.com.br](http://www.editoravalentina.com.br)

*Para Bretaigne E. Black, colega de faculdade,  
especialista em chuva de arroz, organizadora de “vinhos e autógrafos” em  
lançamentos, e queridíssima amiga.*

*Não sei o que seria de mim sem os meus Bebês.*

## *Agradecimentos*

Meus mais profundos agradecimentos a três damas fantásticas que também são escritoras muito talentosas: Gena Showalter, por todo o seu apoio incrível;

Caro Carson, por estar sempre ao meu lado na hora do sufoco;

Barbara Ankrum, por suas observações do tipo “olho de águia”, suas críticas e incentivo. E obrigada, Richard, meu marido maravilhoso, por pesquisar o minuto exato de cada alvorecer e de cada pôr do sol em todo o globo terrestre, e também por verificar os dados de viagens e logísticas de transportes que aparecem neste livro.

## Prólogo *Mansão Blachmount, Estônia – setembro de 1709*

*Dois dos meus irmãos estão mortos, pensa Sebastian Wroth, encarando o teto enquanto está caído, lutando para não se contorcer de dor. Ou semimortos.*

Tudo o que ele sabe é que ambos retornaram do campo de batalha com um jeito... estranho.

Todo soldado voltava profundamente modificado pelos horrores da guerra – ele mesmo passara por isso –, mas os irmãos de Sebastian estavam *alterados*.

Nikolai, o primogênito, e Murdoch, o segundo mais velho, tinham finalmente voltado para casa, vindos da fronteira da Rússia com a Estônia. E embora Sebastian mal conseguisse acreditar, eles haviam escapado com vida da guerra que continuava a destruir de forma impiedosa os dois países.

Uma tempestade violenta explodira no oceano e fustigara o litoral do Mar Báltico. Apesar do clima hostil, os dois homens conseguiram entrar com ar determinado na Mansão Blachmount. Ainda usavam seus chapéus molhados e os casacões ensopados.

A porta continuava aberta atrás deles. Ambos estavam ali, em pé, imóveis e atordoados.

Diante deles, espalhada pelo salão, via-se a carnificina do que antes fora a sua família. As quatro irmãs e o pai estavam morrendo, acometidos pela peste. Sebastian também jazia ali, e Conrad, o mais novo, encontrava-se esfaqueado e extremamente pálido. Sebastian continuava consciente. Felizmente, os outros já haviam desmaiado. Até Conrad estava inconsciente, embora ainda gemesse baixinho de dor.

Nikolai enviara Sebastian e Conrad de volta para casa, poucas semanas antes, a fim de protegê-los. Agora, todos estavam morrendo.

A residência ancestral dos Wroth em Blachmount se mostrara tentadora demais para os bandos de saqueadores formados por soldados russos. Na noite anterior, eles tinham invadido a casa à procura dos supostamente ricos e de suas abastadas despensas. Enquanto defendiam Blachmount contra dezenas deles, Sebastian e Conrad acabaram sendo espancados e, em seguida, esfaqueados no abdômen – mas não morreram. O restante da família não fora ferida pelos bárbaros. Sebastian e Conrad tinham resistido o suficiente para manter os soldados longe dali, até os invasores perceberem que a casa abrigava doentes acometidos pela peste.

Os soldados fugiram, apavorados, largando suas espadas onde as tinham espetado...

Quando Nikolai se debruçou sobre o corpo de Sebastian, a água que correu do seu casacão se misturou com o sangue do irmão, congelando lentamente no chão. Nikolai lançou um olhar tão duro que, por um momento, Sebastian achou que o irmão estava decepcionado com ele e com Conrad pelo fracasso de ambos – tão decepcionado quanto ele próprio.

Mas Nikolai não sabia sequer a metade da história.

Sebastian conhecia muito bem o irmão e percebeu que Nikolai assumiria aquele fardo, como fizera em todas as outras vezes. Sebastian sempre fora o amigo mais íntimo do irmão mais velho, e quase ouviu

os pensamentos dele como se fossem seus: *Como eu conseguiria defender o meu país se não fui sequer capaz de salvar as pessoas do meu próprio sangue?*

Infelizmente, o destino da Estônia não tinha sido muito melhor que o da família. Os soldados russos haviam saqueado as colheitas na primavera, para em seguida salgar e queimar a terra. Nunca mais nenhum grão pôde ser cultivado naquele solo, e quem morava nas áreas rurais passara fome. Fracos e esqueléticos, os sobreviventes sucumbiram quando eclodiu a epidemia de peste.

Depois de se recobrem do choque, Nikolai e Murdoch recuaram, aterrorizados, e trocaram olhares. Apontando para as irmãs e o pai, pareciam debater algo.

O que quer que fosse, eles se referiam a Conrad, inconsciente no chão, e também não olhavam para Sebastian. Será que o destino dos irmãos mais novos já fora decidido?

Mesmo em seu estado de delírio, Sebastian percebeu que, de um modo que não compreendia, os dois tinham mudado muito – haviam se transformado em algo que sua mente febril não conseguia captar. Os dentes estavam diferentes: os caninos pareciam muito mais compridos, e os irmãos os arreganhavam com fúria e horror. Os olhos estavam totalmente negros, e mesmo assim *cintilavam* no aposento envolto pelas sombras.

Quando menino, Sebastian tinha ouvido histórias terríveis contadas pelo avô; lendas que falavam de demônios com presas longas, que viviam nos pântanos perto dali.

*Vampiir.*

Eles podiam desaparecer em pleno ar e reaparecer onde bem entendessem; viajavam dessa forma com extrema facilidade, e agora, pela porta ainda escancarada, Sebastian não conseguia enxergar nenhum cavalo coberto de suor ou mesmo com as rédeas amarradas de forma apressada.

Os seres das histórias eram raptos de bebês e bebedores de sangue que se alimentavam de pessoas como se elas fossem gado. Pior: transformavam seres humanos em gente da sua espécie.

Foi nesse instante que Sebastian entendeu que seus irmãos haviam se transformado nesses tais demônios amaldiçoados – e receou que pudessem condenar toda a família.

– *Não façam uma coisa dessas* – sussurrou Sebastian.

Nikolai conseguiu ouvi-lo, mesmo estando do outro lado da sala, e veio até ele. Ajoelhando-se ao seu lado, perguntou: – Você já sabe o que somos agora?

Sebastian assentiu levemente com a cabeça, olhando para as íris completamente negras de Nikolai, sem conseguir acreditar no que via. Com a respiração entrecortada, afirmou: – Acho que... sei... o que vocês pretendem fazer.

– *Vamos transformar você e toda a nossa família, do mesmo jeito que fomos transformados.*

– *Eu não concordarei com uma coisa dessas!* – protestou Sebastian. – *Não quero isso.*

– *Você terá de aceitar, meu irmão* – murmurou Nikolai. Seus olhos assustadores pareciam relampejar. – *Senão, morrerá ainda esta noite.*

– *Ótimo* – murmurou Sebastian, com a voz rouca. – *Nossa vida já está cansativa demais. E agora, com as meninas morrendo...*

– *Vamos tentar transformá-las também.*

– *Não se atrevam a fazer isso!* – rugiu Sebastian.

Murdoch olhou de lado para Nikolai, que balançou a cabeça para os lados.

– Erga-o! – ordenou, fazendo a voz parecer dura como aço, com o mesmo tom que usava quando era general do exército. – Ele *vai* beber.

Embora Sebastian lutasse e esperneasse, praguejando sem parar, Murdoch sentou-o. Muito sangue escorreu do ferimento aberto de Sebastian. Nikolai hesitou ao ver aquilo, e mordeu o próprio pulso.

– Respeite a minha vontade, Nikolai – pediu Sebastian, desesperado. Usou suas últimas reservas de força para apertar o braço do irmão e manter seu pulso longe do próprio rosto. – Não nos force a nos tornarmos isso. *Viver não é tudo.*

Muitas vezes, eles haviam discutido a esse respeito. Nikolai sempre considerara a sobrevivência algo sagrado; Sebastian acreditava que a morte era melhor do que uma vida em desonra.

Nikolai ficou calado, os olhos percorrendo cada centímetro do rosto do irmão, enquanto refletia sobre o pedido. Finalmente, respondeu: – Não posso. *Não vou* assistir à sua morte. – Seu tom de voz era baixo, gutural, e ele mal conseguia controlar as emoções.

– Você está fazendo isso por você mesmo – disse Sebastian, a voz enfraquecida.  
– Não por nós. Você nos amaldiçoará para salvar a própria consciência. – Ele não podia permitir que o sangue de Nikolai escorresse para dentro dos seus lábios. – Não! Maldito seja! *Não faça isso!*

Mas os irmãos o obrigaram a manter a boca aberta, para que o sangue pingasse na sua garganta, e o forçaram a manter a boca fechada até ele engolir todo o líquido.

Ainda o seguravam com força quando Sebastian deu o último suspiro e o mundo escureceu.

*E mais ninguém ouvirá o carteiro bater à porta  
Sem sentir o coração acelerar.  
Pois quem pode aguentar a sensação de ser esquecido?*

W. H. AUDEN

**Castelo Gornyi, Rússia – Época atual** **P**ela segunda vez na vida, Kaderin Coração Gelado hesita em matar um vampiro.

**No último segundo antes do mortífero golpe final, a espada para a poucos centímetros do pescoço do inimigo porque ele está segurando, com firmeza, a própria cabeça.**

Repara que o corpo forte dele ficou tenso. Sendo um vampiro, poderia facilmente se *teletransportar* dali e desaparecer. Em vez disso, ele ergue o rosto na direção dela e a encara fixamente com seus olhos cinza-escuros, da cor de uma tempestade prestes a desabar. A maior surpresa é que eles não têm a cor vermelha que marca o típico desejo de sangue dos vampiros; isso mostra que ele nunca bebeu o sangue da vítima até matá-la. Pelo menos, até o momento.

Ele lança uma súplica silenciosa com seus olhos marcantes, e ela percebe que o vampiro torce pelo próprio fim. *Anseia* pelo golpe mortal que a fez ir até aquele castelo decrepito somente para desferir.

Ela o espreitara silenciosamente, pronta para enfrentar uma batalha contra um predador cruel. Kaderin estava na Escócia, na companhia das outras Valquírias, quando elas receberam um chamado para exterminar o “vampiro que assombrava um castelo e aterrorizava um vilarejo na Rússia”. Ela se oferecera alegremente como voluntária para destruir a maldita sanguessuga. Kaderin era a assassina mais prolífica de seu coven; tinha dedicado toda a vida a livrar o planeta de vampiros.

Na Escócia, antes de atender àquele chamado da Rússia, eliminara três deles.

Mas por que agora hesitava? Por que afastava lentamente a espada? Aquele ali seria meramente mais um entre os milhares de vampiros que ela já matara, para depois guardar suas presas num longo colar, junto com as dos outros eliminados.

A última vez que poupou uma vítima, resultara numa tragédia tão grande que seu coração se despedaçara para sempre.

Numa voz grave e profunda, o vampiro perguntou: – Por que você está hesitando? – Ele mesmo parecia atônito com as palavras que pronunciava.

*Não sei por quê.* Um vendaval de sensações físicas pouco familiares a assaltaram. Seu estômago deu um nó. Embora uma faixa preta lhe apertasse o peito com força, protegendo-o, seus pulmões pareciam desesperados em busca de ar. *Não consigo compreender o motivo dessa hesitação.*

O vento soprou do lado de fora, deslizando sobre a montanha e fazendo com que a sala superior do escuro covil de vampiros rugisse sem parar. Fendas invisíveis nas paredes deixavam entrar a brisa gelada da manhã. Quando ele se levantou e permaneceu de pé, altivo como uma torre, a lâmina da espada de Kaderin captou a luz bruxuleante das velas de um candelabro, que se refletiram nele.

Seu rosto sério era comprido, com traços rudes que outras mulheres considerariam bonitos. A camisa preta estava surrada e desabotoada, exibindo boa parte do peito musculoso, belamente esculpido. Seu jeans igualmente surrado, com cós bem baixo, descia a partir da cintura estreita. O vento fazia drapejar as pontas soltas da sua camisa e emaranhava seu cabelo volumoso e preto.

*Muito bonito. Mas os vampiros que eu mato geralmente são muito bonitos.*

O olhar dele se fixou na ponta da espada. Em seguida, como se a ameaça representada pela arma tivesse sido esquecida, ele analisou o rosto dela e deixou que seus olhos percorressem lentamente cada traço da Valquíria. Sua admiração desavergonhada perturbou-a ligeiramente, e ela apertou com mais força ainda o punho da espada, algo que nunca fizera.

A lâmina daquela espada era afiada com um diamante, e sempre com muita maestria; cortava ossos e músculos com um mínimo de esforço. Encaixava-se de forma perfeita no seu punho e respondia com leveza aos movimentos da mão, como se fosse uma extensão do seu braço. Kaderin nunca precisara apertá-la com tanta força.

*Arranque fora a cabeça dele. Será um vampiro a menos. A espécie é desprezível.*

– Como se chama? – A voz dele era pausada como a de um aristocrata, mas o sotaque lhe pareceu familiar. Estoniano. Embora a Estônia fizesse fronteira com a Rússia a oeste e seus habitantes fossem considerados uma variação nórdica dos russos, Kaderin sabia reconhecer a diferença e se perguntou o que ele estaria fazendo ali, tão longe do seu país.

Ela virou a cabeça meio de lado e quis saber: – Por que pergunta?

– Gostaria de saber o nome da mulher que vai me libertar disso tudo.

Ele queria morrer. Depois de tudo o que sofrera nas mãos de gente como ele, a última coisa que Kaderin desejava era agradecer o vampiro.

– Você está achando que eu vou lhe aplicar o último golpe?

– E não vai? – Seus lábios se curvaram nos cantos, mas o sorriso que exibiram era triste.

Ela apertou o punho da espada mais uma vez. Faria exatamente isso. É claro que sim. Matar era o seu único propósito na vida. Não se importava com o fato de os olhos dele não serem vermelhos. No fim, ele beberia sangue, mataria alguém, e seus olhos se transformariam.

Era sempre assim.

Ele tropeçou numa pilha de livros finamente encadernados – alguns entre as centenas espalhados pela sala, com títulos impressos em russo e, é claro, estoniano. Encostou o corpo musculoso contra a parede que se desmanchava. Ficou claro que não pretendia erguer a mão para se defender.

– Antes de me eliminar, fale mais uma vez. Sua voz é linda. Tão linda quanto seu rosto estonteantemente belo.

Ela engoliu em seco e sentiu o calor das bochechas.

– De quem você é aliado? – quis saber ela, mas não hesitou em completar a frase ao ver que ele fechou os olhos, como se ouvi-la fosse algo maravilhoso. – Dos Abstêmios?

Isso o fez abrir os olhos e, de repente, ele mostrou raiva.

– Não sou aliado de ninguém. Muito menos deles.

– Mas você já foi humano, não foi?

Os Abstêmios eram um verdadeiro exército, uma ordem de humanos transformados em vampiros. Eles se recusavam a beber o sangue diretamente de um ser vivo porque acreditavam que esse ato provocaria sede de matança. A abstinência evitaria que eles se tornassem uma horda de vampiros enlouquecidos. Pelo menos, era isso o que esperavam. As Valquírias se mantinham pessimistas a respeito das chances de isso acontecer.

– Sim, já fui humano, mas não tenho interesse nessa ordem. E quanto a você? Creio que também não é humana, certo?

Ela ignorou a pergunta.

– Por que você mora aqui neste castelo? – quis saber Kaderin. – Os aldeões vivem aterrorizados por sua causa.

– Conquistei esta propriedade no campo de batalha, e ela me pertence por direito. Foi por isso que fiquei. Nunca feri nenhum deles. – Virou o rosto e murmurou: – Bem que eu gostaria de nunca tê-los apavorado.

Kaderin precisava matá-lo para acabar logo com aquilo. Dali a três dias, ela iria competir na Corrida do Talismã, que era basicamente uma versão mais radical da famosa *The Amazing Race*, só que realizada para competidores imortais. Além de caçar vampiros, a Corrida do Talismã era a única coisa na vida que despertava interesse em Kaderin, e ela ainda precisava confirmar todos os acertos relacionados com o transporte e os suprimentos de segurança. Mesmo assim, ela se viu dizendo: – Eles me contaram que você mora sozinho aqui.

Olhando-a fixamente, o vampiro assentiu com firmeza. Kaderin percebeu que ele ficou sem graça, como se lamentasse não ter família ali.

– Há quanto tempo?

Ele encolheu os ombros largos, fingindo não se importar.

– Alguns séculos.

Ele tinha vivido solitário ali ao longo de todo esse tempo?

– As pessoas do vale me convocaram para vir até aqui – disse ela, como se sentisse necessidade de se explicar.

Os habitantes daquela aldeia remota pertenciam ao Lore, uma população de imortais e criaturas míticas, cuja existência era mantida em segredo para os humanos. Muitos deles ainda adoravam as Valquírias e lhes pagavam tributos, mas não fora esse o motivo de Kaderin ter viajado até aquele lugar tão isolado.

A chance de matar, nem que fosse um único vampiro, fora o que a convencera a ir até lá.

– Eles me pediram para destruir você.

– Estou pronto, quando você quiser.

– Por que não se mata, se é o que quer?

– Isso é... complicado. Mas você me poupou dessa decisão. Sei que é uma guerreira experiente e...

– Como você sabe o que eu sou?

Ele apontou com a cabeça para a espada dela.

– Eu também era um guerreiro, e sua fabulosa arma diz tudo.

Aquela era a única coisa no mundo que proporcionava a Kaderin um orgulho infinito. A única coisa que lhe restara na vida, e que ela não aguentaria perder. E ele notara a excelência da sua arma.

Aproximando-se dela, disse, em voz baixa: – Aplique logo o golpe fatal, criatura desconhecida. Saiba que nada de mau poderá lhe acontecer por eliminar alguém como eu. Não há razão para alongar meu...

Como se aquilo fosse uma questão de consciência! Não era. Não poderia ser. Ela não tinha consciência. Nem sentimentos verdadeiros, nem emoções à flor da pele. Tinha um coração gelado.

Depois da tragédia que sofrera, Kaderin rezara para tudo cair no esquecimento. Pedira que a dor e a culpa que sentia ficassem entorpecidas.

Alguma entidade misteriosa atendera às suas preces e transformara em cinzas o seu coração. Kaderin já não sofria pesares, não sentia desejo, nem raiva, nem alegria. Nada se colocava em seu caminho de matanças.

Era uma assassina perfeita, e isso já acontecia havia mais de mil anos, metade da sua vida interminável.

– ...Você ouviu esse barulho? – perguntou ele. Os olhos que suplicavam por um fim rápido se estreitaram. – Tem certeza de que veio desacompanhada?

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Não preciso da ajuda de ninguém. Muito menos para matar um vampiro que mora sozinho – acrescentou, e seu tom de voz exibiu indiferença. Estranhamente, sua atenção se voltou mais uma vez para o corpo dele. Seus olhos examinaram o tronco, seguiram pelo umbigo e pela trilha de pelos que desciam mais além. Imaginou-se arranhando as costas dele com uma de suas garras afiadas e percebendo que aquele corpo forte se retesava e estremecia.

Os pensamentos começavam a lhe causar desconforto; sentiu vontade de prender o cabelo num coque para o ar frio lhe esfriar a nuca e...

Ele pigarreou para limpar a garganta. Quando ela desviou os olhos e tornou a fixá-los no rosto dele, o vampiro ergueu as sobrancelhas.

Ela fora pega lançando olhares sensuais para a presa! Que indignidade!

*O que está acontecendo comigo?*

Kaderin não tinha desejo sexual, assim como o vampiro morto-vivo à sua frente. Balançou o corpo para se recompor, tentando se lembrar da última vez em que falhara.

Num campo de batalha, vários séculos antes, ela tivera misericórdia, poupou a vida e libertou outro homem da mesma laia daquele; um jovem soldado vampiro que implorara pela vida.

O condenado, no entanto, zombara da misericórdia dela. Sem demora, ele encontrara as duas irmãs de sangue de Kaderin, que lutavam nas planícies abaixo deles. Alertada pelo grito de pavor de uma outra Valquíria, Kaderin correria a toda velocidade, tropeçando colina abaixo, o terreno coberto de cadáveres e moribundos. No instante exato em que as alcançara, ele eliminara suas duas irmãs.

A mais jovem, Rika, fora pega de guarda baixa porque se distraíra ao ver Kaderin aproximar-se, em pânico. O vampiro sorria ao vê-la ajoelhada.

Eliminara suas irmãs com uma eficiência brutal. E, desde esse dia, Kaderin passara a imitá-lo. Ela costumava dizer que a sua gana de matar começara com ele. Mesmo assim, ela ainda o mantivera vivo por algum tempo.

Portanto, por que repetiria agora o mesmo erro? Não faria isso. Não pretendia ignorar uma lição que pagara tão caro para aprender.

*Quanto mais cedo eu acabar com isso, mais rápido vou poder começar a me preparar para a Corrida do Talismã.*

Erguendo os ombros, ficou rija como aço. *O importante é seguir em frente.* Kaderin viu, mentalmente, o balançar da espada. Conhecia o ângulo exato para atingi-lo, de forma que sua cabeça

permanecesse sobre o corpo até ele cair. Desse jeito, o trabalho ficaria mais limpo. E isso era importante.

Ela viajara com pouca bagagem.

**Quando jovem, Sebastian Wroth desejara muitas coisas para a sua vida. Depois de crescer rico, no seio de uma família grande que lhe dava apoio, esperava que todos os seus desejos se realizassem.**

**Queria ter a sua própria família, um lar, momentos felizes em torno de uma lareira. Mais do que tudo, sonhava com uma esposa, uma mulher que fosse só dele. Teve vergonha de confessar à guerreira que não conseguira nada disso.**

Agora, tudo que Sebastian desejava era apreciar aquela criatura fascinante só mais um pouquinho.

A princípio, achou que ela fosse um anjo que viera libertá-lo. Tinha a aparência de um anjo. Seu cabelo comprido e cacheado era tão louro que parecia quase branco à luz das velas. Seus olhos castanhos eram ressaltados por longos cílios pretos, o que formava um marcante contraste com o cabelo louro e os lábios cor de vinho tinto. Sua pele era magnífica, uma perfeição em tons de dourado; suas feições, delicadas como se tivessem sido finamente esculpidas.

Kaderin era uma mulher marcante. No entanto, carregava uma arma mortífera. Sua espada tinha dois gumes e um *ricasso*, área sem corte junto da empunhadura. Um guerreiro habilidoso no manejo da arma usaria esse espaço para colocar um dedo sobre a lâmina e, desse modo, controlar melhor os golpes. Ela carregava, confiante, uma espada que não fora moldada para defesa, nem para batalhas em campo aberto.

A maravilhosa criatura portava uma arma forjada para causar mortes rápidas e silenciosas.

Fascinante. Um anjo da morte.

Sebastian considerou uma bênção imerecida ser dela o último rosto que ele contemplaria nessa terra.

Sim, ele a considerava divina. Pelo menos, até seu olhar incendiário deslizar para a parte de baixo do seu corpo, momento em que Sebastian reconheceu que ela era realmente feita de carne e osso. Foi nesse instante que amaldiçoou seu próprio corpo inútil e privado da verdadeira vida. Na condição de humano transformado em vampiro, ele não tinha respiração nem batimentos cardíacos, muito menos aptidões ou apetites sexuais. Não conseguiria possuí-la, mesmo crendo que aquele ser de beleza radiante o receberia de bom grado.

A perda do prazer sexual nunca o incomodara até então. Sua experiência como humano tinha sido limitada – na verdade, limitadíssima – por causa da guerra, da fome e da necessidade de simplesmente sobreviver. Por tudo isso, ele nunca sentira que a sua transformação o privara de muita coisa. Até aquele momento.

Sebastian nunca sentira atração por mulheres pequenas, pois sabia que, se conseguisse levar uma delas para a cama, ele a machucaria. No caso daquela criatura, porém, a figura feminina mais etérea e frágil que já vira, Sebastian se pegara imaginando como seria carregá-la até a cama e despi-la lentamente. Sua mente começou a se revoltar com imagens das suas mãos enormes cobrindo e acariciando aquele corpo delicado e frágil.

Os olhos dele se fixaram no pescoço de Kaderin, longo e sensual, descendo em seguida para os seios volumosos e firmes que se apertavam contra a faixa preta. Verdade seja dita: aquela parte dela estava

longe de ser delicada. Ele bem que gostaria de beijá-los e passear com o rosto neles...

– Por que está me olhando desse jeito? – quis saber ela com um tom entre hesitante e indignado, e recuou um passo.

– Não posso admirá-la? – Para surpresa da Valquíria, ele deu um passo à frente. De onde vinha aquele desejo? Ele sempre se sentira desajeitado e inseguro diante das mulheres. No passado, se tivesse sido apanhado olhando para uma mulher daquele jeito, teria virado o rosto para o lado enquanto murmurava desculpas e se afastava. Talvez, por fim, tivesse encontrado a liberdade ali, diante da morte iminente.

Por outro lado, ele nunca fitara longamente uma figura feminina, tampouco sentira fome como experimentava agora, diante de uma mulher miúda, mas com seios exuberantes.

– O último desejo de um homem, talvez? – arriscou ele.

– Eu conheço muito bem o jeito como um homem olha para uma mulher. – A voz dela era sensual, quase onírica, e parecia massageá-lo por dentro. – Você não está apenas me *admirando*.

Não. Naquele momento, ele estava pensando em rasgar aquela faixa preta, prendê-la no chão pelos ombros e sugar seus mamilos intumescidos até ela gozar. Segurá-la com força e chupar sua...

– Como ousa brincar comigo, vampiro?

– O que você quer dizer com isso? – Ele ergue os olhos e os mantém nela. Kaderin analisa lentamente cada traço do rosto dele, como que tentando ler seus pensamentos. Será que ela conseguia adivinhar a batalha dentro dele? Perceber que, num piscar de olhos, a ideia de ele ser gentil tinha sido substituída pelo impulso de cobrir o corpo dela com o corpanzil dele ali mesmo, no chão?

*O que está acontecendo comigo?*

– Eu sei que você não pode sentir esse... esse... – Ela faz um som curto de frustração. – Não consegue sentir o que imagina. Isso é impossível, a não ser que... – Solta uma exclamação de espanto. – Seus olhos!... Eles estão ficando pretos.

Pretos? Os olhos de seus irmãos também ficavam pretos diante de emoções intensas. Ele nunca soubera que lhe acontecia o mesmo. Será que era porque nunca vivenciara nada tão forte quanto o desejo por aquela fêmea misteriosa?

Sebastian sentiu que poderia morrer se não saciasse aquele desejo...

Uma súbita explosão sonora o fez girar a cabeça para olhar em volta, e seu corpo ficou tenso.

– O que foi isso? – perguntou.

Ela também olhou em torno, alerta.

– Do que você está falando? – Kaderin exigiu saber.

– Você não ouviu nada? – Mais um tremor forte como aquele, e o castelo poderia desabar. Ele precisava tirá-la dali correndo, mesmo que, para isso, tivesse de enfrentar o sol do lado de fora. A necessidade de protegê-la subitamente se tornara crítica e incontestável.

– Não! – Os olhos dela se arregalaram, e sua expressão foi de perplexidade. – Não pode ser! – Ela recuou com cautela, como se ele fosse uma cobra pronta para dar o bote.

Mais uma explosão. Sebastian se teletransportou para junto dela, e a espada se ergueu num borrão. Ele a agarrou pelo pulso, mas ela lutou para se desvencilhar. Por Deus, ela era muito forte, mas Sebastian parecia ser ainda mais forte do que ele próprio se lembrava, mais poderoso do que poderia ter imaginado.

– Não quero machucá-la. – Ele arrancou a espada da mão dela e a atirou sobre a cama. – Não lute contra mim porque o teto está prestes a desabar...

– Não... não! – Ela olhou para o peito de Sebastian e para o coração dele, com uma expressão de horror. – Eu não sou uma... Noiva.

*Noiva?* O queixo dele caiu de espanto. Foi nesse instante que ele se lembrou de seus irmãos explicando que, quando ele encontrasse a sua Noiva, sua eterna esposa, ela faria *o seu sangue se agitar*. Depois dessa agitação, o corpo dele retornaria à vida. Sebastian sempre acreditara que eles haviam lhe contado uma mentira somente para amenizar a dor profunda do que lhe tinham infligido.

No entanto, era tudo verdade. O barulho que ele ouvira era o som do seu próprio coração disparado e pulsando forte pela primeira vez desde que se transformara num vampiro. Sebastian se balançou sobre os calcanhares enquanto inalava com força, finalmente respirando de verdade após trezentos anos.

As batidas do seu coração ficaram mais fortes e mais rápidas. Sua ereção súbita latejou com intensidade, pulsando e crescendo mais a cada batida. Uma sensação de prazer pareceu circular pelas suas veias. Ele encontrara a sua Noiva – a única mulher com a qual estava destinado a ficar por toda a eternidade – naquela criatura assombrosa e magnífica.

E seu corpo despertara para saudá-la.

– Você sabe o que está se passando comigo? – perguntou ele.

Ela engoliu em seco e recuou mais um passo.

– Você está se modificando. – Suas sobrancelhas loiras se uniram numa expressão de estranheza e, num sussurro quase inaudível, acrescentou: – Por... por *mim*.

– Sim. Por você. – Ele continuou a se aproximar, até que ela ergueu a cabeça para fitá-lo. – Desculpe-me. Se eu soubesse que isso era verdade, eu a teria procurado. E certamente a encontraria, de algum modo...

– Não... – Ela cambaleou de leve e ele colocou a palma da mão em um dos seus ombros frágeis, para equilibrá-la. Ela franziu o cenho, mas permitiu que a tocasse.

Foi então que Sebastian percebeu que, da mesma forma que ele mudava, ela também se transformava. Pensou ver um clarão prateado num dos cintilantes olhos dela. Uma lágrima ligeira lhe escorreu pelo rosto.

– Por que está chorando? – Lágrimas femininas sempre o deixavam arrasado no tempo em que era mortal, mas as dela faziam-no sentir como se mil facas o furassem e girassem dentro dele ao mesmo tempo. Ao afastar o cabelo dela, ele inspirou com força, de um jeito entrecortado e sem prática. A orelha da Valquíria era fina e pontuda. Olhando mais de perto, percebeu uma pequena presa que lhe saía do lábio.

Sebastian não imaginava o que ela era ao certo, mas também não se importava.

– Por favor, não chore – pediu ele.

– Eu nunca choro – murmurou Kaderin. Franzindo o cenho, toda confusa, bateu com as costas da mão no próprio rosto, mas baixou-a na mesma hora ao ver que os dedos tinham ficado molhados por ação de uma única lágrima. Seus lábios se entreabriram lentamente; ela olhou para a lágrima, e depois para as unhas agudas e recurvadas que mais pareciam garras elegantes. Em seguida, seu olhar se voltou para Sebastian, e ela engoliu em seco, como se sentisse medo.

– Conte-me o que a aflige. – Ele tinha um propósito agora: protegê-la, cuidar dela, destruir qualquer um ou qualquer coisa que a ameaçasse. – Permita-me ajudá-la, Noiva.

– Não sou a Noiva de alguém do seu tipo. Nunca!

– Mas você fez meu coração tornar a bater.

– E você me fez *sentir* – silvou ela, de volta.

Sebastian não compreendeu o significado daquelas palavras, nem suas próprias reações ao longo dos vários minutos em que continuou olhando para ela, absorvendo com sofreguidão cada um dos seus traços... O comprimento admirável dos seus cílios grossos quando ela olhava para baixo; o vermelho vivo dos seus lábios carnudos. Ondas de emoção cintilaram nos olhos dela e pareceram magoá-la. Seu corpo estremeceu. Tão abruptamente quanto tinham começado, suas lágrimas secaram.

Foi então que ela sorriu para ele, com um suave e arrasador movimento dos lábios. Agora, seus olhos pareciam alegres e o incitavam de um jeito sombrio. Nunca algo o excitara tanto quanto aquele olhar, e ele se perguntou quanto tempo mais conseguiria aguentar. Só que o sorriso desapareceu logo em seguida. Ela estremeceu violentamente e baixou a cabeça, encostando-a no peito dele.

No instante em que a ereção dolorosa de Sebastian já se tornava impossível de disfarçar, ela ergueu o rosto, e sua expressão tornou a mudar. Um rubor lhe tingiu as maçãs do rosto, e seus lábios se abriram de leve. Os dedos dela apertaram os ombros dele. Quando olhou fixo para a boca dele, a língua tocando de leve o lábio inferior, isso não deixou dúvida alguma sobre o que pensava fazer.

Kaderin estava... excitada. Por ele! Sebastian não compreendia o que acontecia com ela – ou com ele mesmo.

Os olhos dele se arregalaram e, em seguida, se estreitaram quando ela enlaçou os braços delicados em torno do pescoço dele.

*Eu poderia tocá-la... Ela aceitaria o meu toque.*

O pênis dele nunca estivera tão grande e duro. Ele queria tanto penetrá-la que daria qualquer coisa por isso.

Kaderin virou a cabeça meio de lado, ainda olhando fixamente para a boca dele.

– Sinto falta disso... – murmurou ela, com a voz rouca.

Sebastian não teve tempo de medir as palavras porque ela apertou os braços em torno dele, colando seus corpos. Ele grunhiu baixinho ao sentir os seios dela pressionados contra o seu tórax. Eles eram cheios, duros, redondos, e Sebastian sabia que caberiam perfeitamente nas palmas das suas mãos.

Por Deus, ele tinha sofrido durante séculos, sem poder ter contato com as pessoas, muito menos tocá-las. Agora sentia a sua Noiva, lânguida e dócil, em seus braços. Teve medo de estar sonhando. Antes de perder a coragem, as mãos dele escorregaram até a cintura dela, puxando-a com mais força para perto.

– Diga-me o seu nome.

– Meu nome...? – murmurou ela, com ar distraído. – Meu nome é Kaderin.

– Kaderin – repetiu Sebastian, mas aquele nome não combinava com ela. Ao olhar para baixo e ver aqueles olhos brilhantes, ele achou que tal nome era muito frio e formal para a criatura que tinha nos braços. – *Katja* – arquejou, surpreso ao notar que seu polegar acariciava lentamente o lábio inferior da Valquíria. A urgência de beijá-la era avassaladora. – Katja, eu... – tentou ele, numa voz fraca e incerta, e teve de engolir em seco para terminar. – Eu preciso... preciso beijar você.

Ao ouvir essas palavras, o castanho-escuro dos olhos dela se tornou completamente prateado. Ela pareceu entrar em transe. Ele não estava tão longe a ponto de não perceber essa reação surpreendente, mas os lábios carnudos e vermelhos dela brilhavam ainda mais, chamando-o.

– Eu costumava adorar ser beijada – sussurrou ela, com um tom estupefato e a respiração cada vez mais agitada.

Será que ele conseguiria se impedir de ir em frente agora? Com a mão trêmula, prendeu a parte de trás da cabeça dela, prestes a puxá-la para si. Kaderin certamente era forte o bastante para impedi-lo – uma espécie de guerreira –, e provavelmente saberia se defender, caso ele a machucasse.

Por alguma razão, Sebastian percebeu que ela não exibiria aquele olhar lacrimoso e decepcionado que as mulheres lhe lançavam quando ele pisava em seus pés sem querer ou colidia com elas ao dobrar uma esquina; aquele olhar que o deprimia tanto.

– Vampiro, por favor – murmurou ela. – Faça com que isso valha a pena. Faça com que...

Quando os lábios de ambos se tocaram, ele ganiu; uma corrente elétrica pareceu lhe perfurar a pele, e ele se afastou.

– Meu Deus. – Nada em sua vida jamais lhe parecera tão poderoso e correto quanto aquele beijo. A expressão de fome da Valquíria se acentuou.

Se fosse preciso se tornar vampiro para desfrutar de um momento tão perfeito como aquele, será que ele aceitaria sofrer tudo novamente?

Quando tornou a beijá-la, de leve a princípio, ela gemeu e, sussurrando contra os lábios dele, pediu: – Mais!

Ele a apertou com força redobrada nos braços e, por algum motivo, lembrou-se de si mesmo.

*Não faça isso, seu tolo...*

E aliviou a força com que a segurava.

Na mesma hora, as garras dela se enterraram na parte de trás dos braços dele, fazendo-o estremecer.

– Não se contenha. Eu preciso de *mais*.

Ela precisava de mais e queria que o vampiro lhe proporcionasse isso. Porque pertencia... a ele. Quando finalmente essa certeza se consolidou na sua mente, a timidez de Sebastian desapareceu. Num estalar de dedos, ele tinha, agora, uma mulher toda dele e só para ele. Quis rugir de triunfo. A sensação das garras de Kaderin pressionando-lhe a carne, como se receasse que ele pudesse ir embora, era puro êxtase.

*Ela precisa de mim.*

– Beije-me mais, vampiro. Se parar, eu te mato.

Ele não aguentou e riu junto dos lábios dela. Uma fêmea ameaçando-o, caso ele *parasse* de beijá-la?

Sebastian fez o que ela pediu, saboreando-lhe a língua e brincando com ela, para em seguida lhe tomar toda a boca quente e úmida. Sentiu o gosto bom da lenta ondulação dos lábios dela contra os dele, acompanhada por lentos e insistentes avanços da própria língua.

Beijou-a com a paixão que lhe fora negada por tanto tempo e com toda a esperança que lhe tinha sido roubada e estava sendo libertada naquele momento. O desencanto com a vida tinha sido substituído por um propósito – e esse propósito era ela. Ele a deixou saber o quanto lhe estava grato... beijando-a de forma ardente e viril, até que ela arquejou e sucumbiu.

Entretanto, ele estava perdendo o controle. Sentiu impulsos de fazer coisas com o corpo dela, coisas primitivas, e sabia que logo obedeceria e cederia a tudo isso.

– Sempre lhe darei mais, até eu morrer.

Agora, pela primeira vez em trezentos anos infernais, Sebastian queria desesperadamente viver.

**Como se ela tivesse sido lançada de uma torre muito alta, todas as emoções perdidas e negadas para Kaderin ao longo do último milênio desabaram sobre ela. Medo, alegria, ânsia e um inegável desejo sexual lutavam dentro dela – até que ele atijou e alimentou aquela fornalha com tanto calor que todos os outros sentimentos foram afogados...**

**Sua mente parecia rodar, confusa. Tudo o que sabia com certeza era que precisava daquilo de forma intensa, o desejo ardente provocando-lhe dores e fazendo-a gemer. E a cada beijo desesperado, possessivo e feroz que ele lhe dava, sua agonia aumentava.**

Quando Kaderin entrelaçou os dedos nos fios espessos e emaranhados do cabelo dele, mal conseguiu raciocinar e muito menos compreender o porquê de tudo aquilo estar acontecendo. Sentiu que vontades e carências inexplicáveis a assaltavam – ânsia de lamber a pele dele e de ter aquele corpo másculo pressionado com força contra o seu.

Levou os lábios parcialmente abertos até o pescoço do vampiro, beijando-o de baixo para cima. Ele, por sua vez, lançou sua ereção contra o corpo dela, como se não conseguisse se controlar, mas logo pareceu lutar para não repetir o movimento. Tarde demais. Kaderin imediatamente se excitou ao sentir a lança imensa e rígida. Isso fez com que ficasse toda molhada, desejando mais.

Sem conseguir se controlar, colocou a língua para fora, a fim de saborear a pele dele. Múltiplas sensações a rodearam como mil agulhas, e ela gemeu. Será que alguma vez um espécime masculino tivera um sabor tão bom? O gosto dele fez o corpo dela reagir com necessidades animais tão fortes que ela se contorceu, como se tentasse resistir a elas. Quis arrancar o jeans dele com violência, para pegar sua vara dura com as duas mãos e lambê-la de cima a baixo, num frenesi.

Imaginar isso a fez rebolar os quadris contra ele; depois de uma curta e trêmula hesitação, ele a acompanhou, sussurrou algo, sem fôlego, e grunhiu palavras estrangeiras no ouvido dela. O castelo inteiro estremeceu com os clarões que *ela* criava. Era o desenfreado espocar de relâmpagos que todas as Valquírias emitiam quando tinham suas emoções provocadas.

Os relâmpagos, assim como todo tipo de prazer, lhe tinham sido negados durante tempo demais.

Ela sabia que aquilo era proibido, sabia que se arrependeria, mas naquele momento não se importou. Por alguma razão desconhecida, recebera uma oportunidade com aquele macho, possibilitando-lhe conhecer a paixão mais uma vez. Só mais uma vez era tudo que ela queria, antes que o frio e o vazio a cobrissem novamente...

Foi por isso que aceitou os beijos dele e correspondeu com avidez. Mesmo quando o ardor pareceu sobrepujá-la, Kaderin tentou justificar seus atos. Afinal, eles não fariam mais do que aquilo, e isso era perdoável. Ambos ainda estavam vestidos.

Sebastian apertou as nádegas dela com força, os dedos se abrindo em todas as direções e segurando-a com firmeza para ele poder se roçar com força total contra ela.

*Um macho forte... Um macho imortal...*

Com o corpo de um deus.

– Mais força – sussurrou ela, imprensada contra a parede. A mão dele se colocou atrás da cabeça dela para diminuir o impacto, enquanto ele se colava nela com mais furor. O corpo rígido de Sebastian cobria o de Kaderin por completo. Ótimo, ele estava ficando mais agressivo.

*Não! Se ele assumir as rédeas, estarei perdida... perdida por ele.*

Já fazia tanto tempo.

Uma espécie de bobina tensa e dolorosa começou a se desenrolar de forma arrebatadora a cada golpe repetido que o corpo do vampiro aplicava contra o dela.

– Não pare – implorou Kaderin, trêmula, entre arquejos entrecortados. Pela primeira vez em mais de um milênio, ela estava prestes a atingir um orgasmo.

Lendo a mente dela, ele perguntou, com a voz rouca: – Eu consigo fazer você... gozar desse jeito?

– Consegue! – gritou ela, contra a boca dele. – Continue! Preciso que você faça isso!

– *Preciso?* – Ele grunhiu um pouco mais, excitado com a palavra. – O problema é que... eu vou gozar também. – Com a voz dominada pela luxúria, ele avisou: – Preciso possuir você, Noiva.



O corpo de Kaderin ficou petrificado ao ouvir as palavras dele, como se só então acordasse para o que estava prestes a acontecer, e ela virou o rosto para o lado.

– Espere! Eu não posso... não posso fazer isso!

– Posso lhe dar tudo que você precisa, eu juro – rangeu ele entre dentes, ao mesmo tempo que se xingava pela falta de experiência. Mas ele aprenderia rapidamente como fazer. – Deixe-me ter você.

Ela balançou a cabeça com determinação, debatendo-se nos braços dele.

– Nããão!

No tempo em que era humano, ele a teria largado na mesma hora. Mas o instinto lhe dizia para não agir assim. Apesar de entender muito pouco o que estava acontecendo, ele percebeu que, de algum modo, era muito importante ter algo compartilhado entre eles, nem que fosse uma curta madrugada de prazer.

Ele não permitiria que aquilo acabasse de repente – não antes de proporcionar a ela a liberação total, e também conseguir a dele a partir do corpo dela.

– Se for assim, ficaremos simplesmente como estávamos antes – argumentou Sebastian.

Se aquilo fosse tudo o que ela iria permitir antes de se recompor e voltar ao que era antes, então ele arrancaria dela tudo que conseguisse.

– Você não compreende... – tentou ela.

Chocando a si mesmo, ele cortou o protesto e prendeu o rosto dela, usando a mão em concha, para poder tomar-lhe a boca com força. Kaderin ficou tensa e pareceu simplesmente suportar o beijo dele. Em seguida, soltou um gemido de resposta que quase o fez respirar aliviado. As garras dela estavam novamente enterradas nos ombros dele. Sebastian se balançou com ela para frente e para trás, e seus pensamentos se tornaram gradativamente mais escuros, substituídos pela carência urgente.

Quanto mais bruto ele se tornava, mais ela gritava; isso o deixou louco e o encorajou a seguir em frente. No entanto, ao mesmo tempo que ela aceitava a agressividade dele com óbvio prazer, a parede

desmoronava atrás deles.

Subitamente, ela se ergueu num salto e enlaçou a cintura dele com as pernas.

– Ah, Deus, isso mesmo, Katja! – O vampiro apertou o traseiro redondo e generoso dela com as mãos abertas e grunhiu de satisfação ao senti-lo. Também ali as carnes dela eram generosas, e ele adorou a sensação.

Apertou aquelas curvas exuberantes como se a massageasse, e ela arquejou no ouvido dele: – Sim, isso mesmo, você é tão forte!

*Forte?* Ele estremeceu. Aquilo lhe dava prazer?

– Eu nunca senti algo tão maravilhoso quanto o seu corpo...

As palavras dele morreram em sua garganta quando ela se deixou deslizar lentamente, ainda lhe apertando os ombros, e se pendurou nos braços estendidos dele para se roçar contra o seu membro. Encarou-o com os olhos prateados, e sua pequena presa apertou o próprio lábio inferior enquanto ele olhava para baixo, incrédulo. Ela era selvagem e fazia o pau dele se contrair e pulsar com mais força ainda, quase levando-o ao orgasmo.

*Agente um pouco,* ordenou a si mesmo. *Ela ainda precisa gozar.*

Kaderin ergueu o corpo para beijar e morder-lhe a orelha, e colocou seu pescoço sedoso bem debaixo dos lábios dele.

*Morda-a.*

Ele lambeu-lhe o pescoço, desejando desesperadamente tomá-la por completo ali mesmo. Mas não... Ele não poderia fazer isso com ela.

*Por que não?* Provavelmente, ela já o considerava mesmo um monstro...

Kaderin se apoiou com a mão aberta na parede atrás dela, empurrando-a com força, e eles caíram em meio a muitos livros. As páginas voaram e os livros abertos se espalharam quando os dois desabaram no chão, com ela por cima.

Desvairada, deixou de lado as inibições e se roçou com mais força ainda no membro duro dele, enquanto lhe assaltava a boca com a língua. Seu traseiro rebojava com sensualidade por baixo das palmas das mãos dele, e ela continuou pressionando a parte baixa do seu corpo contra o dele. Nunca, nem em suas fantasias mais febris, ele imaginara algo assim.

Para ele, já não importava se conseguiria se segurar ou acabaria por ejacular na própria calça. Sentia o membro mais duro e intumescido do que nunca.

*Aquilo era vergonhoso, degradante.* Ele não se importava.

Rolou por cima dela, colocando-a de costas no chão, prendeu-lhe as mãos sobre a cabeça e se entregou aos impulsos mais primitivos, balançando os quadris com força contra a sua pelve. Ele desejava tanto se lançar dentro dela que até doía. Precisava dominá-la, e, pelo jeito como ela reagia, com as pálpebras cerradas enquanto gemia sem parar, ela também precisava daquilo tanto quanto ele.

– Eu não acreditava que isso pudesse ser verdade – grunhiu ele.

Com a cabeça jogada para trás, Sebastian deixou que a seda loura do cabelo de Kaderin o preenchesse com o seu perfume.

– Katja! – Lançou-se contra ela com mais força, e ela se contorceu, selvagem, por baixo dele. – Você é minha.

– *Sim, sim... Você está me fazendo... gozar.* – Ela arqueou as costas e gritou com vontade. Ele a apertou com virilidade em seus braços, aprisionando-a junto dele enquanto corcoveava com fúria em cima dela.

Ele grunhiu, erguendo a cabeça para o teto, o pescoço tenso, enquanto sentia o esperma jorrar com força. A cada novo jato, ele dava mais um grito brutal. Ela gozava por baixo dele, com as garras ainda enterradas nas suas costas.

Sebastian corcoveou mais uma vez de forma violenta e depois se largou em cima dela, atônito e silenciado pelo jorro de prazer. Sua respiração, tão nova e ainda surpreendente para ele, estava muito irregular.

Mas quando percebeu o que acabara de fazer, ali largado em cima dela, enrubesceu, envergonhado. Afastou-se dela e desviou o olhar.

Noiva ou não, ela não passava de uma estranha para ele. Mesmo assim, ele se envergonhara ao se comportar como um adolescente inexperiente diante dela. Pior que isso: usara toda a força que tinha no corpo para prendê-la contra o chão e se roçar nela sem parar. Como poderia *não tê-la* machucado? Como seria possível *não ter* arranhado aquela pele perfeita? Receou encontrar os olhos dela e perceber neles uma expressão de quem fora atraindo...

No entanto, ela o empurrou para o lado, virou a cabeça de leve e esfregou o nariz na lateral do pescoço dele. Em seguida, esfregou o rosto contra o dele, como uma gata. Embora aquela fosse uma forma muito estranha de se expressar, ele notou que ela realmente estava demonstrando afeto.

*Afeto.* Mais um novo êxtase para o vampiro. Ele não era tocado havia muitos anos.

Sebastian ergueu o corpo e se apoiou nos cotovelos quando ela o fitou com olhos suaves, que cintilavam entre o prateado e o castanho-escuro, com ar de satisfação extrema. Segurando o rosto dela com mãos trêmulas, distribuiu beijos sobre suas pálpebras e seu nariz. Ela era a criatura mais adorável que ele poderia ter imaginado em toda a sua vida; também era a mais intensa. E era dele.

– Eu ainda não lhe disse meu nome. Sou Sebastian Wroth – informou com a voz rouca.

Parecendo hipnotizada, ela murmurou: – *Bastian.*

Isso fez com que ele desejasse apertá-la mais uma vez, mas simplesmente sorriu.

– Só as pessoas da minha família costumavam se referir a mim por esse apelido. Fico feliz por você me chamar assim.

– Hum-hummm. – Ela arranhou o pescoço dele, formando círculos lânguidos.

A excitação continuava pulsando. A ideia de aprender tudo a respeito dela encheu-o de expectativas, mas, antes disso, ele precisava perguntar: – Eu... eu... machuquei você?

– Vou ficar dolorida. – Os lábios dela se curvaram de leve, e ela esfregou o rosto contra o dele mais uma vez, agora em sinal de gratidão – ... Mas só nos lugares mais deliciosos.

O membro de Sebastian ainda estava duro no calor do jeans encharcado de esperma, mas quando ela ronronou aquela simples palavra, *deliciosos*, ele o sentiu pulsar e crescer novamente. Não entendia como era possível ela simplesmente ignorar ter sido machucada, mas não pretendia agir unicamente com base no tesão que aumentava mais uma vez. Lutou para ignorar o quanto tinha sido fantástica a sensação de tê-la debaixo dele.

Ajeitou o cabelo da Valquíria para trás, revelando suas orelhas pontudas. Viu as pequenas presas, as garras, os olhos...

– Katja, o que... – Pigarreou para limpar a garganta. – O que você é, na verdade?

As sobrancelhas dela se uniram.

– Sou uma... – Por um instante, Kaderin sentiu uma leve tensão. Seus olhos clarearam por completo, como se ela tivesse acabado de acordar. Todos os músculos do seu corpo, que tinham ficado flácidos e dóceis depois do orgasmo, se enrijeceram.

Inspirando fundo, ela o empurrou para longe com força, arremessando-o contra a parede. Em seguida, levantou-se com um salto.

– Ah, meus deuses, o que foi que eu fiz? – sussurrou ela, levando a mão trêmula à testa. Seu rosto estava com uma expressão de frieza, mas seus olhos pareciam em brasa quando ela recuou e se afastou dele.

Sebastian também se levantou e cobriu com as mãos a parte da frente da calça, para não assustá-la.

Mas quando ela passou a manga da roupa com raiva sobre a boca, isso o deixou furioso. Ele reconheceu a expressão de nojo naquele ato, viu o sentimento que ela expressava.

Ele vinha sentindo a mesma coisa a respeito de si mesmo desde que se transformara em vampiro.



– Vamos esquecer que tudo isso aconteceu, vampiro.

Kaderin não conseguia acreditar que tinha acabado de sentir gratidão por alguém como ele. Talvez por ele tê-la libertado do desejo represado? Que diabos tinha acontecido ali, entre os dois? A realidade se impunha lentamente, trazendo consigo uma sensação de vergonha tão forte que a machucava como um ferrão.

– Como eu poderei esquecer isso? – quis saber ele.

Talvez um poder caprichoso tivesse brincado com ela, forçando-a a fazer coisas que jamais faria em outras circunstâncias. Ou será que tinha sido atingida por algum encantamento? Precisava sair dali imediatamente.

– Jure que não vai contar a ninguém o que aconteceu aqui, e eu permitirei que você viva – propôs ela.

– *Permitirá* que eu viva...?

Sebastian não terminou a frase porque, no curto espaço de tempo entre essas quatro palavras, Kaderin já recolhera a espada e pulara para frente, encostando o fio da arma entre as pernas dele, de forma ameaçadora. Movera-se com tamanha rapidez que parecera um borrão.

– Sim, permitirei que você viva – sussurrou no ouvido dele.

– Você não está acostumada com essas coisas. – Ele se teletransportou num milésimo de segundo para o outro lado da sala e ficou em pé com os braços abertos, apoiados no portal. – Eu também não estou. Vamos descobrir juntos como lidar com isso. Mas saiba que você é a minha Noiva.

Ela fechou os olhos, lutando para manter a calma.

– Você não é meu marido. E nunca será.

– Isso não pode ter acontecido por acaso, Kaderin.

Aquilo era o bastante. No instante em que se encaminhou para a porta, ela sentiu a apreensão que crescia nele. Ambos sabiam que o sol a protegeria. Tudo que ela precisava fazer era passar por ele...

Subitamente, jogou o corpo dobrado para frente ao sentir o pesar por Dasha e Rika, uma dor que a rasgou por dentro como arame farpado circulando em suas veias.

– Kaderin? – Sebastian se lançou na direção dela. – Você está ferida?

Engolindo o ar, ela espalmou a mão para impedi-lo de se aproximar e se obrigou a ficar novamente em pé. Todas as Valquírias se consideravam de uma mesma família, mas ela e as duas irmãs tinham nascido juntas. Eram trigêmeas. Inseparáveis durante mil anos, até que duas morreram em batalha. Por causa da fraqueza de Kaderin...

– Escute, Kaderin... Espere!

Ela correu para a porta, mas ele se teletransportou para lá mais uma vez e se manteve impassível. Ela fingiu que iria pela esquerda, mas se agachou no último segundo e seguiu pela direita, movendo-se numa velocidade tal que ele não conseguiu avistar mais que um borrão de sua forma fugidia. Quando Sebastian piscou, Kaderin o envolveu num rodopio vertiginoso e fez com que o cabo da sua espada colidisse com o peito dele, mas, no último milésimo de segundo, decidiu não quebrar o osso esterno do peito de Sebastian.

Ele soltou um grito de fúria quando Kaderin o atropelou e conseguiu passar. Ela seguiu velozmente até um piso de madeira apodrecida e desceu três lances da escada em espiral, passando por espessas teias de aranhas, tão espessas que ele devia se teletransportar através delas havia vários séculos.

Um pouco tonto, mas se teletransportando quase à mesma velocidade de Kaderin, notou que estava logo atrás dela quando ela pulou ao descer o lance seguinte da escada. Colocando a mão sobre o gradil, a Valquíria pulou mais um lance e atingiu o andar térreo.

Com um grito rouco, ele pulou logo atrás dela, tentando alcançá-la. No último segundo, ela passou pelos braços dele, fazendo o ar trepidar sem que o vampiro conseguisse agarrá-la, e alcançou as pesadas portas que davam para o exterior do castelo. Lançando-se através delas e arrancando-as das dobradiças enferrujadas, Kaderin fez com que lascas de madeira se espalhassem em arco a toda volta.

Mesmo quando alcançou a parte externa, sob a proteção confiável do sol da manhã, ela não diminuiu o ritmo da fuga. Desceu pelo vale em direção ao vilarejo, respirando ofegante, sentindo as folhas secas estalarem debaixo de suas botas e banhada pelo calor do sol.

*Não olhe para trás.*

As lágrimas lhe embaçavam a visão, e ela tentava não soluçar. Aquela dor era quase tão grande e insuportável quanto a que sentira ao reunir e enterrar os pedaços de suas irmãs. Acelerou o passo para tentar esquecer os minutos anteriores, como se quisesse deixar naquele castelo desolado a lembrança da madrugada marcante.

*Não olhe para trás...*

Depois do enterro das irmãs, ela havia arrancado os próprios cabelos e rasgado a pele, alternando-se entre gritos de fúria e luto, contrapondo-os com o anseio de que ela mesma fosse esquecida na imensidão da morte. A exaustão finalmente a deixara inconsciente, e então, naquele sono pesado, um poder desconhecido se comunicara com ela na forma de uma voz em sua mente. Uma voz que lhe prometera fazer cessar toda aquela dor, ainda que à custa da morte de todas as suas emoções.

Naquele momento, tal como agora, a dor fora insuportável. E exatamente como naquela vez, ela rezou e pediu misericórdia.

Mas ninguém veio em seu auxílio. Será que tinha sido abandonada e renegada? Teria enfurecido aquele poder misterioso?

*Não olhe para trás.*

Mas ela o fez.

O vampiro a seguira.

## Mansão Val Hall, Nova Orleans

**Sede do décimo entre os doze covens das Valquírias** Às vezes, Nikolai Wroth realmente detestava as suas cunhadas.

**Expirou com força enquanto acompanhava sua Noiva, conhecida como Myst, a Desejada, pela imensa varanda da frente do seu antigo lar. Mal tinham conseguido alcançar os degraus da frente, quando o primeiro guincho ensurdecedor se fez ouvir.**

Ele não se mostrou surpreso, pois sabia que a sua mera presença vampiresca constituía uma provocação naquele ninho de Valquírias.

Embora fosse um Abstêmio, Nikolai era tão odiado quanto os vampiros da Horda – assassinos naturais, facção que guerreava contra as Valquírias desde os primeiros dias do Lore. Como se não bastasse o ato de aniquilar os seres que pertenciam à espécie da sua Noiva, os vampiros da Horda muitas vezes as aprisionavam e se fartavam de beber, todas as noites, o maravilhoso sangue delas.

Nikolai compreendia o ódio que elas sentiam da Horda. Na condição de Abstêmio, ele também compartilhava o sentimento e travara terríveis batalhas contra eles desde que fora transformado em vampiro. Mas isso pouco importava.

Ouviu-se um novo grito, seguido por outro guincho muito mais apavorante. Nikolai ainda não se habituara por completo aos berros lancinantes de suas cunhadas. Elas adoravam gritar. No entanto, mesmo caladas, ele conhecera a raiva delas, motivada pela sua simples presença, pressentida no ar. Afinal de contas, as Valquírias produziam relâmpagos com as próprias emoções. Naquele instante, por exemplo, o pátio diante dele mais parecia um campo minado, com raios que explodiam a cada passo.

As muitas barras de cobre, espetadas no terreno para servir de para-raios, não davam conta de um ataque daquela amplitude. Os carvalhos antiquíssimos que rodeavam a propriedade eram rasgados pelos raios e iluminados pelos relâmpagos, e nada mais lhes restava fazer senão erguer para o céu sua lástima em forma de fumaça mais densa que a névoa.

Será que alguma coisa no mundo cheirava mais estranho do que musgo queimado?

Ele balançou a cabeça e olhou para o céu, mas não viu as estrelas acima. Não... A visão delas estava bloqueada pelos espectros que as Valquírias contratavam para circundar e proteger a propriedade. Os demônios fantasmagóricos urravam para ele e se divertiam com isso.

Nikolai não tinha paciência com eles. Cerca de um mês antes, quando tentara se teletransportar para Val Hall com o intuito de reconquistar Myst, eles o tinham agarrado e lançado tão longe que acabara parando em outro vilarejo. Nada conseguia penetrar ali e ultrapassar a guarda cerrada que ofereciam.

Considerando os espectros, relâmpagos, os gritos pavorosos e a fumaça densa, não era de espantar que as outras criaturas do Lore temessem Val Hall quase tanto quanto temiam as próprias Valquírias. A lembrança de que sua lindíssima esposa tinha sido criada nesse ambiente louco sempre o deixava atônito.

Naquela noite, ela o convencera a se teletransportar até ali para pedir a Nix – a mais velha das Valquírias e também profetisa – que ajudasse a encontrar seus dois irmãos mais novos. Secretamente, ele considerava aquilo uma busca infrutífera. Nix, também conhecida como “Nix, a Piradinha na Batatona”, como todo o coven a chamava, raramente se apresentava lúcida e tinha um diabólico senso de humor. Myst já fora alertada de que Nix estava num estado de “completa revolta” naquela noite.

Na verdade, todas as Valquírias que Nikolai conheceu eram... excêntricas. Até mesmo sua esposa Myst exibiu uma linha de pensamento e raciocínio que ele nem sempre compreendia. E se Nix era a mais louca das Valquírias, então...

Mas ele precisava tentar. Não poderia ir em frente por mais tempo, perguntando-se a cada dia se Sebastian e Conrad estariam vivos ou mortos. Na última vez que viu seus dois irmãos mais novos, eles estavam prestes a sair de Blachmount na condição de vampiros recém-transformados. Ambos pareciam fracos e meio enlouquecidos pela transformação. Apesar de trezentos anos já terem se passado, Nikolai não se iludia achando que eles pudessem ter perdoado o que ele lhes fizera.

Nikolai e Myst conseguiram passar pelos espectros da única forma possível. Ela ofereceu uma mecha do seu cabelo como pedágio, e um dos espectros pegou o caracol de fios em pleno ar. Em troca da proteção infalível que eles lhes proporcionavam, as Valquírias ofereciam seu cabelo, que eles trabalhavam até formar uma trança. Quando essa trança alcançava um determinado comprimento, eles podiam submeter todas as Valquírias vivas à sua vontade por um curto intervalo de tempo.

Certa vez, dentro da propriedade escura, eles passaram pela ultramoderna sala de cinema. As Valquírias tinham obsessão por filmes; na verdade, adoravam qualquer coisa que fosse moderna e se modificasse constantemente, não importava se tinha ligação com tecnologia, gírias, moda ou videogames.

Ultimamente, várias Valquírias vinham aceitando Nikolai, mesmo a contragosto, pois ele e Myst tinham se casado, e Nikolai ajudara a salvar a vida de Emmaline, que fazia parte do coven. Ele até mesmo obtivera permissão – por meio de chantagem – para entrar na casa delas quando bem entendesse, tornando-se o único vampiro vivo que conhecia o interior daquela casa lendária.

Seguindo pela sala de cinema, subiram a escada e foram até o segundo andar. Myst explicara a Nikolai que a Mansão Val Hall era uma espécie de versão mais violenta de uma república feminina de estudantes, com tudo a que tinham direito, inclusive brigas com puxões de cabelo e roubos de roupas. Pelo menos vinte Valquírias moravam ali.

Pararam diante de uma porta onde se lia: “Covil da Nix. Esqueça o cão, cuidado com a Nix.” Myst encostou o ouvido à porta e bateu.

– Quem é? – A pergunta veio lá de dentro, numa voz abafada.

– Você não deveria adivinhar? – perguntou Myst, girando a maçaneta quando a porta foi destrancada.

Entraram no aposento e o encontraram igualmente escuro, iluminado apenas por uma tela de computador. Nix estava de pé, com uma expressão incompreensível, enrolando nos dedos os cachos de seu cabelo preto supercomprido. Vestia jeans e uma camiseta onde se lia: “Eu brinco com a minha presa.”

Dentro do quarto havia também uma TV imensa, centenas de vidrinhos de esmalte de todas as cores e o pôster de um sujeito identificado como “Jeff Probst”, no qual se informava que ele era o “Símbolo Sexual da Mulher Inteligente”. No chão, pilhas de livros cortados em mil pedaços, muitos aviõezinhos de

papel com o bico amassado e destroços de um velho relógio de pé com um pêndulo que parecia ter sido destruído num ataque de fúria.

Myst não perdeu tempo.

– Estamos à procura dos irmãos de Nikolai, Nix. Precisamos da sua ajuda.

Nix pegou um dos poucos livros inteiros do chão e se sentou na cama. Nikolai viu o título da obra: *Kit de escritório de Lou para o Vodou – Assuma o controle da sua carreira com o Vodou!*

– E por que você acha que eu ajudaria essa sanguessuga, posso saber? – perguntou Nix.

Os olhos verdes de Myst se acenderam de fúria. Ela ainda se referia aos *outros* vampiros como sanguessugas, e não se incomodava quando suas irmãs faziam o mesmo. No entanto, conforme explicara a Nikolai, considerava um duplo insulto *chamá-lo* de sanguessuga. “Se você é uma sanguessuga e gosta de beber de mim, em que isso me transforma? Numa otária? Numa ingênua? Tenho cara de *hospedeira*, por acaso?”

Myst se encostou em Jeff Probst e ergueu um dos joelhos.

– Você vai nos ajudar porque eu estou pedindo e porque me deve isso, já que eu me calei sobre um segredo suculento do nosso coven.

Nix soltou uma exclamação de deboche enquanto arrancava, com as garras afiadas, as páginas do livro sobre Vodou.

– Que segredo? – Pegou outro tomo chamado *As muletas do misticismo moderno*, flexionou as garras e pareceu pensar duas vezes antes de destruí-lo por completo. Em vez disso, rasgou apenas algumas páginas, entre as quais o capítulo intitulado “Por que é mais fácil acreditar?”

– Você se lembra do ano 1197? – perguntou Myst.

– Antes ou depois de Cristo? – quis saber Nix num tom entediado, enquanto começava a dobrar uma das páginas do livro. Origami? Uma forma começou a surgir.

– Você sabe que eu nasci depois de Cristo.

– O ano 1197 d.C.? – murmurou Nix, franzindo o cenho, e seu rosto ficou ruborizado. Sua expressão assumiu um ar de teimosia, e seus dedos se puseram a dobrar o papel com destreza e rapidez impressionantes. – É golpe baixo me lembrar disso. Mais uma vez eu repito: pensei que ele e todos os outros da alcateia fossem maiores de idade! – Quando seus dedos se acalmaram, ela colocou a forma perfeita que criara sobre a mesa lateral. A dobradura parecia um dragão posicionado para ataque. – Por acaso eu menciono os *seus* momentos desagradáveis? Por acaso chamo você de Mysty, a Mulher Fácil dos Vampiros, como faz o restante do Lore? Como as *ninfas* se referem a você?

Myst apertou as mãos contra o peito.

– Oh, que desgraça, as ninfas me desprezam? Vou dormir na pia e chorar a noite toda. – Seu rosto se endureceu por um instante. – Que informação você precisa de nós para conseguir enxergar alguma coisa?

Com um balançar ofendido de sua trança pesada, Nix se virou de Myst para Nikolai e quis saber: – Por que você deseja encontrá-los? – Começou a formar outra peça de origami sem olhar para ele; dessa vez, foram necessárias quatro páginas das *Muletas do misticismo*.

– Quero descobrir se estão vivos ou mortos. Preciso saber se posso ajudar a trazê-los de volta para casa.

– Por que eles foram embora? – A forma como ela o estudou foi invasiva. Seus dedos eram tão ligeiros que pareciam quase invisíveis, e o papel que manuseava parecia se dobrar por conta própria.

Nikolai ergueu os ombros e os lançou para trás, detestando ter de ser tão aberto com ela.

– Sebastian ficou enfurecido por eu tê-lo transformado em vampiro contra a própria vontade. Ambos também se mostraram furiosos por eu ter tentado transformar as nossas quatro irmãs mais novas e também o nosso velho pai, quando estavam morrendo. – Myst o analisou e mordeu o lábio inferior, pois sabia o quanto ele relutava em tocar naquele assunto. – Não tenho dúvidas de que ambos se afastaram apenas para ficar mais fortes e que têm o intuito de voltar para me matar.

*Na verdade, seus dois irmãos tinham feito exatamente isso pouco antes de partir.*

Sebastian acordara com aquela fome pavorosa da qual Nikolai se lembrava tão bem. Quando colocaram uma imensa caneca de cerveja cheia de sangue diante dele, Sebastian não conseguiu bebê-la com a rapidez necessária. Quando, por fim, percebeu o que acabara de fazer, voou para tentar alcançar a garganta de Nikolai...

Nikolai resolveu esperar durante muitos meses ali mesmo em Blachmount pelo retorno deles, sem se importar, caso tentassem matá-lo mais uma vez. Cada dia que passava sem que retornassem, Nikolai se perguntava se eles conseguiriam se defender e recolher sangue a cada noite, sem precisar beber de seres humanos. Sem matar.

Nix terminou de montar o origami de um tubarão que parecia se remexer no ar, mas não afastou seus olhos de Nikolai por um instante sequer, e o colocou ao lado do dragão. Nikolai, por sua vez, não conseguia afastar os olhos das formas habilmente construídas.

– Você sabia que eles ficariam revoltados? – quis saber Nix.

Depois de uma curta hesitação, ele admitiu que sim.

– Sabia. Mesmo assim eu os transformei.

Quando Myst percebeu a respiração cansada do marido, começou a relatar para Nix tudo o que Nikolai lhe contara a respeito dos irmãos. Aproveitando aquele instante de alívio, o vampiro justificou mais uma vez para si mesmo o que fizera. Naquela noite, ver Sebastian à beira da morte tornara possível a Nikolai entender quanto o irmão não aproveitara a vida e nunca mais a teria. Tudo o que queria era uma família e um lugar onde viver em paz. Sebastian nunca tivera chance de conseguir nenhuma dessas coisas – ele ainda nem tinha *vivido* – e Nikolai não conseguia aceitar isso.

Quando rapazinho, Sebastian tinha alcançado a altura de um metro e noventa e oito muito cedo, sem o complemento do peso e dos músculos que chegariam somente um ou dois anos mais tarde. Embora tivesse sido muito alto, magro e desengonçado, Sebastian já estava com uma bela aparência antes mesmo de sua massa muscular acompanhar a altura.

Só que, depois disso, parecia não saber exatamente o que fazer com seu tamanho e sua força assombrosa, que aumentavam a cada dia. Chegara a deixar roxo, acidentalmente, o olho de uma jovem, e quebrara o nariz de outra. Já tinha pisado em tantos pés femininos que as garotas do vilarejo brincavam que só era viável andar ao lado dele usando “tamancos de madeira e muita coragem”.

Mas a pior experiência ocorrera quando ele e Murdoch corriam pelo vilarejo, um atrás do outro, provavelmente depois de Sebastian ter aprontado alguma confusão com o irmão. Sebastian colidira com uma mulher e sua jovem filha. Derrubara ambas no chão com extrema violência, arrancando o ar de seus pulmões com o susto e a queda. A experiência, por si só, já seria traumática, mas, assim que a mulher e a filha conseguiram se recompor, começaram a gritar, chamando-o de “assassino sanguinário”.

Sebastian ficara chocado consigo mesmo. Desde menino, ele sempre tinha sido tímido e introvertido, e experiências desse tipo só pioravam a situação. Tornava-se inseguro em relação às mulheres, sem exibir o charme de Murdoch ou a estudada indiferença de Conrad.

Aos treze anos, Murdoch já desenvolvera um sorriso diabolicamente charmoso, o que lhe garantiria a entrada embaixo de muitas saias femininas no vilarejo. Com a mesma idade, Sebastian era o irmão mais quieto, com mãos suadas que carregavam um punhado de flores selvagens esmagadas e que nunca chegavam ao destino pretendido.

Por isso ele se voltara para os estudos. Por incrível que pareça, apesar de ter sido treinado para a guerra desde que tinha idade suficiente para segurar uma espada de madeira, a mente de Sebastian era a parte mais forte do seu corpo. Escrevera tratados e artigos científicos que atraíram a atenção de algumas das mentes mais privilegiadas da época...

– Você conseguiu ver alguma coisa? – indagou Myst, trazendo Nikolai de volta dos seus pensamentos.

– Sei dizer onde Murdoch está – garantiu Nix.

– Eu o vi ontem mesmo – afirmou Nikolai, irritado.

Murdoch morava em Mount Oblak, um castelo conquistado à Horda. Aquela era a nova fortaleza dos Abstêmios, e Nikolai se teletransportava até lá quase todos os dias.

– Ah, sim, claro – reagiu Nix, num tom sarcástico. – Murdoch está exatamente onde você o deixou.

– O que quer dizer com isso? – Ao ver que o olhar sem expressão de Nix se mantinha, insistiu: – Sobre Murdoch... o que você quer dizer com isso?

– Dizer? Eu disse alguma coisa? O que foi que eu disse? Como é que eu posso me lembrar do que disse ou não disse?

– Maldição, Nix! – Ele já estava perdendo a paciência. – Eu sei que você pode nos dizer onde eles estão.

– *Você agora também é vidente, por acaso?* – reagiu ela, arregalando os olhos ao respirar fundo.

Às vezes, Nikolai realmente detestava suas cunhadas.

– Nix, eu preciso muito que você nos ajude – disse ele lentamente, quase mordendo as palavras.

Na condição de general do exército estoniano e também lutando ao lado dos Abstêmios, Nikolai estava habituado a dar ordens e vê-las obedecidas de imediato e com entusiasmo. Aquela forma de... *pedir* as coisas era torturante.

No entanto, Nix agora se concentrava unicamente no seu dom, até que, de repente, fez uma nova dobradura do que parecia uma forma intrincada de fogo e a depositou com cautela ao lado das outras duas. Arrancou mais páginas do livro e as dobrou numa velocidade ainda maior. Nikolai não conseguia tirar os olhos das criações que ela parecia executar por pura compulsão.

Momentos mais tarde, ela confeccionou um lobo de papel que uivava para o céu. Agora eram quatro formas colocadas lado a lado, como se formassem a linha de uma história.

Myst mal olhou para as figuras enfileiradas, mas Nikolai parecia hipnotizado por elas.

– Nix, tente com mais vontade! – reclamou Myst, e Nikolai se sacudiu deliberadamente, forçando-se a afastar os olhos das figuras em origami.

– Não consigo ver Conrad! – reagiu Nix, e um relâmpago apavorante explodiu ali perto.

– E quanto a Sebastian? – insistiu Myst. – Conte-nos qualquer coisa que esteja vendo.

– Qualquer coisa? Ora, mas o que sei eu sobre tais assuntos? – Nix franziu o cenho. – O que poderia saber?... Ah, olhe lá, estou vendo aquilo que eu sei!

Nikolai se aproximou com impaciência, abanando a mão livre para incentivá-la a continuar.

Ela deu de ombros e afirmou:

– Neste exato momento, o seu irmão Sebastian está berrando desesperadamente para alguém que está do lado de fora de um castelo. Ele exige que essa tal pessoa volte para ele e deseja isso com todas as forças. – Sorriu, muito satisfeita consigo mesma por ver tanta coisa, até que, subitamente, bateu palmas de alegria. – Oh, mais um detalhe: a pele dele acabou de pegar fogo!

## *Por que ela fugiria de mim?*

Repetindo mentalmente sem parar essa pergunta agonizante para si mesmo, Sebastian caminhava arrastando os pés em meio à chuva torrencial e pisava nas muitas poças d'água ao longo da rua principal do vilarejo.

Assim que o sol se pusera e logo depois de ele se lançar em busca de Kaderin, a chuva começara. Mesmo agora, várias horas depois, ela ainda caía com uma força avassaladora, desgastando visivelmente a argamassa que mantinha unidas as pedras do calçamento. A chuva castigava suas mãos e faces queimadas, mas ele mal se apercebia disso.

Que diabos acontecera? Ele acabara de sentir desaparecer o cansaço eterno que suportava havia muitos séculos, e a sensação desaparecera com a chegada dela. Só que agora voltara com força redobrada.

– Não vá! – gritara na direção dela. Antes de ser forçado a se teletransportar de volta, ela se virara para ele com os olhos arregalados e os lábios entreabertos. Kaderin presenciara a sua dor e vira quando a pele dele começara a arder em chamas.

A expressão dela, naquele instante, tinha sido de puro choque. Ele já vira aquele olhar antes. Era o mesmo que os soldados exibiam um segundo depois de uma bala de canhão explodir perto demais deles – como se lhes fosse impossível assimilar o que acabara de acontecer.

*Por que ela fugiu de mim? O que fiz de errado?*

Ele a procurara a noite toda, vasculhando as ruas desertas e todo o vale. Ele se teletransportara até o aeroporto, mas sabia que ela já se fora havia muito tempo.

Assim como todos os habitantes do vilarejo. Apenas um cão uivava ao fundo. Embora Sebastian tivesse evitado humanos desde que se tornara vampiro, sentia-se agora plenamente preparado para interrogá-los. Estava desesperado para fazê-lo. Se isso lhe garantisse alguma informação sobre a sua misteriosa Noiva, ele se transformaria naquilo que eles mais temiam, para lhes arrancar a verdade.

Entretanto, todos tinham desaparecido. Até mesmo a casa do açougueiro – que secretamente lhe vendia sangue de vez em quando e eventualmente trocava a mercadoria por roupas e livros – parecia escura e abandonada. Pelo visto, ela alertara todos os aldeões que ele apareceria ali com fúria total para procurá-la.

Mais uma vez, Sebastian analisou tudo o que sabia a respeito da sua misteriosa Kaderin. Havia momentos em que ele a achava linda demais, perfeita demais, uma visão que só existia nas suas fantasias. Afinal, estivera muito tempo sozinho...

E enfrentara a loucura, no passado.

No entanto, se achasse que tinha imaginado tudo o que acontecera, uma exuberante marca roxa no peito e rasgos na camisa, bem no lugar onde as garras dela haviam se enterrado nas suas costas e nos seus braços, reivindicavam a realidade. Por Deus, como a sua Noiva era feroz! Mesmo agora, ele se sentia excitado só de pensar nela.

Nunca antes sentira tanto desejo. Nenhuma mulher despertara nele algo desse tipo. É claro que o desejo era ainda mais forte por ele ter se privado de sexo durante tanto tempo. Só podia ser essa a explicação. E ele nem sequer a possuía.

Diabos, ele nem sequer chegara a contemplar seu corpo nu, nem tocara a sua pele.

Balançou a cabeça, enrubescendo mais uma vez ao se lembrar do seu comportamento diante dela. Ele não poderia se considerar uma pessoa experiente no assunto, muito pelo contrário, mas sabia o bastante para entender que o que tinha feito era... esquisito.

Em toda a sua vida, ele só fizera sexo meia dúzia de vezes, e com duas mulheres apenas, se é que dava para considerar sexo o que acontecera com a segunda. Sebastian nunca conseguira seduzir as damas da sua época, mas, mesmo que não tivesse sido um rapaz tão quieto e introspectivo, simplesmente não houvera tempo, oportunidade ou, o mais importante, mulheres disponíveis.

A residência da família de Sebastian em Blachmount ficara sempre muito isolada das cidades e dos mercados. Qualquer filha atraente de algum fazendeiro que morasse num raio de duzentos quilômetros da sua casa tinha se sentido irremediavelmente apaixonada – e certamente tirara proveito da situação – por Murdoch, o irmão devasso. Isso automaticamente as excluía para sempre do interesse de Sebastian. Ele jamais poderia comparar a sua experiência com a de seu irmão, e receava olhar para uma mulher quando a possuísse e perceber que ela pensava a mesma coisa.

Mesmo que não fosse Murdoch, Sebastian ainda precisava competir com seus dois irmãos mais velhos.

E então estourou a guerra.

As experiências precárias ou desastrosas de Sebastian nessa área certamente não o prepararam para a paixão que sentira por Kaderin. E ela lhe parecera tão frenética quanto ele. Agora, ele mal conseguia imaginar como seria tê-la nua e se remexendo por baixo dele. Sua ereção aumentou e latejou com mais força somente com a ideia, e ele se amaldiçoou.

Ela o incitara e depois se divertira com a força dele, como uma criatura selvagem. Isso o fez lembrar-se de que não sabia o nome completo dela, nem como contatá-la. Pior: ele nem mesmo sabia a que espécie ela pertencia.

Se conhecesse um pouco mais a respeito do estranho mundo que habitava agora, o Lore, as coisas seriam mais fáceis. Mas ele permanecia tão ignorante a respeito disso quanto a respeito da cultura humana dos tempos modernos.

Quando ele praticamente despertara dos mortos, tantos anos atrás, Nikolai e Murdoch tinham tentado lhe explicar tudo o que sabiam sobre o Lore, o que também era pouco, pois eles próprios só recentemente haviam sido transformados em vampiros. Mas Sebastian não os escutara. De que serviriam os ensinamentos se ele já tinha decidido caminhar em pleno sol e acabar com tudo?

Ao longo de todos aqueles anos, ele evitara Blachmount e decidira morar no único país onde ninguém pensaria procurá-lo. E se ele voltasse agora? Será que poderia prever a própria reação, caso se visse diante de Nikolai?

Com o canto do olho, Sebastian pensou ver alguém. Virou-se de repente e deu com a sua imagem refletida na vitrine de uma loja. Ficou aterrado, ergueu a mão e apertou o queixo.

Por Cristo, *não era de espantar* que ela tivesse fugido daquilo.

Sebastian parecia um monstro ali, debaixo da chuva torrencial. Seu rosto cheio de bolhas em um dos lados, provocadas pela exposição ao sol, parecia encovado e abatido devido à alimentação irregular. Ele nunca conseguira se obrigar a beber sangue constantemente, pelo menos em quantidade suficiente para sustentar seu corpo gigante. Seu cabelo fora cortado de forma tosca, e suas roupas estavam surradas e esfarrapadas.

Na visão dela, Sebastian era pobre, vivia num buraco cercado de lixo, sem amigos nem parentes. Ele não lhe dera nenhuma indicação de que poderia ser um parceiro valoroso. Na época dele, uma mulher precisava ser convencida de que o homem ao qual se entregasse poderia sustentá-la. Certamente, algo tão fundamental não havia mudado.

O pior de tudo era o fato de ele ser um vampiro – algo que ela claramente detestava.

Ele jamais poderia compartilhar um belo dia ao ar livre ao lado de Kaderin. Por Deus, ele já lamentava muitíssimo a ausência do sol na sua pele – agora mais do que nunca, pois jamais poderia caminhar sob o sol ao lado dela.

*Vampiir.* Passou a mão pelo cabelo molhado. *Que tipo de filhos eu poderia dar a ela? Será que eles iriam beber sangue?*

Ele também teria fugido de si mesmo.

Como poderia esperar que ela não sentisse repulsa pelo que ele se tornara, quando ele próprio pensava assim? Subsistia através de sangue! Estava relegado às sombras.

“Você jamais será meu marido.” Essa fora a jura que ela fizera.

“Vou destruir a mim mesmo.” Essa fora a jura que ele mesmo fizera a Nikolai na última noite em que o vira.

Como Sebastian conseguiria persuadi-la a viver na sua companhia, quando ele mesmo, ao longo de três séculos, não conseguira convencer a si mesmo de que merecia viver?

No entanto, ainda que só por alguns instantes, Sebastian conseguira fazer com que ela o beijasse e aceitasse seus avanços desajeitados. Com o tempo, ela certamente conseguiria superar a aversão que sentia por ele.

Talvez outros vampiros representassem o mal – ele nunca encontrara outros além dos irmãos. O certo, porém, é que conseguiria provar a ela que não era assim. Ele poderia protegê-la e fornecer qualquer coisa que ela desejasse.

Voltar a Blachmount não era mais algo a ser evitado. Toda a sua riqueza estava lá, enterrada na propriedade. Antes de Conrad e ele deixarem os campos de batalha, Sebastian acumulara uma imensa fortuna em espólios de guerra, tirados dos oficiais russos, incluindo o castelo onde morava atualmente.

Ele também tinha uma dúzia de baús cheios de moedas de ouro, todas exibindo a estampa de um antigo deus alado. Vários outros baús continham joias que os oficiais russos haviam saqueado de países do Oriente, antes de seus olhos gananciosos se voltarem para a vizinha Estônia.

Ele se obrigaria a beber e comprar roupas novas. Iria adquirir uma casa para eles dois. Na verdade, se sentiria aliviado se nunca mais retornasse àquele castelo ignóbil.

Quando tornasse a encontrá-la, surgiria diante dela com a imagem de um homem que valeria a pena considerar como futuro marido. Para adquirir as coisas necessárias para isso, no entanto, Sebastian precisaria compreender o novo mundo que existia à sua volta. Ele já vira automóveis, mas nunca tinha

dirigido um. Já vira anúncios de filmes, mas nunca assistira a um. Aviões voavam sobre a sua cabeça, e ele conhecia a composição de suas máquinas através dos livros, mas nunca viajara em um.

Também teria de caminhar entre humanos, embora sempre paranoico de que as pessoas pudessem olhar para ele e suspeitar que fosse o que, na verdade, era: algo abominável que tentava se passar por alguém normal.

Pior que isso: Sebastian temia que pudesse sentir vontade de beber o sangue dessas pessoas. No entanto, isso jamais tinha acontecido antes de a pele dourada de Kaderin estar diante dele. Será que ele conseguiria se controlar com ela? Seria egoísmo procurá-la para isso? Não, ele era um homem disciplinado. Poderia se *abster*, como se dizia na ordem à qual seus irmãos pertenciam.

Queria sua Noiva de volta, e a teria diante dele mais uma vez, mesmo que isso o matasse.

Afastando o olhar da vitrine, observou a chuva e percebeu que tinha desejado Kaderin ao longo de toda a sua vida. Balançou a cabeça pesarosamente. Ele já esperava por ela antes mesmo de ela se tornar tudo para ele.



### **Londres, Inglaterra** *Tudo está sob controle.*

O dom de insensibilidade de Kaderin estava novamente de volta ao lugar onde pertencia. Embora pudesse parecer desorientada para qualquer pessoa que a visse.

Desde a época em que Londres era um acampamento pantanoso às margens de um rio insignificante, os vampiros caçavam na neblina típica da região. E, sempre que ela visitava a cidade, costumava caçá-los.

Depois do seu desastre na Rússia, Kaderin escolhera ir para aquela cidade cheia de criaturas do Lore, porque possuía uma *townhouse* ali cuja existência era desconhecida de todas as Valquírias. Ali também era uma boa base para a Corrida do Talismã, mas isso não significava que ela não conseguiria enfrentar o seu coven.

Aquela era a sua primeira noite na cidade, e ela partiu em direção à estação King's Cross com um objetivo: matar sanguessugas. Por baixo do seu casacão, levava ocultos a sua espada e o seu chicote. Circulou pelas ruas de paralelepípedos e seguiu até um lugar que conhecia bem – pouco mais de um século antes, dois irmãos vampiros quase a tinham decapitado, naquela mesma rua.

Kaderin não desprezava vampiros só por causa das suas irmãs.

Ao longo do beco, ela começou a agir, aos poucos, como se estivesse perdida em meio aos véus escuros da cidade. Chegou mesmo a mancar de leve, sinalizando a algum predador que o jantar estava à mesa.

Tentou convencer a si mesma de que aquela aventura não tinha o objetivo de provar nada. Não se tratava de um exercício para ver se ainda tinha coragem de caçar vampiros. Seria clichê demais, um cenário de filme de segunda, caso ela simplesmente saísse por ali *cortando cabeças e limpando as ruas de Londres*.

Naquela noite, matar significava simplesmente manter a sua vida no ritmo normal.

Uma gangue de cinco vampiros se materializou diante dela, do nada.

– Puxa, parece que o meu aniversário chegou mais cedo, rapazes – disse Kaderin, arrastando as palavras.

Eles se vestiam como ladrõezinhos de rua, e seus olhos vermelhos muito brilhantes estavam cobertos por pequenas manchas pretas. Olhos sujos! Quando eles bebiam o sangue de seres humanos até provocar a sua morte, sugavam o fundo da alma deles, aspirando o mal por completo e absorvendo toda a loucura e os pecados das vítimas para si mesmos.

Os cinco a rodearam. Ela pegou a espada e os atacou com determinação e rapidez.

Um leve guinada de pulso a fez cortar a primeira cabeça. *Vejam só, pensou Kaderin. Uma cabeça de vampiro rolando num beco escuro em Londres. Apenas uma noite como outra qualquer. Controle completo.*

Eles começaram a sumir e reaparecer, teletransportando-se com rapidez em volta dela e atacando-a com punhos e facas. Ela pegou seu chicote de metal espiralado, guardado no cinto. Titânio. Com uma simples chicotada no ar, conseguia impedir o vampiro de se teletransportar. Um deles a reconheceu ao primeiro estalo do chicote e escapou, fugindo em desespero.

*Ah, mas os outros três fariam com que o jogo continuasse.*

O chicote dela alcançou um pescoço, enroscou-se nele repetidas vezes e estalou na ponta.

*A casa sempre ganha.*

Ela puxou o chicote, fazendo o vampiro girar enquanto vinha na sua direção, até ficar ao alcance da espada. No instante em que lhe cortou a cabeça, ela deu um forte chute para trás, a fim de afastar os outros dois. Abaixou-se e se desviou da lâmina usada pelo maior deles, que acabou sendo enterrada na têmpora do colega.

Sangue respingou para todo lado. Agora ela estava em seu elemento. Fria indiferença. Assassinatos a sangue-frio. Sua espada voava, seu chicote estalava no ar – ela estava de volta ao normal.

Como fora irracional ao fugir, histérica, da Rússia, chorando muito e tremendo de forma incontrolável. Quantas vezes ela gemera, reclamando: “Ó grande Freya, que mal eu fiz?” Quantas vezes se lembrara do olhar daquele vampiro quando ele percebera que teria de deixá-la partir e a vira sair sob a luz do sol?

Ela fora leviana, como acontecia, às vezes, com as Valquírias.

*Como acontecera com Myst, a Desejada?*, pensou Kaderin, aplicando com a faca um golpe mortal no vampiro, que atravessou o rosto dele e lhe surgiu no alto da cabeça como se fosse um chifre. Quando Myst estivera presa em uma das prisões da Horda, os Abstêmios rebeldes tomaram o castelo e um dos seus generais a libertara unicamente para fazer amor com ela. Antes de as Valquírias terem a chance de resgatá-la, as coisas haviam escapado ao controle naquela cela úmida.

A reputação de Myst em todo o Lore – uma reputação construída ao longo de muitos séculos – estava destruída. Ela fora marginalizada, era uma rejeitada. Até as ninfas a ridicularizavam. Não havia humilhação maior que essa...

O último oponente deu um soco no queixo de Kaderin, que a fez recuar e enxergar em duplicidade por um instante, mas ela devolveu o soco, mesmo sem enxergar direito, e acertou o vampiro. De repente, estava novamente em pé com a espada deslizando em pleno ar e os pensamentos zumbindo na sua cabeça. Quando os dois últimos começaram a circular em torno dela, Kaderin se lembrou da última Valquíria que havia caído em desgraça. Poucas décadas antes, uma Valquíria chamada Helen tinha feito sexo com um

vampiro e tivera uma filha com ele, Emmaline. Helen acabara morrendo de desgosto porque o vampiro a mordera e a abandonara.

Mais um golpe da espada. O último atacante mal conseguiu desviar e a xingou.

– Minha nossa! Eu *nunca* tinha sido chamada de vaca antes! – Ela enxugou o rosto com a manga da roupa e seus olhos se encontraram com os dele.

Vampiros mordiam. Era isso que eles faziam. Ela não deixara de perceber o instante em que Sebastian hesitara com a boca a poucos centímetros do pescoço dela. Ele chegara até mesmo a lhe dar uma lambida lenta. Contemplara a possibilidade de mordê-la.

Sim... No fim, em algum momento, Sebastian beberia o sangue de alguma pessoa desavisada até a morte dela, acidentalmente ou não. Seus olhos acinzentados e muito firmes assumiriam um tom de vermelho-escuro, ávidos de sangue, e a Horda ganharia mais um soldado. Como aquele que estava diante dela.

Esse pensamento a fez atacá-lo com mais fúria ainda, soltando um guincho pavoroso. Ela se abaixou, rolou para o lado e rasgou o peito dele de baixo para cima. Pulando para se colocar em pé novamente, arrancou mais uma vez a espada e a balançou na direção da cabeça do monstro com um movimento limpo e rápido.

A espada sequer sibilou, pois o ar nem sempre percebia o movimento a tempo de reagir.

*Quando a luta é fácil demais, não vale tanto a pena*, refletiu, enquanto baixava a espada e se colocava acima, mirando as presas dele. *Quatro presas. Que beleza!* Se eles fossem peixes, ela simplesmente os pescaria e os jogaria de novo na água.

Mas ela estava de volta com força total, e a sua mente já lhe parecia bem mais clara com relação a Sebastian Wroth. A solidão comovente daquele vampiro já não a envolvia tanto quanto a neblina que rastejava por Londres. Com essa clareza de mente, ela estaria de volta ao normal e poderia se preparar em dois dias para a Corrida do Talismã. Não ficaria assustada e fora de foco, como reudara ao longo de toda a viagem de volta a Londres. Nem ficaria tão *desestruturada* quanto imaginara.

Nada disso, ali estava ela, de volta. Fria como gelo.

Saindo de King's Cross, voltou numa corrida desabalada até sua *townhouse* em Knightsbridge, as roupas ensopadas de sangue drapejando na névoa noturna. Sua moradia tinha um pequeno quintal e ficava numa localização perfeita: perto de um mercado – até parece que Kaderin se ligava nessas coisas –, mas os fundos davam para uma antiga cavalaria sombria, e isso permitia que entrasse sem ser vista. Ela pulou o muro que dava para o quintal, entrou sorrateiramente e subiu a escada correndo.

Arrancou as roupas que tinha roubado de Myst, olhou com apreço para elas e, em seguida, atirou-as na pilha que iria para a lavanderia (não tão cedo). Depois, entrou debaixo da ducha e lavou todo o sangue do corpo.

Enquanto enxaguava o cabelo, não pensou mais no vampiro. Nem por um segundo. Ignorou as perguntas mentais sobre o porquê de ele estar naquele castelo e o que provocara nele o desejo de dar cabo da própria vida miserável. Todas essas informações e outras, como saber em que guerra ele lutara, eram irrelevantes.

Depois de vencer a Corrida do Talismã e quando se sentisse pronta, voltaria lá para acabar com ele.

Nesse meio-tempo, ele certamente procuraria por ela. Vampiros que encontravam suas... suas Noivas não toleravam a ideia de perdê-las. Mas ele não conseguiria mais encontrá-la, especialmente porque

descobriria apenas o seu primeiro nome. Os aldeões que moravam ali perto desapareceriam do vilarejo morrendo de medo, antes de o sol se pôr a cada dia, e ficariam fora dali durante toda a noite, até Kaderin poder retornar. Se não cumprissem o combinado, enfrentariam a fúria dela.

Qualquer outra pessoa do Lore, que tivesse condição de lhe revelar essa informação, certamente fugiria correndo ao vê-lo, assim que percebesse que Sebastian era um vampiro. Ele era um proscrito em qualquer lugar e diante de qualquer ser, fosse ele humano ou uma das criaturas do Lore. Além do mais, enquanto Kaderin estivesse competindo na Corrida do Talismã, ele obviamente não conseguiria localizá-la. Ao longo das semanas seguintes, ela nunca dormiria duas noites no mesmo lugar, pois estaria participando de uma competição disputada nos mais remotos pontos do planeta. Kaderin ganharia muitos prêmios, joias e amuletos.

Ela se encontraria novamente com ele no momento que decidisse e sob os seus termos e condições. Sim, tudo estava sob controle.

**Ao longo dos três últimos dias, Sebastian considerava uma provação infernal estar perto de tantos humanos... um bebedor de sangue, um predador, caminhando em meio às pessoas, como se ainda fosse uma delas. Especialmente depois que as mulheres começaram a olhar para ele com interesse, até mesmo seguindo-o, para sua consternação.**

**Mas lembrou a si mesmo o que estava em jogo ali e completou cada tarefa proposta numa expectativa impaciente de encontrar Kaderin, embora não tivesse a menor ideia de como fazê-lo. Os aldeões, sua única pista, tinham desaparecido do vilarejo; pelo menos, durante as noites. Ela certamente os avisara de que deveriam sumir.**

Depois de tanto tempo, estava de volta a Blachmount. Espantou-se mais uma vez com o tamanho da velha propriedade, apesar de ela estar tão decrépita quanto o castelo em que morava. Desenterrara o velho ouro de seus baús e vendera as moedas antigas em São Petersburgo. Com dinheiro na mão, tinha conseguido vestimentas adequadas no único lugar onde sabia que os homens ricos costumavam comprar roupas: Savile Row, em Londres. Sebastian estivera no porto de Londres uma vez, quando ainda era mortal, e se lembrava vagamente do lugar. Mas bastou uma imagem mental para levá-lo até lá.

O dinheiro garantia horários especiais com os alfaiates do lugar, sempre depois do anoitecer, para tirar medidas. A cada noite, antes de ir à cidade, ele se forçava a comprar e beber o sangue obtido com algum açougueiro local.

Fizera tudo isso porque queria se transformar num homem que Kaderin conseguisse desejar. Mas também estava desesperado por qualquer coisa que pudesse manter sua mente ocupada. A todo instante se perguntava onde ela poderia estar naquele momento, e se estaria a salvo. Lembrou-se de que Kaderin tinha chorado na manhã em que ele a vira, e chegara a se dobrar para frente de dor.

Mas não conseguia encontrá-la.

O sotaque dela tinha uma característica lenta e arrastada, mas isso ajudara pouco a determinar seu lugar de origem. Ele não poderia se teletransportar para a terra natal dela, a fim de dar início à sua busca, porque não sabia nem mesmo em que continente ela morava. Além do mais, seus irmãos lhe haviam contado que os vampiros só conseguiam se teletransportar para lugares onde eles já tivessem estado alguma vez na vida. Se ela não estivesse na Europa nem na Rússia, ele não poderia alcançá-la.

Repetidas vezes, ele pensava: *Se ao menos eu pudesse me teletransportar diretamente até ela.*

A ideia de que um vampiro não precisava saber *como chegar* a uma determinada localização, bastando para isso simplesmente *visualizá-la*, não fazia sentido algum para Sebastian. Ele se teletransportara da Rússia para Londres a fim de comprar roupas, mas não fazia ideia da rota exata a seguir. Se simplesmente enxergar a localização era a única exigência, por que *uma pessoa* não poderia ser o destino?

E se houvesse mais segredos a respeito do teletransporte e seus irmãos não compreendessem tudo sobre o processo? Eles tinham sido transformados recentemente em vampiros e admitiam sua ignorância acerca de muitas das coisas do Lore.

Vampiros podiam se teletransportar todos os dias para um lugar onde indivíduos específicos estivessem...

Sebastian era uma figura ímpar na sua família. Estudioso e pesquisador dedicado, o único filho introspectivo entre os quatro irmãos. No campo de batalha, sempre usara a perspicácia e a força bruta, valendo-se do cálculo e da previsão tanto quanto do treinamento que havia recebido. Era um pensador que adorava resolver problemas; seu pai infundira nele a crença de que a mente era capaz de feitos inimagináveis, desde que uma pessoa fosse forte o bastante para acreditar ser isso plausível.

E Sebastian precisava acreditar que era possível se teletransportar até onde Kaderin estava. A alternativa era esperar pelos aldeões, e essa era uma situação insustentável.

Sua família sabia que ele já tinha sido procurado para se unir a ordens cavaleirescas e eclesiásticas, e também a várias seitas secretas de conhecimentos ancestrais, que buscavam recrutá-lo. O que seus familiares não sabiam era que ele tinha aceitado uma oferta dos Irmãos da Espada da Estônia, e aprendera muito sobre o mundo a partir da isolada Blachmount, correspondendo-se com mestres das áreas da física, da astronomia e de todas as ciências. Com o tempo, ele teria até mesmo navegado através do Mar Báltico e dos mares do Norte para se sagrar cavaleiro em Londres.

Enquanto seus irmãos lutavam uns contra os outros e perseguiram mulheres, Sebastian passava o tempo estudando e adquirindo cada vez mais confiança em sua capacidade de aprender.

Talvez os antigos sacrifícios feitos por Sebastian pudessem beneficiá-lo agora, quando procurava desesperadamente pela única mulher que alguma vez importara para ele.

Enchendo-se de uma ardorosa determinação, Sebastian tinha vasculhado com cuidado todos os lugares dos quais vagamente se lembrava dos tempos de criança, estudando a intensidade de esforço e de clareza mental necessários para alcançar seu objetivo.

Convenceu a si mesmo de que bastava enxergá-la mentalmente com muita clareza, como se ela fosse um lugar.

Sempre havia o perigo inerente em se teletransportar para algum lugar inesperado. Ela poderia estar sob um inclemente sol equatorial ao meio-dia, e ele ficaria ofuscado demais para escapar. Ela poderia estar em um avião, e, se seu ponto de chegada no teletransporte falhasse em menos de um metro, ele poderia ser sugado por uma turbina.

Mas tudo bem... teria valido a pena.



Talvez Kaderin tivesse determinado que tudo estava sob controle um pouco cedo demais.

Desde aquela noite, seu dom vinha se comportando como o motor de um velho Karmann Ghia conversível: às vezes, falhava. Ali estava ela, batalhando como sempre, e então, do nada... uma falha ocorria.

Naquele exato momento, por exemplo, ela sentia uma espécie de dor oca e estranha. Talvez estivesse... preocupada. Por coincidência, tinha necessidade urgente de saber se a sua sobrinha

Emmaline, de apenas setenta anos e filha de Helen, estava melhor. Da última vez que perguntara por ela no coven de Nova Orleans, soubera que Emma tinha sido perigosamente ferida por um vampiro.

Ligou para a propriedade e torceu para que Regin, a Radiante, não atendesse o telefone. Kaderin não estava preparada para aturá-la nem para falar com ela. Pelo menos, não tão cedo, logo depois daquela precipitada e imprudente madrugada com o vampiro.

A raça inteira de Regin tinha sido aniquilada pela Horda.

Kaderin moldara Regin para ser uma assassina tão habilidosa quanto ela mesma. Treinara-a e mantivera vivo o ódio que Regin sentia pelos vampiros.

– Espada para cima! Lembre-se da sua mãe – dissera vezes sem conta à menina, ao mesmo tempo que repetia para si mesma, mentalmente: *Lembre-se das suas irmãs.*

*Tomara que Regin não atenda...*

Regin atendeu:

– Ponte de comando. Uhura falando.

Kaderin suspirou e balançou a cabeça ao ouvir a referência a *Star Trek*. Kaderin não gostava de citações ligadas à série.

Mas Regin era assim mesmo. Apesar do ódio forte e constante que dedicava aos vampiros, era uma pessoa boa de se lidar, descontraída, de riso fácil e muito travessa.

– Olá, Regin, aqui é Kaderin. – Engoliu em seco. – Estou ligando para saber de Emma. Ela está melhor?

– Oi, Kiddy-Kad! Ela está absurdamente melhor. Já ficou completamente curada.

– Curada? – espantou-se Kaderin. – Que notícia excelente! Mas como isso aconteceu? As feiticeiras ajudaram?

– Na verdade, ela se casou com o Lykae, aquele lobisomem nojento que nós queríamos castrar, lembra? Faz duas noites que o casamento deles aconteceu.

Será que Regin se esquivara ou tinha tentado minimizar a importância daquilo de propósito? Kaderin quis fazer mais perguntas, mas sempre acreditara que desencavar os segredos alheios era o mesmo que dar autorização para o destino revelar os dela. Ainda mais agora, com seu novo segredo. Kaderin resolveu deixar Regin escapar com facilidade, pelo menos dessa vez.

– Não acredito que ela tenha se casado com ele. – Afinal, aquele lobisomem fugira com Emmaline; raptara-a, levando-a para o castelo dele, na Escócia.

– *Pois é.* Um terrível *Lykae*. Mas poderia ser pior, eu acho. Poderia ter sido uma sanguessuga. – Embora Emmaline fosse ela mesma metade “sanguessuga” e bebesse sangue para se manter viva, o coven nunca pensava nela dessa forma. – Ainda bem que não foi. Emma não é *tão* burra a esse ponto.

Kaderin sentiu uma fisgada na bochecha, quase como se tivesse feito uma careta ao ouvir isso. Os covens das Valquírias estavam em guerra com os vampiros naquele exato momento, e o Lore caminhava na direção de um Acesso – a guerra entre os imortais que acontecia a cada quinhentos anos. Durante períodos como aquele, Kaderin deveria *traçar* vampiros por toda a face da Terra, e não *transar* com eles. Puxa, será que seu rosto tinha ficado vermelho?

– Tentamos ligar para você – afirmou Regin. Kaderin a ouviu estourar uma bola de chiclete. Como muitas Valquírias, ela só mascava uma marca específica: Sad Wiener de hortelã, o que era asqueroso.

Kaderin preferia, secretamente, Happy Squirrel sabor laranja. – Acho que você esqueceu o celular na casa do Lykae quando rolou aquela confusão.

– Sim, eu sei – confirmou Kaderin, mas se viu questionando se elas realmente tinham ligado para ela. Kaderin era uma verdadeira incógnita emocional, e muita gente se sentia desconfortável perto dela... especialmente em comemoração.

Kaderin sabia reconhecer quando as situações tinham humor. Mas nunca conseguia rir. Sabia que amava suas meias-irmãs, mas nunca sentira necessidade de demonstrar afeto. Durante um casamento, por exemplo, ela sequer esboçava um sorriso.

Mordeu o lábio inferior e olhou para o pé. Por sorte, Kaderin também não conseguia sentir a dor de ser sempre deixada de fora nessas horas. Não sentia nada.

– Pois é, Regin. Acontece que eu nem me importei de deixar o celular para trás desde o dia que você personalizou o aparelho para sempre com o toque do Sapó Maluco.

– Eu? Como assim? *Do que está falando?*

– Diga a Emma que eu mandei os parabéns e desejei felicidades para ela – disse Kaderin. – Myst está por aí? – Talvez Kaderin conseguisse descobrir o porquê de Myst ter ficado tão apaixonada por aquele general vampiro com quem se unira... sem precisar revelar que ela mesma tinha se interessado por um, é claro.

– Myst está ocupada.

– Fazendo o quê? Quando ela vai poder falar comigo?

– Sei lá. – Outra bola de goma de mascar estourou. – A Corrida do Talismã começa daqui a dois dias. Você está preparada?

Outra mudança de assunto?

– Estou me preparando – respondeu Kaderin.

Os suprimentos dela já estavam embalados, e o transporte fora confirmado. Essa parte tinha sido fácil. O Tratado, uma federação que englobava os doze covens de Valquírias, concordara que elas precisavam ter capacidade de se mover rápido por todo o planeta. Especialmente Kaderin, na Corrida que estava para ter início. Diante disso, montaram uma rede de helicópteros e jatos que estariam à disposição dela em todos os continentes.

Pilotos estariam sempre a postos para atender Kaderin em todas as principais capitais do mundo. Conforme ela mesma havia especificado, esses pilotos deveriam ser demônios, porque eles não costumavam fazer muitas perguntas.

Naturalmente, as Valquírias, com suas sensibilidades exacerbadas, tinham tudo do bom e do melhor. Todos os competidores da Corrida do Talismã que tivessem um mínimo de valor certamente aproveitariam as facilidades de locomoção proporcionadas pelos modernos meios de transporte. Só que nem todos teriam à sua disposição helicópteros de luxo e jatinhos executivos.

– E então, qual vai ser a sua primeira parada? – quis saber Regin.

– Todos os competidores terão de se reunir no templo de Riora. – A deusa Riora era a patrona da Corrida do Talismã. A competição era dela, só ela determinava as regras e só ela decidia os prêmios.

– É uma espécie de orientação geral?

– Pode-se dizer que sim. – O primeiro passo de Kaderin era ir do exclusivo e moderno aeroporto de jatinhos executivos em Londres até o antigo templo de Riora, que ficava escondido no meio de uma

floresta encantada. O templo tinha sido construído antes de os humanos começarem a contar suas histórias de uma geração para outra, e só poderia ser localizado seguindo-se um curso traçado a partir de coordenadas secretas.

Era como se Kaderin voltasse no tempo. No entanto, ela iria viajar num Augusta 109, um dos mais velozes, modernos e caros helicópteros civis do mundo.

Regin parecia estar escrevendo num teclado e avisou: – Você sabe que os resultados de cada etapa da Corrida do Talismã devem ser colocados na internet em tempo real, não sabe? Isso é muito conveniente, já que você nunca se dá ao trabalho de nos comunicar o que vai fazer, apesar da imensa quantidade de pombos-correios que temos à nossa disposição. A propósito, eu me afeiçoei a eles, tinha batizado todos, um por um, e você... você simplesmente os *libertou*.

– Divulgar os resultados pela internet será mais interessante. Os pombos, mesmo quando são amados, preferem ser livres.

Agora estava criado o drama por causa dos pombos. Situações como aquela lembravam Kaderin dos motivos de ela preferir trabalhar sozinha.

**Quando o sol se pôs, Sebastian tomou uma ducha da única forma que era possível em seu castelo: com água de neve derretida, recolhida numa cisterna e levada por um cano, ainda fria como gelo, até um pequeno cômodo azulejado e com um ralo no chão. Depois disso, vestiu roupas novas. Lustrou a lâmina da sua espada, colocou-a dentro da bela bainha e a prendeu no cinto, junto do quadril. Em seguida, sentou-se na beira da cama e se preparou para testar sua teoria.**

Tudo dependia do sucesso dele. *Eu preciso encontrá-la para tê-la.* Sua mão estava molhada de suor em torno do punho da espada.

Franziu o cenho. Se aquilo funcionasse, ele não queria aparecer diante dela com aquele ar de adversário. Imaginou-se materializando-se em meio a um jantar de família – o vampiro crescido em excesso, armado com uma espada muito grande. Desafivelou o cinto, colocou-o de lado e tornou a se sentar.

Tudo se resumia na atenção aos detalhes. Foco. Concentrou-se nela por longos momentos. *Arranque tudo da sua mente, exceto ela...*

Nada. Ele se recostou.

*Imagine-se vendo o rosto lindo dela mais uma vez.* Suas feições de elfo, o queixo delicado, as maçãs do rosto altas, o jeito como o fitara com olhos castanhos que pareciam queimar lentamente.

Respirou mais devagar. *Lembre-se da sensação de tê-la por baixo de você.* O corpo dela era muito macio, generoso, e se encaixava perfeitamente no dele.

A lembrança do perfume do cabelo e da pele dela pareceu chamá-lo com a força de um grito. Ele começou o teletransporte e se sentiu abandonando o ar frio do castelo e entrando num lugar mais morno, mas não fazia a mínima ideia do que iria encontrar.



## **Templo da Deusa Riora, Floresta de Codru, Moldávia Dia 1º da Décima Segunda**

**Edição da Corrida do Talismã** *A panelinha de sempre*, pensou Kaderin, com uma pontinha de tédio. De seu lugar junto ao gradil de um balcão elevado, ela analisou a assembleia reunida abaixo, nas galerias do Templo de Riora.

Como na maioria dos templos, o de Riora ostentava o obrigatório painel de mármore em estilo paladiano, com piras de fogo e velas para acendê-las. No entanto, as semelhanças terminavam aí. Construído num lugar muito distante, no coração da encantada Floresta de Codru, o lugar tinha carvalhos cobertos de líquen que pareciam entrar pelas paredes ou jaziam caídos no meio dos salões internos. Raízes faziam o volumoso piso interno se elevar em vários pontos. O domo era uma gigantesca claraboia com intrincados mosaicos em vidro, sem padrão definido.

“Ordem conquistada, impossibilidade encarnada.” Esse era o lema de Riora. Ela era a deusa da impossibilidade, enaltecida por tornar possível tudo que fosse *impossível*. No entanto, pouca gente sabia disso; ela era reservada, brincalhona e gostava de espalhar boatos. Nos últimos cinquenta anos, tornara-se a deusa das roupas soltas e dos acessórios despojados, a chamada “alta-costura para jogar boliche”.

Kaderin se colocara ali à espera, na companhia de centenas de outros competidores, porque Riora estava atrasada novamente. Como sempre. Para forçá-la a chegar aos lugares na hora marcada, Kaderin tinha sido tentada, na última competição, a declarar que era impossível para a deusa ser pontual. Mas não o fez, porque Riora simplesmente retrucaria com algo inesperado como “impossível é uma Valquíria tomar banho num barril de óleo fervendo durante uma década”.

Para passar o tempo, Kaderin olhou para baixo com desdém, observando as ninfas e certificando-se de que elas notavam seu desprezo. Em seguida, empinou o queixo ao ver Lucindeya, a sereia que fora sua concorrente mais acirrada na última Corrida do Talismã. Também conhecida como Cindey, era uma rival violenta e implacável; isso lhe garantia o respeito de Kaderin. Ambas costumavam usar uma à outra para avançar na competição, até sobrarem apenas as duas para disputar as finais.

A partir daí, tudo poderia acontecer.

Na última vez, Cindey tinha quebrado dezenas de ossos de Kaderin. Só que, no fim, Kaderin quebrara o dobro de ossos de Cindey, rachara seu crânio e, segundo diziam, rompera o baço da sereia.

Ao ver os adoráveis kobolds, espécie de gnomos que moravam embaixo da terra, Kaderin esticou o braço na direção da espada que trazia presa às costas. Segurou o punho com força e nem precisou empunhá-la para o macho mais alto do grupo – que tinha apenas um metro e vinte de altura –, pois ele engoliu em seco e baixou o olhar rapidamente. Os kobolds, na verdade, apenas *pareciam* benéficos e gentis... até devorarem alguém.

Kaderin era uma das poucas criaturas vivas que já os vira como realmente eram: predadores com aspecto reptiliano que surgiam de repente da terra e caçavam em bandos. Ela não achava o termo *gnomo assassino* terrivelmente engraçado, como acontecia com todas as suas irmãs.

A multidão de competidores consistia em todos os tipos e figuras do Lore: trolls, bruxas e as nobres fadas. Demônios das muitas demonarquias também estavam presentes.

Kaderin notou os veteranos que pareciam dispostos a conquistar o grande prêmio – não importava que mercadoria valiosíssima fosse oferecida ao vencedor. E identificou os abutres que planejavam apenas agarrar os talismãs individuais designados para cada missão.

E também havia os novatos. Ela os reconheceu de imediato, pois eram os únicos que ousavam encará-la.

Na condição de competidora famosa – e campeã que reinava havia mais de um milênio –, Kaderin se tornara muito conhecida pelo público em todo o Lore, mais do que muitas das suas irmãs. Conquistara poder e respeito para os seus covens – e para ela mesma. Se fosse alguém dotada de *sentimentos*, certamente sentiria orgulho da sua reputação. Mal conseguia acreditar que tinha arriscado essa reputação de forma tão tola em seu recente momento de leviandade.

Em relação às irmãs, se ela caísse em desgraça, aquilo seria como um mergulho de cabeça...

Subitamente, suas orelhas se contraíram. Sentindo algo que se movia em meio às sombras no fundo da varanda, ela se virou e viu um macho imenso com olhos que brilhavam na escuridão. Um Lykae? Ora, aquilo era muito incomum. Os lobisomens e os vampiros nunca participavam daquela competição.

Os vampiros da Horda consideravam aquela disputa algo inferior, e os misteriosos Abstêmios sequer sabiam da sua existência. O Lore achava divertido, e também uma opção mais astuta, manter em completa ignorância todos os humanos que tinham se tornado imortais.

Por sua vez, os Lykae tradicionalmente não davam a mínima para o torneio.

No passado, esse conjunto de circunstâncias tinha sido um bônus. Os Lykae – apesar da sua aparência selvagem, tempestuosa e belíssima – eram bitolados e brutais. Quanto aos vampiros... Bem, considerando a sua capacidade de teletransporte, seriam praticamente invencíveis.

O lobisomem se movimentou nas sombras, aproximou-se dela, e Kaderin o reconheceu. Era Bowen MacRieve, primo e melhor amigo do lobisomem que se tornara marido de Emmaline. Ele perdera um pouco de peso ao longo do último milênio. Afora isso, notou que tinha mudado muito pouco – o que significava que continuava belíssimo.

– Kaderin. – Os olhos dourados dele eram vívidos e seu cabelo, espesso e comprido. Ele não se dirigiu a ela como “Lady Kaderin”, como fazia o restante do Lore. A verdade é que não a temia.

– Bowen. – Ela inclinou levemente a cabeça.

– Não vi você no casamento. Foi uma festa muito boa.

*Ele* fora ao casamento de Emma, e ela perdera a cerimônia.

– Estou curiosa sobre o motivo de você estar aqui.

– Vou competir. – Sua voz tinha um trovejante sotaque escocês.

Vozes graves eram atraentes. Uma lembrança intrusa surgiu na cabeça de Kaderin, trazendo à sua mente a voz muito grave do vampiro, que falava entre os beijos. Sacudiu-se com força.

– Você será o primeiro Lykae a fazer isso em toda a história da competição.

Ele encostou o corpo alto na parede, com um jeito absolutamente indiferente. Era tão alto quanto o vampiro, mas um pouco mais magro. Ambos tinham um jeito rústico, mas Bowen poderia ser considerado dono de uma beleza mais clássica.

*Ela o estava comparando com o vampiro? Que lindo! Como se Sebastian Wroth fosse uma carne carimbada como nobre pelo Ministério da Agricultura.*

– Está alarmada com a concorrência, Valquíria?

– Pareço apreensiva? – Ela sempre gostava de perguntar isso, pois sabia que a resposta, invariavelmente, seria negativa. – Por que você resolveu participar só agora? – Ela já vira Bowen combatendo vampiros num campo de batalha, muitas eras atrás. Ele costumava ser impiedoso no passado, e ela seria capaz de apostar que isso também não mudara.

Bowen respondeu com naturalidade.

– Um amigo me contou que talvez eu tivesse um interesse particular no grande prêmio final.

Sim, Bowen era ainda mais bonito. Os olhos do vampiro, porém, tinham um tom de cinza muito forte, escuro e irresistível. Se uma mulher se deixasse perder por alguém com os olhos de Sebastian, certamente iria querer agradá-lo de qualquer forma que ele quisesse. Quanto aos olhos de Bowen? Bastava um vislumbre deles, e uma mulher não saberia se era melhor pular em cima ou fugir dele.

Obviamente, o dom da falta de sentimentos de Kaderin estava se aguentando muito bem, porque ela não sentiu sequer um tremor de desejo pelo Lykae.

– Você sabe qual será o prêmio? – perguntou ela, mas Bowen não lhe deu atenção. As bruxas tinham acabado de chegar. Uma delas se chamava Mariketa, a Aguardada; a outra, Kaderin não conhecia. Bowen

parecia muito ocupado, analisando-as atentamente. – Se você se distrai assim com tanta facilidade – brincou Kaderin –, eu não terei problemas.

Ele pareceu cuspir as palavras.

– O que *elas* estão fazendo aqui?

Kaderin ergueu uma sobrancelha.

– Vieram competir. Como fazem em todos os torneios.

Ela sabia que os Lykae nunca adquiriam poções e artigos de magia da Casa das Bruxas – as mercenárias místicas do Lore. Kaderin já ouvira inúmeros rumores sobre esse desprezo dos Lykae e, certa vez, chegara a especular sobre o motivo. Não conseguia imaginar a vida sem aqueles feitiços tão convenientes, como os colares para afastar vampiros e as jaulas à prova de teletransporte. Eles eram tão importantes para a vida civilizada quanto os chuveiros. A falta daqueles itens, na opinião de Kaderin, só seria imaginável num ambiente de bárbaros.

Agora, analisando a expressão de Bowen, Kaderin se perguntou se os Lykae se abstinham de comprar encantamentos, simplesmente porque as bruxas os assustavam.

– Afinal, você sabe qual será o prêmio? – repetiu ela.

– Não sei exatamente – disse ele, a atenção ainda presa às duas bruxas. – Mas eu sei o bastante para preveni-la de que serei capaz de matar para conquistá-lo. – Finalmente, olhou para Kaderin e completou: – E atrevo-me a dizer que matar você iria prejudicar a tênue trégua entre os Lykae e as Valquírias.

– Você quer dizer que, por causa do casamento de Emma e Lachlain, *eu* deveria tirar o time de campo? Apesar de esta ser a *minha* competição desde o tempo em que você não passava de um filhote de lobo recém-nascido?

Ele encolheu os ombros largos.

– Eu preferia não ferir você, apenas isso. Nunca agredi uma fêmea, muito menos provoquei o nível de danos que, segundo ouvi dizer, essa competição exige. Danos como os que *você* já impôs a outros.

– Ora, lobisomem, não odeie os participantes... odeie o jogo. – Ela se virou para o outro lado, como se o dispensasse. Uma perna quebrada logo no início colocaria aquele cão fora do páreo.

Pelo menos, ele não era um vamp...

O vampiro surgiu do nada, em pleno ar.

As garras de Kaderin se enterraram no gradil como se ela precisasse daquilo para se manter de pé.

*Como, diabos, ele conseguiu me encontrar?*

Kaderin tinha pó de mármore debaixo das garras, arrancados do lugar onde ela se segurara para não cair.

Sebastian tinha aparecido primeiramente no fundo da galeria, e ela notou quando ele se teletransportou para um canto mais escuro. Ninguém o percebera até aquele momento, senão o povo já teria se espalhado em fuga pelo salão, como se alguém tivesse acionado o alarme de incêndio. Portanto, ele tinha a habilidade de se teletransportar parcialmente, tornando-se quase impossível ser visto ou farejado pelas criaturas inferiores. Kaderin já vira vampiros capazes de usar aquele inteligente artifício, mas eles eram muito mais velhos que Sebastian.

Entretanto, ela conseguira vê-lo perfeitamente. E, pela grande Freya, se já era bonito antes, agora estava *devastadoramente* lindo.

Tudo nele estava diferente. Ganhara mais musculatura na última semana, e isso tornara seus ombros mais largos; os músculos dos seus braços e pernas também estavam mais cheios. Sua roupa era casual, mas visivelmente cara: um terno cortado sob medida, que fazia sobressair seu corpo poderoso. Seu cabelo comprido, muito preto e reto, continuava comprido, mas recebera um bom corte.

*Mas como, diabos, ele encontrara o templo de Riora?*

Sua primeira ideia foi a possibilidade de haver alguma Valquíria dedo-duro que lhe informara seus movimentos. Mas não... Nem mesmo os patifes contra os quais ela alimentava animosidades iriam traí-la – muito menos com um vampiro.

Os culpados só poderiam ser os aldeões. Aqueles inúteis! Seus olhos se estreitaram. Aqueles pequenos inúteis *condenados*.

Um demônio alado jovem e brincalhão esbarrou sem querer na perna dele e, pela reação de Sebastian, Kaderin percebeu que ele nunca tinha visto seres como aqueles. Mas escondeu muito bem sua surpresa; esse era um bom hábito a se cultivar, pois os frequentadores do lugar acompanhariam todas as suas reações em busca de alguma fraqueza.

Se ele mancasse, as garras dos pequenos demônios voariam sobre suas pernas. Quando ele caísse de joelhos, as presas das criaturas voariam e alcançariam a jugular do vampiro na mesma hora. Era essa a realidade do Lore.

– Valquíria – chamou Bowen, atrás dela. – Eu trouxe uma coisa para você.

Como ele ousava interrompê-la quando ela estava vigiando alguém? Kaderin virou-se bruscamente e deu de cara com... diamantes. Uma belíssima gargantilha de diamantes, oferecida na palma da mão dele.

Uma das poucas fraquezas das Valquírias eram as pedras verdadeiras, que as hipnotizavam. Todas as Valquírias tinham herdado de sua mãe, a deusa Freya, a necessidade extrema de possuir essas joias. Pedras como aquelas lhes exerciam uma atração fatal. Quinquilharias com brilho falso não serviam – a zircônia cúbica não lhes provocava efeito algum –, mas contra diamantes belíssimos e cintilantes não havia defesa.

As Valquírias treinavam exaustivamente para conseguir resistir a essa tentação, mas Kaderin não se dava ao trabalho de se exercitar a esse respeito havia vários séculos. Treinar aversão por coisas e objetos era algo arduo quando não havia inclinação para assumir a posse de coisa alguma.

Se Kaderin desfrutasse da capacidade de *sentir* alguma emoção, teria sido enfeitiçada pelas pedras opacas, como obviamente era a intenção do Lykae. Ficaria fascinada pela forma como as tochas do templo iluminavam os diamantes e os faziam cintilar; ou então se mostraria fascinada pelas pequenas lanças de luz vermelha que as pedras emitiam. *Brilho, brilho, brilho...*

Ergueu os olhos. Era estranho ela ser desprovida de sentimentos e, apesar disso, perceber algo muito parecido com fúria se espalhando pelas suas veias naquele exato momento.

– Muito esperto, Bowen. Só que seus truques não vão funcionar comigo. – Droga, quase haviam funcionado. *Esqueça, livre-se dessa sensação. Não entregue a ele de bandeja as suas fraquezas.*

Quando Bowen sorriu abertamente, Kaderin resistiu à tentação de lhe lançar um olhar furioso e fez uma expressão vazia antes de se virar para procurar o vampiro mais uma vez. Duas ninfas o seguiam de perto.

– Esses truques funcionam com qualquer Valquíria – disse Bowen. – Não é assim?

Sem tirar os olhos de Sebastian, ela rebateu: – Tente isso com Regin ou com Myst. Depois me conte se o ardil funcionou ou não.

Será que as vadias daquelas ninfas chegariam ainda mais perto de Sebastian? Kaderin nunca entendera o desagrado que Myst tanto dedicava a elas. Agora entendia que Myst tinha toda razão – aquelas vacas não passavam de um bando de pequenas prostitutas.

Atrás de Sebastian, uma delas comentou: – Eu vestiria esse colete que ele está usando em qualquer orgia. – E lhe lançou um olhar comprido.

Ele se virou e viu as ninfas em suas roupas finas e transparentes. Nenhuma das duas se deu ao trabalho de esconder o desejo que sentia. Para crédito de Sebastian, porém, deve ser ressaltado que seu queixo não caiu como aconteceria com qualquer espécime humano do sexo masculino.

Kaderin não achava que, no conjunto, as ninfas fossem mais belas que as Valquírias, mas tudo nelas parecia gritar: *Trepada grátis. Venha logo que eu sou fácil de levar!* Curiosamente, muitos machos achavam isso mais atraente do que o jeito das Valquírias, no estilo *Venha me ganhar e morra de prazer, símio.*

– Hummm... Hummm... Hummm... – disse a menor das duas ninfas. – Ele é tão bonito de frente quanto de costas e...

– Não! – A outra ficou pálida e sussurrou para a amiga: – Ele não é um demônio. É um *vampiro*.

A ninfa balançou a cabeça para os lados.

– Seus olhos são limpos. E ele não fede a vampiro.

Kaderin viu Sebastian unir as sobrancelhas. Sem dúvida, pensava: *Vampiros fedem?*

A primeira gritou: – Vampiro!

Quando as duas fugiram, correndo na direção dos carvalhos do templo, Sebastian pareceu se forçar a não recuar. À sua volta, vários seres ficaram em estado de alerta ao reparar na presença dele e se espalharam pelo salão. Quase todos os humanos que viravam vampiros ficariam muito perturbados depois de uma demonstração de pavor como a que assistira. Sebastian, porém, esticou as costas e pareceu ainda mais arrogante do que quando surgira. Estreitando os olhos, vasculhou o ambiente.

Kaderin conseguia imaginar seus pensamentos. Sim, aquela situação era confusa, mas ele estava ali por alguma razão.

Encontrara sua Noiva. Porque os vampiros que encontravam suas Noivas não toleravam perdê-las.



Sebastian ergueu os olhos e viu Kaderin apoiada no gradil de um balcão acima dele.

Ela estava ali. Finalmente, ele *conseguiu*!

Tinha se teletransportado até ela!

Ele quase suspirou de alívio, mas segurou a vontade, extremamente alerta de que à sua volta havia muitos seres de fantasias e pesadelos – e todos os olhos continuavam grudados nele. Quando seu alívio se tornou uma satisfação presunçosa pela façanha alcançada, ele sorriu com afetação.

Só então notou a roupa que Kaderin estava usando. Com uma saia pecaminosa, muito curta, jaqueta de couro e botas de cano alto, ela se sentara sobre o peitoril do balcão, deixando uma das pernas pendurada e a outra estendida para frente. Furioso com a exibição pública de Kaderin, ele olhou com raiva para os machos daquela assembleia heterogênea.

Nunca fora um homem ciumento. Nunca encontrara coisa alguma que desejasse ter somente para si. Agora, porém, o ciúme o consumia e fazia suas presas se afinarem; sentiu vontade de exibi-las. Ela pertencia a *ele*. Sebastian não pretendia compartilhar sequer o menor vislumbre do corpo dela.

Kaderin olhou para outro lado, ignorando Sebastian, e se dirigiu a um macho imenso com olhar selvagem, que estava parado perto demais dela.

Sebastian sabia que seria o perseguidor naquela relação, pois era quem mais tinha a ganhar. Depois daquela madrugada, porém, esperava, ao menos, um olhar de reconhecimento quando ela tornara a vê-lo. Ou uma reação, talvez? Quem sabe um leve entreabrir de lábios, ou um ar rosado invadindo-lhe as maçãs do rosto altas e bem esculpidas.

O que ela estava fazendo ali, com todos aqueles seres? Se ele se permitisse analisar tudo o que via à volta, poderia enlouquecer. De novo. Sendo assim, preferiu ignorar todo mundo e não prestar atenção aos apêndices inesperados que as pessoas pudessem exibir – fossem chifres, asas ou braços múltiplos.

Não se lembrava de estar tão inseguro diante de uma situação. Ora sentia-se um humano atônito, ora um monstro. Não deixara de perceber que as fêmeas que tinham *imerso com as árvores* acreditavam que, naquele mundo, os vampiros pudessem ser ainda piores que os demônios. Quase amaldiçoou Nikolai mais uma vez por tê-lo forçado a se tornar algo vilanesco – até mesmo para aquelas criaturas –, mas se lembrou em seguida de que, não fosse pelo seu irmão, ele não teria sobrevivido para conhecer Katja.

Canalizando para a própria aparência, a arrogância aristocrática que lhe fora instilada desde o nascimento, subiu a escada que levava até ela.

– Katja – chamou, e quando achou que Kaderin iria ignorá-lo por completo, ela finalmente se virou. Ao passar por um tronco podre colocado no alto da escada, ouviu um murmúrio que veio lá de dentro: – *Ele a chamou de Katja? Cubra os olhos das crianças porque vai respingar sangue.*

Ao olhar para trás, Sebastian viu que o tronco caído estava cheio de criaturas semelhantes a trolls. Nunca tinha visto algo assim.

Quando se aproximou mais, viu que o macho de olhar selvagem com quem ela conversava havia pouco recuado e desaparecera nas sombras.

– Tenho algo importante para lhe dizer – comunicou Sebastian.

– *Ele quer falar com ela* – ouviu ele, em outro sussurro vindo do tronco.

– Você foi convidado para vir a este lugar? – quis saber Kaderin.

– Não.

Ela virou a cabeça de lado, mostrando-se curiosa.

– Então... Como conseguiu se teletransportar para um lugar que não aparece em mapa algum? Sei muito bem que você nunca esteve aqui.

– Não foi tão difícil – garantiu ele, decidindo, por algum motivo, esconder sua bela façanha. – Preciso conversar com você sobre o que aconteceu.

Do tronco, ouviu: – *O que pode ter acontecido entre Lady Kaderin e um vampiro? O que será que rolou?*

– Pois perdeu a viagem – retrucou ela. – Não tenho nada para conversar com você.

Quando o homem nas sombras lhe lançou um olhar assassino, Sebastian exibiu as presas e ficou feliz ao fazê-lo. Cerrou os punhos ao lado do corpo, ao lembrar-se de que aquele sujeito estivera perto demais da sua Noiva. Quem não faria isso ao vê-la usando tão pouca roupa?

– Por que você está vestida assim?

– *Oh, não, ele não disse isso!* – foi o murmúrio que veio do tronco.

– *Disse, sim!*

Kaderin ergueu uma sobrancelha para Sebastian e abriu de leve os lábios muito vermelhos para emitir um silvo casual na direção do tronco. Os seres se calaram na mesma hora.

Na galeria abaixo, mulheres com aparência de ninfas riam com ar de deboche e cochichavam sobre Kaderin estar *se misturando à gentilha vampiresca, exatamente como a irmã*. Os olhos escuros de Kaderin se arregalaram, surpresos com a audácia delas. Agachou-se como quem se preparava para saltar do balcão, mas as ninfas correram na direção dos carvalhos.

A atenção de Sebastian se voltou por completo para Kaderin...

Não houve tempo de se preparar para o ataque.

**B**owen surgiu das sombras e se lançou sobre o vampiro. Ao ver seu pulo furioso, Kaderin simplesmente se perguntou por que Bowen levava tanto tempo para atacar, já que os Lykae estavam em guerra com os vampiros. Talvez os olhos limpos do vampiro o tivessem enganado, ou talvez o fato de Sebastian não feder a sangue e morte tivesse confundido Bowen.

Numa mistura de garras e punhos voadores, ambos se lançaram contra a parede, sacudindo o sólido templo de mármore. O domo de vidro rachou no alto.

Sebastian empurrou Bowen e pulou nele com agilidade, agarrando-lhe a garganta com uma das mãos. Com a outra, aplicou-lhe um golpe. Bowen socou-o ao mesmo tempo, e um arreventou o rosto do outro.

Kaderin reparou que aquela briga não acabaria tão cedo. Ambos eram atraentes, exímios guerreiros, e a verdade é que, na vida, havia coisas piores para assistir do que a um belo embate como aquele. Com muita calma, ela se acomodou, pronta para observar a luta com frio distanciamento.

Golpes certos continuavam a ser aplicados pelos dois lados. Sebastian protegia com firmeza o seu espaço contra Bowen. As galerias fervilhavam de surpresa e empolgação. Bowen realmente parecia ter perdido um pouco de peso desde a última vez que Kaderin o vira, mas mesmo assim...

Aguentar os poderosos socos na cara de um Lykae sem perder o equilíbrio era algo novo.

Os dois se chocaram contra o gradil, junto de onde Kaderin estava sentada, e o destruíram, caindo no andar de baixo. Sebastian não se teletransportou e recebeu todo o impacto da queda. Enfrentava alguém que pertencia à espécie mais fisicamente poderosa de todo o Lore, e, se não começasse a se desviar dos golpes, Bowen o mataria com facilidade.

Ambos se colocaram de pé novamente com um pulo, circularam em torno um do outro, tentando encontrar os mútuos pontos fracos e atacando de vez em quando. Sim, Sebastian recebia os golpes sem se abalar, mas era ambidestro e atacava com vigor usando o punho esquerdo e o direito com a mesma força, acertando o alvo com inteligência e conquistando seu espaço na contenda.

Bowen tinha suas garras mortíferas e boa velocidade, mas Sebastian parecia mais habilidoso. Era muito preparado, avaliou Kaderin, e não colocava em uso a sua vantagem mais evidente.

Seus lábios estavam arreganhados para trás das presas, com ar de fúria. As íris ficaram pretas, e seu corpo, mais tenso, pareceu aumentar de tamanho. *Um macho imortal... um macho poderoso...* Kaderin reparou que se inclinava cada vez mais para frente.

Ele era mais forte do que ela imaginara. Isso também significava que era mais atraente do que supunha.

Uma imagem inesperada surgiu na mente de Kaderin: aquele corpo maciço cobrindo o dela na manhã em que o conhecera. A força com que seus braços a tinham envolvido, enquanto ele lançava os quadris contra os dela...

Kaderin estremeceu e percebeu, atônita, arrepios na pele dos seus braços. *Aquilo era novidade.*

Bowen voltou ao ataque com as garras erguidas. Sebastian deu um pulo para trás; as garras de Bowen se enterraram com facilidade na pesada coluna de mármore, como se ela fosse feita de talco. O punho de Sebastian subiu com força e quebrou o nariz de Bowen, ao mesmo tempo que Bowen lançava a outra mão para cima.

Suas garras abriram quatro sulcos profundos no tórax de Sebastian. Sangue esguichou dos dois lutadores.

Começaram os murmúrios na galeria: *“Eles estão profanando o templo sagrado de Riora! Ela vai ficar furiosa.”*

*“Pelos deuses, vejam só o estado do mármore. Seremos todos amaldiçoados.”*

*“Alguém, depressa, coloque um vaso de plantas na frente da coluna para encobrir o estrago!”*

Kaderin suspirou de puro desencanto. Aquele era o mundo ao qual pertencia.

Logo, protestos mais veementes se fizeram ouvir. Riora era uma diva que faria Mariah Carey parecer discreta. Cancelar a competição por puro capricho não seria de estranhar, vindo dela.

Um dos novos competidores perguntou: – Mas quem conseguiria separar uma briga entre um Lykae e um vampiro?

Todos os olhos se voltaram para Kaderin.

– A bruxa poderia fazer isso – replicou Kaderin, com ar calculadamente entediado ao apontar o dedo para Mariketa, a Aguardada. Mariketa, segundo diziam, era a mais poderosa entre as feiticeiras nascidas na Casa das Bruxas em várias gerações. Aparentemente, estava ali para competir, embora não parecesse ter mais de vinte e dois anos.

Não que fosse possível alguém avaliar sua idade pela aparência. Vestia uma capa e usava um feitiço de glamour tão denso que parecia ter sido fundido nela. Isso fez Kaderin especular consigo mesma que tipo de aparência verdadeira ela estaria escondendo.

– Não posso utilizar meus poderes dentro do templo de outra pessoa – respondeu a jovem.

Sem a Corrida do Talismã, grande parte da graça da vida de Kaderin desapareceria. Ela suspirou longamente, desembainhou a espada que trazia presa às costas e pulou no andar de baixo. Caminhou lentamente até onde a briga continuava a explodir e mergulhou no meio dela, pulando entre os lutadores com os braços esticados, a espada encostada no peito de Bowen e as garras posicionadas sobre a garganta de Sebastian.

Bowen rosnou, pressionando a ponta da espada com o peito.

– Porra, Valquíria, saia da minha frente. Enxergando bem ou não, você não percebe o que é esse sujeito?

Sebastian se teletransportou para o lado dela, enlaçou Kaderin pela cintura e a colocou atrás dele, para protegê-la. Manteve o braço para trás, junto dela, ficando exposto à fúria de Bowen. Kaderin foi pega de surpresa por aquele gesto, e por isso sua cara fechada ficou escondida atrás das costas largas de Sebastian.

Foi nesse instante que Bowen baixou a cabeça e atacou, apertando a mão em torno do pescoço de Sebastian, tentando arrancar-lhe a cabeça fora. Sebastian usou a mão livre para apertar a garganta de Bowen, recusando-se a usar a mão que protegia Kaderin.

Isso a fez querer exibir um sorriso.

Um macho *protegendo-a*? Que... inusitado!

Ela balançou a cabeça e apertou o braço protetor de Sebastian para se inclinar para fora, por trás dele.

– Bowen, vocês estão brigando no Templo de Riora – avisou ela. – Se continuarem a fazer isso, colocarão em risco a realização da competição.

Por baixo dos dedos dela, os músculos de Sebastian estavam tensos por causa da luta, e seu corpo estremeceu de raiva e força represada. Não conseguindo se impedir, ela aproximou o corpo do dele e curtiu o cheiro delicioso que exalava. Nesse instante, ele dobrou o braço novamente para trás e a colocou mais ainda nele.

Por que ela não o impedia de fazer isso?

– Não entendo você, Kaderin – berrou Bowen.

Ela mostrou o rosto mais uma vez atrás de Sebastian.

– Não haverá competição. Ela vai cancelar.

– Não, ela jamais faria isso, muito menos pela morte de um vampiro.

Kaderin fez que sim com a cabeça e, estranhamente, os olhos de Bowen se arregalaram, tornando-se ainda mais furiosos e assumindo o mesmo tom de azul-gelo de seu corpo selvagem. Ele largou Sebastian e ergueu as palmas das mãos para cima. Em seguida, pareceu se xingar em idioma gaélico.

Um Lykae disposto a desistir de uma luta antes de matar seu oponente? Enquanto um vampiro ainda o tinha preso pela garganta num aperto mortal? Puxa, aquela realmente era uma semana especial.

– Largue-o, Sebastian – ordenou Kaderin. – Você *tem* de largá-lo.

– Vamos acabar com isso agora mesmo – exigiu Sebastian, olhando para Bowen e quase mordendo as palavras.

Bowen simplesmente enxugou o rosto com a manga da camisa.

– Não quero. Pelo menos, não agora. – Assim que Sebastian o largou, ele recuou um passo, com as mãos ainda erguidas.

Kaderin não conseguia imaginar Bowen desistindo de uma luta. Era um macho alfa muito orgulhoso e fora treinado desde menino para matar vampiros. *Isso prova o quanto ele deseja ganhar esse prêmio.*

Bowen recuou ainda mais e desapareceu entre as sombras do salão, com os olhos fulminantes.

Quando Sebastian fez menção de ir atrás dele, Kaderin pediu: – Não. Você precisa deixá-lo ir.

Sebastian se virou para Kaderin. Ela precisou disfarçar o incômodo pela atração que sentira ao perceber que ele estava ainda mais irresistivelmente sexy devido à luta. Seu peito musculoso subia e descia devido à respiração ofegante, e estava cheio de feridas da batalha.

*É uma pena esse corpo não formar cicatrizes*, pensou ela, tornando a guardar a espada na bainha.

– Você deseja que eu o deixe escapar? – Com uma rápida olhada nos seus ferimentos assustadores, Sebastian declarou com toda a calma do mundo: – Costumo punir ofensas como as que ele fez. – Uma declaração suave feita com sua voz de trovão.

Ele enfrentara Bowen à altura. E estava pronto para dar prosseguimento à luta.

*Guerreiro. Imortal. Eu nunca fiz amor com um imortal.*

A atenção de Sebastian continuou fixa nela, perscrutando-a, como se tivesse fome só por olhá-la. Sem avisar, ele a agarrou pelo braço e teletransportou os dois novamente para a sacada que ficava nas sombras do andar de cima.

– No futuro, nunca mais se coloque em perigo dessa maneira – exigiu ele.

Ela o fitou bem no fundo dos olhos, e o chão pareceu ceder.

– Vo-você me teletransportou também? – Sentiu tonteira. Aquele era o primeiro teletransporte da sua vida. Uma sensação estranha. – Isso foi muita falta de consideração!

– Eu deveria tê-la avisado antes, Katja – reconheceu ele.

No instante seguinte, todo o mundo dela pareceu desequilibrado – as imagens, os sons e até as batidas do seu coração estavam diferentes...

Pelos deuses... Kaderin estava sentindo as coisas novamente – agora não havia mais como negar.

Tonteou de leve, mas ele segurou com força o braço dela.

*Estava desestruturada.*

Era como se ela tivesse sido carregada por uma torrente de água gélida e o seu dom de insensibilidade tivesse simplesmente... desaparecido. Por completo.

Expirou de forma descompassada, aceitando o que, por instinto, já sabia ser verdade: *Sebastian* tinha sido o diferencial que lhe trouxera aqueles novos sentimentos. Não havia nenhum poder externo e caprichoso brincando com ela, nenhum feitiço. Era simplesmente... ele.

Quis gritar para o céu, frustrada, por não entender o motivo de aquilo estar acontecendo.

As Valquírias não acreditavam no acaso, nem em coisas aleatórias. Portanto, o que poderia significar quando a atração exercida por um vampiro conseguia despertar nela emoções que estavam hibernando, adormecidas por completo e havia tanto tempo?

Ao erguer a cabeça e olhar fixamente para ele, Kaderin experimentou sua mais nova emoção: *temor*.

**K**aderin exibiu mais uma vez aquele ar de quem vivenciara uma explosão, e Sebastian se perguntou se o teletransporte surtira esse efeito nela. Xingou-se mentalmente por não prever que isso poderia acontecer.

**Com o canto dos olhos, reparou que vários seres estavam encostados no gradil da escada com os ouvidos atentos, tentando entreouvir o que eles conversavam. Deu um passo na direção deles, arreganhou os lábios e exibiu suas presas. Espalharam-se em todas as direções.**

Quando se virou mais uma vez, ela já parecia menos distraída.

– Kaderin, nunca mais se coloque no meio de uma briga como aquela. Eu tinha tudo sob controle.

– Ah, tinha? – perguntou ela, num tom indecifrável. – Pois saiba que Bowen é um Lykae que ainda não havia soltado a fera que existe dentro dele. Não havia se transformado. – Quando Sebastian uniu as sobrancelhas, sem compreender, ela explicou: – Ele é um Lykae... Um lobisomem, entende?

– E se ele se transformasse, o que aconteceria? Teria virado um lobo selvagem?

Ela olhou fixo para a mão dele, até que ele a soltou.

– Você não teria tanta sorte. – Em seguida, falando com ar distante, como se recordasse uma lembrança antiga, murmurou: – Os Lykae chamam a isso “libertar a fera de sua jaula”. Ele teria crescido mais de trinta centímetros, suas presas aumentariam de tamanho, as garras se lançariam para frente, muito mais compridas e com pontas afiadas como lâminas. Envolvendo o corpo dele, como o espectro de um fantasma, surgiria a imagem de uma besta selvagem, imensa e animalesca. – Por fim, ela olhou para cima. – E se você se recusasse a se teletransportar, essa besta seria a última imagem que você conseguiria ver na vida, antes de ela arrancar sua cabeça.

– Isso ficará para uma próxima – exclamou ele, estreitando os olhos. – O que você quis dizer com aquela história de competição?

– Você não sabe? – Quando Sebastian deu de ombros, ela completou: – Pois vai descobrir daqui a pouco. – E seguiu de volta para o gradil da sacada.

– Ele a chamou de Valquíria? – perguntou, falando depressa.

Kaderin virou-se, prendeu o cabelo atrás da orelha e confirmou: – Isso mesmo. Por quê?

– As Valquírias não são... maiores?

Kaderin lançou um olhar de desagrado.

– Um *vampiro* posando de superior?...

– Não, eu não quis insinuar isso. É que simplesmente não dá para acreditar na lenda, já que você é tão pequena.

– Pequena? Tenho mais de um metro e sessenta, uma altura muito boa para uma Valquíria. – De repente, ela caiu em si e completou: – Detesto ser chamada de pequena.

*Por que não tinha uma fração do charme de Murdoch?*, lamentou-se Sebastian.

– Quero cinco minutos do seu tempo.

– Nós dois sabemos que você nunca ficará satisfeito com isso. Se eu achasse que poderia me livrar de você lhe oferecendo apenas cinco minutos, toparia na hora.

– Pelo menos me conte o porquê de ter fugido de mim tão subitamente. O que provocou uma mudança de comportamento tão radical?

– Percebi com perfeita clareza que não quero nada com você.

– E eu me recuso a acreditar nisso depois do que aconteceu entre nós – replicou ele, baixando a voz.

Ela parecia impaciente e mal se segurava.

– Escute, se você pesquisou quem eu era só para se teletransportar até onde eu estava, deve ter descoberto que mato vampiros. Simples assim. Esse é o meu trabalho. E você é um vampiro. Portanto...

– No entanto, você não conseguiu me matar naquela madrugada. Nem hoje, quando me avistou. Ainda não terminou seu trabalho?

– *Preferi* poupar você... – disse ela, com os lábios se abrindo de leve.

– Por quê?

Dessa vez, ela rangeu os dentes e pareceu lutar para dar uma resposta. Por fim, disse: – Porque achei que isso seria falta de espírito esportivo.

– Como assim?

– Os vampiros que eu mato geralmente não apreciam a minha missão. – Foi até o gradil e se sentou novamente ali. – Costumam reagir – acrescentou, tirando a espada da bainha e colocando-a no colo. – Portanto, vampiro, esta Valquíria minúscula, que fez um péssimo trabalho, convida você a se atirar agora daqui de cima lá embaixo... e dispensa o seu papo.

– Me atirar? – Um segundo depois, ele apertou o maxilar com força. – Entendo.

Ela pegou um objeto feito de diamante no bolso da jaqueta e começou a amolar a lâmina da espada.

– Katja...

Ela se concentrou em passar o objeto em golpes constantes, para cima e para baixo.

– Kaderin – tentou ele.

Nenhuma resposta. O corpo dela pareceu ficar rígido como um tronco de árvore, e ela se perdeu nos movimentos repetitivos.

Em um segundo, Sebastian percebeu duas coisas. Ela achava aquela atividade relaxante e, por algum motivo, precisava fazer aquilo naquele momento. Ele sabia que ela desistira de conversar, pelo menos por ora. Ele fora completamente ignorado.

Nesse instante, ele reparou nos murmúrios que enchiam toda a galeria e percebeu o nome dela entre os sussurros. A audição dele tinha se intensificado depois da transformação que seus irmãos lhe haviam imposto, e sua habilidade de se teletransportar sem se materializar por completo também melhorara muito. Uma coisa era certa – ela era o assunto favorito da multidão, e poderia aprender muito sobre ela, ouvindo algumas conversas. Depois de mais uma tentativa infrutífera de falar com ela, ele se obrigou a se afastar dali e se teletransportou para trás das pessoas da galeria, prestando atenção a todas as informações.

Ouviu idosos de diferentes facções explicando coisas para jovens, e descobriu que eles estavam reunidos ali para uma espécie de caçada de algum tipo – uma gincana promovida para os habitantes do Lore. Todas as pessoas que estavam ali pretendiam competir por algum prêmio ainda não revelado.

Moveu-se para trás de um trio que se comunicava em tons guturais e logo seguiu em direção a duas outras figuras – um pai com jeito de pessoa normal, que conversava com um menino de aparência demoníaca. Eles falavam de Kaderin.

– Nunca uma pessoa a viu sorrir – afirmou o pai, com voz baixa e um olhar fugidio para a Valquíria, antes de desviar o rosto. Será que todos ali a temiam?

Sebastian já a vira sorrir, e esse momento tivera a força de um inesperado chute entre as pernas, para o qual definitivamente não estava preparado.

– Ela é um mistério completo – continuou – e leva todos os homens à loucura.

*Isso eu confirmo.*

– Por que a chamam de Kaderin Coração Gelado? – quis saber o filho demônio.

*Esse é o apelido dela?*

– Porque ela é fria, distante. Implacável. Nosso povo segue uma regra: nunca tentar conquistar os mesmos prêmios que as Valquírias.

Fascinado ao extremo, Sebastian murmurou: – Então ela é realmente uma Valquíria.

Quando a conversa do pai com o filho passou para alguém chamado Riora, ele se teletransportou para junto de outro par – uma figura com capa e capuz, ao lado de uma mulher mais velha, que segurava uma maçã vermelha demais.

– Se a Valquíria aparecer na sua frente, mude de direção, Mariketa – aconselhou a mulher. – Nunca se esqueça de agir assim. Algumas pessoas dizem que ela dá um último aviso, mas eu não apostaria nisso.

Sebastian não conseguiu ver o rosto de Mariketa por causa do capuz, mas sua voz pareceu jovial.

– Ela não é muito pequena para uma Valquíria? – quis saber a jovem.

Sebastian percebeu que Kaderin conseguia ouvi-las de longe tão bem quanto ele, pois a viu ajeitar o corpo e empinar as costas. Os cantos dos seus lábios ficaram tensos. Ele adorava o fato de Kaderin ser tão pequena comparada a ele e o quanto ela parecia frágil, mas não conseguira expressar esses sentimentos para ela. Kaderin tinha uma compleição elegante, mas era mais forte do que ele jamais julgara que uma fêmea pudesse ser.

– Elas são pequenas e parecem fadas. Isso é uma vantagem biológica – explicou a mulher mais velha. – Nunca dá para a pessoa avaliar qual será seu próximo movimento numa luta. Até ser tarde demais.



No passado, amolar sua espada tinha sido uma espécie de ritual para recuperar o foco e organizar os pensamentos. Kaderin resolvera fazer isso naquele momento porque nunca se vira mais confusa em toda a sua vida.

Por que estava tendo sentimentos? Por que ele? Por que agora?

Mas não havia motivo para pânico, assegurou a si mesma novamente. Sua dádiva de insensibilidade *teria* de voltar em algum momento. Como já acontecera antes. Certamente, seu dom voltaria. Se a presença do vampiro tinha o efeito de kriptonita para o seu dom, tudo que ela precisava fazer era se livrar dele.

Observou-o circulando de grupo em grupo. É claro que tinha ouvido todos cochichando a seu respeito na galeria lá embaixo. E Sebastian também ouvira tudo, sem ser notado. Ele se teletransportava

parcialmente com muita facilidade, até demais. Naquele estado, os vampiros tinham tão pouca substância física, que era impossível matá-los.

Sim, ele estava aprendendo muito a respeito dela. A verdade, porém, é que ninguém a conhecia o bastante para saber de suas fraquezas. Sua história era nebulosa. Ela trabalhara muito para que assim fosse. Percebeu quando ele estreitou os olhos ao ouvir as pessoas se referirem a ela como Lady Kaderin. Tal título era uma tentativa das criaturas do Lore em pecar mais por excesso de reverência do que por falta, e todos estavam certos ao agir desse modo.

Em seguida, Kaderin ouviu uma pequena joia a seu respeito, dita por um demônio do sexo feminino: – Por algum motivo, Lady Kaderin perdeu muito da sua *humanidade*. Há algum tempo, ela vive unicamente com base em seu instinto animal.

A mulher demoníaca tinha dito isso, como se viver com base no instinto animal fosse uma coisa *ruim*. Justamente no instante em que Kaderin estava disposta a descer até lá e realizar um pequeno ritual de tortura, um elfo vestindo um manto longo atravessou o salão e seguiu até o altar no fundo da galeria. Kaderin o reconheceu: era o escriba de Riora, apropriadamente chamado de Escriba.

Ele coçou a cabeça e perguntou: – Onde estão todos? Minha deusa chegará a qualquer momento.

Os seres ficaram quietos, em muda expectativa. Não era todos os dias que as pessoas podiam compartilhar a presença de uma deusa. Uma das demoníacas mães faladeiras molhou a mão com a língua e arrumou o cabelo do filho diabinho, ajeitando os fios em torno dos chifres novos e aveludados da criança.

Quando Riora apareceu, Escriba anunciou: – A deusa Riora!

Os recém-chegados e os imortais menos entediados olharam para ela com ar de assombro. Escriba recuou e olhou-a demoradamente, parecendo muito orgulhoso de trabalhar como servo de uma divindade de tal magnitude.

Riora estava resplandecente, como costuma acontecer com as deusas. Vestia um diáfano manto dourado, preso debaixo dos seios tão generosos, que muitos poderiam confundi-la com uma deusa da fertilidade. Seu sedoso cabelo preto como asas de corvo esvoaçava e ondulava como se estivesse sob o efeito de um constante vento em torvelinho. Subitamente, Kaderin desejou que Sebastian jamais tivesse visto Riora.

Fingindo desinteresse pelo que acontecia, Kaderin virou a espada para ver Sebastian pelo reflexo. Resolveu não se importar, caso ele estivesse olhando de queixo caído para a deusa, como a maioria dos outros machos. Não se incomodaria nem um pouco.

No entanto, mesmo diante de uma das mais arrebatadoras formas femininas daquela realidade, o olhar de Sebastian permaneceu colado em Kaderin. Ela ajeitou o cabelo atrás da orelha, estranhamente lisonjeada, mas logo repreendeu a si mesma. Ajeitar o cabelo? Aquele era um gesto que ela costumava fazer antigamente, quando se sentia aturdida.

*Em que você se transformou ultimamente, Kaderin?*

– Meus cumprimentos a todos do Lore – começou Riora, com uma voz sexy e rouca. – Nesta noite, terá início a Corrida do Talismã, uma competição que nunca mudou desde que foi concebida. As regras permanecem as mesmas, e está se tornando tedioso repeti-las todas as vezes ao longo de duzentos e cinquenta anos, sempre que começa uma nova disputa. – Abanou a mão no ar de forma lenta, estudada, e girou os olhos. – Portanto, vou lhes repassar apenas o básico. Vocês deverão viajar por todo o planeta e

recuperar em meu nome talismãs, joias, encantamentos, amuletos e outros equipamentos mágicos que ambiciono ter. Algumas das tarefas que determinei oferecem múltiplos itens disponíveis aos que chegarem ao local, enquanto outras têm apenas um único item. Todos os objetivos foram escolhidos com a finalidade de forçar os participantes a lutar entre si para conquistá-los. O que torna tudo divertido. Para mim, é claro. Alguém já me disse que o mesmo não acontece com vocês.

Ela franziu o cenho, deu de ombros e continuou: – Cada item vale um determinado número de pontos, com base na sua dificuldade de obtenção e na quantidade de objetos disponíveis. Quando algum de vocês conseguir se apossar de um talismã, simplesmente segure-o com firmeza um pouco acima do coração: o objeto desaparecerá e encontrará o seu caminho até a minha mão.

Ela ergueu o braço muito pálido, e Kaderin a imaginou, por um momento, estalando os dedos no ar e colocando as mãos no quadril.

– Certa vez, alguém me disse que essa forma de teletransporte é surpreendente. – Riora refletiu um pouco e deu tapinhas no queixo. – Não considero isso tão extraordinário. O espantoso é que todos vocês possam ter algum tipo de coração, por mais frio que seja. – Lançou um olhar na direção de Kaderin, que imediatamente ergueu uma sobrancelha, e então completou: – Os primeiros competidores que alcançarem oitenta e sete pontos irão automaticamente para as finais. O motivo desse número de pontos é não haver motivo algum. Depois disso, a competição continuará, cabeça a cabeça, até o último prêmio.

Riora passeou com os olhos sobre a multidão – detendo-se por algum tempo no *vampiro* – e, em seguida, continuou a falar: – Não existem muitas regras, mas vou citar as mais importantes. Número um: Nada de assassinatos formais entre os competidores até a rodada final. É claro que mutilar, enfraquecer ou aprisionar um concorrente por meios físicos ou místicos é, obviamente, aceitável. – Concordou alegremente com a cabeça e acrescentou: – Eu diria mesmo que é um comportamento que incentivo. – Ergueu dois dedos e anunciou: – Número dois: Haverá somente um prêmio, por competidor, para cada tarefa. Em outras palavras, o concorrente que chegar primeiro não deverá limpar tudo o que encontrar, sem deixar nada para os outros. E por último: É proibido cometer algum tipo de ato que atraia a atenção dos humanos para o Lore. Isso se tornou mais importante do que nunca nos tempos de hoje. Quem fizer isso será desclassificado imediatamente e estará sujeito às minhas ações de... desagrado.

As chamas ao lado do altar aumentaram de tamanho e fulgor, iluminando a expressão de ameaça que ela exibiu. Kaderin estava entre as poucas pessoas que sabiam que aquela aparente máscara, tão selvagem e brutal, era, na verdade, a verdadeira aparência de Riora.

As chamas flutuaram no ar por algum tempo e desapareceram aos poucos, como que levadas por uma brisa; logo, as feições da deusa se mostraram novamente agradáveis.

– Para cada competidor, eu tenho um pergaminho no altar, com a minha lista de compras. A qualquer momento, ou a cada dois dias *mais ou menos*, as listas serão atualizadas de forma automática, exatamente às 7:43, pelo fuso horário do Templo de Riora. O “mais ou menos” significa que a atualização será *ligeiramente* irregular. A cada atualização, vocês receberão uma nova lista de tarefas que deverão ser escolhidas para serem completadas em um determinado período de tempo. Quando as novas tarefas aparecerem, as antigas se tornarão sem valor no mesmo instante e de forma automática. No entanto, permaneçam alertas porque alguns prêmios e tarefas poderão se repetir, desde que eu queira realmente o objeto em questão, ou tenha me divertido muito com as suas tentativas de obtê-lo na primeira vez.

Uma das ninfas que estava no fundo do salão murmurou: – Nereus, por exemplo.

Nereus, o deus do mar tão bem-dotado que chegava a ser obsceno, costumava receber sexo como pagamento pelos seus talismãs, que sempre apareciam como uma das tarefas da competição.

Escriba olhou para a multidão com cara feia, mas Riora ignorou os murmúrios.

– Agora, vocês gostariam de saber pelo que estarão competindo, certo? – Todos se aproximaram do altar. O templo caiu num silêncio sepulcral. – O grande prêmio, como sempre, tem um valor incalculável e é muito poderoso. – Fez uma pausa para efeito dramático, e Kaderin virou a cabeça meio de lado, curiosa para saber o que levaria dessa vez para o seu coven.

Já ganhara uma armadura que não poderia ser atravessada por nada físico, e um machado de batalha que conseguia matar seres do Lore sem precisar decapitá-los – a degola era a forma usual de imortais morrerem. Ambos os prêmios tinham sido oferecidos como tributo às aliadas mais antigas das Valquírias, as poderosas Fúrias. Kaderin também já havia conquistado uma gargantilha que dava a quem a usava o poder de cantar como as sereias, mas esse prêmio estava guardado no coven da Nova Zelândia. Ela também conseguira uma braçadeira que fazia com que quem a usasse sentisse um desejo sexual arrebatador. Ninguém sabia onde esse objeto estava, e isso deixava várias Valquírias muito nervosas.

O olhar de Riora passeou lentamente por todos, mais uma vez. Kaderin sentiu o peso daquele momento pressionando-a com força...

– Nessa Corrida do Talismã, vocês competirão para conquistar a Chave de Thrane.

O coração gelado de Kaderin parou de bater.

**Ao ouvir tantas exclamações de espanto, Sebastian se virou para perguntar o que era a Chave de Thrane, mas logo se lembrou de que nenhum daqueles seres falaria com ele.**

**Por fim, foi a própria Riora que explicou: – O grande mago Thrane se interessava muito por viagens no tempo, e sua chave destranca um portal; isso possibilita a quem possui o amuleto viajar ao passado. Teoricamente, essa é a mais poderosa arma que existe no planeta.**

Sebastian continuava a ser o mesmo humano que um dia fora, pouco conhecedor das coisas do Lore, mas tinha certeza de que os aspectos fundamentais da Terra não eram muito diferentes, não importava quem ou o que a habitasse. Teletransporte, por exemplo, era possível pelas leis da física; viagens no tempo, não.

– Quantas vezes essa chave poderá funcionar? – perguntou o canalha escocês.

– Duas vezes.

A multidão irrompeu em murmúrios novamente. Será que aquela competição era algum tipo de fraude? Por que todas aquelas pessoas acreditavam tão facilmente na fêmea do altar que falava em viagens no tempo com tamanha naturalidade? Será que aquela tal de Riora era realmente uma deusa? Ela parecia mesmo um ser sobrenatural, mas Kaderin também era assim.

Sebastian se teletransportou de volta até a mulher com a maçã e a jovem Mariketa. Os outros pareceram não notá-lo, mas o escocês acompanhou seus movimentos e Kaderin o ignorou.

A mulher murmurou para Mariketa: – A Valquíria certamente deseja essa chave. E muito!

Kaderin parecia a mesma para Sebastian – seu rosto calmo e seus movimentos firmes ao lustrar a espada não se modificaram.

– Como é que você sabe? – interessou-se Mariketa.

– Kaderin Coração Gelado está dando bandeira com os relâmpagos. As Valquírias produzem raios e relâmpagos, mesmo sem querer, quando sentem emoções fortes.

Aquilo era verdade? Sebastian olhou para cima através do domo de vidro e viu raios cruzando o céu. Naquela madrugada, em seu castelo, ele estava tão absorto, tão focado em mantê-la ali com ele que notara pouca coisa mais. Agora, pensando naqueles momentos, lembrou-se de ter ouvido trovões ao longe, embora o céu da madrugada estivesse limpo como um cristal. Continuou olhando para o domo, atônito. Será que achava aqueles relâmpagos ainda mais fascinantes porque eram dela?

– Dessa vez, ela será ainda mais cruel do que antes – continuou a mulher. – Vamos manter distância dela.

Ele olhou novamente para Kaderin. Sebastian já sofrera violência por parte dela, mas *crueldade*? Ela não parecia capaz disso. Seu cabelo louro formava cachos suaves que lhe tombavam sobre os ombros estreitos. Seus dedos pareciam frágeis, hábeis. Era justa e delicada, pensou Sebastian.

Sim. Justa e delicada. Os olhos dele se estreitaram enquanto ela continuava amolando o fio da espada, até a lâmina afiadíssima cintilar.



A chave. Voltar no tempo.

A mão que segurava a espada de Kaderin tremia sem parar. *Controle-se!* Sim, ela acabara de receber uma notícia que poderia mudar a sua vida, mas não queria permitir que alguém percebesse o quanto estava desesperada para conquistar aquele prêmio. Precisava manter a *frieza*.

Cerrou os punhos com força, formando bolas com as mãos. Através do domo transparente, os relâmpagos podiam ser vistos entre os raios que riscavam o céu. Olhares furtivos foram lançados em sua direção.

*Relâmpagos? Novamente?*

Havia muita coisa em jogo, ali. *Tudo* estava em jogo. Seu passado e seu futuro.

O futuro de suas irmãs.

Ela poderia trazê-las de volta. Tudo o que precisava fazer era vencer a competição.

Como acontecera nas últimas cinco edições. Muitos seres do Lore não tinham vivido tempo bastante para imaginar uma época em que Kaderin não ganhava todas.

O pensamento de ter Dasha e Rika de volta para ela, de volta ao coven, fez com que os cantos de seus lábios se repuxassem novamente de um jeito esquisito. Era como se o seu rosto estivesse reaprendendo lentamente a sorrir, do mesmo modo que se sentira ao sorrir para Sebastian.

Ela poderia ensinar às irmãs tudo sobre aquela nova era e mostrar-lhes as maravilhas desse novo tempo. Elas poderiam ficar com o seu quarto na *townhouse*. Kaderin tinha uma das melhores vistas do pântano sombrio. Ela daria às irmãs todas as poucas peças de roupa e joias que possuía. Kaderin nunca fazia compras para si mesma; tinha o hábito de surrupiar das outras irmãs do coven as roupas que achava interessantes. Agora ela poderia usar todo o dinheiro que tinha economizado ao longo de tantos anos para mimá-las sem reservas.

Para se redimir. Por ter provocado a morte delas.

*Preciso parar de tremer.*

Tudo que teria de fazer seria usar a chave uma única vez. E daria a segunda oportunidade de uso para o Tratado – deixaria que eles decidissem como usar a chave.

A última vez que vira as irmãs tinha sido no dia em que as enterrara. Para ter uma imagem que substituísse aquele horror, ela faria qualquer coisa e eliminaria os concorrentes que se colocassem em seu caminho.

No passado, ela já tinha sido brutal contra os demais competidores.

*Pois eles ainda não tinham visto nada.*

Seu olhar passeou por eles, e Kaderin não viu seres vivos, mas meros obstáculos que precisavam ser removidos. O vampiro também era um obstáculo, confundindo-a e minando a intimidação que exercia sobre todas aquelas pessoas, e que sempre usara como arma. Ela os eliminaria, mas não com ódio, é claro. Planejava simplesmente desencadear sobre elas sua assustadora bagagem de ameaças.

Por suas irmãs, ela faria... qualquer coisa.

Analisou seu reflexo na espada. Se o vampiro se interpusesse em seu caminho, ela passaria a lâmina da arma pelo pescoço dele. Nem mesmo esperaria para ver seu corpo desabar antes de se virar e esquecê-lo.



*Eu poderia entrar na competição.*

Sebastian poderia dar a Kaderin algo que ela desejasse com todas as forças. Poderia vencer aquela competição e, ao fazê-lo, conquistaria também a afeição dela.

Em sua vida mortal, ele já tinha sido um cavaleiro, mas não havia uma dama para quem oferecer a sua espada. Agora, sim.

– Muito bem! Apresentem-se os seres que pretendem competir – ordenou o homem magro e pálido, com pele de cera, que estava ao lado de Riora.

Todos pareceram dar a vez a Kaderin, e ela se levantou, tornando a guardar a espada na bainha atrás das costas com um movimento rápido, preciso e perfeito. Colocando os ombros para trás e aumentando a voz para se expressar com clareza, disse: – Kaderin Coração Gelado, do Tratado, competindo pelas Valquírias e pelas Fúrias.

*Fúrias também existem? Uma parte de Katja é Fúria?*

Quando ela se sentou, uma fêmea de cabelos pretos se ergueu.

– Vou competir pelas Sereias. Sou Lucindeya, uma das Sereias da Oceania.

*Então as sereias também existem no mundo real, não são apenas um mito.* Sebastian passou a mão na nuca. *Espantoso!*

À sua direita, a jovem que usava uma capa com capuz anunciou: – Sou Mariketa, a Aguardada, da Casa das Bruxas.

*Bruxas também.*

Uma coisa era Sebastian encontrar seres claramente “míticos”. Seus olhos já tinham ficado acostumados com eles num curto espaço de tempo. Mas era ainda mais estranho ver seres que pareciam humanos se levantando para anunciar, com a maior naturalidade, que não eram.

No tempo em que andava entre os humanos, sentindo-se um predador, talvez ele tivesse estado entre outras criaturas absurdamente estranhas sem saber disso...

O adversário de Sebastian emergiu das sombras.

– Bowen MacRieve, do Clã dos Lykae. – Ele exibia um forte sotaque escocês, mas não especificou seu clã como sendo da Escócia. *Será que todos os lobisomens são escoceses?*, indagou-se Sebastian, quase delirando. *Ora, por que diabos não seriam?*

Aos sussurros, a mulher que acompanhava Mariketa murmurou: – Bowen? Eu nem o reconheci, certamente por ter perdido tanto peso.

*Ele ainda era maior que isso?*

– Nesse caso, temos outro competidor forte – continuou a mulher. – Por Deus, ele é implacável. Fabuloso. Os Blogs vão enlouquecer com isso.

*Quem são os Blogs?*

Mal movimentando os lábios, Mariketa sussurrou de volta: – Por que ele não tira os olhos de mim?

Realmente, o escocês a fitava com ar de poucos amigos.

A mulher deu de ombros e também assumiu um ar determinado.

Demônios de todas as formas e tamanhos, de diversas monarquias de demônios ou “Demonarquias”, anunciaram sua intenção de competir. Uma fêmea que se assemelhava a Kaderin, com olhos imensos, luminosos e gentis, além de orelhas pontudas, estava representando as “Nobres Fadas e os Povos Elfos”. Quando saudou Kaderin com uma reverência elaborada e digna, a Valquíria inclinou a cabeça com suavidade e graça.

*Ela respeita essa competidora?*

– Mais alguém? – quis saber Riora.

Silêncio. Todos olharam em volta. Quando ele se levantou, os olhos de Kaderin se arregalaram, e ela balançou a cabeça para os lados, sem tirar os olhos dele.

– Meu nome é Sebastian Wroth e pretendo competir também.

Kaderin ergueu o rosto para o teto de vidro.

Sussurros e silvos acompanharam o anúncio de Sebastian, mas todos tornaram a ficar calados quando ele olhou em volta com fúria. Obviamente, ser vampiro lhe garantiria um ódio efervescente naquele mundo, mas também lhe trouxera algum poder.

– Que facção você representa? – perguntou Riora, com um tom divertido na voz.

Ele olhou para Kaderin ao falar.

– Nenhuma.

– Ah, mas você precisa representar alguém para poder competir. Deve ter algum tipo de apadrinhamento. – Quando ele se virou novamente para ela, Riora confirmou com a cabeça, exibindo um ar vencedor, e acrescentou: – Como as debutantes; ou AA. – Os olhos da deusa se cravaram nos dele, como se ela conseguisse ler sua mente.

– Ele é um Abstêmio, Riora – informou Kaderin, levantando-se. – Um humano que foi transformado em vampiro. É contra a nossa lei ensinar a essa criatura as coisas do nosso mundo, e ele certamente aprenderia muito se participasse dessa competição.

– Isso é verdade? – quis saber Riora.

– Eu não me alinho com eles – avisou Sebastian. Quem ele poderia representar, agora que renunciara aos Abstêmios? Só lhe restava a Horda, mas essa era uma opção tão impensável quanto a dos Abstêmios.

Então lhe ocorreu uma ideia. Uma aposta. Virando-se para Riora, ele anunciou: – Representarei a deusa Riora.

Riora apertou as mãos espalmadas sobre o peito e exclamou, em francês: – *Moi?!*

Houve uma erupção de murmúrios. As ninfas soltaram risadinhas de deboche.

Kaderin se levantou.

– Ele não pode representá-la, Riora. *Você não é uma facção.*

– Ora, minha fria Kaderin, acho que você está considerando isso *impossível.*

Kaderin fez uma careta de decepção ao ouvir a palavra e abriu os lábios para argumentar...

– Ele era um cavaleiro – disse Riora.

*Como ela sabe disso?* Subitamente, ele reconheceu a única explicação que havia. *Porque é uma deusa.*

– Ele penhorou sua espada em minha honra, e eu aceito.

Mais murmúrios. Kaderin sentiu como se tivesse sido esbofeteada e lhe lançou um olhar cheio de ameaças.

– Excelente – completou Riora, batendo palmas. – Teremos dois novatos nos jogos. – Lançou um olhar significativo para Kaderin. – Finalmente, teremos uma competição de verdade.

**Ao entrar na Corrida do Talismã, o vampiro tinha acabado de proteger a sua própria vida da ameaça dos outros competidores, inclusive Kaderin, até as rodadas finais.**

**Ao se intitular representante de Riora – uma estratégia brilhante –, ele automaticamente se protegera das possíveis e chocantes traições de todos os demais concorrentes.**

O vampiro irritante estava se mostrando muito difícil de descartar.

Kaderin começava a se lembrar do que era *irritação*. Algo muito parecido com *frustração*. Ela já sentira ambas.

Desceu do gradil mais uma vez, decidida a ir até o altar pegar seu pergaminho. Passou por seres obsequiosos que desejavam demonstrar seu respeito a ela, ao Tratado, à grande Freya e ao poderoso Wóden – como se Kaderin pudesse simplesmente enviar uma mensagem de texto para dois deuses adormecidos.

– Katja! – chamou o vampiro, abrindo caminho entre a multidão de seres que mergulhavam no chão ou se encolhiam com medo dele.

– Meu nome não é esse – reclamou Kaderin sem diminuir o ritmo, mas ele conseguiu alcançá-la com facilidade. *Quando o ambiente tinha ficado tão quente?* Ela prendeu o cabelo num coque. – Diga-me uma coisa, sanguessuga: Você entrou na corrida para Bowen não matar você ou para evitar que *eu* o mate?

– Sanguessuga? – Ele franziu o cenho, mas pareceu não se importar com o insulto. – Já chegamos à conclusão de que você não pode me matar.

Ela olhou com raiva para ele por sobre os ombros e avisou: – Estou louca para fazer com que essas sejam as suas últimas palavras.

– E eu estou começando a entender as coisas por aqui. – Ele aparentava calma, até mesmo gentileza, mas Kaderin conhecia bem a ferocidade que se escondia ali dentro... naquela noite mesmo ela a vira. – Se essa competição é importante para você, deixe-me ajudá-la. – Colocou a mão no ombro dela com leve hesitação, mas retirou-a assim que percebeu que Kaderin soltaria um silvo de ódio.

– De qualquer modo, eu vou derrotar todos.

– Mas por que não usar o caminho mais fácil para isso?

– Muito bem, eu topo a brincadeira. – Ela cruzou os braços sobre o peito, e o olhar dele desceu até a profunda fenda do decote que se formou. Ela estalou os dedos diante dele.

Quando os olhos de Sebastian encontraram os dela, ele passou a mão nos lábios.

– Eu peço desculpas. – Mas sua expressão dizia que obviamente valera a pena a olhada. – Você vai... topar?

– Já estive em Nova Orleans, vampiro?

– Nos Estados Unidos? – Diante da confirmação dela, sua resposta foi: – Ainda não.

– E quanto à América do Sul? – insistiu Kaderin. – África?

Ele hesitou, mas logo balançou a cabeça para os lados.

– Os vampiros só podem se teletransportar para lugares onde já tenham estado antes. Sendo assim, para onde você planeja me teletransportar? Para o seu quintal? – quis saber ela, com uma cara de decepção fingida que desapareceu em segundos. – Vampiro, esse é um jogo somente para adultos. – Olhou para o alto, na direção do domo de vidro rachado, e viu que o céu continuava cheio de relâmpagos. A alvorada chegaria logo. – Está quase na hora de você ir para a caminha.

– Eu posso viajar com você e mantê-la a salvo.

– Viajar comigo? Você acha que eu aguentaria parar e esperá-lo, sem fazer nada ao longo de cada dia? Cortar meu tempo pela metade só porque *você* não pode pegar sol?

Ele pareceu ter se esquecido, por um momento, da dura realidade que ela acabara de fazê-lo lembrar.

– Não, é claro que não – disse por fim, baixinho. – É que eu só queria...

– Você está me atrapalhando e empatando a minha vida. Nunca lhe contaram que as mulheres não gostam de homens que impõem a sua presença? Esse é um dos três broxantes de qualquer mulher. Pode acreditar, não é nem um pouco sexy.

Por algum motivo, isso o fez franzir o cenho e recuar na mesma hora. Sua voz estava rouca, quando perguntou: – Quais são os outros dois?

– Você já está abusando do primeiro. Que tal cuidar disso antes? – Deu as costas para ele e seguiu em direção ao altar. Para sua surpresa, ele não a seguiu.

Kaderin passou por Escriba, que já começava a limpar o templo, embora não parecesse muito empenhado em restaurar a ordem. Ao pegar o galho quebrado da árvore decorativa que escondia a coluna de mármore avariada, viu as marcas de garras e olhou com cara feia para algumas criaturas ali perto, que analisavam os cascos como se nada tivesse acontecido.

Kaderin passou por ele, executou uma reverência gentil e o chamou de “Sagrado Escriba”, o que sempre o levava às alturas de tanto orgulho. Ele quase tropeçou nas próprias pernas e tentou responder, mas conseguiu apenas gaguejar.

No altar, Riora conversava com dois elfos, dizendo algo como “quero cobertura da competição em tempo real”, ordenando em seguida que “atraíssem todos os visitantes para o seu site”.

Ainda sentindo os olhos do vampiro colados nela, Kaderin subiu até o degrau mais alto. Era a única no Lore que ousava fazer algo assim. Pegou um dos pergaminhos da pilha e o desenrolou. Todos os competidores receberiam aquela mesma lista de tarefas. Cada lista incluía o nome dos talismãs ou objetos que deveriam ser procurados, as coordenadas para encurtá-los e uma curta descrição para cada um deles. Como sempre, havia dez tarefas para cada rodada.

Quando Riora acabou de despejar as ordens para os Relações-Públicas, perguntou: – Como estão seus pais, Kaderin Coração Gelado?

Kaderin sabia que ela perguntava sobre dois dos três pais que tinha. A mulher que dera Kaderin à luz tinha sido uma mortal.

– Eles ainda dormem, minha Deusa – disse ela, com ar distraído, lendo o pergaminho. Os deuses continham mais força e poder por meio das muitas preces e oferendas que recebiam dos devotos a cada passagem do sol pelo firmamento. Esse era o motivo de Riora tentar obter cada vez mais atenção através da internet. Freya e Wóden tinham tão poucos adoradores que os dois viviam dormindo para conservar a

própria energia. – Vejo que há muitos prêmios e talismãs interessantes nesta edição da competição – observou Kaderin.

No passado, Kaderin saíra à caça dos talismãs que estavam mais perto, assim que começava a disputa. Dessa vez, como havia mais de um participante de peso, ela pretendia usar novas estratégias para agitar todo mundo. Decidiu que partiria de imediato para realizar as tarefas mais difíceis e buscar os objetos localizados nos pontos mais distantes.

– Sim, eu também acho – concordou Riora. – É uma pena saber que não vou conseguir mais que metade da lista, devido aos muitos acidentes fatais que sempre acontecem.

Kaderin concordou com a cabeça, em sinal de solidariedade. De repente, sua atenção se fixou nas tarefas que rendiam mais pontos naquela edição: doze pontos para quem trouxesse um dos três espelhos-amuletos descritos ali. O maior prêmio que Kaderin já buscara valia quinze pontos. Mas aquela tarefa não envolvia perigos nem ameaças à vida, tinha mais a ver com logística. Quem os conseguisse primeiro venceria a disputa.

Embora a localização do prêmio estivesse fora do alcance da rede de transportes fornecida pelo Tratado, Kaderin dispunha de outros recursos. Pela primeira vez, numa Corrida do Talismã, pensou em pedir a ajuda do seu coven.

*Mas tomara que não seja Regin que atenda a ligação...*

Kaderin ouviu o som de helicópteros, os motores roncando mais forte conforme suas frentes embicavam para pousar.

*Ataque de forma objetiva e rápida. Sim, vai ser esse.*

Enrolou o pergaminho e desceu do altar.

Antes de ter chance de partir, Riora quis saber: – Você desaprovou a escolha do meu cavaleiro vampiro?

Kaderin se virou e olhou-a fixamente.

– Sei muito bem que você está pouco se lixando quanto à minha aprovação. Ou minha extrema e total desaprovação. – Por que Riora a analisava com tanta atenção? Kaderin sentiu-se enrubescer sob o exame detalhado da deusa. Riora sempre demonstrava um incompreensível interesse por Kaderin, mas aquilo era intenso.

– Você me parece diferente – afirmou Riora.

*Porque estou tendo sentimentos, cacete!*

– É o meu novo corte de cabelo – murmurou Kaderin, em vez de dizer o que veio à mente. Será que Riora conseguia enxergar suas novas emoções, em especial a vergonha extrema de sentir atração pelo vampiro? O olhar dela pousou em Sebastian.

– Ora, ora... Quer dizer que esse interesse é mútuo, *Lady Kaderin*? Muito inconveniente isso!

– O que quer dizer?

Riora virou a cabeça de lado e o analisou atentamente. Sebastian estava encostado a uma parede, olhando para Kaderin com os braços cruzados sobre o peito musculoso, cobrindo os ferimentos.

– É claro que se alguém se interessar por um vampiro, aquele ali quase justificaria esse interesse.

– Riora, eu nunca disse que...

– Estou só comentando que, pelo visto, alguns deuses abençoaram o meu cavaleiro em ótima forma.

Kaderin sentiu sua expressão endurecer.

– Será que eles também abençoaram seu cavaleiro com furioso apetite por sangue? – rebateu ela, chocando até a si mesma.

– *Cuidado com seu tom de voz, Valquíria!* – As chamas do altar silvaram e balançaram com mais força. – Isso não é uma pausa para o cafezinho. – Atrás delas, Escriba deu um pulo e bateu com força na manga do seu manto, que pegava fogo.

Kaderin rangeu os dentes e, por fim, disse: – Sim, Riora.

– Vá! – ordenou a deusa, suspirando. Em seguida, num tom mais gentil, completou: – Se você vencer a corrida, poderá trazer suas irmãs de volta.

Os olhos de Kaderin se estreitaram.

– Você sabe sobre elas? Eu nunca lhe contei a minha perda.

– Eu já sabia a seu respeito quando elas foram mortas.

– Se percebe o quanto isso é importante, será que a incandescente Riora não poderia me dar algumas dicas sobre a corrida?

Riora fez cara de espanto e respondeu, com jeito brincalhão: – Você está me achando com cara de “serviço de atendimento ao cliente”? Isso é um insulto! – Olhou para as unhas. – Já deixei homens cegos por muito menos. – Escriba estava novamente ocupado com alguma coisa atrás da deusa, apagando alguns insistentes focos de incêndio, mas parou e confirmou com a cabeça, como se já esperasse que aquilo fosse acontecer.

– Desculpe, eu já deveria saber – disse Kaderin. – Todos dizem que é *impossível* arrancar informações de você.

– Tenha cuidado onde pisa, Valquíria – avisou Riora, mas disse isso com ar divertido. Aproximou-se e colocou um braço sobre o ombro de Kaderin, o que a deixou surpresa. O toque de Riora era quente e macio, e ela puxou Kaderin para um canto. Então, com a voz baixa, disse: – Aqui vai uma dica: se você, por acaso, encontrar a espada de Honorius, o cego místico, saiba que ele a enfeitiçou para que nunca deixe de acertar o alvo.

Antes de Kaderin ter chance de perguntar mais a respeito daquela dica enigmática, Riora se virou abruptamente: – Veja, aí vem o seu vampiro. Ele não aguenta mais ficar longe.

Kaderin tentou negar que ele fosse dela, mas Riora tornou a falar: – Veja a avidez com que ele olha para você! E como é arrogante a sua pose! Que excesso de confiança! E que ombros largos! – Soltou um grunhido de desejo. – Devo atrasar a permanência dele aqui quando você for embora? Para mim, isso não será nenhum martírio.

Kaderin apertou os lábios de irritação, mas logo se sentiu ridícula. Não poderia sentir ciúmes de um *vampiro*.

– Eu agradeceria muito. Embora não creia que seja *possível* você conseguir atrasá-lo por mais que algumas horas.

– Quanta audácia a sua, Valquíria! – exclamou Riora, sem tirar os olhos de Sebastian por um instante sequer. – Você terá um dia de dianteira.



– Vampiro! – chamou Riora, num tom rouco, quando Sebastian já se preparava para sair. – Quero uma palavrinha com você.

Ele se virou para a deusa com um jeito impaciente, mas continuou observando Kaderin, que atravessava o salão para sair do templo. Ela encontrara o lobisomem junto do portal em arco e trocara com ele olhares tensos.

– Relaxe... Sim, ela está se afastando de você. Mas nada mudou nos últimos cinco minutos, quando ela parecia nunca mais querer olhar para a sua cara. Conte-me: quem arranhou você desse jeito? Foi aquele Lykae cruel de garras vermelhas, que agora parece ameaçar Kaderin com os olhos?

Sebastian pretendia matá-lo.

– Sim, tivemos uma discussão – confirmou, de forma casual, saindo atrás de Kaderin. – Mas agora eu preciso ir...

Riora surgiu subitamente na frente dele.

– Como você encontrou este lugar? – quis saber ela, sua voz ficando mais forte. – Não me lembro de ter enviado nenhum convite para você, e Escriba também não se lembra. – Estalou os dedos; o homenzinho largou o apagador de velas e correu para se colocar ao lado da deusa. – Ainda não consegui decidir se gostei de você ter entrado de penetra na minha festa.

– Eu me teletransportei até aqui. – Sebastian precisou lembrar a si mesmo que poderia alcançar Kaderin a qualquer momento que quisesse. E achou melhor não enfurecer a divindade que lhe fizera o favor de deixá-lo competir.

– Mas não é possível que alguma vez você tenha estado aqui.

Por fim, o Lykae desapareceu. Kaderin fez um gesto obsceno por trás das costas do escocês e olhou com ar de perplexidade para o próprio dedo.

– Eu me teletransportei até Kaderin. – Quando Sebastian viu Kaderin pegar um celular na jaqueta e sumir em seguida pelo portal, virou-se para Riora com o maxilar cerrado e explicou: – Ela era o meu destino.

Os lábios de Riora abriram um leve sorriso, como se estivesse deliciada ao ouvir isso. Subitamente, porém, seus olhos pareceram arder mais uma vez.

– Pois saiba, vampiro, que isso é *impossível*.

Com um tom de voz casual, ele replicou: – Talvez fosse considerado impossível antes, mas agora...

– Como você fez isso? – Ela colocou o indicador na borda do altar e o usou para erguer o corpo e se sentar na ponta.

Ele respondeu, falando depressa, que as limitações variáveis não poderiam ser separadas. Não era possível existir uma possibilidade e uma impossibilidade tão similares lado a lado. Quando havia perícia, agilidade mental e um apurado senso de detalhes na memória, o resultado é que o teletransporte poderia ser levado a extremos nunca antes vistos.

– Que coisa *fascinante*! – Riora se virou para o homenzinho ao lado e se abanou de leve. – Escriba, acho que estou apaixonada. Ele é meu verdadeiro soldado de infantaria! Como deverei recompensá-lo?

– A julgar pelo ranger de dentes dele e pelo seu maxilar pulsante, eu diria que ele tem um único desejo, neste instante – disse Escriba.

Foi nesse momento que Sebastian percebeu que Escriba não apreciava seu interesse na Valquíria.

– Ah, sem dúvida. *Kaderin*. – Riora bufou com força. – Estou com ciúmes, vampiro... e também arrasada. Mais tarde, talvez eu até chore.

Sebastian sentiu o poder dela, um poder volúvel; até descobrir o que ele mesmo representava naquele mundo desconhecido, achou melhor agir com cautela.

– Eu... não quis ofendê-la.

Escriba pigarreou e, como se suas palavras estivessem sendo arrancadas sob tortura, afirmou: – Deusa Riora, é meu dever informá-la de que sua atração por este macho é aceitável e possível. Ouso ainda dizer que a vitória dele sobre Lady *Kaderin*, considerando-se a história dela, é *impossível*.

Os olhos da deusa se arregalaram, e ela concordou com empolgação.

– Ah, você tem razão. É *por isso* que eu mantenho você vivo, Escriba, e...

– Qual é a história de *Kaderin*? – interrompeu Sebastian.

Riora estreitou os olhos ao fitá-lo, como se Sebastian fosse um inseto que ela nunca tivesse visto, e inclinou a cabeça para se colocar mais próxima do rosto dele.

– Você me cortou a palavra. Tenho impulsos conflitantes entre cozinhar você vivo e afagá-lo.

– Peço mil perdões, Deusa – reagiu Sebastian, sem se deixar intimidar, e olhou para Escriba. – Vocês mencionaram a história dela...

Como se as transgressões tivessem sido esquecidas, Riora sussurrou, num tom conspiratório: – Vampiros já trataram *Kaderin*  *muito* mal. E você, afinal de contas, é um vampiro.

As presas dele pareceram se aguçar só de imaginá-la sendo ferida.

– O que fizeram com ela?

Riora ignorou a pergunta feita entre dentes e quis saber outra coisa: – Acaso faz ideia de quanto alguém como ela está acima de você?

Na verdade, ele estava se acostumando com a ideia. Embora *Kaderin* execrasse o que ele era, Sebastian não poderia estar mais satisfeito com sua Noiva. Ao subir até o altar, junto de Riora, ele percebera que a deusa não parecia superar sua Noiva em nada.

Mesmo assim, empinou o queixo ao replicar.

– Tenho uma bela fortuna para poder mimá-la e muita força para protegê-la. Existem maridos piores por aí.

– Que vampiro arrogante! – Riora riu. – Ela é filha de deuses!

Ele engoliu em seco. É *por isso* que ela ofusca uma deusa.

– Continua com a mesma autoconfiança? – insistiu Riora.

Ele se sentira confiante, mas agora se perguntava se as chances minúsculas que calculara para si mesmo não tinham sido superestimadas.

– Você planeja ganhar a chave para ela? – perguntou Riora.

– Sim, exatamente!

– Não gostaria de ficar com o prêmio para si mesmo? Imagine as possibilidades.

– Custa a acreditar que isso poderia funcionar – admitiu ele. – Existe alguma prova de que a chave realmente dá certo?

– Não. Na verdade, não tenho prova alguma. – Riora suspirou. – Apenas a palavra do sr. Thrane.

Sebastian passou a mão pela nuca, mas o movimento fez com que os músculos do seu peito gritassem em sinal de protesto.

– Então posso lhe perguntar por que está convencida de que isso poderá dar certo?

– Estou convencida de que vai funcionar, vampiro, pelo simples fato de ser impossível!

No instante em que Sebastian se perguntava se alguma discussão racional com a deusa seria possível,

Riora sugeriu: – Você deveria passar um dia aqui para aprender tudo sobre Kaderin.

Essa pareceu uma boa ideia para Sebastian.

– Eu adoraria fazer isso, mas me faltam recursos para aprender alguma coisa.

– Pois saiba que aqui os recursos abundam. Kaderin gosta do *aqui e agora*, e as Valquírias são fascinadas pelo desenvolvimento da cultura humana. No entanto, me parece que você não sabe muito sobre a época em que estamos. Leia o máximo que você conseguir ao longo do dia. E observe o que passa na TV enquanto isso.

– TV? Eu não tenho uma.

– Eu me atrevera a dizer que Kaderin tem, e afirmo com certeza que ela não estará em casa hoje.

Invadir o espaço de sua Noiva quando ela não estaria em casa?

– Escriba saberá informar o endereço dela em Londres. – Uma troca furtiva de olhares aconteceu entre eles, e o rosto pálido de Escriba pareceu assumir um tom mais forte, talvez de rubor.

– Sim – confirmou Escriba, com um sorriso acompanhado de um esgar de desdém. – Caso consiga chegar lá, lembre-se de que os canais Spike e Playboy poderão deixá-lo mais informado sobre a época atual que quaisquer outros. Comece por eles.

Sebastian fez a anotação mental de se manter o mais afastado possível de qualquer coisa que ele sugerisse. Olhou para a porta mais uma vez, embora soubesse que Kaderin já saíra havia muito tempo.

– Continua inquieto? – perguntou Riora. – Você pode se teletransportar até ela quando bem entender.

– Você disse que os prêmios estão espalhados pelo mundo todo. Não tenho certeza se serei capaz de me teletransportar para o outro lado do planeta. Muito menos de acertar o local com precisão para surgir diante dela.

– Isso poderia parecer impossível – murmurou a deusa. – No passado, porém, ela sempre ficou deste lado do planeta no começo da corrida. Perto da Europa, para pegar primeiro os frutos mais baixos da árvore, por assim dizer. Essa sempre foi a sua forma de competir. E considerando que o amanhecer acontecerá daqui a menos de uma hora, pode ser que você a encontre bem debaixo do sol...

Observando o peito ferido dele, Riora completou: – Deixe-a ir, cavaleiro. Além do mais, você precisa se curar. Receio que Bowen ainda não tenha usado todas as suas armas.

Valia a pena confiar numa deusa louca e num escriba vingativo? A cavalo dado não se olham os dentes.

*E você não tem um único amigo no mundo.*

– Tudo bem – concordou Sebastian, aceitando com firmeza. – Quão longe ela poderá ir num único dia?

## Estação Polar Russa Kovalevska, Antártida – oito horas depois

**Prêmio: Três espelhos-amuletos usados como encantamentos, valendo doze pontos cada um** – Pronto! – disse Regin para Kaderin, afrouxando seu felpudo cachecol roxo. – Prometi que conseguiria uma niveladora de neve. Garanti a você que eu tinha ligações com os russos, não garanti? E o que é isso...? – Deu tapinhas no queixo. – Hummm... Oh, sim, deixe-me dar uma olhada. Uma niveladora de neve!

Kaderin fez uma careta ao ver o veículo que estava diante delas, provavelmente conseguido no mercado negro. Será que era com aquele lixo que elas teriam de contar para levá-las aos amuletos escondidos em algum lugar dos Montes Transantárticos?

Kaderin já vira veículos semelhantes usados para nivelar neve nos Estados Unidos. Sabia que aquele ali, comprado através das ligações russas de Regin, era... inferior.

É claro que, ao falar com o coven, a ligação de Kaderin tinha sido atendida exatamente por Regin.

Kaderin olhou furiosa para ela, puxando-a para longe dos cinco humanos russos que as tinham levado de helicóptero até aquela estação abandonada. A tripulação de ex-militares era a falange menor de um grande consórcio que vendia equipamentos militares para quadrilhas russas.

Regin dissera aos russos que ela e Kaderin eram cientistas, e usava botas para neve de cano alto que pareciam ser do tempo das discotecas dos anos 1970.

Kaderin tinha sido forçada a abandonar o espetacular *Augusta 109* e seus pilotos no heliporto de um navio quebra-gelo sem registro oficial. Pelo visto, nem o *Augusta* nem os pilotos estavam dispostos a voar sob temperaturas extremas como as dali. O helicóptero dos russos – um *Arktika Mi-8* – até que servira bem, apesar de ser uma relíquia dos tempos da Guerra Fria.

E agora aquela pequena e patética niveladora de neve.

Ela deveria ter recusado ajuda de Regin para aquela aventura de várias etapas. Aliás, não deveria nem ter se encontrado com ela. Por outro lado, Regin realmente tinha contatos com os militares que Kaderin precisaria para viajar rumo ao sul...  *muito* ao sul. Além do mais, Regin tinha jurado que falava russo fluentemente, e esse era o único idioma da região do Báltico que Kaderin não dominava.

O problema é que o meio mais rápido de ser eliminado da Corrida do Talismã era atrair a atenção dos humanos para a existência do Lore, e a falta total de sutileza de Regin, sem falar na sua pele cintilante, deixavam Kaderin com o pé atrás.

Quando lhe perguntavam por que sua pele era tão radiante, Regin costumava responder: “Oito copos d’água todos os dias. Esfoliante. Sem falar no fatídico mergulho que dei num lago radioativo...”

– Regin, por que a cabine desse veículo é de *madeira*?

Ela virou a cabeça de lado, tentando explicar isso a si mesma, e logo se apressou em dizer: – É só do lado de fora. No interior do veículo, estaremos tão protegidas quanto um filhote de canguru na bolsa da

mãe. Não vamos morrer de frio tão cedo, mesmo que a temperatura esteja cinquenta abaixo de zero. Eu não lhe contei dos assentos individuais, garota? Esse é o Cadillac das niveladoras de neve.

*Regin ainda é jovem*, lembrou Kaderin a si mesma. *Tem só dez séculos.*

– Escute, não tínhamos muita escolha quanto à niveladora de neve, está entendendo? E esse é o ponto mais distante onde os rapazes vão nos guiar – explicou Regin.

– Continuo sem entender por que não poderíamos simplesmente sobrevoar a cordilheira. – Kaderin olhou novamente com tristeza para o Arktika. Até mesmo aquele helicóptero de lata era preferível. Dois soldados tinham-no prendido na neve e mantinham os motores funcionando. Era noite na Antártida, no meio do outono austral, e, se as pás do helicóptero parassem de girar por alguns segundos, elas congelariam.

– Você vai entender quando o vento aumentar – explicou Regin. – Os ventos catabáticos nos píncaros são terríveis. Aprendi essa palavra hoje.

*Píncaros ou catabáticos?*, Kaderin teve vontade de perguntar.

– Além do mais, a essa altitude e nessa estação – continuou ela –, os rotores das hélices vão realmente congelar. E não temos um sistema termoelétrico anticongelante. Teremos só o controle manual.

Para ilustrar a palavra “manual”, dois outros soldados passavam um spray descongelante no motor da niveladora de neve, que era muito menos complicado. Tratava-se de um coquetel à base de cloreto de cálcio, muito mais forte que qualquer produto vendido no mercado comum ou negro. O último soldado, o líder Ivan, era um louro alto com feições muito bonitas. Ele tomou um gole de uma garrafa de vodka que nunca congelava e fez uma longa reverência para Regin.

Um pouco antes, ele e Regin tinham brincado de dar tapas nas mãos um do outro, sem luvas debaixo daquela temperatura abaixo de zero, porque “doía muito mais no frio”.

Regin acenou para ele, sorrindo abertamente, ao mesmo tempo que murmurava: – *Ele é jovem, burro e bem-dotado. Onde é que eu assino?*

Kaderin apertou o espaço entre os olhos com dois dedos. Quando finalmente decidira pedir ajuda ao coven, acabara ligada à mais imatura e maluca das Valquírias – justamente a que pretendia evitar.

A mãe de Regin, única sobrevivente de um ataque dos vampiros às Radiantes, estava à beira da morte quando fora salva por Wóden e Freya. Ficara cheia de cicatrizes de mordidas, até o dia da sua morte, anos mais tarde. Embora tivesse mantido o rosto lindo e cintilante até o fim.

Regin ainda estava aprendendo os números, nessa época.

Kaderin começou a andar de um lado para outro.

– Eu não deveria ter trazido você, Regin.

– Bem, havia duas necessidades básicas para você – explicou Regin, quase despencando num abismo nevado. – Eu tenho contatos com ex-militares russos, além de falar a língua deles e...

– Ah, qual é!... Já saquei que você não fala nada de nada desse idioma. Você acha que *Dostoiévski* significa “E aí, tudo bem?”, em russo!

Regin piscou duas vezes para Kaderin.

– Então, como se diz “E aí, tudo bem?”, em russo, sabichona?

– Não... faço... ideia!

– Então, como sabe que não é Dostoiévski? Fala sério! – Fez uma bola com o chiclete que mascava, provavelmente a primeira já feita num lugar tão frio, mas a bola congelou na mesma hora e Regin teve de

quebrá-la com força, usando os molares, até ela retomar a consistência de goma de mascar. – Obi-Wan, eu era a sua única esperança.

Regin sabia que Kaderin também detestava referências a *Star Wars*.

– Tinha de haver outra pessoa – insistiu Kaderin.

– Você preferia que Nix tivesse vindo, por acaso?

*Nix, a Piradinha na Batatona.*

– Para ser franca, ela apareceu na lista dos objetivos da competição. Pelo menos, o cabelo da Valquíria mais velha estava lá.

– Isso explica tudo! – Quando Kaderin ergueu as sobrancelhas de espanto, Regin contou: – Pouco antes de decolarmos, Nix ligou contando que tinha ido até Circle K para comprar a revista *People*, quando um maluco surgiu do nada e lhe tosquiou quase todo o cabelo. Nix gostou do novo visual, diz que ficou muito bom. Segundo ela, está parecido com o cabelo de Katie Couric quando era mais jovem, ou Tennille, aquela da dupla Captain e...

– Cale a boca, Regin!

– *Que foi?* – Pisou com força com uma das botas de neve roxa e cor-de-rosa. – Que foi que eu disse de errado?

– Myst é que deveria ter vindo.

– Já lhe disse que ela estava muito ocupada.

– Mas não me contou com o quê.

Regin deu de ombros e desviou os olhos.

– Não sei o que ela anda aprontando.

– Regin, eu já contei o que está em jogo aqui.

– Eu sei! E lhe garanto que vamos ganhar essa chave.

Kaderin notou que Regin tinha usado o verbo na primeira pessoa do *plural* e disse: – Por que eles estão demorando tanto? Esses amuletos são glamourosos há muitas décadas. Vamos acabar sendo atropeladas por trolls e kobolds assassinos tentando parecer humanos.

Regin pareceu roncar com a gargalhada tão repentina que soltou. Inclinando-se para frente, abraçou os joelhos com os braços.

– Droga, isso não tem graça nenhuma.

Quando o riso histérico de Regin deu sinais de diminuir, ela completou: – Você é a única pessoa no mundo que os chama de kobolds assassinos. Isso me faz lembrar da expressão “gnomos assassinos”.

– Você já esqueceu que eles arrancaram o meu pé? – Kaderin tinha sido congelada para obter a imortalidade poucos dias antes. Se não fosse por isso, seu pé não teria se regenerado. De qualquer modo, aquilo tinha doído terrivelmente. – Quando foi a última vez que você perdeu uma parte do corpo?

Regin olhou para o céu com ar solene e afirmou: – Perdi um dedo na Batalha de Evermore.

– Oh. – Kaderin franziu o cenho e depois gritou: – A Batalha de Evermore é uma música do Led Zeppelin!

– Eu sei. Mas não fala de nós? – Os olhos de Regin se arregalaram. – Ei, por falar em música, olha só o que eu preparei para o nosso passeio nessa linda niveladora de neve. – Pegou um iPod com todo cuidado, para mantê-lo protegido numa bolsa de borracha aquecida. – Uma playlist para viagens através das nevascas!

Kaderin ficou vermelha e deu um soco em Regin, jogando-a na neve. Só parou quando viu que Regin ficou atônita demais para reagir. Os russos interromperam tudo que estavam fazendo e ficaram olhando, sem dúvida se perguntando por que as duas cientistas estavam brigando na neve.

Kaderin se levantou e puxou Regin do chão, oferecendo-lhe a mão. Em seguida, exibiu um sorriso forçado e sem prática para os russos.

– Nossa, como você é irritadiça! – reclamou Regin, limpando a neve da roupa. – Parece que Lady Kaderin não está seguindo as leis da sua antiga maldição.

*Ela só tem dez séculos de idade. Só dez séculos...*

– Não foi uma maldição. Era... *continua sendo* a minha bênção, o meu dom. – Ergueu o queixo, pois não queria que Regin percebesse que ela voltara a ter sentimentos; e não imaginava que aquele lastimável desdobramento fosse acabar num futuro próximo. Se as companheiras do coven de Kaderin descobrissem a mudança, ficariam tão felizes que aprontariam o maior estardalhaço. Algo que, por sinal, só serviria para deixá-la sem graça. – Desculpe. O estresse da Corrida faz com que meu dom falhe em determinados momentos e... – Parou de explicar quando ouviu um helicóptero passar voando por cima delas, exibindo uma bandeira canadense na cauda. – *Você disse que não era possível voar nessa região!*

– Uau! – exclamou Regin, com ar quase casual. – Eles devem ter um sistema termoelétrico anticongelante.

Quando Kaderin estava a ponto de matar Regin, Ivan gritou, chamando-as para entrar na niveladora de neve. Kaderin apontou para Regin, mas não conseguiu pronunciar uma única palavra. Regin lançou-lhe uma piscadela e se voltou para pegar o equipamento delas, incluindo as espadas, que tinham sido escondidas dentro das caixas dos esquis.

*Deixe isso para lá. Mantenha o foco.*

Depois que Ivan abriu a porta do veículo e as ajudou a entrar, tirou a máscara de esquiador, inclinou-se junto de Regin e lhe sussurrou algo em russo, com ar muito sério.

Regin traduziu.

– Ele está dizendo que, se uma nevasca surgir ou não tivermos voltado dentro de algum tempo, terão de nos abandonar.

– E quanto tempo temos?

– Eles têm combustível suficiente para manter os rotores girando durante quatro horas. – Regin bateu no queixo com os dedos enlavadados. – Quatro horas ou quarenta minutos, talvez. Não tenho certeza, já que meu conhecimento de russo é realmente uma bosta – admitiu, com a maior cara de pau.

Antes de Kaderin poder dizer alguma coisa, Regin ergueu a mão e apertou carinhosamente as bochechas de Ivan. Depois, balançou seu rosto para frente e para trás e o empurrou com o dedo indicador contra seus lábios, para ele poder fechar a porta.

– Ei, existe mais de um amuleto, não existe? – perguntou Regin, quando as duas ficaram sozinhas. – Chegar antes dos outros não rende pontos extras, certo?

Kaderin tirou a espada da caixa de esqui, que estava no banco de trás, caso surgisse algum problema.

– Não, mas os concorrentes podem preparar armadilhas.

– E como os kobolds vão chegar aqui, para início de conversa? – quis saber Regin. – Não consigo imaginar aqueles seres bestiais descendo no heliporto, com toda a calma do mundo, entende?

– Eles podem ficar invisíveis e assumir formas estranhas. Sem querer, eu velejei num deles até a Austrália, na última edição da Corrida – contou Kaderin, e completou: – Foi uma pena ele ter sofrido um acidente grave e não estar em condições de fazer a viagem de volta. – Quando Ivan fez mais uma reverência formal, Kaderin olhou para ele com ar de estranheza. – Que tipo de cientistas nós somos, na versão que você contou para esses sujeitos?

– Glaciologistas da Universidade de Dakota do Norte. Vamos analisar uma súbita e gigantesca fissura localizada por satélite. Achei que havia uma ironia interessante em dizer que agiríamos com rapidez ao lidar com uma geleira.

– Glaciologistas de Dakota do Norte, hein?

– Se aqueles caras querem acreditar que duas Valquírias sobrenaturais e extremamente sexy, uma delas calçando botas de neve do tempo das discotecas, são cientistas, quem sou eu para desiludi-los? – Regin fez mais uma bola de chiclete e ligou o motor. – Que a nossa missão científica tenha início a partir de agora.

Mais um helicóptero passou a toda acima delas.

**Ao pôr do sol, quando Sebastian se teletransportou para encontrar sua Noiva, sua pele quase congelou em segundos e ele percebeu que a deusa o enganara.**

**Passara o dia todo na *townhouse* de Kaderin. Conseguiu se teletransportar do templo para Londres e tomara um táxi. Poucos minutos antes de amanhecer, Sebastian chegara ao endereço que Escriba, a contragosto, lhe informara, e entrara na mesma hora.**

Na casa de Kaderin, depois de fechar todas as cortinas, ele descobriu que era realmente possível prestar atenção à TV enquanto lia todos os jornais em altíssima velocidade. Só que não descobrira nada sobre Kaderin a partir do espaço espartano e sem estilo específico onde ela morava. Se não tivesse sentido o perfume dela no travesseiro de seda e encontrado em seguida uma coleção de armas, escudos, chicotes e algemas num closet, certamente duvidaria do endereço que recebera de Riora e Escriba.

*E agora aquilo.*

“Ela vai pegar primeiro os frutos que estão mais baixos na árvore”, fora o que Riora lhe dissera. “Vai ficar perto da Europa”, garantira a Sebastian. No entanto, ele tinha aparecido atrás de um veículo pesadão que soltava uma fumaça preta e atravessava com dificuldade uma planície gelada.

Sua Noiva, sem dúvida, estava naquele veículo estranho, e o teletransporte o levava para muito longe da Europa. Com os dedos dormentes, ele pegou o pergaminho no bolso e analisou as dez tarefas. *Antártida.*

Dava para ver as pontas dos seus dedos começando a ficar roxas devido ao congelamento iminente. *Inferno!* Felizmente, na Antártida, era noite vinte e quatro horas por dia nessa época do ano; infelizmente, fazia um frio insuportável.

E essa sensação era espantosa para um homem que fora criado às margens do Mar Báltico. Ele precisaria de proteção urgente contra os elementos – mais que o casaco leve e as luvas comuns que comprara na semana anterior.

Num instante, ele se teletransportou para uma das lojas de roupas na qual fizera compras, e torceu para aparecer dentro de um provador onde não houvesse outro cliente. Depois de pegar luvas reforçadas e muitas camadas de roupa para usar debaixo de um pesado casacão de neve, anotou o nome da loja para enviar o pagamento e saiu do mesmo jeito que entrou.

Quinze minutos depois, estava novamente perto do estranho veículo, mas percebeu que chegara um pouco à frente de onde se encontrava a niveladora de neve.

Cobriu as orelhas e o rosto com um cachecol preto de lã e tornou a examinar o pergaminho. No ponto mais alto dos Montes Transantárticos, havia um vale profundo por onde passava um túnel de gelo. Dentro do túnel, estavam os três amuletos.

Kaderin viajava pela montanha na direção daquele ponto, então deveria realmente ser ali. Teletransportou-se para a saliência que viu na montanha mais alta. Desse privilegiado ponto de observação, avistou outro ainda mais elevado e se dirigiu para lá.

Diretamente à sua frente – um túnel. Entrou nele até o ponto onde a vista alcançava, seguiu até o fim da primeira reta, virou à esquerda e prosseguiu até a outra ponta. Conseguiu chegar com facilidade ao fim do túnel. No entanto, mesmo vestindo roupas quentes e pesadas, as extremidades do seu corpo congelavam a intervalos penosos e regulares, para logo em seguida voltarem ao normal.

Uma espécie de peitoril estreito marcava o fim do túnel. Acima desse lugar estavam três pequenos amuletos que pareciam espelhos com pontas irregulares entalhados no gelo. Pegou o que pretendia entregar a Katja e voltou instantaneamente à saliência da entrada, para procurar por ela.

Enquanto aguardava, observou o cenário estranho. Nunca imaginara ser possível existir uma paisagem como aquela. Durante toda a sua vida humana, a existência da Antártida era apenas uma ideia, um boato, uma impossibilidade.

Ali, as estrelas não cintilavam e pareciam tão paradas e mortas quanto as imagens estáticas que vira em toda parte nas ruas de Londres. A lua não nascia nem se punha ali. Na meia hora em que Sebastian já estava ali, ela havia flutuado para o outro lado, à esquerda do horizonte.

Ele não estaria ali presenciando aquele cenário sobrenatural se tivesse morrido. Nem estaria esperando ansiosamente por sua Noiva.

*O que dizer a ela?*

Subitamente, dois helicópteros roncaram acima dele e formaram um longo círculo antes de pousarem na base da montanha. Curioso com aquilo, ele se teletransportou até lá. Dois outros competidores se muniam de cordas para escalar a montanha até a estreita saliência. Um plano se formou na sua cabeça. Se Kaderin o considerava quieto e despretensioso demais – bem, na verdade ele realmente era assim na maior parte do tempo –, e se ela achava que isso era *tudo* que ele era, teria uma bela surpresa.



Kaderin soltava palavrões criativos a cada avanço que fazia ao subir pela face rochosa da montanha, a irritação tomando conta de seu rosto.

Imitou a voz de Regin ao dizer: “Ora, mas eles devem ter um sistema termoelétrico de anticongelamento!”

Regin nunca a irritara tanto na vida como dessa vez. Kaderin sempre fora uma das poucas Valquírias mais velhas que conseguia tolerar Regin por longos períodos de tempo. Mas ela precisava tocar “Radar Love” mais de oito vezes seguidas? Até parecia que estavam num carro potente, veloz e barulhento para merecer uma canção como aquela. O “Cadillac das niveladoras de neve” não passava de dez por hora.

Em seguida, Regin tocou “Low Rider” várias vezes. Se Kaderin ouvisse mais uma vez aquele bizarro chocalho, seria capaz de...

Quando finalmente alcançaram a base da montanha, o lugar parecia um estacionamento de helicópteros. Só que ninguém conseguiria escalar mais depressa que Kaderin, inclusive Regin. Portanto, ela foi deixada para trás com a incumbência de tomar conta da niveladora de neve e “botar pra quebrar no rock”.

Kaderin precisava repetir para si mesma que conseguiria ultrapassar quem quer que estivesse à sua frente. O fato de ainda não ter feito isso era de estranhar.

Lançou uma das picaretas de gelo com mais força que o necessário, atravessou o gelo e atingiu a rocha dura, recebendo fortes vibrações pelo braço dolorido que lhe deixaram os dedos dormentes.

*Mantenha o foco.* Ela já estava a pouco mais de dez metros da saliência mais alta. *Basta entrar e sair.* Aqueles russos calibrados com vodca tinham o destino dela em suas mãos humanas.

Puxa, ela estava sendo obrigada a trabalhar pesado dessa vez. Embora estivesse a menos de quatro mil metros de altura, o ar próximo aos polos era mais rarefeito. Isso fazia com que a altitude parecesse muito maior. Além do mais, ela carregava um equipamento grande, pesado e difícil de manejar.

Qual era o seu segredo para ter vencido aquela competição tantas vezes? Além da brutalidade contra todos os concorrentes?

Kaderin estava *sempre* preparada para qualquer coisa...

Uma inesperada e violenta corrente de vento uivou pela montanha. *Vento catabático?*

Ela foi lançada para trás na horizontal e rangeu os dentes de ódio ao se ver pendurada no ar, presa unicamente pelas picaretas.



Sebastian perdeu o ar quando o vento soprou com muita força e arremessou Kaderin meio de lado, pouco abaixo de onde ele observava tudo.

Imediatamente, teletransportou-se para onde ela estava, segurou-a pelo casaco pesado e retornou, mas suas mãos voltaram vazias para a saliência onde se apoiara. Tentou uma segunda vez, sem sucesso.

Só na terceira conseguiu puxá-la para cima com ele.

Kaderin não demonstrou reação alguma ao ver que ele a teletransportara, ou que estivesse ao seu lado num continente diferente no fim do mundo.

As mãos enluvadas de Kaderin ainda seguravam duas picaretas de gelo, e sua espada continuava embainhada em sua mochila pesada. Tinha lascas de gelo muito finas e afiadas grudadas nas botas, e as pontas da frente se espalhavam como presas de uma cascavel.

Quando o vento serenou um pouco, um segundo depois, ela olhou para o céu e afirmou: – Eu estava numa boa.

– Pode ser. – O peito dele subia e descia, pois Sebastian ainda não se recuperara do susto. – Por que diabos eu não consegui puxar você para cima na primeira tentativa?

Tão ofegante quanto ele, Kaderin respondeu: – Segurei com firmeza nas picaretas. – Prendeu-as nos laços que pendiam dos lados da mochila. – Entenda uma coisa, vampiro... Se eu resistir de verdade, você nunca conseguirá me teletransportar, sacou? Sou muito velha e muito forte.

Ela era velha e forte? Não aparentava nada disso. Sebastian se espantou mais uma vez ao ver o quanto Kaderin era franzina e leve. Uns trinta centímetros mais baixa que ele, parecia muito frágil; mesmo assim, conseguia aguentar uma mochila pesada como chumbo. Parecia que estava prestes a cair para trás a qualquer momento devido ao peso, e ele não pretendia largá-la. Ela estava sem fôlego por causa da subida, sentia-se péssima, e tudo isso por quê? Por nada! Ele poderia tê-la teletransportado até aquele cume num piscar de olhos.

– Por que você lutou comigo? – Sebastian exigiu saber. – Você estava para cair a qualquer momento.

– Só se as minhas picaretas falhassem, e creio que elas aguentaram com firmeza, mesmo com um vampiro pesadão me puxando com força. – Entre fortes baforadas de ar e ainda ofegante, perguntou: – Como foi que você chegou aqui antes de mim? – Kaderin já observava tudo à volta dele, demonstrando interesse genuíno. – Aposto que estava naquele helicóptero norueguês, não é?

– Nunca na vida entrei num helicóptero. Eu me teletransportei até onde você estava.

– Vampiros não têm essa habilidade.

– Eu tenho. Foquei em você como o meu local de destino. Foi assim que eu também a encontrei na assembleia dos competidores no templo, lembra? – Sem dizer mais nada, ela o circundou, mas ele a impediu de andar. – Se você tivesse permitido que eu a ajudasse, eu a teria acompanhado até aqui. Bastaria você apontar para o cume desta montanha, e eu a teletransportaria em menos de um segundo.

Como fizera com alguns competidores dela, em troca de informações sobre seu paradeiro.

Ela deu de ombros.

– Gosto de escalar – replicou.

– Claro. Você me parece... revigorada.

Ao perceber o tom de sarcasmo dele, Kaderin ajeitou o boné sobre as tranças e deixou as mãos caírem em seguida, com olhar feroz.

Ele expirou pesadamente.

*Puxa, eu já não a insultara o suficiente no outro dia?*

– Saia do meu caminho. – Tentou passar por ele, mas Sebastian a bloqueou mais uma vez. – Não tenho tempo para isso! – reclamou ela.

– Preciso falar com você. Obviamente, você quer vencer essa competição, sei lá por quê. Quero lhe proporcionar tudo o que você desejar. Portanto, desista e deixe que eu ganhe o prêmio para você. Saiba que eu lhe darei o prêmio, no final. – *Por mais inútil que ele me pareça.* Reprimiu a irritação por ela se dedicar cegamente àquilo.

– Você vai me *dar*? – Os olhos dela pareceram se incendiar. – O vampiro vai *me dar* o prêmio?

Aquele, pelo visto, não fora o melhor jeito de transmitir a ideia...

– Você não conhece as coisas o bastante para, ao menos, desconfiar do quanto eu acho suas palavras ridículas. Sou orgulhosa e notoriamente implacável, e, no entanto, você parece achar que eu permitiria que você me desse de presente algo que posso conseguir pelo meu próprio esforço.

Definitivamente, a conversa não corria conforme ele imaginara.

– Agora saia da minha frente, vampiro. Tem mais gente subindo a montanha enquanto batemos papo aqui.

Se ela podia ser implacável, ele também podia – e estava preparado para isso.

– Não sobrou nenhum prêmio. Estou com o último dos três espelhos-amuletos aqui comigo.

Os lábios dela se abriram.

– Suspeitei que pudesse enfrentar problemas e fosse precisar de algo para negociar. Sendo assim, teletransportei a sereia e o habitante do subsolo até a caverna que está atrás de nós. Portanto, parece que só sobrou um prêmio, e você *vai aceitar* o meu presente.

Nesse exato instante, Lucindeya, a sereia, passou calmamente com o seu amuleto, parou e o segurou pouco acima do coração. Ele *desapareceu*. Por alguns instantes, a área em torno exalou cheiro de fogo em floresta úmida.

– Obrigada, vampiro. Lembre-se do que eu disse – ronronou ela, lançando um olhar de triunfo para Kaderin.

Lucindeya garantiu a Sebastian que a Valquíria se irritaria profundamente se fosse ajudada em locais problemáticos. Sebastian imaginou que uma sereia não iria querer que um vampiro a ajudasse na competição, mas Lucindeya tinha lhe garantido que adoraria ver Sebastian conquistar Kaderin, pois “nada derrubaria mais depressa a grande e poderosa Kaderin do que se deixar apaixonar por uma sanguessuga”.

Lucindeya jurara pelo Lore – algo que ela e o kobold pareciam levar muito a sério – que a forma mais rápida e certa de perder Kaderin seria ajudá-la, especialmente numa competição física. Foi por isso que, quando Sebastian viu Kaderin escalando, precisou se segurar para não teletransportá-la direto ao topo, embora suasse frio, com medo de que ela caísse.

Foi quando a viu despencar meio de lado como uma boneca de pano.

Kaderin olhou para a sereia e, em seguida, para ele.

– Torça para Cindey não entoar sua canção sedutora, a não ser que você queira se tornar o cãozinho de estimação dela.

– Por favor, Valquíria – interrompeu Lucindeya, já se preparando para descer e pegando utensílios na mochila. – Até parece que eu gastaria a minha garganta para seduzir um vampiro. – Lançou um sorriso para Sebastian, enquanto martelava na pedra o seu grampo de apoio e pegava a corda encadeada. – Sem querer ofender, vamp. – Começou a descer em seguida, fazendo rapel.

Assim que ela desapareceu de vista, Kaderin olhou para um ponto atrás de Sebastian, e seus olhos se arregalaram. Sebastian se virou e viu o kobold descendo com dificuldade pelo longo túnel, seu alegre assobio ecoando pelas paredes de gelo.

Quando Sebastian perguntara ao kobold se Kaderin era casada ou tinha filhos, o ser subterrâneo lhe revelara que, até onde todos sabiam, ela era solteira e nunca tinha “gerado crianças”. Sebastian não sabia até que ponto deveria acreditar nas palavras do kobold, visto que ele também tinha jurado que Kaderin nunca comia nem bebia nada.

Sebastian se virou e viu que Kaderin ficara petrificada, os olhos grudados em cada movimento do ser subterrâneo que se aproximava. Era como um predador observando a presa.

Sem desviar o olhar, ela perguntou: – Você sabia que eu odeio kobolds quase tanto quanto vampiros? E que Cindey foi a minha competidora mais acirrada na última corrida? – Por fim, olhou para Sebastian. – Portanto, se você queria me deixar revoltada, conseguiu isso com louvor.

– Kaderin, não foi essa a minha intenção.

Vários relâmpagos iluminaram o céu ao longe, apesar de a noite estar sem nuvens. Agora ele já sabia que aquilo era provocado por ela.

– Você me colocou numa posição inadmissível. – Tirando as luvas, ela se aproximou dele até seus pés se tocarem. – Sabe o que mais você fez? – Esticou o braço, ergueu a mão delicada e afagou suavemente o rosto dele com a parte de trás de suas garras com cobertura aveludada. Quando ele se preparava para fechar os olhos e curtir o momento, ela completou: – Você subestimou uma Valquíria.

Como se fosse um borrão, ela se agachou com uma das pernas esticadas, girou o corpo num átimo e furou a garganta do kobold com a ponta das garras. Ao se aproximar da criatura aprisionada, puxou o

braço para trás ao mesmo tempo que o chutava com determinação e lançava o estranho ser para bem longe.

Estava novamente em pé num piscar de olhos, com o amuleto na mão. Sebastian ficou sem fala. Lançando para ele um olhar de tédio, segurou o prêmio com um dos dedos em torno do objeto e o colocou sobre o coração. Até que ele... desapareceu.

O kobold se contorcia no chão com as mãos presas à garganta, de onde escorria sangue amarelo.

Como ele continuava a se agitar em desespero, Kaderin bufou com ar de impaciência e o empurrou com o pé para além da ponta do penhasco, fazendo-o despencar centenas de metros. Quando Sebastian olhou, em estado de choque, ela virou a cabeça meio de lado. Depois, como se dissesse “... *E aproveitando que estou aqui...*”, arrancou da rocha o pino que segurava a corda da sereia. Puxou com mais força até arrancar o pino seguinte também, e largou a corda. Ouviu-se um grito de horror em meio ao vento.

Atônito com a mostra de crueldade súbita, ele reclamou: – Eu fui o responsável por tudo isso. Por que você não pegou o prêmio que eu segurava?

– Eles foram avisados. – Kaderin arrancou suas picaretas do gelo. – Da próxima vez, arrancarei o seu prêmio. Isso é uma promessa.

Então, simplesmente se deixou cair no abismo.

Ele mergulhou atrás dela com a mão estendida, mas Kaderin desapareceu. Tornou a vê-la no instante em que ela prendia as picaretas numa saliência da rocha, cento e cinquenta metros abaixo.

Quando ele se teletransportou até o mesmo ponto, Kaderin lançou-se mais uma vez no vazio, depois de se desvencilhar dele com um puxão violento. Mergulhou novamente e se prendeu a um novo ressalto, mais abaixo. Um urro de respiração presa saiu do peito de Sebastian, e ele quase sucumbiu de alívio ao vê-la chegar à base da montanha.

Dando mais uma olhada para o local onde ele ainda se encontrava, lá em cima, ela largou as picaretas e correu para o veículo que a aguardava.

**K**aderin rugiu de raiva ao ver que o kobold, ao despencar, tinha caído exatamente sobre o teto da niveladora de neve, afundando a superfície. O estranho ser continuava esparramado ali, inconsciente.

**Quanto a Lucindeya... Kaderin passara por ela a mais de trezentos metros de altura, segurando-se numa pedra com as pontas dos dedos e xingando-a em idiomas que os humanos costumavam chamar de “línguas mortas”.**

– *Eu não imaginei que você fosse começar tão cedo, sua puta dos relâmpagos* – esbravejou a sereia. – *Isso vai ter volta!*

– Ei! – gritou Regin. – O que atingiu o nosso teto? Não tenho seguro para colisões contra troços estranhos, hehehe...

Kaderin entrou correndo no carro, ainda ofegante por causa do movimento.

– Vá em frente! – ordenou. Colocou as mãos no para-brisa, abaixou-se e virou a cabeça, tentando encontrar Sebastian através do vidro bastante arranhado. Reencontrá-lo era só uma questão de tempo.

– Ahn... Será que não é melhor arrancar o troço estranho que caiu na porcaria do teto? Sabe como é, só para conseguirmos nossa elegante aerodinâmica de volta?

– É um kobold – informou Kaderin, com ar de pouco caso, ainda lutando para conseguir respirar normalmente.

Ao ouvir isso, Regin abriu com força a porta da niveladora de neve, esticou o braço e bateu cegamente pelo teto do carro. Agarrou pelo tornozelo o kobold que gemia e o atirou longe.

– Ligue logo esse motor! – ordenou Kaderin. – E prepare suas espadas. – Na verdade, as espadas de Regin mais pareciam pequenos e refinados sabres guardados em bainhas cruzadas às suas costas. Eram tão curtas que poderiam ser usadas com facilidade dentro do veículo fechado.

Regin desembainhou as duas armas e olhou à volta, em busca de algum adversário.

– Cadê? Onde está esse fantasma?

– É um vampiro! – explicou Kaderin, ainda arfando. – E ele vai aparecer... – Pulou de susto quando Sebastian se materializou do lado de fora do carro, a trinta centímetros dela. – Vai aparecer bem aqui!

Quando ele se teletransportou para dentro do veículo e se sentou no banco de trás, Regin ficou tensa, virou-se lentamente e olhou para ele. Qualquer outra criatura do Lore teria percebido os misteriosos e assustadores movimentos de Regin, quando ela se preparou para atacar, e saberia que sua vida chegara ao fim.

Talvez Kaderin não tivesse conseguido acabar com ele, mas Regin faria isso com imensa alegria.

De repente, Kaderin já não sabia se gostaria de presenciar a cena. Depois de todos os vampiros que matara e vira serem decapitados, a morte iminente daquele ali a deixava... nervosa?

– Kad, querida – começou Regin, com um ronronar de ameaça –, você me trouxe uma presa para eliminar? Eu já estava com saudade de criaturas com caninos pontudos. – As palavras de Regin saíram

ao mesmo tempo que suas espadas se posicionaram em torno do pescoço dele como se fossem tesouras. E ela as apertou uma contra a outra.

No último centésimo de segundo, porém, ele se teletransportou trinta centímetros para o lado. As lâminas cortaram somente o ar e deslizaram uma sobre a outra com um tinido metálico. Ou ele era o teletransportador mais rápido que ela já vira ou nunca estivera fisicamente ali.

– Você não pode matar um concorrente – avisou Sebastian, com uma calma irritante.

– Eu não estou competindo, sanguessuga. – As espadas se lançaram mais uma vez para frente, voando em harmonia. – Só piloto o barco.

Mas ele tornou a se teletransportar com ar indiferente.

– Você está cansando a minha paciência, criatura – disse a Regin, e lançou um último olhar para Kaderin. – Espere-me hoje à noite, Katja. – E desapareceu.

– Maldito! – Regin se revoltou, mas logo a ficha caiu. Seu queixo também caiu, e ela se virou para olhar para Kaderin. – *Katja?* – berrou, apontando a espada.

– Cale a boca. Não quero ouvir o que você vai dizer.

– Um vampiro acaba de chamar você por um apelido! E foi um apelido *sexy*.

Kaderin abanou a mão com ar de pouco caso e explicou: – É que ele acha que eu sou a... Noiva dele.

Regin recolocou as espadas nas bainhas.

– *Ah, é mesmo?* – perguntou, falando alto demais para aquele espaço exíguo. – Isso deve ser realmente contagioso! – Acionou a alavanca de câmbio e colocou a niveladora para rodar à estonteante velocidade de quinze quilômetros por hora.

– Contagioso? Por que diz isso? Por causa de Helen? – A transgressão de Helen acontecera setenta anos atrás. Será que os covens das Valquírias nunca esqueceriam esse deslize? Se eram tão rígidos, o que fariam se descobrissem sobre Kaderin e Sebastian?

– Helen? Pode ser, sim – resmungou Regin, com uma cara amarrada. – Quais são os planos dessa sanguessuga para você? – Ela dirigia como um perfeito caminhoneiro, com uma das mãos na base do volante imenso e a outra sobre a alavanca de câmbio.

– Ele quer me ajudar a vencer a Corrida do Talismã.

– Até parece que você confiaria numa sanguessuga para ajudá-la em algo dessa importância! – rebateu Regin, com um tom de frustração. Sem desviar, passou com a niveladora sobre um monte de neve.

– Mal confia em *mim* para ajudar você! – Soprou uma bola de chiclete que explodiu na mesma hora. – Ele me pareceu muito possessivo com você. Por acaso, você já... Tipo assim, levantou o rabo para ele?

– Não! Eu não transei com ele, se é o que você quer saber! – respondeu Kaderin, com toda honestidade, torcendo para ter exibido uma dose crível de indignação.

*Graças aos deuses, não fui tão longe. Jamais faria isso. Poderei sempre negar...*

– O que ele quis dizer com “hoje à noite”? Ele não conseguirá encontrar você.

*Ahn... Na verdade, talvez consiga me encontrar, sim.*

– Não faça a mínima ideia, Regin. – *Aquilo não podia ser verdade.* Teletransportar-se até uma pessoa era impossível. Vampiros não tinham esse talento. No entanto, ele já a surpreendera de várias formas. Kaderin sabia que ele era especial e único. Se tinha realmente esse poder, apareceria naquela noite?

– O que você fará se tornar a encontrá-lo?

– Não sei – admitiu Kaderin. – Não posso matá-lo por causa da competição.

– Imobilize-o, então. Se ele não for muito velho, você poderá prendê-lo em algum lugar com a ajuda de uma algea reforçada. E uma rocha gigantesca. Poderá prendê-lo pela perna. Ele ficará aprisionado ali pelo tempo que você desejar.

– A não ser que arranque a própria perna como o Lykae de Emma fez para chegar até ela.

Regin estremeceu ao se lembrar disso.

– Argh, sinto arrepios só de pensar.

Kaderin nunca tinha dado muita importância à façanha de Lachlain. Agora, a ideia de ele amputar a perna por vontade própria e rastejar pelas catacumbas de Paris até alcançar a sua companheira que estava nas ruas acima lhe pareceu vagamente... romântica? Será que Sebastian faria isso por ela?

– *Inferno!* – Ele faria, sim.

– Que reação foi essa? – quis saber Regin. Ao ver que Kaderin simplesmente balançou a cabeça para os lados, avisou: – Vou colar em você esta noite. Talvez fique amanhã também, para ajudá-la a cumprir a próxima tarefa. – Regin dissera a Sebastian que não era uma competidora. *Ainda*. Kaderin sabia que era melhor cortar aquilo pela raiz, mas Regin ligou a música novamente.

“*All... my... friends... know the low rider*”, entoou ela.

Kaderin beliscou a testa. Os chocalhos tinham voltado. Quantas vezes mais ela teria de aturar aquela música?

De repente, percebeu, com tristeza, que preferia ser assediada pelo vampiro arrogante – um dos seus inimigos imortais – a ficar com Regin por mais vinte e quatro horas.

*Chega de chocalhos.*

– Acho que eu consigo lidar com ele – decidiu Kaderin.



Depois de ter falhado de forma vergonhosa em sua primeira investida, Sebastian se teletransportou novamente até o lugar onde estavam seus baús, para pegar uma nova carga de ouro. Percebeu que iria precisar de mais dinheiro do que calculara no início.

Tinha a sensação de que aquele período de galanteio com Kaderin seria... prolongado.

Enquanto arrancava as camadas de roupas que usava, preparando-se para escavar, sentiu o amuleto em um dos bolsos. Dando de ombros, pegou-o com cuidado, colocando-o acima do coração. Abriu um leve sorriso ao vê-lo desaparecer em pleno ar. A magia também tinha funcionado com ele, afinal? O cheiro do fogo das piras do templo encheu o ar e encobriu por alguns instantes o aroma salgado do Báltico. Sebastian resolveu que analisaria mais tarde esse fenômeno.

Pegou a pá que deixara ali para aquela finalidade e, enquanto cavava, perguntou a si mesmo se algum dia conseguiria esquecer a visão de Kaderin furando a garganta do velho kobold de olhar gentil.

No tempo em que era humano, Sebastian tinha matado e tratado de forma cruel seus inimigos. Só que, por Cristo, preferia não ter visto o ataque rápido e instintivo de Kaderin, que agira como se aquilo fosse rotina.

Embora já tivesse visto mulheres recorrendo à violência em tempos de guerra para proteger entes queridos, nunca encontrara ferocidade tão elevada numa fêmea.

Compreendeu que não poderia comparar Kaderin às mulheres do seu tempo. Não dava para compará-la nem com as fêmeas *humanas*. Suas irmãs desmaiavam diante da possibilidade de um simples inseto ser morto. Certamente, também teriam desfalecido diante da *ideia* de escalar uma montanha. Mas isso não tornava mais fácil enfrentar a ferocidade que descobrira em Kaderin.

Receava que sua Noiva curtisse toda aquela crueldade.

Cavou durante muito tempo, mas não achou nada. Com as sobrancelhas unidas, enfiou a pá ainda mais fundo. Continuou não encontrando.

Seus punhos se cerraram em torno do cabo da pá, e ele viu apenas lascas de madeira e muita terra.

Os baús tinham desaparecido.



Kaderin se largou de qualquer jeito sobre a poltrona reclinável do jatinho, satisfeita com o sucesso da primeira missão. O lugar ao lado estava vazio, e Regin se deitara no chão do avião com as pernas pousadas sobre o braço de uma das poltronas. O plano de voo era deixar Kaderin num aeroporto particular da cidade do Rio de Janeiro e seguir com Regin para Nova Orleans.

Sim, Kaderin estava bem satisfeita. Não importava o que acontecera, ela estava na liderança. Empatada com Cindey e com o vampiro insuportável. Como era possível que um vampiro, em sua primeira Corrida do Talismã – e na primeira missão! –, tivesse conseguido a pontuação máxima? Aquilo era intolerável. Pelo menos, Bowen não tinha aparecido por lá, e a única outra missão que possuía pontuação elevada, na sequência, não valia mais de nove pontos.

– Posso ficar com você, caso precise – ofereceu Regin, pela quinta vez. – Formaríamos a maior dupla do tipo “bota pra quebrar” que já se viu.

– Tentei trabalhar em equipe na minha primeira Corrida do Talismã – respondeu Kaderin. – Infelizmente, minha parceria com Myst acabou numa diferença de opinião que culminou numa briga memorável, com socos e puxões de cabelo. Desculpe, Regin, mas eu sempre vou preferir trabalhar sozinha. Além do mais, o amuleto foi um bom começo. Já ganhei doze pontos dos oitenta e sete.

– E se aquele vampiro tornar a encontrar você?

Se era verdade o que ele contara naquela saliência da montanha, Kaderin sabia que ele tornaria a aparecer mais cedo do que Regin imaginava.

– Tenho certeza de que consigo pensar em algum jeito de cuidar dele.

– Quando foi que você o conheceu? Quando esteve na Rússia? – Kaderin fez que sim com a cabeça, e Regin insistiu: – Ele se teletransportou antes de você conseguir matá-lo?

Kaderin enrubesceu.

*Não, eu fiquei muito ocupada me esfregando nele.*

– Eu estava sem o meu chicote na hora – explicou ela, saindo pela tangente, sem precisar mentir. Sentia como se tivesse um cartaz na testa ou uma camiseta com a inscrição “Beijei um vampiro, e gostei.” – Regin, por que você está tão ávida para me ajudar? Você me parece muito interessada em sair... e permanecer longe... de Nova Orleans.

Ela começou a mexer no iPod, visivelmente nervosa.

– Nix me contou que... Bem, que Aidan, o Furioso, vai voltar logo.

– O seu *berserker*?

Regin tinha beijado Aidan – embora não devesse ter feito isso, pois seus beijos eram como drogas tão fortes quanto os mais poderosos narcóticos místicos, e igualmente viciantes. Mesmo depois de o *berserker* ter morrido numa batalha, ele desafiara a morte para poder perseguir Regin novamente em outra vida.

De fato, ele reencarnara, pelo menos, três outras vezes, ansiando por Regin de forma tão intensa que acabara amaldiçoado e fora obrigado a se tornar algo conhecido por Versão 2.0, um ser destinado a reencarnar por toda a eternidade.

– Ele não é o *meu berserker* – afirmou Regin.

– Como você o definiria, então?

Ela deu de ombros, mas Kaderin insistiu.

– Como você descreveria o fato de ele reencontrar você ao longo dos séculos, lembrar-se de quem você era, e então, de algum modo, ser morto tentando reconquistá-la?

– Um jogo que gostamos de curtir? – Regin franziu o cenho. – Eu realmente disse isso?

– Nesse caso, você não deveria estar em Nova Orleans, se preparando? – quis saber Kaderin, olhando para cima com impaciência.

Regin desviou o olhar e murmurou: – Eu estava pensando que, se ele não me encontrasse dessa vez, talvez vivesse além dos trinta e cinco anos.

Kaderin não sabia como lidar com a seriedade súbita de Regin e replicou: – O que eu devo fazer com essa informação, Regin?

– Você é ridícula, sabia?

– E se aquele Ivan, o russo, fosse o seu *berserker* e você não soubesse disso?

– Eu *sempre* o reconheço – garantiu Regin, olhando para o teto.

– Por que simplesmente não o aceita e vai correndo para os braços dele, então? – Freya ensinara às Valquírias mais velhas que elas reconheceriam seu verdadeiro amor quando ele abrisse os braços e elas sentissem que *sempre* se lançariam dentro deles.

– Tenho meus motivos. – Regin empinou o queixo, apesar de estar deitada no chão do jatinho. – Eles são numerosos e complexos.

– Dê-me um.

Regin olhou para ela e decidiu responder.

– Muito bem, vou lhe dar um motivo do tipo Regin Lite. Numa situação como essa, você precisa perguntar a si mesma se o petisco vale o risco. – Ao ver que Kaderin não entendeu, ela explicou: – É uma expressão que eu acabei de inventar, do tipo “*Esse cara vale o porre?*”

– Ah. Ele não vale, então?

– Entre outras coisas, eu não me empolgo com a ideia de me apaixonar por um mortal e ter de amaldiçoar cada dia que nasce por saber que ele pode morrer num estalar de dedos. Para depois eu sofrer a ânsia pela volta dele, entende? – Balançou a cabeça com firmeza. – Não vale a pena.

– Sim, eu entendo. Sempre é sábio dispensar um prazer curto para evitar dores posteriores. – Kaderin realmente entendia muito bem disso. Mas por que ela curtira tanto o prazer que obtivera de Sebastian, mesmo sabendo que sofreria depois?

– Exato! – concordou Regin. – É uma questão de autopreservação. Ninguém no coven entende isso. Querem que eu simplesmente viva o momento. Nix me aconselhou a “encontrar e transar com o meu berserker”. – Expirou longamente. – Isso leva a outra pergunta. Você vai arrumar um macho, agora que a sua maldição está se dissolvendo? Lá no coven, todo mundo fala que você não curte um “rala e rola” há mais de mil anos.

Kaderin não viu razão para negar isso. Mesmo antes de obter o dom da insensibilidade, ela receava tanto confiar nas pessoas que então tivera poucos amantes.

– Não sou tão altruísta a ponto de dar algo aos outros sem obter nada em troca. E não sinto tanto desejo assim.

*Mentira, mentira, mentira.*

– Talvez não sentisse *antigamente* – ressaltou Regin, piscando um dos olhos com exagero. – E então, me conta... Qual é o seu tipo? Ou qual era? Pelo menos, você se lembra disso?

Qual *era* o seu tipo? Kaderin enrubesceu, negando a si mesma o primeiro pensamento que lhe veio à mente.

– Eu sempre me senti desprotegida diante de homens que cuidam de porcos.

Regin riu, e, quando Kaderin a acompanhou, exclamou: – Isso é muito esquisito, Kad. Você já era uma Valquíria estranha e sem emoções antes mesmo de eu nascer. Nunca a conheci de outra maneira. – Olhou-a de um jeito que transmitia estima e declarou: – Mas até que você é uma pessoa legal quando não age como quem foi lobotomizada misticamente.

**As moedas de Sebastian, o ouro, toda a riqueza que acumulara no mundo, tinham desaparecido.**

**A cabeça se ergueu para o alto e as presas pareceram ainda mais afiadas. Nikolai. Só poderia ser! Largou a pá no chão e, cerrando os punhos que sangravam, teletransportou-se para dentro de Blachmount, espiando de sala em sala e mal reparando nas mudanças em toda parte. Encontrou o irmão caminhando pelo salão principal – onde Sebastian e o restante da família tinham morrido.**

Nikolai pareceu chocado ao vê-lo, antes de receber um soco violento no rosto.

– Onde está a porra do meu ouro? – gritou Sebastian, aplicando outro golpe no irmão.

– Eu o resgatei. – Nikolai tentava desviar, mas levava novos golpes sem revidar. – Estava tomando conta do seu tesouro.

– Pois não tinha esse direito! Fez isso para que eu me visse forçado a vir me confrontar com você.

– Isso mesmo – reconheceu Nikolai, com simplicidade.

Sebastian o agrediu mais uma vez; em seguida, deu um pulo ágil para frente e empurrou Nikolai contra uma parede, prendendo-o com o braço esticado e a mão sob o queixo do irmão. Tudo aquilo lembrava-o demais a noite em que tinha voltado à vida, trazendo junto toda a dor do passado.

– Você quer um confronto? Exatamente como antes?

Nikolai se recusara a lutar com ele no passado, exatamente como fazia agora. Naquela última noite, se Murdoch não tivesse tirado as mãos de Sebastian da garganta de Nikolai, ele teria matado o irmão.

Sebastian recordou aquele momento como se enxergasse tudo através de uma névoa; lembrava-se de estar vivo e morto ao mesmo tempo, sem batimentos cardíacos ou respiração, aprisionado numa espécie de crepúsculo. Passara por terríveis momentos de fraqueza, acordando à noite com uma sede pavorosa que só poderia ser saciada com sangue.

Tinha sido amaldiçoado, pois seu irmão ignorara o seu desejo desesperado de morrer com o restante da família. Deu um soco na parede bem ao lado do rosto de Nikolai.

– Você me transformou numa abominação.

– Eu salvei a sua *vida*! – explodiu Nikolai, como se mordesse as palavras.

– E na mesma hora quis que eu me juntasse ao seu exército. Uma vida mortal de batalhas e mais batalhas não foi o bastante! Você queria que eu e Conrad lutássemos numa guerra eterna.

– Vale a pena lutar.

– Essa não é a *minha* guerra.

– Você continua a me odiar tanto assim pelo que fiz? – quis saber Nikolai. – Foi por isso que nunca mais voltou aqui?

Sebastian o largou depois de algum tempo.

– Eu não odeio você – disse, por fim, surpreso ao notar que o que dissera era verdade. – Eu não ligo para coisa alguma na vida, pelo menos o suficiente para odiar seja lá o que for. Não ligo mais,

simplesmente... Trezentos anos fizeram isso comigo. – Recuou lentamente. – Eu só quero que você fique fora da minha vida.

– Quer um pedido formal de desculpas? Posso lhe oferecer isso.

– Não quero suas desculpas porque sei que, se a situação se repetisse, você faria tudo de novo... – A atenção de Sebastian foi desviada quando uma figura feminina entrou no salão.

– Nikolai? – Ela olhou para o rosto muito machucado de Nikolai e, em seguida, voltou-se para Sebastian. – Pelo visto, ele não vai se defender e agredir você, mas eu vou.

Reconhecendo as feições dela, Sebastian perguntou: – Você é uma Valquíria?

– Como você sabe o que eu sou? – indagou a recém-chegada, olhando para Nikolai. – O coração dele está batendo. O sangue está circulando!

Nikolai sempre fora reservado, dono de um admirável e rígido autocontrole. Por isso, foi inesperado quando ele olhou da Valquíria para Sebastian, e seus olhos assumiram uma expressão selvagem. O primeiro golpe de Nikolai atingiu Sebastian antes mesmo de ele ter tempo de ficar tenso.

– Foi ela? – berrou Nikolai. – Foi ela que fez seu coração voltar a bater?

Sebastian reagiu e aplicou um cruzado de esquerda no queixo de Nikolai.

– Não! – retrucou, com raiva.

Nikolai baixou os punhos e se afastou, respirando mais lentamente.

– Então você encontrou sua Noiva antes de vir aqui?

Sebastian olhou com raiva e passou a manga sobre o lábio que sangrava.

– Eu... eu... – gaguejou Nikolai. – Desculpe... Eu pensei que...

– Limite-se a me contar onde o meu ouro está.

Nikolai passou os dedos pelo cabelo.

– Esse reencontro não está acontecendo exatamente como eu imaginei, Sebastian. Estou arrependido por ter batido em você. Sempre perco a cabeça por causa dela. Certamente, você me entende, agora que seu sangue também corre.

*Você não sabe nem metade da história.*

– Sebastian, esta é Myst.

– Estivemos procurando você em toda parte – disse ela, com o mesmo sotaque de Kaderin. Embora as cores fossem muito diferentes, pois Myst tinha cabelo ruivo e olhos verdes, suas feições eram parecidas com as de sua Noiva. – Ouvi muita coisa a seu respeito.

Ele ergueu rapidamente o queixo em sinal de saudação e se virou para Nikolai, exigindo: – Quero meu ouro.

– Muito bem. – Apesar de Nikolai não deixar transparecer nenhuma emoção, Sebastian o conhecia o bastante para reconhecer que estava amargamente desapontado. – Siga-me, por favor.

Quando Nikolai levou o irmão para o velho escritório do pai, Myst os seguiu, observando Sebastian com ar de desconfiança, como se ela se considerasse a guardiã pessoal de Nikolai. Se tivesse metade da fúria de Kaderin, já seria perfeita para essa função.

O escritório onde os três entraram estava sendo reformado, e persianas tinham sido instaladas recentemente em todas as janelas.

– Não acredito que você esteja reformando Blachmount, nossa velha casa – reclamou Sebastian, com tom de desagrado.

– Planejamos morar aqui. É claro que você será bem-vindo, se também quiser residir nesta propriedade – completou Nikolai, mas Sebastian fez uma careta diante da ideia. – Poderá se teletransportar para esta sala a qualquer momento, sempre que precisar de um abrigo com urgência – acrescentou Nikolai. – Todas essas janelas ficarão sempre fechadas durante o dia.

Até parece que Sebastian aceitaria alguma vez ir para lá de forma voluntária.

– Como foi que você encontrou meus baús? – quis saber.

– Senti a sua presença uma noite dessas aqui na propriedade e vasculhei todo o terreno para ver se encontrava alguma pista da sua visita. Não tinha muita esperança de localizá-lo, ainda mais depois dos acontecimentos recentes. – Pigarreou para limpar a garganta e trocou olhares de cumplicidade com Myst. – Encontrar a pá e ver a terra recentemente revirada foi um grande alívio e...

– *Leve-me até o meu ouro.*

Os lábios de Nikolai se apertaram, mas ele seguiu até a parede dos fundos do escritório e exibiu um pequeno cofre de parede. Os tijolos ao redor eram novos, como se tivessem sido recolocados ali depois de terem sido arrancados da parede.

– Como é que você sabe o que eu sou? – perguntou Myst, e Sebastian a fitou longamente. – A maioria confunde Valquírias com ninfas. – Balançou a cabeça para os lados e murmurou para si mesma: – *Odeio aquelas pequenas prostitutas.*

– Já vi seres da sua espécie, antes – disse ele.

– Onde? – quis saber Nikolai, pegando uma caixa pesada no cofre.

– Por aí. – Os olhos de Sebastian se estreitaram quando Nikolai colocou a caixa sobre a mesa.

– Entendo – disse Nikolai, sem insistir. – Troquei quase todo o seu ouro por dinheiro e investi tudo com sabedoria. Nesta pasta, você vai encontrar toda a sua carteira de investimentos. Além de informações sobre o seu banco e suas contas. Há também um notebook, um celular e uma carteira de identidade estoniana. Mas você vai precisar de uma foto recente para validá-la. Também há cartões de crédito. Você está tão estabelecido e legalizado quanto qualquer ser humano.

Sebastian fervia de raiva. Nikolai continuava fazendo o que sabia fazer de melhor: *exatamente o que queria.*

– Você não tinha esse direito.

– Esperava estar ajudando. Você não poderia ter lidado de forma mais segura com a sua riqueza. Aliás, você e Conrad são homens muito ricos.

– Você sabe onde está Conrad? – Ele perdera contato com seu outro irmão depois de deixarem Blachmount, já como vampiros. Se Sebastian rapidamente enlouquecera de sede e confusão mental, Conrad certamente tinha enfrentado coisa muito pior.

Nikolai exibiu uma expressão triste.

– Não. Tenho procurado muito por vocês dois. Por acaso, você o encontrou recentemente?

Depois de uma curta hesitação, Sebastian balançou negativamente a cabeça. Não via Conrad desde algumas poucas semanas após a transformação de ambos. No dia em que tinham se encontrado pela última vez, Conrad comentara, de forma enigmática, sobre algumas coisas que deixara inacabadas quando era mortal. Ao anoitecer, ele desaparecera e nunca mais voltara.

– E quanto a Murdoch? – perguntou Sebastian, curioso para saber se ele conseguira viver ou morrer. Quantos irmãos ele ainda tinha, afinal?

– Posso levar você até ele agora mesmo. Murdoch está na fortaleza dos Abstêmios.

Sebastian lançou-lhe um olhar sombrio.

– Esse é um lugar aonde não pretendo ir, mesmo que tivesse muita vontade de vê-lo.

Myst se colocou entre os irmãos para quebrar o momento tenso.

– Por que você está tão furioso com o passado? Acho que deveria estar grato a Nikolai. Não fosse ele, você nunca teria encontrado a sua Noiva.

*Eu não a tenho agora, do mesmo jeito.*

– Será que isso realmente é uma bênção? – Pegou a caixa e se teletransportou dali.



Às margens do oceano Atlântico, em uma bela villa isolada na praia, Kaderin estava deitada na cama, olhando para o teto e se sentindo infeliz.

Precisava de ação, mas era forçada a aguardar os pergaminhos das tarefas, que estavam sendo atualizados. Sim, tinha necessidade de ação... e também de dormir um pouco.

Normalmente, precisava de não mais que quatro horas de sono diariamente, mas conseguia ficar dias sem dormir, quando pressionada. Dessa vez, porém, queria se sentir cem por cento recuperada após a viagem à Antártida. Ainda estava com o corpo muito dolorido pela subida e descida extenuantes, e os ferimentos iriam piorar ao longo das provas.

Entretanto, não conseguia adormecer. A camiseta que estava usando apertava os seios, e isso a deixava louca. Odiava dormir com qualquer peça de roupa, mas naquela noite precisava se *preparar para a possibilidade de ter companhia*. Até mesmo as finas roupas de cama daquela luxuosa residência alugada eram como sacos de estopa quando comparadas aos seus lençóis Pratesi. O pior é que o quarto era grande, o som ecoava e o ambiente era muito escuro. Demais, até.

Embora destemidas nos campos de batalha, as Valquírias, muitas vezes, tinham fraquezas secretas. Lucia, a Arqueira, sentia verdadeiro terror diante da possibilidade de errar o alvo; desde a infância, fora amaldiçoada a sentir dores indescritíveis cada vez que isso acontecesse. Nix temia terrivelmente prever a morte de uma Valquíria. Até hoje, porém, isso nunca acontecera. Regin, sempre a primeira a correr entoando gritos de guerra numa briga ou batalha, tinha medo de... fantasmas.

E Kaderin? Quando sozinha, ela já havia sofrido de nictofobia, medo do escuro e de lugares sombrios, apesar de conseguir enxergar perfeitamente na completa escuridão.

Pelo jeito como olhava para o interruptor de luz do banheiro naquele instante, parecia sentir mais uma vez esse medo singular. Mais uma fraqueza antiga, do tempo em que ainda não tinha seu dom, mostrava sua cara feia. Ela se levantou para acender a luz do aposento e voltou.

Uma terrível Valquíria que dependia da luz para não ter medo do escuro – essa era Kaderin.

Ali, ela se sentia intranquila e desconfortável, exatamente como acontecera na sua *townhouse* de Londres. Já se acostumara a viver no seu coven em Val Hall, em meio aos gritos tranquilizadores de suas meias-irmãs, sem falar nos raios e trovões que sacudiam a mansão. A noite toda havia Valquírias entrando e saindo pelas pesadas portas de carvalho da frente da casa, que rangiam muito.

Virou-se para o lado num acesso de raiva, olhando para a sua companheira de cama – a espada. Mais uma fungada de raiva a fez virar-se de costas para a arma. Kaderin se sentia... solitária. Ainda não se

livrara do pesado sentimento de solidão de *Sebastian*, que tinha vivenciado naquela madrugada, em seu castelo deprimente.

Por que não pensar nele? Por que não se permitir sonhar com o vampiro para acabar logo com aquele sentimento?

Poderia tentar compreender, por exemplo, o motivo de ele querer morrer. Teria perdido um ente querido? Uma mulher? Isso faria sentido. Ele aparentava pouco mais de trinta anos; provavelmente, já tinha sido casado. Se Kaderin tivesse perdido o marido, era possível que também entendesse a atração de se tornar uma eremita. Poderia mesmo considerar a morte como uma libertação, caso achasse que isso a levaria a encontrar novamente a pessoa amada.

Por outro lado, se ele já tivesse sido casado, por que parecera tão estranhamente inseguro no momento de beijá-la pela primeira vez? É claro que já devia fazer algum tempo que não passava por aquilo, mas existia também uma hesitação inesperada em seu comportamento.

Logo depois, ele rapidamente retomara o controle da situação.

De repente, ela se pegou pensando sem parar em seus beijos abrasadores, revivendo tudo o que acontecera naquela madrugada. O pior é que, sempre que recordava os detalhes do que fizera com ele, não sentia apenas vergonha. Lembrou que havia sentado sobre seu membro enorme, ainda dentro da calça, e fora aí que percebera a umidade que havia entre suas pernas. Seus seios tinham ficado inchados e doloridos. Suas garras haviam se lançado para fora, como se quisessem puxá-lo para junto dela.

Todas essas mudanças em sua personalidade não poderiam ser explicadas. Ela sempre acreditara que um deus ou outro poder maior abençoara-a com aquele torpor e a falta de sensações. Um simples encanto não teria durado tanto tempo. Além do mais, as Valquírias não eram suscetíveis a feitiços de tipo algum.

Não... Ela fora abençoada por um poder extraordinário.

Será que esse poder poderia ser neutralizado pela sua atração por um vampiro com voz de trovão?

Sua ferocidade reprimida tinha o poder especial de seduzir o antigo amortecimento dos sentidos de Kaderin. Talvez fosse isso que a atraísse tanto nele. Os dois eram iguais.

Mas por que ela teria de recuperar os sentimentos logo agora, quando havia tanta coisa em jogo? *Inconveniente* era um adjetivo que não chegava sequer a começar a descrever tal situação. Kaderin ficou deitada de costas na cama e deixou deslizar os dedos lentamente para dentro da blusa, mas as palmas de suas mãos pareciam macias demais contra seus seios. As mãos *dele* tinham lhe parecido tão sedutoramente calejadas e tão hesitantes, a princípio, quanto seus beijos.

Mãos ásperas, lábios deliciosamente firmes, olhos intensos. Tudo nele fora criado para decadentes sonhos sexuais. Só que Kaderin não sonhava desde a bênção que lhe tirara as sensações.

Mas conseguia fantasiar, e facilmente acessou a lembrança do corpo musculoso dele. Mordeu o lábio inferior. A verdade era que havia muitas coisas interessantes nele. Kaderin não tivera muitos amantes, mesmo no tempo em que possuía sentimentos, porque sempre lhe fora difícil confiar em alguém. Entre os poucos que tinha levado para a cama, nunca existira um imortal. E nenhum deles tinha sequer a metade da força dela.

O vampiro, porém, era mais forte que ela.

Mas ela nunca dormiria com ele.

*Se ele está vindo, onde está que não chega?*



Durante horas, Sebastian vasculhou todos os papéis e documentos que havia na pasta que recebera, tentando entender se realmente ainda possuía alguma riqueza. Mas sua mente estava completamente tomada por outros pensamentos.

Sabia que ela não poderia sair para a etapa seguinte antes de os pergaminhos serem atualizados. Portanto, não acreditava que Kaderin pudesse estar em perigo. Mesmo assim, ao pôr do sol, finalmente cedeu à tentação e se teletransportou até ela.

Viu-se em pé num quarto espaçoso que parecia pertencer a uma residência particular. O relógio lhe informou que passava pouco das quatro da manhã. Isso significava que ele fora parar no outro lado do mundo. Havia uma cama bem no centro do aposento. Ele se teletransportou até os pés do leito e olhou para baixo.

Sua Noiva dormia no meio da cama.

Será que um dia ele conseguiria se acostumar ao singular teletransporte que o levava diretamente a ela? As vantagens eram incalculáveis.

Suas autocongratulações desapareceram quando percebeu que ela dormia com movimentos espasmódicos do corpo. Estava deitada de barriga para baixo, as costas parcialmente cobertas pelo cabelo que descia e se espalhava em cascata. A blusa que certamente vestia antes parecia ter sido embolada e largada ao lado da sua cabeça. Um dos seus braços finos estava esticado na direção da espada que repousava junto dela.

Uma sensação de desconforto o invadiu. Será que ela dormira com a espada ao lado como defesa contra a possibilidade de ele encontrá-la, ou a sua vida era sempre tão perigosa quanto parecia? Se essa última hipótese fosse a verdadeira, ele não sabia se conseguiria mantê-la longe da sua vista novamente.

Os olhos dela corriam de um lado para outro atrás das pálpebras, e sua orelha pontuda se mexia sem parar, como se detectasse o som de algum perigo iminente. Estaria ouvindo os passos de um possível inimigo que se aproximava?

Sua respiração era feita de ofegos irregulares, do jeito que os animais muito jovens respiram ao dormir.

Em torno do punho da espada, seus dedos se enroscaram com mais força, e ver aquilo fez o peito dele se apertar. Ele só poderia protegê-la se ela permitisse.

Surpreendentemente, Kaderin pareceu se acalmar com a presença dele. Sebastian tirou o cinto com a sua espada e também a jaqueta. Colocou-os sobre um banco junto da cama. Com toda a calma do mundo, pôs-se a estudá-la e bebeu dela com o olhar. Nunca imaginara as costas de uma mulher como algo extremamente sexy, mas as de Kaderin eram assim. Ele queria apertar seus ombros magros, puxá-la para junto dele e beijar ao longo do delicado recuo de sua coluna vertebral.

Sua pele dourada e macia parecia chamá-lo. Não poderia ser tão suave quanto aparentava.

Ela murmurou alguma coisa em meio aos sonhos e mudou de posição, virando a cabeça para o outro lado. Encolheu a perna, e o lençol que a cobria deslizou um pouco para cima, expondo o curtíssimo shortinho rosa que vestia. A ponta de um dos lados do short fora repuxada com o movimento; Sebastian teve um vislumbre roubado de sua parte mais feminina e gemeu baixinho. Ela era loura ali também, igualmente perfeita e bela.

*Nascida de deuses?* Ele acreditava nisso.

Precisava tocá-la e beijá-la bem ali. Nunca tinha possuído uma mulher usando apenas a boca, mas fantasiava sobre isso com muita frequência, como qualquer homem mortal. Mal conteve um tremor de prazer diante da ideia de fazer isso ali, com ela.

Com o pênis duro como ferro, aproximou-se um pouco mais...

**N**ão, Kaderin não costumava sonhar desde que recebera o dom da insensibilidade. Por causa disso se viu confusa sobre o motivo de sonhar que o vampiro lhe empurrava as pernas para os lados, abrindo-as.

**Claro que é um sonho. Um pesadelo. Eu nunca dormiria na presença de um vampiro.**

**Mesmo assim, permitiu que o vampiro do sonho continuasse a tocá-la e se percebeu seduzida pela respiração entrecortada dele ao deslizar os dedos trêmulos ao longo das suas pernas e seguir, logo depois, por dentro das coxas. No sonho, os dedos dele eram muito quentes; um deles apertava a sua bunda, e o outro puxava de lado o shortinho de seda, para expor seu sexo.**

Ele sugou o ar, quase sem fôlego. Sonhos poderiam ser tão reais? Ela não conseguia lembrar! Mas não devia estar sentindo-o daquele jeito, inclinando-se sobre ela e pressionando seu peso sobre a cama. Para beijá-la, talvez? Beijá-la onde, precisamente?

Sua voz grossa estava mais rouca quando ele disse: – *Quero minha boca em você...*

Os olhos dela se abriram. Ela girou para o lado e pousou a mão livre no punho da espada, erguendo-a. A lâmina atravessou a colcha e foi parar debaixo do queixo dele. Mantendo a arma firme no lugar, ela se apoiou com as costas na cama, deu um pulo, sentou-se e soltou uma exclamação de espanto.

Viu que estava seminua, ainda arfava pesadamente e se percebeu ofuscada pela excitação. Diante dela, a óbvia e imensa ereção do vampiro pressionava com força a calça jeans que ele vestia.

Kaderin engoliu em seco e ergueu a cabeça, mas lamentou fitá-lo diretamente, pois os olhos dele ardiam de desejo; os pensamentos dela pareceram sumir por completo diante disso. Quando os olhos dele baixaram para seus seios nus, Kaderin o empurrou com força.

– Muito bem – admitiu ele, erguendo as mãos. – Talvez eu mereça isso por tocá-la enquanto você dormia, mas saiba que agora, no finalzinho, pensei que já estivesse acordada.

– Há quanto tempo você está aqui? – quis saber ela, com a voz muito aguda.

– Quase dez minutos.

Ela olhou atrás dele e viu sua espada pousada em cima do banco e a jaqueta pendurada ao lado. Tentou se segurar para o queixo não cair.

– Impossível.

– Noiva, você continua dizendo “impossível” sobre coisas que já aconteceram.

Ela não conseguia pensar direito! Nenhum vampiro a pegara desprevenida daquele jeito. Nunca! Kaderin tinha sono leve, pois fora treinada para isso ao longo de muitos anos de batalha. Como acreditar que tinha dormido e sonhado enquanto uma sanguessuga se deliciava, acariciando-lhe as partes íntimas?

O que havia de tão especial naquele vampiro em particular?

*Por que eu não consigo passar a espada nele e acabar com isso?*

Um leve flexionar do pulso e a lâmina correndo debaixo do queixo do vampiro acabaria com ele para sempre. Um balanço vigoroso com o braço cortaria fora a sua cabeça.

Mas ela não podia fazer isso por causa da competição.

*Isso mesmo... Só as regras cruéis da competição me impedem de fazer isso.*

Havia outra razão para ela explicar de forma satisfatória o motivo de não feri-lo, mas Kaderin se recusou a aceitá-la. Se o fizesse, a vida como ela conhecia chegaria ao fim...

– Eu não aguento continuar nessa posição por mais tempo, Katja – avisou ele, com toda a calma do mundo. – Mas posso ficar de costas, se você quiser se vestir.

Um vampiro cavalheiro. Suas palavras eram firmes, e ele falava em voz baixa, mas ela percebeu que ele mal conseguia se controlar, como se realmente considerasse a possibilidade de dar um tapa forte para afastar a espada e cobrir o corpo dela com o dele, ali na cama. Como ela reagiria se ele fizesse isso?

Bem que ela gostaria de saber. A Kaderin previsível, a Kaderin estável... agora era volúvel.

A maneira como ele a estudava com ar de flagrante apreciação deixou-a nervosa. No seu velho país de origem, durante uma tempestade, o mar sempre crescia e assumia tons violentamente coloridos, para em seguida se movimentar em tons sombrios ou pretos como carvão.

Esses eram os olhos dele naquele momento, brilhando na escuridão: uma tormenta em mar alto.

Um pensamento vazio surgiu na mente dela.

*Eu sempre adorei tempestades.*

Ela se sacudiu por dentro. A cada segundo passado com aquele vampiro, possivelmente o exemplar masculino mais sexualmente atraente que ela já conhecera, mais ela brincava com fogo. Ali estavam em ação não só os desejos *dele*, mas também os sentimentos *dela*... O prazer de ouvir o trovão profundo da sua voz; a excitação diante dos seus olhares sedentos; a satisfação por não estar mais sozinha naquele quarto.

Durante uma eternidade, Kaderin considerara todos à sua volta como escravos da emoção, comportando-se de forma injustificada e irracional. Agora, era mais uma entre eles, ainda por cima inexperiente.

À deriva.

– Vou me vestir. – Ela abaixou a espada e se levantou, agarrando sua blusa e passando junto dele. Sebastian devia ter visto os seios dela apenas de relance, mas não se deu ao trabalho de disfarçar um gemido de prazer. Quando ela seguiu em frente para pegar a bolsa, sentiu o olhar dele colado na sua bunda.

Desde que tivera idade suficiente para deixar Valhalla na condição de novo ser imortal, Kaderin sempre notara que os homens consideravam excitante seu traseiro. Agora ela rebojava ainda mais, exagerando o balanço dos quadris. Ele a deixava com calor.

*Uma reviravolta dessas não era nada fácil.*

Ele praguejou algo baixinho em estoniano, e ela percebeu na mesma hora que Sebastian não fazia ideia de que ela pudesse conhecer o idioma. Por algum motivo, acreditou que ele jamais falaria daquele jeito perto dela se soubesse que era compreendido.

– Katja – chamou ele, atrás dela. – O que seria preciso para levar você novamente para essa cama, na minha companhia?

*Katja!* Por cima do ombro, ela respondeu: – Esse não é o meu nome, e nada do que você exhibe teria esse poder. – Mudar ao seu bel-prazer um nome que era honrado e reverenciado havia mais de vinte séculos era muita audácia dele! Para puni-lo, ela se inclinou para frente com as pernas retas e abertas, pousou a espada ao lado de uma mala aberta e pescou lá de dentro um top para usar debaixo da blusa. Quando tornou a se levantar e olhou por sobre o ombro, ele esfregava a mão na boca, parecendo hipnotizado.

Isso foi gratificante. Apesar de ele parecer que estava prestes a jogá-la sobre o ombro e carregá-la para o seu covil.

Como seria ser possuída por um homem como Sebastian? A ideia de estar realmente à mercê de um macho dominante que tinha uma única coisa em mente era... excitante.

Embora isso nunca fosse acontecer. Ainda de costas, vestiu as roupas lentamente.

– Você precisa entender que eu *nunca* vou dormir com um ser como você. – Virou-se a tempo de ver seus olhos assumirem um tom sombrio quando ele ouviu isso.

– Um *ser* como eu? – Ele fervia de tensão.

Será que as palavras dela tinham descoberto uma fenda desconhecida em sua armadura?

– Eu mato vampiros, não transo com eles.

– Você dormiria comigo se eu não fosse um vampiro? – O mesmo assunto, e agora essa pergunta... Ela conseguiria desejá-lo? Isso parecia muito importante para o vampiro.

Kaderin inclinou a cabeça para o lado, exagerando o jeito como o avaliava de cima a baixo. Ele pareceu parar de respirar.

*Como responder a essa pergunta?*

Admitir em voz alta seu vergonhoso desejo por um vampiro ou, quem sabe, esmagar o ego dele? E por que então ela deveria se preocupar com a segunda hipótese?

*Porque eu nunca fui uma pessoa cruel.*

– Você acha alguma coisa atraente em mim? – Ele foi muito arrogante ao perguntar isso, mas sua voz estava mais rouca, e ela percebeu sua incerteza. No mesmo instante, entendeu que uma mulher já o fisgara antes e fizera algum estrago.

Ele tinha acabado de revelar uma fraqueza para ela.

Sebastian deu um passo hesitante na direção dela. Ele também tinha feito isso no castelo e no templo, mas evitara continuar e seguir em frente apesar de, obviamente, querer chegar mais perto.

O vampiro era um macho com um corpo belo e marcante, embora parecesse não ter consciência disso. Nas outras duas vezes em que aquilo ocorrera, ele se colocara, de forma inconsciente, numa posição que fosse menos ameaçadora para ela, forçando-se a parecer distante. Quando estava calmo, mantinha o corpo imóvel. Não fazia gesto algum com seus braços longos e musculosos, nem dava passos largos. Era pura calma.

Quando não estava calmo – como quando era atacado por um lobisomem, por exemplo – ele se movia com velocidade e agressão incomensuráveis.

Provavelmente, tinha intimidado um monte de mulheres na juventude. Os homens não costumavam ter um metro e noventa e oito de altura, nem um físico tão avantajado naquele tempo. Ele nem precisaria ter se dado ao trabalho de parecer pouco ameaçador para ela. O prazer que Kaderin obtivera devorando com os olhos aquele corpo maciço era o motivo de ele ainda estar ali de pé, e não sangrando no chão.

– Qual é a importância de eu achar ou não algo atraente em você? – perguntou ela, por fim. – Você me acha pequena demais.

– Não! – Ele se apressou em negar e expirou com força. – É que eu sempre ouvi dizer que as Valquírias eram guerreiras imensas, parecidas com as Amazonas.

– Obviamente, essa é a versão das lendas. Se você fosse o único sobrevivente de um exército exterminado por nós, sairia por aí contando à sua galera que seus soldados tinham sido colocados para correr ou haviam amanhecido com a boca cheia de formigas devido ao ataque de fêmeas de compleição pequena e aparência frágil ou por monstros que conseguem dobrar um Buick ao meio?

Ela sabia que tinha falado depressa demais e colocado algumas gírias na conversa. Depois de alguns instantes, porém, ele entendeu o básico do que ouvira e exibiu um sorriso.

Pelos deuses, ela não precisava ser lembrada daquele sorriso, o mesmo que ele exibira quando se esfregara com vigor por cima dela, depois de fazê-la ter um orgasmo pela primeira vez em dez séculos.

– Isso faz sentido – foi o que disse. Ficou sério de repente e completou, baixinho: – Saiba que eu acho você perfeita. – Olhou para algum ponto ao longe. – Você é o ser mais lindo em que algum dia eu já pus os olhos. Era isso que eu queria lhe dizer no Templo de Riora.

O coração dela se acelerou de tal forma que quase teve certeza de que ele percebeu, pois se virou mais uma vez para ela e insistiu: – Você não respondeu à minha pergunta.

– É difícil enxergar algo além do seu vampirismo – disse Kaderin, com honestidade.

– Juro por Deus que eu não gostaria de ser um vampiro.

Ela deu um tapinha na bochecha dele.

– Sei... me engana que eu gosto. Se você não queria ser o que é, certamente não deveria ter bebido o sangue de um vampiro quando estava prestes a morrer.

Num tom inescrutável, ele garantiu: – Minha transformação aconteceu contra a minha vontade. Eu estava ferido e fraco demais para resistir.

*Ele havia lutado contra a transformação?*

– Quem fez isso?

– Meus... meus irmãos.

*Que história interessante.*

– Eles ainda estão vivos?

– Sei que dois deles estão. Mas um terceiro desapareceu. – Cerrou o maxilar com força, e os músculos de sua mandíbula pareceram latejar, como se ele tentasse controlar a raiva. – Eu... eu não quero falar sobre isso.

Ela encolheu os ombros como se não desse a mínima para aquilo, mas *ficou* curiosa. Atravessou o aposento até onde estava a espada dele e a tirou da bainha. Era uma espada de batalha. O cabo de pau-rosa tinha entalhes para os dedos e era muito comprido para ele poder segurá-lo com as duas mãos. A lâmina com corte somente de um lado era larga e inflexível. Conseguiria atravessar uma cota feita de malha de ferro e cortaria a barriga de um homem com um único golpe.

– Você trouxe isso até aqui? – Ela olhou para ele. – Achou que poderia me subjugar com ela?

– Pensei em protegê-la, caso fosse necessário.

Ela ficou impressionada com o peso da espada e com o óbvio cuidado que ele tinha para mantê-la sempre polida.

– É muito boa, suponho... para um iniciante.

– Iniciante? Eu tingi essa espada de vermelho durante muitos anos, até a noite em que morri.

Ele era um estoniano que morava na Rússia, tinha um ar de nobreza estampado em sua figura e gestos, e contou que estava naquele castelo havia alguns séculos. Isso significava que tinha lutado na Grande Guerra do Norte entre a Rússia e os países nórdicos vizinhos. Uma guerra sangrenta, por sinal. A fome e a peste haviam dizimado populações inteiras, embora ela suspeitasse que o homem diante dela morreria no campo de batalha.

– Você sabe o suficiente sobre espadas para ver que essa é uma arma excelente – disse ele.

Kaderin a embainhou e tornou a colocá-la no lugar.

– Eu prefiro espadas leves e rápidas, mas, com esse corpo pesadão, o seu estilo de luta deve ser baseado em força bruta.

– Pesadão? Não é uma coisa ruim haver muita força por trás de uma espada – rebateu ele, num tom defensivo.

– Pode ser, mas a força não consegue derrotar a velocidade.

– Eu discordo.

– Já vivi por muitos anos – disse ela. – Minha própria existência é um testemunho de louvor à minha velocidade.

– Então, você nunca enfrentou um brutamontes pesado que mereça esse nome.

Ela reprimiu um sorriso e disse: – Vampiro tolo, eu *tiraria o seu couro* se lutássemos um contra o outro. Mais uma pergunta, sem querer ofender... Você não morreu pela ação de uma espada?

– Morri. E quanto a você, que defende uma luta à base de espadas? *Sem querer ofender*, mas será que conseguiria aplicar um golpe mortal contra um dos seus inimigos mais antigos?

– Eu poderia ter escolhido não matar você, mas, nesse instante, a ideia de mutilar você aos poucos e durante vários dias me parece muito mais atraente. Quem sabe, arrancar um órgão interno seu e aguardar a regeneração dele? Essa tortura nunca sai de moda. – Na verdade, tinha saído, sim. Mas ela já fizera isso com uma sanguessuga antes, repetidas vezes, mesmo depois de estar cansada de repetir a mesma coisa.

– Como espera que eu possa acreditar em algo assim, Katja? Acho que você não deseja me ferir nem uma única vez. Não creio que consiga fazer isso.

Ela se aproximou dele com rapidez.

– Vampiro... – A mão de Kaderin se projetou para frente com uma velocidade espantosa, agarrou-lhe o espaço entre as pernas, segurou-o pelos testículos, deixou que uma das garras furasse a calça e tocou com ela num deles. Os olhos de Sebastian se arregalaram e suas pernas se abriram um pouco mais, afastando os pés para impedi-lo de tombar para frente. – Eu poderia castrar você com um simples movimento dessa garra. – Puxou-o mais para baixo, fazendo-o grunhir de prazer e de dor. – E ainda ronronaria enquanto estivesse fazendo isso.

**Subitamente, ele sentiu o toque macio do dedo indicador de Kaderin dentro do seu jeans. O choque do dedo frio contra sua pele quente fez com que ele recuasse um pouco, mas ela o manteve preso com firmeza, agarrou-o com mais força, e seu dedo pareceu acariciá-lo ali. Ele se viu colocando as mãos nos ombros dela, massageando-a no pescoço com movimentos circulares.**

Apesar de saborear seu primeiro toque verdadeiro em muitas eras, ele se questionou: *A garra dela conseguiu cortar meu jeans com tanta facilidade?* Sim, fora um movimento curto e firme, mas ela certamente não o machucaria.

– Você precisa ir embora, vampiro, senão vou fazer essa sua voz grave ficar bem mais aguda.

– Tente fazer isso, então. – Ele ainda não se recuperara da emoção de ver os seios dela pela primeira vez. Ou do instante em que ela se curvara de costas, até o chão. Cristo todo-poderoso, ele precisara de cada gota de controle para não agarrá-la pelos quadris e se lançar dentro dela ali mesmo. E agora aquilo? – Faça isso ou se habitue a me ter sempre por perto.

– O que faz você achar que tem condições de decidir entre isso ou aquilo? Eu poderia colocar uma nova variável nessa mistura. – A pequena feiticeira continuava acariciando o testículo dele com o indicador, enviando-lhe ondas elétricas de prazer por todo o corpo. A mente dele se esvaziou, exatamente como ela queria.

Quando ela tirou a mão por completo, ele sacudiu a cabeça com força.

– Estamos num impasse. Eu não vou sair e você não quer que eu fique. Então, tenho uma proposta.

Ela fingiu bocejar.

– Encante-me com as suas ideias.

– Você acha que eu sou um iniciante no manejo da espada? Vamos competir para ver quem se sai melhor. O primeiro a alcançar três pontos de contato superficial com o outro vence. Se eu ganhar, quero disponibilidade do seu tempo até o amanhecer para lhe fazer perguntas. E quero que você responda com honestidade.

– É contra a lei contar para pessoas da sua espécie a respeito do Lore.

– Você não me parece seguir as leis muito à risca.

– Eu sigo, principalmente quando sou eu quem as cria.

Isso o deixou interessado. Quanto ela realmente tinha de força? Todas as criaturas daquele mundo tinham medo dela?

– E se eu ganhar? – quis saber Kaderin.

– Prometo deixá-la curtindo doces sonhos na companhia da sua espada pelo resto da noite.

– Isso vai ser como tirar doce da boca de uma criança... Eu topo! – Ela jogou a espada de volta para ele, pegou a dela e começou a fazer lentos círculos pelo ar. – Quando eu vencer, você irá embora na mesma hora.

Ele pegou a própria espada e retrucou: – Duvido muito que...

Kaderin atacou, golpeando o ar com uma velocidade estonteante. Ele mal conseguiu erguer a espada a tempo. Ela desviou o golpe no último instante, mas o som de metal contra metal se fez ouvir, e ele fez o máximo para bloqueá-la sem feri-la. A espada que ela empunhava não fora projetada para lutas de proximidade. O punho não tinha cobertura em arco para proteger a mão. Se a espada escorregasse ou caísse no chão, sua dona perderia os dedos.

Ele tinha um bom bloqueio e excelente senso de defesa, mas se ela o atacasse pelo lado errado...

*Não posso correr esse risco*, pensou ele.

A espada de Kaderin encostou no peito dele.

– Ponto! – anunciou ela, com a voz cheia de presunção.

Os lábios dele se contorceram, mas ele retomou o ataque. Ela era espantosamente boa. Seus olhos não revelavam nada antecipadamente, e não lhe davam a menor pista sobre seus pontos fracos. Ele nunca imaginou que uma fêmea poderia obrigá-lo a se manter tão alerta.

De repente, Sebastian percebeu que estava adorando aquele momento, e se viu orgulhoso pela habilidade dela.

– Puxa, você deve ter treinado durante muitos anos.

– Você não faz *ideia* – disse ela, arrastando as palavras.

Subitamente, ela não estava mais na frente dele. Mas sua espada, sim. Num piscar de olhos, a lâmina da arma dela foi puxada para trás das costas dele e plantada na pele que ficava na base da sua espinha.

Santo Cristo!... Ela era mais rápida que a força da gravidade.

Por trás dele, ela sussurrou: – *Isso se chama velocidade, vampiro. Está começando a entender o significado da palavra?*

O sangue de Sebastian escorreu de leve. Ele cerrou os dentes.

– Um golpe duro pelas costas, Kaderin? – Ele pareceu desapontado com ela. Imaginara que existiam pontos em comum entre ambos. Antes mesmo de ser sagrado cavaleiro, ele aprendera que *viver pela espada* tinha um significado muito maior do que *lutar com uma espada*. – Isso não é muito honroso de sua parte.

Quando ela o encarou mais uma vez, Sebastian percebeu que não poderia mais lidar com aquilo de forma descuidada, e sim com seriedade mortal. Precisava conquistar o respeito dela, e aprendia aos poucos que Kaderin não apreciava as qualidades que ele sempre imaginara que as mulheres valorizavam. Sua cortesia, por exemplo, não lhe concedera nenhuma vantagem na assembleia da competição, nem no lugar mais ao sul do planeta.

– A honra só consegue fazer com que você morra – explicou ela. Os dois circularam um em torno do outro, os pés descalços dela deslizando silenciosos sobre o piso de lajotas. Seu short de seda esvoaçava o tempo todo, oferecendo-lhe vislumbres tentadores. Lutar contra ela era a última coisa que ele desejava fazer. – Eu descobri que a honra e a sobrevivência são mutuamente exclusivos no Lore.

– Você está esgotada. Passou por muita coisa para alguém tão jovem.

Isso pareceu diverti-la.

– Você acha que eu sou jovem?

Ele tinha séculos de idade e, antes de conhecê-la, muitas vezes se considerara velho demais. A energia jovial e as feições dela, porém, faziam-no duvidar que ela tivesse um dia sequer além dos vinte e cinco anos. Ou, pelo menos, essa era a idade que tinha antes de se tornar imortal.

– Sei que você competiu, pelo menos, em uma das Corridas do Talismã antes dessa. Portanto, deve ter mais de duzentos e cinquenta anos. Mas duvido que seja mais velha que isso.

– E se eu lhe disser que, na verdade, sou muito velha? – perguntou ela. – Será que sua atração por mim vai diminuir se eu lhe contar que as *estrelas* parecem diferentes agora em relação à época em que eu era menina?

A voz dela parecia um acalanto, e ele se viu relaxando a guarda e pensando nas palavras dela...

Kaderin atacou mais uma vez, voando para se colocar novamente às costas dele. Sebastian mal conseguiu girar a espada a tempo.

– Eu não sou páreo para a sua velocidade, a não ser que eu me teletransporte – comentou ele. – Isso sempre me pareceu covardia, mas já que você não vê problemas em apelar para essas táticas... – Ele se teletransportou para trás dela e a golpeou no traseiro com a parte achatada da espada. – Ponto para mim. Aliás, acabo de lhe dar um *belo golpe* também.

*Você não precisa insultá-la.*

Os ombros de Kaderin se empinaram com rigidez no instante em que um forte e inesperado relâmpago iluminou o céu e eliminou todas as sombras do aposento. A mesma eletricidade que ele sentira no instante em que a beijara estalou no ar, forte como um chicote. Os trovões sacudiram as portas de vidro.

*As Valquírias provocam relâmpagos quando sentem emoções fortes.*

– Teletransporte! – girou ela lentamente. – Obrigada por me lembrar o que você é.

Foi como se uma represa tivesse estourado. Sua espada cortou o ar como se tivesse vida própria, refletindo a luz dos raios lá fora. Kaderin segurava o punho de forma leve, com confiança, e ele se viu fascinado com os movimentos dela – em seu próprio detrimento.

No entanto, suas habilidades e sua técnica poderiam ser eliminadas através do poder focado, e ele, por fim, começou a usar sua força sobre a dela. Quando atingia diretamente a espada de Kaderin, acompanhava o movimento com todo o peso do seu corpo, fazendo-a tremer e vacilar com a arma na mão, sacudindo-a a cada investida brutal.

Sebastian simulou um ataque, pegando-a de surpresa apenas o tempo suficiente para lançar um golpe mais forte contra sua espada. Tinha pensado em lançar a espada dela longe, terminando a luta. Para sua surpresa, porém, Kaderin conseguiu mantê-la na mão com firmeza. Mas seu corpo cambaleou, como se tivesse absorvido o golpe, e ela caiu, apoiando-se em um dos joelhos. Relâmpagos explodiram do lado de fora.

O peito dele pareceu se apertar.

– Droga, você não deveria ser capaz de segurar esse golpe.

Uma vida inteira evitando ferir as mulheres, e agora ele lutava como se Kaderin fosse um homem?

– Não pretendo perder. – Ela olhou para ele através dos cachos soltos. Seus olhos eram pura prata. – E é impossível ganhar sem essa determinação, certo?

Mas a leve hesitação dela foi o suficiente para ele se teletransportar para junto dela, forçando mais uma vantagem e batendo com a parte plana da espada no ombro dela.

– Ponto para mim.

A respiração de Kaderin era irregular.

– Ainda não acabou.

– Não tive intenção de machucá-la.

– Só dói por alguns instantes. – A aparente indiferença dela desapareceu, quando pulou com agilidade e atacou. Suas espadas se chocaram novamente, ecoando os relâmpagos lá fora. Os olhos dela brilhavam nos escassos intervalos de escuridão.

Em seguida, ela se afastou e baixou a espada. Suas sobrancelhas se uniram como se sentisse dor, e ela ficou ofegante. Os raios aumentaram lá fora. Em um tom de súplica, exclamou: – Pelos deuses, Bastian, você quer que eu implore por isso?

Ele recuou por um momento, atônito. Será que tinha perdido algum sinal? Ela resolvera aceitá-lo? Seus olhos misteriosos pareciam chamá-lo para junto dela no instante em que um trovão ribombou de forma ameaçadora.

Já planejando onde iria saboreá-la em primeiro lugar, ele se lançou na sua direção.

A lâmina dela tocou num local pouco acima do coração dele, e seus olhos ficaram escuros e frios.

– Ponto para mim. – Ela o cutucou com a ponta da espada e a girou de leve, arranhando a pele dele enquanto exibia um ameaçador sorriso de deboche. – Eu venci, sanguessuga.

Vendo o próprio sangue escorrer pela espada rumo ao centro da lâmina, ele imaginou todos os outros que Kaderin já havia sangrado... todos os que tinham caído de quatro, enganados pela sua beleza e seus truques. Quantos mais teriam achado que estavam prestes a possuí-la segundos antes de terem suas vidas arrancadas do corpo? Uma mistura violenta de desejo reprimido e raiva como nunca sentira se apoderou dele.

Grunhiu com fúria, lançando sua espada longe e se teletransportando para trás dela. Puxou-a para junto de si, seus braços enredando-a e colando-a nele. Ela arquejou com força, mas, quando ele a apertou com mais força e beijou-lhe o pescoço com a boca aberta, ela não tentou se desvencilhar de imediato, parecendo aguardar pelo próximo movimento.

*Ótimo.* Ele queria que ela se rendesse de todas as formas, e não apenas na competição. Kaderin sentiu o pênis duro dele pressionando-a com força, exatamente como ele queria. Ele desejava tê-la presa debaixo dele na cama, totalmente dominada. Com essa ideia em mente, esfregou de forma incontrolável seu membro duro contra aquela bunda macia. Ela sugou a respiração com força e pareceu flexionar o corpo contra o dele. Encorajado por isso, ele roçou a parte de trás dos dedos sobre os mamilos dela. Kaderin estremeceu.

A tempestade que chicoteava lá fora pareceu instigá-lo. Suas mãos acariciaram a barriga reta dela, deslizaram sob seu sutiã e sua blusa, erguendo-os acima dos seios. Kaderin tornou a ofegar, mas não o deteve. Ele percebeu que ela estava curiosa sobre o que ele faria. Ele também.

Cobrindo os seios dela gentilmente com as duas mãos, gemeu de prazer. A respiração dela acelerou quando ele lhe acariciou os mamilos com os polegares. Mamilos que eram apetitosos, pequenos, rosados, implorando para serem sugados. Sebastian rolou os polegares e os beliscou repetidas vezes, até que eles ficaram tão duros que imaginou que deveriam estar doendo. Percebeu que os dedos dela ficaram fracos, e sua espada desabou no chão, com um estrondo.

Essa era a permissão que ele esperava. Beijou-lhe o pescoço, roçando o pênis com mais força nas costas dela. Queria fazer com ela o mesmo que ela lhe fizera: ela o despojara de tudo até não haver nenhum pensamento, só a necessidade de tê-la. Ele queria fazê-la tremer mais e arrancar doces gemidos dos seus lábios.

Quando Kaderin ergueu as mãos para poder enfiar os dedos pelo cabelo dele, Sebastian fechou os olhos em êxtase, gemendo, beijando-a, massageando-a.

Ela pareceu congelar no instante exato em que uma nova onda de êxtase o atravessou por dentro com mais força que antes – como se labaredas circulassem por todos os vasos do seu corpo.

O sangue dela tocou a língua dele.

– Bastian? Você... Você me mordeu?

*Não dava para negar.* Ele tremia, e seus olhos rolavam para cima enquanto a apertava. Acidentalmente, ele roçara seus dentes no pescoço dela em meio ao frenesi, e uma gota de sangue escorrera.

Ela afastou as mãos dele para longe dela, ajeitando as roupas para vesti-las e lutando para se libertar. Ele finalmente conseguiu balbuciar: – Eu não tinha a intenção... Não planejei...

Quando Sebastian a soltou, ela se virou e lhe exibiu uma expressão que ele esperava nunca mais tornar a ver na vida. O espanto de quem fora traída, espelhado em seus olhos de prata, era muito pior do que ele poderia ter imaginado.

A dor dela rapidamente foi substituída pela fúria.

– Você não tinha esse direito! – As portas na varanda voaram pelo ar, e a névoa úmida do mar e da chuva entrou descontrolada pelo quarto. Com o vento fazendo esvoaçar seu cabelo comprido, ela gritou: – Você roubou mais do que o meu sangue!

Ela se agachou, pegou a espada e avançou contra ele com o intuito de retalhá-lo. Ele se teletransportou, voltou com a espada e a bloqueou. Kaderin fingiu que iria se lançar para frente, mas girou o corpo e deu um golpe com a espada para trás, com toda a força. Ele se teletransportou um décimo de segundo antes e evitou o golpe que o teria cortado ao meio.

– *Sinto muito* – murmurou, com a voz rouca, e desapareceu.



De volta ao seu castelo, ele se afundou na cama olhando para o teto. Tinha bebido o sangue dela, uma única gota, e o sabor de Kaderin lhe trouxera tamanho prazer que ele entendera que isso o modificaria para sempre.

Teria preferido não conhecer algo que nunca mais poderia ter.

Kaderin estava certa – aquilo era mais do que apenas sangue. Mas por que ela achava isso? O que mais teria roubado dela com aquele gesto?

Tinha sido um acidente, mas quantas vezes ele poderia usar isso como desculpa? A intenção, ou a falta dela, raramente apagava a ofensa. Disso ele entendia.

Sebastian tinha bebido diretamente da carne de alguém. Era um verdadeiro vampiro. Lembrou-se do que Murdoch dissera: “Existem efeitos secundários perigosos quando alguém bebe diretamente da fonte. Você poderá se transformar no próprio Mal.”

“Nesse caso, eu correria o perigo de perder a minha alma?”, perguntara Sebastian, com ar de deboche.

Agora ele não poderia mais ser um Abstêmio, mesmo que tivesse escolhido esse rumo...

As horas se passaram enquanto ele analisava o que acontecera naquela madrugada. Lembrou-se de cada palavra, cada olhar, lutando para encontrar sentido em tudo.

Quando finalmente caiu em sono profundo, Sebastian sonhou que estava numa terra estrangeira inundada pela chuva.

O sol brilhava sobre uma área alagada com a luz intensa brilhante que normalmente só era encontrada nas terras do norte. Kaderin estava naquele lugar e piscava muitas vezes para enfrentar a chuva. Sebastian enxergava tudo como se fosse através dos olhos dela, e sabia que a época era muito tempo atrás.

Ela e outros da sua espécie tentavam dormir direto no chão levemente inclinado, numa colina. Apenas uma inclinação leve podia fazer com que a lama e a água escorressem sem ensopá-los mais que o necessário. Todos vestiam armaduras e couraças de ouro que tinham sido amassadas.

A maltratada armadura de Kaderin lhe cortava as costelas quando ela dormia de costas; também arranhava e rasgava as laterais dos seus seios quando ela tentava dormir de lado. Formigas se arrastavam por baixo do metal, pinicando sem parar, e a areia presa dentro da armadura lhes esfolava a pele como se fosse uma lixa. Ela tentou ignorar o desconforto – seu pelotão não dormia havia sete dias, e os soldados precisavam do sol como sentinela auxiliar contra os vampiros que combatiam a cada noite.

Quando ela trocou de posição, virando-se para deitar de lado, a lama a sugou para baixo, tornando difíceis os movimentos.

– Juro pelos deuses – declarou Kaderin, numa língua estrangeira, puxando a armadura para cima – que, se conseguirmos sobreviver a este suplício, nunca mais dormirei com o corpo confinado dessa forma.

Ele não deveria compreender o idioma, que parecia ser uma mistura de norueguês antigo com inglês arcaico, mas entendeu tudo.

– Economize seus juramentos, *Kader-ie* – disse uma menina ao lado dela; uma jovem que se parecia muito com Kaderin. – Todos nós sabemos que não conseguiremos escapar dessa vez. – Vários em torno dela riram disso. Kaderin também riu com ar de ironia, porque provavelmente era verdade.

O que mais uma pessoa poderia fazer com o conhecimento de que a morte era iminente?

O sonho mudou para a batalha real que eles estavam aguardando. Sebastian já havia estado em numerosas batalhas, mas nunca vira nada tão apavorante quanto aquilo. Em uma noite brilhante, iluminada por relâmpagos, metal se esmagava contra metal. Os gritos e trovões eram ensurdecedores. Em torno de Kaderin, vampiros retalhavam e decapitavam Valquírias que praticamente não passavam de meninas.

Kaderin lutava contra três deles de uma só vez, mas não conseguiu se libertar nem no instante em que, bem ao lado, um dos vampiros ergueu o pequeno corpo de uma Valquíria e o fez descer sobre o próprio joelho, para lhe quebrar a espinha. Kaderin estava perto o bastante para ouvir o estalo dos ossos, mas não conseguiu salvar a vítima.

Com o canto do olho, percebeu que um vampiro se agachava; reparou quando sua cabeça desceu até o pescoço da menina e o viu torcê-lo com a selvageria de um animal, para em seguida lhe arrancar com força a parte da frente da garganta. No instante exato em que a espada de Kaderin trespassou um dos seus oponentes, o vampiro agachado ergueu a cabeça e sorriu para Kaderin com carne ainda na boca e sangue lhe escorrendo dos lábios...

Sebastian acordou agitado com o susto. Olhou ao redor do quarto, confuso ao descobrir que não estava no campo de batalha. O sonho tinha sido extremamente realista. Sentiu o coração de Kaderin tropejar nos próprios ouvidos e vivenciou a raiva dela, uma raiva tão viva e forte quanto o sangue quente arrancado pelo vampiro da jugular da menina; também sentiu na pele o líquido que respingou nela. O mesmo sangue que atingiu os olhos e embaçou a visão de Kaderin.

Como era possível ele sonhar essas coisas com tanta clareza? E se tudo aquilo realmente tivesse acontecido com Kaderin? Lembrou-se do comentário dela que ouvira mais cedo, naquela mesma noite: “Você roubou mais do que meu sangue!” Devia ser isso o que ela queria dizer. Os sonhos eram verdadeiros. Ele não entendia como aquilo poderia ser possível, mas ele estava experimentando... *as recordações dela.*

A falta de humanidade de Kaderin e sua “história” com os vampiros, que Riora mencionara, começavam a ficar mais claras. Porque, de algum modo, ele conseguia ver tudo. Passou os dedos pelo cabelo. A armadura e as armas daquela batalha tinham um modelo diferente e eram feitas de materiais muito antigos. “E se eu lhe disser que, na verdade, sou muito velha?”, ela lhe perguntara.

*Ela deve ter muito mais de mil anos de idade.*

Sebastian receou, nesse momento, que toda a vida dela tivesse sido uma sucessão de batalhas, como no sonho. Por que ela lhe daria uma única chance, se acreditasse que ele poderia se transformar em um daqueles demônios?

Depois de ter provado o sangue dela, será que *ele* próprio faria isso?

**O vampiro ficou afastado por dois dias, mas retornava todas as noites desde então.**

**Durante a última semana, teletransportara-se até Kaderin, auxiliando-a em qualquer tarefa à qual se dedicasse, ou simplesmente se apossava de uma poltrona no quarto de hotel em que estivesse hospedada. Quando ela saía ao sol ou viajava de avião, ele sumia e passava o dia inteiro sabe-se lá onde ou como.**

Embora Kaderin tivesse insultado, ignorado e até mesmo sido sarcástica com Sebastian, nada o impedia de voltar todas as noites – e não havia nada que ela pudesse fazer para impedi-lo.

Mas era obrigada a admitir que estava bem menos estressada com a possibilidade de morrer enquanto ele se encontrava por perto. Tinha um guerreiro enorme servindo-lhe de sombra e escudo a cada noite, garantindo que nada a atacaria.

Em seu primeiro conflito com múltiplos combatentes, Kaderin puxara a espada e se mantivera, estrategicamente, de costas para a parede. No segundo conflito daquele tipo, aceitara inconscientemente o apoio que ele lhe proporcionava – e Sebastian não perdeu a chance de ressaltar que estavam lutando lado a lado.

*Sanguessuga arrogante.*

Sempre que ele estava por perto, ela o analisava, tentando descobrir algum indício de que a olhava de forma diferente depois de ter provado seu sangue. Kaderin sabia o que acontecia sempre que um vampiro bebia diretamente da carne de alguém. O sangue dela possivelmente estava repassando para Sebastian todas as suas lembranças. Isso talvez fizesse com que ele sentisse alguma necessidade de atacar outras pessoas em busca de mais.

A breve paixão que sentira naquela noite, ao saber que ele fora forçado a se tornar um vampiro, desvanecera-se no instante em que ele consumira seu sangue. Será que ela poderia acreditar que aquilo fora um acidente? Sim, mas isso não mudava o fato de que acontecera. Será que dava para acreditar que ela fora parcialmente responsável por aquilo? Mais uma vez, a resposta era sim. Ela permitira que ele a beijasse no pescoço, e se recriminava por isso todos os dias.

No entanto, isso não significava que devia aceitar continuar perto dele, ainda mais sabendo que a sua mera presença a tornava insensata, inquieta e, ainda que ocasionalmente, devassa.

Até agora, a participação de Kaderin na competição não tinha sido muito afetada. Eles dois já tinham ganhado quarenta pontos cada um de forma razoavelmente fácil. Por outro lado, ainda não haviam se confrontado com Bowen, que certamente não devia estar gostando nem um pouco do desempenho deles.

Na verdade, Kaderin soubera por Regin que o Lykae já eliminara a maior parte dos concorrentes que tinham cruzado o seu caminho. Em apenas uma tarefa, dois demônios, a jovem bruxa e os caçadores elfos haviam desaparecido completamente; afora boatos de que estavam aprisionados em algum lugar.

Bowen não tinha sido desclassificado da competição, de modo que eles não poderiam estar mortos, mas obviamente se encontravam fora da disputa.

Kaderin também soube que Mariketa conseguira lançar uma maldição especial contra Bowen – uma das piores para um imortal. Se isso fosse verdade, Bowen não conseguiria mais regenerar suas lesões.

Kaderin sabia que, em breve, teria de enfrentar Bowen e, quando o fizesse, atacaria primeiro. Por enquanto, tudo o que precisava era manter o foco. Simplesmente não conseguia se acostumar com os cuidados que Sebastian lhe dedicava, e não havia jeito de se habituar à vigília dele, que sempre a observava enquanto dormia.

Certa noite, Kaderin despertara meio perdida, olhando para ele.

– Por que você continua voltando todas as noites unicamente para se sentar ao lado da minha cama?

Parecendo surpreso com a pergunta, ele respondera com uma voz ainda mais rouca e grave: – Isso é... o bastante para mim. Acho muito gratificante.

Antes de se virar para o outro lado, ela estudara o rosto dele, tentando entendê-lo, mas se convenceu de que jamais conseguiria.

Foi então que, na noite anterior, ela tivera mais um pesadelo. Parecia ser atormentada por eles agora, como se estivesse compensando uma eternidade de noites sem sonhos.

Kaderin, definitivamente, não conseguia se acostumar com Sebastian envolvendo-a em seu abraço morno e forte para acalmá-la nessas horas, enquanto acariciava suas costas e sussurrava “*Shh, Katja*” vezes sem conta junto do seu cabelo.



Embora Kaderin ainda não soubesse disso, Sebastian, basicamente, se mudara para a sua *townhouse* em Londres, já que ela nunca viajava para lá, preferindo dormir no seu avião ou em hotéis.

Tomar banho na casa dela era mais conveniente, além de ter outras vantagens, tais como a água não ser neve derretida. Sebastian também gostava de dormir na cama dela, e a imaginava com ele.

Não muito longe dali, havia uma livraria e um açougue, e ambos ficavam abertos depois de escurecer. Sem falar que o lugar dispunha de uma bela geladeira, o que já era conveniente por si só; além disso, havia vários controles remotos na casa. E coisas bonitas. Ele estava apreciando demais aquela nova época, agora que se via imerso nela. Estava aprendendo até mesmo a gostar do Lore; afinal, era o mundo dela.

A cada pôr do sol, ele se teletransportava para onde ela estivesse. Em algumas noites, ele a encontrava dormindo ao lado da espada. Geralmente, era um sono agitado, como se sentisse dor. Outras noites, ele a pegava tentando se aproximar de algum prêmio da competição. Quando ela enfrentava alguma dificuldade na tarefa, ele simplesmente conseguia recolher o objeto para ela, e depois voltava ao local e pegava outro prêmio para si mesmo, para que outro competidor não pudesse tê-lo.

Sebastian decidira ser paciente. Aquela união se consumiria por toda a eternidade. Portanto, o período de corte, galanteio e namoro também deveria ser estendido. Normalmente, ele não era um homem paciente, mas resolvera fazer o que fosse preciso para conseguir o que queria.

Especulando consigo mesmo sobre o que encontraria naquela noite, teletransportou-se até ela, chegando a mais um quarto de hotel. Mas ela não estava na cama e ele não a ouviu no chuveiro.

As portas duplas que davam para a varanda do quarto estavam abertas e exibiam uma bela vista para um vale iluminado pela lua em quarto crescente. Foi até a varanda e a encontrou inconsciente. Kaderin

estava deitada de bruços com um dos braços esticados, tentando alcançar a espada coberta de lama e sangue. Levantou-a do chão cautelosamente, mas mesmo assim ela gemeu de dor. Ele percebeu, com uma onda de fúria, que Kaderin acabara de chegar àquele lugar.

*Maldição, o que existe de tão importante nesse grande prêmio? Por que ela continua se arriscando?* Ele lhe perguntava isso o tempo todo, e nunca deixava de expressar sua opinião sobre a tal chave.

“Por que você quer tanto essa vitória?”, exigira saber, certa vez. “Essa tal chave não vai fazer o que promete. Todo esse esforço é só para vencer a competição? É pelo seu ego? Para a posteridade?”

“Posteridade?”, respondera ela, com ar de estranheza. “Você quer dizer no sentido de descendência ou de notoriedade após a morte? Porque nenhuma das duas me parece iminente.”

Ele fez uma careta de dor e desejou poder sofrer aquela dor no lugar dela. Quando molhou um pano e enxugou, Kaderin tornou a gemer. Marcas em vários tons de roxo e cinza marcavam toda a sua pele. Rangendo os dentes com raiva, ele a vestiu com a própria camisa, deitou-a na cama e sentou-se ao lado dela em uma poltrona do quarto.

Sebastian percebeu que sentia como se já estivessem casados. Não sabia se isso era resultado de ter provado o sangue dela, mas se pegou pensando em Kaderin como uma esposa – apesar de ela ser uma mulher que o desprezava, não aceitava compartilhar sua cama e, pior que tudo, não permitia que ele a protegesse.

Continuava a sonhar com ela todas as noites, e eram sonhos incrivelmente vívidos.

Em muitos desses sonhos, Kaderin falava uma língua antiga que Sebastian não conhecia, embora a compreendesse mesmo assim. Ouvia os pensamentos dela e sentia seus medos. Certa vez, ele sonhara que ela estava em um campo de batalha, marcando com ar distraído as cabeças decepadas de vampiros que matara, entalhando um X com sua espada enquanto pensava na próxima batalha. Agora, ele sabia que ela marcava as vítimas para voltar mais tarde e recolher suas presas.

Quanto mais lembranças dela sobre a Horda ele conseguia recolher, mais percebia, instintivamente, que nunca se juntaria a eles. Desde que tomara o sangue de Kaderin diretamente do seu corpo, nunca tivera a mínima vontade de beber de outra pessoa. Convivia com seres humanos desde então e nunca sentira vontade de fazer isso.

Perto do amanhecer, quando percebeu que ela dormia ainda mais profundamente, ele cochilou por alguns instantes e se viu subitamente imerso numa cena do seu passado.

Dava para ver, pelas roupas que Kaderin vestia, que a época era início do século vinte. Ela caminhava com rapidez atrás de uma mulher de cabelo negro chamado Furie – a rainha que era metade Valquíria e metade Fúria. Aparentemente, Furie estava saindo para enfrentar o rei da Horda, porque uma profetisa Valquíria, chamada Nix, lhe anunciara que aquele era o destino dela.

“Nix me contou que você pretende enfrentar Demestriu”, disse Kaderin, atrás dela. “Mas Nix também disse que você não vai mais voltar. Quero acompanhá-la para me certificar de que você voltará, sim.”

Furie girou o corpo. Ela se parecia muito com o povo ao qual Kaderin pertencia – tinha feições delicadas de fada, embora exibisse presas mais proeminentes e garras mais compridas. Seus olhos eram belíssimos, mas muito estranhos, com anéis escuros ao redor das íris em forte tom de púrpura. Ela não conseguiria se passar por humana, como Kaderin.

“Você não pode sentir nada, minha criança”, entoou Furie. “Como poderá me ajudar?”

*Não pode sentir?* Sim, ele já tinha sonhado com Kaderin no instante em que ela vivenciara uma profunda e dolorosa tristeza, mas isso não durara muito tempo. Certa manhã, ela acordara... diferente.

“Isso me torna fria”, reagiu Kaderin no sonho, falando com calma. “Isso me faz bem.”

Algo como afeto pode ter brilhado nos olhos misteriosos de Furie, mas logo ela disse: “Meu destino é ir sozinha.”

“Mude o destino!”

Kaderin sabia que Furie considerava verdadeiras blasfêmias ideias como essa. As Valquírias não acreditavam no acaso. Para elas, tudo tinha alguma razão de ser.

“Você perdeu suas crenças, juntamente com as emoções?” A raiva de Furie parecia aumentar. Kaderin sentia isso do mesmo jeito que os animais pressentem as tempestades, mas esse sentimento não a deteve. “Só uma covarde tentaria escapar do próprio destino. Lembre-se sempre disso, Kaderin.”

Mas Kaderin foi em frente.

“Nada disso, eu vou com você!”, insistiu ela, apressando o passo.

Furie virou-se e inclinou a cabeça bruscamente.

“Isso é para mantê-la aqui”, disse, agarrando o pulso de Kaderin ao mesmo tempo que torcia o braço da jovem para trás, “e para garantir que você sempre se lembrará do que eu disse...” Com um puxão violento, quebrou o braço de Kaderin, o braço que ela usava para pegar a espada, e só então a soltou.

Kaderin recuou, tropeçando, e a encarou de volta, mas a base da mão de Furie bateu com força na parte superior do tórax de Kaderin. Algo estalou dentro dela. Kaderin voou quatro metros de distância, e o golpe a deixou desacordada antes mesmo de ela bater no chão.

Sebastian não teve a chance de ver o quanto ela estava ferida, nem como se recuperara, porque outra cena surgiu.

As botas de Kaderin estalavam no piso enquanto ela corria por becos enevoados. As espeluncas por onde passava estavam cheias de seres do Lore, e seus olhos de mortalha sobressaíam em meio à névoa. Era uma cena de Londres no século dezenove.

Sua espada vinha presa de forma segura atrás dos ombros, e suas correntes finas e grilhões estavam enfiados no cinturão, às costas. Ela rastreava dois irmãos vampiros, e suas orelhas se repuxaram de leve quando sentiu a presença deles. Puxou a espada, mas eles foram rápidos e se teletransportaram para junto dela. Um deles desferiu um golpe violento na parte de trás de sua cabeça, e o outro acertou-lhe a têmpora com tanta força que sua visão escureceu por alguns instantes. Uma armadilha.

Eles a deixaram cambaleiar por quase um quarteirão. Estavam brincando com ela.

*Estou cansada. Queria só me sentar um pouco*, pensava ela, ligeiramente entorpecida. *Só por um segundo*. Por fim, desabou no chão, de costas.

Os vampiros voltaram, um deles segurando-a com força para que não se levantasse do chão, enquanto o outro mantinha a espada sobre o pescoço dela. Kaderin não sentiu nem um pingo de medo. Quando eles se inclinaram sobre seu corpo, os olhos deles se tornaram mais claros diante da visão prejudicada da guerreira. Olhos num tom de vermelho sujo a observavam. Não, ela não sentiu medo nem repulsa – não sentiu *coisa alguma*.

Outro vampiro se materializou bem perto, provavelmente numa tentativa de assistir a uma matança muito importante. A atenção dos vampiros irmãos foi atraída durante alguns segundos pela chegada do terceiro. Era tudo o que ela precisava. Estava caída de costas sobre os grilhões e algemas. Sem avisar e

movendo-se a uma velocidade espantosa, ela os segurou com força e algemou seus punhos juntos. Eles lutaram para se libertar. De algum modo, porém, o metal resistia mesmo diante da sua óbvia força. Tentaram se teletransportar para direções diferentes, mas não conseguiram.

Quando Kaderin se ergueu do chão, o terceiro vampiro fugiu correndo. Ela virou a cabeça levemente de lado, olhou para os dois e disse: “*Eu avisei que mataria vocês dois*”, deixou seu instinto tomar conta dos seus atos e...

Sebastian acordou com um pulso, muito assustado com os gritos lancinantes dela, o som mais alto que tinha ouvido em toda a sua vida. Apertou as mãos contra as orelhas. Quando as janelas começaram a rachar, ele se lançou sobre ela e colocou a mão sobre a sua boca. As mãos de Kaderin se lançaram para frente, unidas, com as garras à mostra para perfurar-lhe o coração, mas ele agarrou seus pulsos com a mão livre.

Ela olhava para ele, mas parecia não vê-lo; seu rosto pálido estava iluminado por uma série de relâmpagos que explodiam lá fora. Ele a puxou para envolvê-la em seus braços, até que ela finalmente parou de lutar. Mas o desespero foi substituído por um choro baixo e sentido. A mão imensa dele apertou-lhe o lado da cabeça contra o peito.

Quando se sentou na poltrona com ela no colo, a lembrança dos sonhos dele voltou num turbilhão. Por quantas eras do passado Kaderin não tinha *sentido nada*?

Pelo visto, ela agora sentia tudo.

Não era de admirar que tivesse se mostrado tão confusa na madrugada em que haviam se conhecido. Ele não entendia como aquilo poderia ter acontecido com ela, mas experimentara em si mesmo a sua falta de emoções. Entretanto, não havia como imaginar quanto teria sido difícil recuperá-las de repente.

“Você me fez sentir”, fora o que ela sussurrara naquela primeira madrugada.

*Será que eu posso realmente ter alguma coisa a ver com isso?*

Os ombros dela tremeram, e a camisa dele ficou molhada de lágrimas. Ver aquilo matava-o aos poucos.

– *Garota de coragem* – murmurou contra o cabelo dela. – Você está a salvo. – Não era de admirar que ela fosse tão cruel. Tinha de ser assim para sobreviver. – As coisas não precisam mais ser desse jeito – prometeu ele. Depois de algum tempo, o ritmo da respiração dela voltou a se alternar entre rápido e lento, como acontecia quando ela dormia.

Ele começava a descobrir que, embora fosse perfeita na superfície, sua Noiva era uma pessoa ferida, cheia de cicatrizes na alma, e agora ele sabia o porquê disso.

Apesar de ter acompanhado de perto apenas algumas noites em sua vida.

A cada instante, ela temia que ele se tornasse um ser como aqueles vermes que tinham brincado com ela num beco sujo de Londres e destruído seu exército de jovens Valquírias. Ela temia que os olhos dele ficassem vermelhos a qualquer momento.

Quando Kaderin agarrou sua camisa com força em meio ao sono ofegante e esfregou o nariz no peito dele, a percepção completa o atingiu com a força da descoberta. Olhando para fora sobre a cabeça dela e observando o vale lá embaixo, ele subitamente entendeu que estava escrito que ele deveria estar ali naquele exato momento, para confortá-la e protegê-la.

Todas as opções que ele fizera para direcionar sua vida – e todas as escolhas que tinham sido tomadas por ele – haviam conspirado para trazê-la até onde ele estava. Seus anos aparentemente

intermináveis no castelo, embora Sebastian se sentisse continuamente sozinho e cansado, tinham sido um sacrifício digno para finalmente tê-la para si.

O propósito da vida de Sebastian era chamá-la de sua. Para o bem e para o mal. Ele tinha sido feito para ser dela, e ela existia para ser dele.

No dia seguinte, Sebastian enfrentaria Nikolai novamente. Já não podia negar que a decisão de Nikolai para o futuro do irmão fora planejada pelo destino.

## **Caverna dos Basiliscos, Las Quijadas, Argentina – Dia 10**

**Prêmio: Dois ovos de basilisco,  
cada um valendo treze pontos**

**O crepitar de escamas flexíveis e o sibilar de uma língua bifurcada se fizeram ouvir atrás de Kaderin e ecoaram pelo conjunto de cavernas.**

Com sua espada embainhada nas costas, ela correu, e sua visão noturna levou-a de uma câmara subterrânea para a seguinte. Já tinha coberto cada centímetro daquela verdadeira colmeia de túneis escavados através da rocha viva desde a antiguidade.

No entanto, não fora capaz de localizar a posição exata dos três animais que ouvira se movimentando ali dentro. Nem tinha conseguido encontrar algum dos seus ovos ou uma saída alternativa.

Cada túnel tinha, no final, uma câmara de teto elevadíssimo. Naquelas câmaras estavam os mais antigos ninhos de basiliscos, dragões gigantes escamados, com presas pontudas do tamanho do braço de Kaderin, e uma cauda letal e musculosa.

Ela já verificara cada ninho em busca dos ovos, mas não descobrira nada. Havia outro sistema de cavernas sob uma montanha na ravina seguinte – os prêmios deveriam estar lá. As únicas coisas que encontrara tinham sido antiquíssimos restos mortais de fêmeas humanas entregues em sacrifício, e outros restos mais recentes de arqueólogos que haviam experimentado uma morte funesta.

O nome da região, Las Quijadas, significava “os maxilares”. Muitos pensavam que o lugar tinha sido batizado devido aos bandidos que atuavam naqueles vales, alimentando-se e roendo mandíbulas de vacas. Outros imaginavam que o nome fosse uma alusão aos abundantes fósseis de dinossauros encontrados ali.

Nenhuma das lendas se aproximava da verdade. Os basiliscos jovens matavam as vítimas, arrancando as mandíbulas dos humanos oferecidos em sacrifício.

Os arqueólogos que escavaram o lugar não entendiam o porquê de nem todos os dinossauros dali serem fósseis preservados na rocha. Punham-se a explorar o mistério cada vez mais a fundo, até uma das equipes ser devorada e o governo dizer que todos tinham sido levados por uma inundação súbita e fatídica...

Não havia mais escamas se movimentando. Apenas silêncio. Na calmaria, as orelhas de Kaderin se contraíram e detectaram passos rápidos, com pisadas barulhentas e pesadas. *Bowen*. Só podia ser ele.

Ela sabia que haveria um confronto entre os dois muito em breve, e desconfiava que a pontuação elevada daquele prêmio poderia atraí-lo. Mas também estava ávida por esses pontos, e havia *dois* ovos. Mais um detalhe: só para tornar a disputa mais interessante, Cindey também estava a caminho dali. Kaderin vira-a alugando um jipe em San Luís, a cidade mais próxima, assim que chegara à região.

Um terremoto forte e repentino derrubou boa parte do túnel. Um basilisco ficou irritado, porque estava pronto para matar, e sinalizou sua fúria com golpes poderosos da cauda maciça contra as paredes do túnel. A cada novo golpe mais pedras caíram, forçando Kaderin a desviar o tempo todo delas, saltando e contornando os obstáculos, pisando nos ossos antigos.

Embora os basiliscos fossem seres terríveis, eles se moviam lentamente pelas colmeias de pedra, e ela sabia que seria possível matar um ou possivelmente dois ao mesmo tempo. Mas não queria fazer isso, pois tinha alguma afinidade com monstros.

A própria Kaderin se transformara numa ameaça que era feita na hora de dormir de muitas das jovens criaturas das espécies mais inferiores do Lore: “Coma todas as suas larvas, senão Kaderin Coração Gelado vai se esconder debaixo da sua cama para roubar a sua cabeça.”

Voltando-se para a entrada, correu ao longo das paredes com pinturas rupestres fantasmagóricas, até alcançar a junção tripla dos vários caminhos que levavam à porta principal da caverna. O sol brilhava ali, como se lhe desse boas-vindas, e iluminava um tipo diferente de pintura rupestre. Antes de ser encarcerada ali dentro, cada vítima entregue em sacrifício recebia um caniço cheio com uma espécie de tinta. Ela deveria espalmar sua mão contra a rocha e soprar a tinta do caniço sobre ela, deixando um contorno assinalado na parede. Aquela marca de mão seria o único monumento que receberia em vida. Havia milhares deles ali...

Kaderin viu Bowen de relance, semioculto do outro lado da galeria.

Chegara a hora do confronto direto. O tempo pareceu se arrastar subitamente. Ele já eliminara metade dos concorrentes e todos os mais fortes, com exceção de Lucindeya, Kaderin e Sebastian. Ela sabia que ele pretendia eliminá-la naquele lugar e naquela prova.

Seus olhos brilhavam no escuro – exatamente como os dela –, e sua expressão era de pura ameaça. Um corte irregular lhe marcava o rosto e não mostrava nenhum sinal de regeneração. Um ar de esgotamento parecia lhe pesar sobre os ombros. A maldição da bruxa. Então, era verdade.

A cabeça dela virou para a direita – a direção de seu único ponto de escapatória.

Quando ele começou a correr em direção à entrada, ela reconheceu imediatamente o que ele pretendia fazer: aprisioná-la ali, como os outros. Enterrou os dedos dos pés no cascalho e se lançou para frente com determinação e foco.

Ela era muito rápida para uma Valquíria. Ele, porém, mesmo amaldiçoado, conseguiria vencê-la nisso. Saindo ao sol novamente, olhou para cima. Ela teria de ser capaz de escapar dali antes que ele conseguisse derrubar as rochas e bloquear a entrada.

Lançando-lhe um sorriso cruel, Bowen enfiou a mão no bolso do jeans. Uma sensação de terror se abateu sobre ela. Ele deslizou para fora do bolso a mesma gargantilha de diamantes que ela vira antes. Kaderin não se preocupara em treinar contra esse golpe...

A joia brilhou sob o sol do deserto, irradiando penetrantes raios azuis e brancos de luz.

*Eu lhe revelei a minha fraqueza, entreguei-a de bandeja para ele.*

Aquela luz era hipnotizante, aparentemente infinita.

Bowen atirou a joia na direção dela.

*Eu quero apenas tocá-la...*

Quando a gargantilha ainda estava no ar, o olhar de Kaderin se fixou nela, acompanhando-a como se fosse em câmera lenta, até que aterrissou aos seus pés, em meio ao cascalho solto. Ela congelou, sentiu-

se paralisada e caiu de joelhos como se orasse para a impressionante gargantilha. Algo tão maravilhoso não poderia ser deixado ali no chão. Isso nunca! Kaderin pegou a joia com as duas mãos, passando os polegares amorosamente por sobre as pedras radiantes.

Ouviu Bowen se esforçando ao máximo para fazer alguma coisa, praguejando numa antiga língua celta. Conseguiu ouvir as garras dele escavando em torno de gigantescas rochas para desalojá-las. Mas não conseguia afastar os olhos da joia.

Pelo menos, até a caverna ficar completamente escura, depois de estrondos ensurdecedores, e o brilho cessar.



Naquela manhã, Sebastian deixou Kaderin dormindo tranquilamente. Então, como de hábito, ele se teletransportou para a *townhouse* dela, a fim de tomar banho e beber sangue.

Enquanto se vestia, refletiu que não fizera com Kaderin progresso algum que fosse perceptível em relação à semana anterior. Ainda que não houvesse outra razão para isso, decidiu que carecia ir a Blachmount porque estava ignorando um recurso do qual muito precisava – seu irmão se casara com uma Valquíria. Alguém que tinha laços de sangue com Kaderin. Havia informações valiosas ali, prontas para serem compartilhadas.

Depois de se forçar a beber algum sangue, teletransportou-se para o escritório pessoal de Nikolai. Encontrou-o folheando alguns papéis. Embora fosse um homem normalmente reservado, Nikolai não se deu ao trabalho de esconder sua satisfação com a chegada do irmão. Levantou-se na mesma hora e ofereceu: – Sente-se. Por favor.

Sebastian sentou-se onde lhe foi indicado, mas voltar àquele lugar provocou-lhe nós de tensão nos ombros.

– Soubemos que você está competindo na Corrida do Talismã – disse Nikolai, voltando a se sentar na sua cadeira de trabalho. – É o primeiro vampiro de todos os tempos a fazer isso. Ficamos muito surpresos.

Sebastian deu de ombros.

– Myst entra no computador todos os dias e verifica os resultados. Ela tem uma meia-irmã que está concorrendo com você. Ela é a sua Noiva?

– Sim – admitiu Sebastian. – Kaderin.

– Myst me contou que Kaderin é... como foi mesmo que ela descreveu?... glamourosa em elevadíssimo grau. E também uma guerreira vigorosa. – Com tom esperançoso, perguntou: – Você a ama?

– Não. Mas reconheço que ela é minha. E que estou destinado a protegê-la.

– É o bastante. O resto virá com o tempo – garantiu Nikolai. – Nós já andávamos especulando sobre o que fizera você decidir disputar como representante de Riora.

Sebastian deu de ombros mais uma vez.

– Eu não me alinho com grupo algum, e ela exigia isso. Foi uma aposta no escuro.

– Você poderia ter dito que é ligado aos Abstêmios ou ao Rei Kristoff.

Sebastian ficou ainda mais tenso. *Rei Kristoff*. Sebastian nunca conseguira compreender como Nikolai poderia ter morrido nas mãos dos russos e, em seguida, no mesmo campo de batalha ainda

molhado de sangue, ter jurado lealdade a Kristoff, que era um *russo*, independentemente de ser vampiro ou não.

– Foi apenas uma sugestão – completou Nikolai. – O convite para se juntar a nós está sempre em aberto. Toda vez que eu mato um vampiro de olhos vermelhos, fico feliz.

– Você já os encontrou alguma vez? – perguntou Sebastian.

– Já entrei em guerra contra eles. Estamos ganhando impulso nessa luta. – Nikolai juntou os dedos erguidos das duas mãos. – Sebastian, eu sempre respeitei a sua inteligência. Gostaríamos de receber, de bom grado, consultoria sua sobre diversos assuntos. Após o término da competição, é claro.

Depois de Sebastian vivenciar os sonhos de Kaderin, lutar contra a Horda começava a ser uma atração especial. Só que ele planejava levar Kaderin para algum lugar bem longe das guerras e mortes constantes. Os últimos mil anos da vida de sua Noiva tinham sido infernais, mas ele não permitiria que seus mil anos seguintes fossem do mesmo jeito.

– Não pretendo participar do seu grupo – disse simplesmente.

Nikolai assentiu, mas Sebastian sabia que aquilo estava longe de terminar.

– Sobre essa competição e o prêmio final – começou Nikolai –, você já pensou em usá-lo para salvar a nossa família?

Obviamente, Sebastian já pensara nisso. Mesmo depois de tanto tempo, a sua sensação de culpa era implacável. Quando fora chamado para proteger a família, ele tinha falhado cinco vezes – *sucessivamente*.

– Eu não acredito que a chave funcionará – afirmou. No entanto, se funcionar... Se ele puder fazer alguma coisa para desfazer o passado...

Não era razoável culpar a si mesmo, não era lógico, mas ele não conseguia parar. Conrad tinha sentido o mesmo – antes de perder a cabeça por completo, pelo menos.

A cultura aristocrática de Sebastian ensinara-o a reverenciar os militares e a lutar. No entanto, o destino lhe dera um inimigo invisível determinado a aniquilar sua família e para o qual não existia nenhuma defesa nem batalha. Teve de assistir sentado e impotente, enquanto tudo que amava morria.

Sebastian tinha sido o irmão favorito para as quatro irmãs mais novas. Era quase velho o suficiente para ser pai delas, e cumpria mais esse papel do que o pai verdadeiro, que sempre parecia preocupado demais com outras questões. A cada uma das suas pequenas crises, as meninas corriam para Sebastian. Ele arrancara muitas farpas dos seus dedos e secara suas lágrimas. Também lhes ensinara ciência e astronomia.

Quando elas adoeceram e suas mentes jovens perceberam que talvez estivessem realmente morrendo, voltaram-se para ele em busca de uma solução imediata.

E pareceram perplexas ao ver que ele não conseguiria resolver o problema. Era como se, em vez disso, ele *não quisesse* resolver.

– Ninguém pode voltar ao passado para mudar o futuro – afirmou Sebastian, com olhar distante. – Não sem criar o caos. – Parte dele queria acreditar na chave, mesmo que isso fosse contra a razão, e nem mesmo a deusa Riora tinha provas de que a viagem no tempo era possível.

E se Sebastian se permitisse acreditar que poderia conseguir sua família de volta e, em seguida, ter suas esperanças destroçadas... Ele não acreditava ser capaz de perdê-la duas vezes. Até hoje não

suportava a lembrança da noite em que seus familiares tinham morrido. Revia o desespero em seus olhos, e depois, quando ele e Conrad tinham caído em desgraça, ouvia seus gritos fracos e aterrorizados.

Tanto ele quanto Conrad gostariam de ter morrido naquela noite, com a família. O país estava em ruínas, destruído pela peste e pela fome. E eles estavam acabados. Tinham lutado, tinham feito o melhor que podiam. Deveriam ter autorização para morrer em paz.

E suas irmãs? Eram tão delicadas e frágeis quanto os quatro irmãos mais velhos eram sombrios e ferozes. Teriam morrido de fome antes de beber sangue voluntariamente. Sequer teriam contemplado essa possibilidade.

– Por que você tentou transformar as meninas? – quis saber Sebastian. Não exibia raiva na voz, mas, agora que se sentia mais firme e racional, desejava ouvir a explicação de Nikolai. Queria, pela primeira vez, tentar compreendê-lo.

– Eu tive de tentar. – Nikolai mordeu as palavras, desviando o olhar, mas Sebastian viu que seu semblante ficou sombrio. – A lembrança de vê-las morrer tão jovens seria um tormento eterno.

– Elas poderiam ter sido congeladas num estado de infância perpétua, sem nunca mais poderem ver o sol.

Nikolai olhou para ele.

– Não temos certeza disso; talvez elas continuassem a crescer normalmente até a idade adulta, como acontece com os imortais natos. Poderia ter sido assim.

– E nosso pai? – perguntou Sebastian. Seu pai tinha um desejo de se reencontrar com a esposa desde o dia em que ela morrera ao dar à luz, onze anos antes.

A expressão de Nikolai foi de cansaço.

– Eu nunca fui nobre como você, Sebastian. Sobreviver e ter uma boa vida são as coisas que eu reverencio. Eles todos poderiam ter vivido. Para mim isso é o que importa, o resto é acessório. Mesmo depois de tanto tempo, vejo que ainda discordamos nesse ponto.

Sebastian se levantou para sair.

– Discordamos, sim.

Nikolai também se levantou.

– Pense sobre o convite para se juntar à ordem, Sebastian.

Sebastian viu que era hora de informar ao irmão a decisão final.

– Não posso entrar na sua ordem. – Encolheu os ombros com indiferença. – Não sou mais abstinente, como antes. Já provei sangue de um ser vivo.

**Devido ao seu dom de insensibilidade perdido, Kaderin se viu incapaz de se mover, de atacar Bowen ou de fugir. Queria apenas contemplar as pedras e luzes facetadas que os diamantes emitiam. Mesmo agora, enquanto os acariciava, seu coração ansiava pelo instante em que conseguiria ver novamente o seu brilho.**

**Os silvos dos basiliscos e seus rugidos gargarejados fizeram-na estremecer e voltar ao momento presente. Os animais estavam a centenas de metros abaixo dela, nas cavernas inferiores, muito longe da entrada brilhante, mas escalavam para voltar a ela naquele exato momento. Só que viriam sem pressa, pois, provavelmente, sabiam que Kaderin era uma oferta deixada em sacrifício e não tinha escapatória.**

Expirando com força, obrigou-se a lançar a gargantilha longe, levantou-se e avaliou sua difícil situação. O canalha fizera um bom trabalho ao bloquear a entrada.

Mesmo com a sua força, ela não conseguiria deslocar as pedras. Correu para elas e tentou movê-las, empurrando-as com o ombro. Nada. Era impossível usar a espada, pois não era tão volumosa e pesada quanto a de Sebastian. Teria de cavar.

Calculou que perderia as garras para cada dez centímetros de terra que deslocasse e escavasse na rocha. As garras tornariam a crescer em poucas horas. Só que o diâmetro da pedra maior era de um metro e meio.

*Portanto... fazendo os cálculos... estou ferrada.*

O pior é que a escuridão da câmara começava a ter efeitos pesados sobre ela – como se um feitiço poderoso a envolvesse. Sorriu, com amargura. Agora ela era oficialmente uma Valquíria cruel e assassina, mas que sentia pavor de escuro.

Nunca se assustara antes com os espectros, e achava os basiliscos animais cativantes. Na verdade, poderia estar trancada numa jaula com mais de mil fantasmas ladrões de túmulos que isso não a abalaria – desde que a jaula não estivesse num lugar escuro e opressivo.

Se tivesse algum plano de ação, poderia ignorar o medo, mas ficar ali sentada sem nada fazer, apenas contemplando a escuridão...

Havia duas alternativas. Ela poderia aguardar pelo vampiro e torcer para que ele tivesse ignorado o pedido para deixá-la em paz. Entretanto, mesmo que ele viesse resgatá-la, não seria capaz de levá-la para onde precisava ir, poucos metros além daquelas pedras. Ela seria capaz de apostar que Sebastian nunca visitara antigas entradas de cavernas na Argentina.

Além do mais, durante quanto tempo mais ela poderia esperar que ele a salvasse? Mais cedo ou mais tarde, os basiliscos estariam de volta à superfície.

Sua segunda alternativa era começar a cavar.

*Essas rochas são o único obstáculo entre mim e o prêmio.*

Caiu de joelhos mais uma vez e enfiou as garras sob as rochas. Alguns centímetros adiante perdeu a primeira, depois outra. Droga, aquilo era inútil. Um desperdício de esforço num lugar escuro e sujo. Ela

estava prestes a perder os treze pontos.

O pó da pedra fez seus olhos lacrimejarem. Sim, era o pó que a fazia chorar...

– Ora, ora... – disse uma voz retumbante atrás dela. – Aposto que você está feliz em me ver agora.

*Sebastian.*

Kaderin girou o corpo. Embora estivesse escuro como breu, percebeu que ele conseguia vê-la perfeitamente, porque estudava a sua expressão. Quando seu olhar desceu até suas garras, Kaderin as escondeu atrás das costas. Não havia como negar que estava abalada.

– Perdeu suas garras, Kaderin? – Ele caminhou até onde ela estava e a ajudou a se levantar. – Há quanto tempo está presa aqui dentro?

Ela limpou os joelhos.

– Algumas horas.

– Como isso aconteceu?

– Bowen bloqueou a minha saída da caverna com essas rochas.

– MacRieve? – Sebastian cerrou os punhos. – Vou matá-lo por causa disso.

Ela deu de ombros.

– Promete? Porque isso eliminaria dois concorrentes.

– Ele ainda está por perto? – Sebastian estreitou os olhos, torcendo para poder enfrentá-lo sem mais demora.

Ela balançou a cabeça para os lados.

– Ele deve ter recolhido um dos ovos e sumido. Fez comigo o que se propôs a fazer desde o início. Já eliminou da competição os demônios e as fadas. Todos que o enfrentaram estão fora.

– De que modo?

– Tudo o que sabemos é que ele os aprisionou em algum lugar.

– E a jovem bruxa? – perguntou Sebastian. – Certamente, MacRieve não feriu aquela menina.

– Ele prendeu Mariketa também, mas ela conseguiu amaldiçoá-lo antes – informou Kaderin. – Ele parece estar enfraquecendo, e suas lesões não estão se regenerando. – Empinou o queixo para Sebastian. – Bowen virá atrás de você em seguida. Até ontem, eu estava empatada com ele...

– Conforme o esperado...

– Eu também estava empatada com você. Ele vai tentar nos tirar do caminho.

– Estou ansioso para enfrentá-lo. Vou curtir muito matá-lo, só por ele ter prendido você aqui dentro.

A resposta de Kaderin foi outro dar de ombros. Sebastian ficou em silêncio, mas ela sabia que ele aguardava o momento em que ela pediria para que ele a teletransportasse para fora dali. Chutou o cascalho com a ponta da bota.

– Droga, peça-me logo para tirar você daqui! – reclamou ele.

– Não.

– Você prefere apodrecer neste lugar?

– Eu estava fazendo progressos – retrucou ela.

– Fêmea obstinada. Não consegue admitir que se sente aliviada por eu estar aqui?

– Não – respondeu ela, com toda a naturalidade, sem dar mais detalhes, e isso o fez ter vontade de estrangulá-la.

Kaderin assumiu que Bowen já havia recolhido o prêmio na ravina seguinte, mas Cindey ainda poderia ser derrotada. *Desde que* Kaderin conseguisse sair dali depressa.

– Muito bem, então... Vou deixá-la com seus fabulosos progressos. – Virou-se de costas para se teletransportar, mas ela correu e tocou seu braço.

– Escute, eu não quero ser teletransportada para o seu quintal. O prêmio deve estar num grupo de cavernas aqui perto, basta atravessar a próxima ravina. – Foi até as rochas e empurrou-as, frustrada. – Preciso ir para o outro lado dessas pedras, e sei que você não pode me levar até lá.

– Por que imagina que eu nunca estive lá?

Ela soprou um dos cachos que lhe caiu sobre os olhos.

– Você costuma visitar Las Quijadas, Sebastian? – Diante do seu olhar vazio, ela completou: – Estamos na Argentina.

– Não. Eu não posso teletransportar você para lá. Mas... – Estudou as pedras e as empurrou com força, até que uma delas começou a se mover.

Quando Kaderin suspirou de empolgação, ele parou.

– Parece que eu consigo tirá-la daqui, afinal.

Ela tocou o peito dele, com hesitação.

– O que é preciso para você acabar de mover essas pedras?

– O que você me oferece? – quis saber ele, com a voz áspera.

– Dinheiro? Você aceitaria dinheiro para empurrar essas pedras?

– Eu já tenho muito dinheiro. Mais que suficiente para nós dois.

Ela fez uma careta ao ouvir isso.

– O que você quer, então?

– Quero... – Passou a mão sobre o rosto dela. – tocar você... Não aqui, mas hoje à noite.

– Isso não vai acontecer. – Ela cruzou os braços sobre o peito, e os olhos dele pousaram no vale úmido do seu decote. Como fizera naquela outra noite, ele parecia estar pensando em jogá-la por cima do ombro e teletransportá-la até sua cama. – Eu adoraria que meus seios parassem de olhar fixamente para você.

A cabeça dele se ergueu e ele pigarreou com força.

– Beije-me. Beije-me, e eu liberto você.

– Na última vez em que isso aconteceu, você me *mordeu*, e poderá muito bem fazê-lo novamente. – Beijar Sebastian sempre levava a outras coisas. Da última vez, o resultado tinha sido ele sugar o sangue dela.

E, possivelmente, suas lembranças.

– Eu nunca mordi você. Apenas rocei sua pele, acidentalmente.

– Então me garanta que não pretende fazer isso de novo.

– Eu... – Ele expirou com força. – Não posso fazer isso. O prazer foi intenso demais para ignorar.

Ela ficou chocada pela honestidade dele e não se deu ao trabalho de disfarçar.

– É por isso que estou achando que aquilo vai se repetir.

– Eu garanto que não vai acontecer.

– A não ser, é claro, que aconteça – fez aspas no ar com os dedos – ... “acidentalmente”. Já que eu acabarei conseguindo me libertar, esse beijo não vale o risco.

Ele assentiu, resignado.

– Muito bem. Podemos nos sentar aqui até fossilizarmos, então. Eu posso ser tão teimoso quanto você, Noiva.

– Então, você vai esperar aqui comigo? – perguntou ela. – Não se incomoda de perder o prêmio também?

– Não tenho nenhum interesse em vencer essa competição.

– Eu sabia que você tinha entrado só para que eu não pudesse matá-lo.

– Você já não conseguia me matar antes de eu entrar, lembra? Não especula sobre o motivo de ter conseguido destruir tantos inimigos da minha espécie antes de mim, mas não ter sido capaz de me decapitar?

– Eu não sei por que aquilo aconteceu – admitiu ela. – Parei de questionar a respeito.

– Por que você não me deixa vencer essa competição para você? Essa foi a única razão pela qual eu entrei.

– Não há ninguém que você gostaria de salvar em seu passado? Nenhum ente querido? – quis ela saber, notando que uma sombra passou sobre os olhos dele. *Quem será que ele tinha perdido?* – Uma esposa falecida, talvez?

– Você sabe muito bem que eu não acredito que essa chave possa funcionar.

Ele não tinha respondido à sua pergunta. *Tinha sido casado?*

– Por que tem tanta certeza disso?

– Viagens no tempo são impossíveis – retrucou ele, com um tom de quem não admitia dúvidas.

*E a esposa?*

– Aposto que você acreditava que vampirismo também era impossível, até acordar um dia com a maior sede de sangue.

– Não, porque minha cultura era supersticiosa até a raiz. Porém, mesmo com o meu passado de cientista, a crença veio com mais facilidade do que eu teria imaginado. Mas viagens no tempo são impossíveis pelas leis da natureza.

*E quanto à esposa?*

– De qualquer forma, nunca fui casado.

Ela se maravilhou com o fato de ele nunca ter sido casado e se sentiu satisfeita por algum motivo.

– Você ainda era solteiro na sua idade? – interessou-se ela, sentando-se. – Já devia ter uns trinta anos.

– Trinta e um. Mas vivi numa frente de batalha desde os dezenove anos. Não havia como ter uma mulher só para mim.

– E agora se sente pronto?

Como se estivesse lhe fazendo uma promessa, ele encontrou os olhos dela ao garantir, com determinação: – Sim. – Os dedos dela se curvaram dentro das sapatilhas de escalada. – E quanto a você, Kaderin? Será que vai me contar por que está tão empenhada em vencer? – Olhou para longe quando perguntou: – Vai tentar recuperar um marido?

Quando ela não respondeu, ele se virou para trás.

Depois de alguns instantes, ela balançou a cabeça, a contragosto.

– Nunca fui casada. – Ela jamais teria contado a ele qual a sua verdadeira motivação; não havia motivo, apesar de ela se sentir inclinada a confessar tudo. Só que também não pretendia deixá-lo achando

que lutava com tanta garra por um marido ou amante perdido. – Meus covens e as Fúrias me proporcionaram uma grande honra ao me escolher para essa competição. Não pretendo decepcioná-las. – Deu de ombros e acrescentou, com honestidade. – E simplesmente quero derrotar todos os oponentes.

– Então, tudo se resume a orgulho e ego?

Ela fez uma cara de tédio e perguntou: – Essas não são razões boas o suficiente?

– Eu não acredito nisso. Existem mais coisas na vida além de vencer essa competição.

– Eu concordo. Matar vampiros, por exemplo. Essas duas coisas dão propósito à minha vida.

Ele ficou calado em resposta ao comentário, apenas lançou-lhe um olhar inescrutável. Ela sabia que ele desaprovava suas prioridades e a forma como vivia a vida. Depois daquele olhar, porém, começou a suspeitar que ele também sentia pena dela, e inclinou a cabeça.

– Diga-me, então, vampiro: como é que você imagina nossa vida juntos?

– Nós poderíamos conhecer o mundo. Reconstruir o castelo, dar início a uma família.

*Uma família?* Se ela e Sebastian tivessem filhos, eles poderiam nascer como a sua sobrinha Emmaline, que era metade vampira. Estremeceu por dentro só de pensar nisso.

– Eu moro em Nova Orleans, participo de competições e mato vampiros. Você espera que eu desista de tudo isso? – Levantou os joelhos contra o peito. – Quer que eu seja como as mulheres que você conheceu? Saiba que isso nunca vai acontecer.

– Não. Na verdade, eu *não quero* que você seja como as mulheres que conheci – garantiu ele com tanta veemência, que ela foi pega de surpresa. – Também não tenho preferência pelo lugar onde poderíamos morar. Iria para onde você se sentisse mais feliz. Quanto a matar vampiros, por mim tudo bem. A Corrida do Talismã? Também é aceitável, desde que eu esteja sempre ao seu lado.

– Aceitável? – *Será que ele estava brincando?* – Quanto mais eu o conheço, mais percebo que o fato de você ser um vampiro é apenas *parte* do motivo pelo qual sou indiferente a você.



*Aceitável?* Assim que acabou de pronunciar a palavra e mesmo antes de ver os olhos dela cintilando de raiva, Sebastian percebeu que aquela talvez não fosse a melhor palavra para usar com uma filha de deuses. Tinha *menos de um quinto* do charme de *qualquer um* dos seus irmãos.

– Enumere as outras razões para você ser indiferente a mim – pediu ele.

– Falar com você é como falar com um ser humano.

Ele retrucou: – Eu bem que *gostaria* de ainda ser humano...

– Mas não é. Você é um inimigo da minha espécie.

– Eu já lhe disse que isso não aconteceu por escolha minha. Ou por algo que eu tenha feito.

– Pois saiba que me causa nojo saber que você bebe sangue. E vive uma existência parasitária.

Isso sempre lhe provocava nojo também. A única exceção fora a vez em que sentira o sabor quente e rico dela. De repente, viu-se defendendo aquele ato vil.

– Eu pego sangue com um açougueiro. Qual é a diferença disso para os seres humanos, que conseguem carne da mesma forma? Além do mais, qual a coisa viva que não é um parasita?

– Eu.

– Você não come carne? Nem bebe vinho?

– Não para as duas perguntas. Eu não ingiro nada.

– Como isso é possível? – quis saber ele, incrédulo, embora o kobold tivesse dito exatamente isso naquela noite no Polo Sul.

– Fui projetada desse jeito – explicou ela, num tom que deixou claro que não diria mais nada sobre aquele assunto.

Droga, ele teria de voltar a Blachmount para perguntar a Nikolai sobre aquele mistério.

– Projetada? No sentido de *planejada*?

Ela estreitou os olhos.

– Eu não posso ter sido planejada? Você olha para mim e acha que eu não passo de um *acidente da natureza*?

– Não – respondeu ele, depressa, percebendo que a insultara mais uma vez. – Nada disso. É só que...

– Muita gente da minha espécie está se preparando para a guerra. Você sabia disso? Será uma guerra como você nunca imaginou...

– Sim, o Acesso – disse ele, com um tom de desprezo.

– Não é algo a ser descartado com tanta displicência.

– Meu irmão me disse que você mencionaria isso como um obstáculo à união entre nós dois. Mas também me assegurou que os Abstêmios vão se aliar às Valquírias. – Quando Kaderin quis protestar, ele a cortou: – Quer as Valquírias aceitem ou não.

Ela apertou os lábios.

– Você me parece ter uma vontade férrea – disse ela, por fim. – Por que não usa isso para se livrar dessa compulsão por uma Noiva franzina e não programada?

– Por que eu iria gastar tempo e esforço para tentar esquecer você, quando posso gastar o mesmo tempo e o mesmo esforço para conquistá-la?

– Porque me conquistar é impossível. A outra opção pode não ser.

– Tenho que tentar. – Não havia jeito de ele repensar isso. – Quero você na minha vida.

Ela deu um tapinha no queixo dele.

– Quando você diz “na minha vida”, obviamente quer dizer “na minha cama”.

– Não vou negar que quero as duas coisas. – Ele obtivera o gostinho da paixão por ela e não descansaria até conseguí-la. – Passo o tempo todo imaginando como será possuir você.

Um tom rosado surgiu nas bochechas de Kaderin, e ela mordeu o lábio inferior. Esse hábito sempre o deixava fascinado.

– Mas você não me ama mais do que eu amo você – disse ela.

– Não, eu não amo – admitiu ele.

Ela o fascinava e frustrava. A cada hora desde que o sangrara, precisava dela, mas compreendia que não era amor.

Ela revirou os olhos para cima.

– Quer uma dica, Sebastian? Quando um homem está cortejando uma mulher, deve esperar um nanossegundo antes de declarar que *não a ama*. Talvez você devesse agir como se considerasse essa possibilidade. Ou, quem sabe, poderia mentir. Ou poderia dourar a pílula, prever ou prometer que irá amá-la no futuro.

– Não vou mentir para você. E sobre o amor? Muitos casamentos foram construídos com muito menos do que existe entre nós. Temos paixão. Atração. Respeito.

– Você se acha o máximo, não é? – debochou ela, examinando suas garras quebradas.

– Uma coisa eu posso lhe prometer: os próximos mil anos da sua vida não serão nada como os últimos. Pelo menos enquanto eu viver.

Os olhos dela se ergueram, e ela perguntou, com ar desconfiado: – O que você quer dizer com isso?

– Eu sei sobre o seu... dom. Você não sente emoções há mais de um milênio.

Ao ouvir isso, ela empalideceu.

– E você sabe o motivo de isso ter acontecido?

Sua voz estremeceu ao perguntar.

– Não. Também não sei como foi. Só que você acordou uma bela manhã e não havia... nada.

Ela olhou para ele com raiva.

– Não se atreva a dizer isso assim! Como se eu tivesse algum defeito.

– Kaderin, não ser capaz de sentir as coisas é um defeito.

– Você acha que é necessário sentir para sobreviver? Ou imagina que eu gostaria disso, por algum motivo?

– Não, eu...

– Você soube disso através do meu sangue, certo? – Quando ele assentiu com a cabeça, ela completou: – Quando você *roubou* meu sangue também levou minhas lembranças. Que coisa adorável! Quantas coisas você descobriu?

– Vi velhas batalhas, caçadas, flashes aleatórios de conversas, como quando Riora lhe falou da espada de um místico cego. – Ele a vira sendo atacada por dezenas de kobolds, mal conseguindo derrotá-los, para, em seguida, ao olhar para baixo, ver que sua perna tinha desaparecido logo abaixo do joelho. Não era de espantar que ela tivesse eliminado o kobold na Antártida. *E eu o levei até o prêmio que seria dela.*

– Agora você entende por que eu fiquei tão indignada? Você pode conhecer os meus pensamentos secretos. E as minhas ações. Você me viu com outros homens?

– Não, e meu irmão me garantiu que isso não vai acontecer porque você é minha Noiva – garantiu.

– Você viu por que minhas emoções voltaram?

Ele correu os dedos pelo cabelo.

– Acredito que eu tenho algo a ver com esse fato. Você mesma reconheceu isso naquela primeira madrugada.

– Falei nessa possibilidade sem pensar. – Ao ver o olhar dele, completou: – Foi apenas coincidência.

– Talvez eu pudesse acreditar nisso se você não fosse minha Noiva.

– Então você acha que eu despertei você fisicamente e você me despertou emocionalmente? – perguntou ela, em tom de escárnio. – Um chá feito só para nós dois?

– Sim. Exatamente.

– Mesmo que fosse verdade, isso não significa que teremos um futuro juntos. Eu não sou o que você precisa e só vou tornar sua vida infeliz. Isso eu lhe garanto. E mais: se eu aceitasse você como meu parceiro, minha família me baniria. Eu seria marginalizada.

– Myst, a Desejada, não parece se preocupar com isso.



Kaderin inclinou a cabeça e ficou subitamente quieta.

– Do que você está falando?

– De Myst, a esposa do meu irmão.

Ela se levantou na mesma hora.

– Myst pode ter a moral de uma gata de rua, mas jamais ousaria se casar com uma sanguessuga.

– Você não sabia disso? – Ele fez cara de estranheza. – Eles já estão casados há algum tempo.

Kaderin pretendia chutar a bunda radiante de Regin na primeira oportunidade, e com muita força...

*Myst tinha se casado com... um vampiro!*

Kaderin segurou a parte alta do nariz com o polegar e o indicador.

– Seu irmão é o general abstêmio que a libertou da prisão da Horda? Wroth, se não me engano...

Nikolai Wroth?

*Bem que eu desconfiei que ela não tinha superado a paixão por ele.*

– Ele mesmo. Você o conhece? – quis saber Sebastian.

– Já ouvi falar. – E agora que tudo estava se tornando mais claro, ela se lembrou que também já tinha ouvido falar de Sebastian. Os quatro irmãos estonianos. Líderes militares tão ferozes e obstinados quando eram humanos que tinham conseguido até mesmo atrair a atenção do Lore.

Tinham sido valentes e incansáveis na defesa do seu povo.

Ele analisou a expressão dela.

– Estou me perguntando se essa notícia vai ajudar ou atrapalhar minhas pretensões.

– Eu... eu não sei de nada. – Não sei de mais nada. Então, os Abstêmios eram confiáveis? Não...

Dasha e Rika jamais aceitariam que ela se juntasse a um vampiro.

– Então me diga uma coisa, Kaderin. Alguma vez você pensa em mim quando estou longe?

*Minta para ele.*

Ela poderia ter um caso com aquele vampiro? Do tipo mais ilícito possível? Só para desfrutar do fabuloso corpo dele por uma noite?

Myst tinha se casado com um deles! Que estranho! Myst era uma pagã, como ela! Kaderin duvidava muito que o general Nikolai Wroth tivesse concordado em se casar de acordo com o paganismo ortodoxo.

Uma ligação como o casamento era um assunto muito sério para uma Valquíria e para os imortais em geral. *Até que a morte nos separe* assumia um novo significado quando ambas as partes tinham o potencial de viver para sempre.

Não, Kaderin não poderia ter um caso. Não se fosse a Noiva, a Prometida de Sebastian. Porque ele jamais aceitaria apenas isso e ela nunca poderia lhe prometer mais.

– Você quer saber se eu penso em você? Sebastian, eu sou uma pessoa ocupada. Não costumo passar muito tempo com introspecções. Que tal deixar isso para você?

– O que está querendo dizer?

– Parece que tudo que você fez durante três séculos foi *pensar*.

Ele ficou furioso, como ela planejara.

– Você não sabe de nada!...

Um rugido soou à sua esquerda, estremecendo a caverna. E então, do lado direito, outro rugido respondeu. Em algum lugar além, ouviu-se um terceiro chamado.

Os basiliscos estavam se aproximando, se reunindo.

Bem ali.

**K**aderin saltou para frente, derrubando-o no chão imundo.

**Dê um beijo rápido nele, para selar o acordo. Faça-o mover essas rochas.**

**Agarrou o rosto atordoado de Sebastian e pressionou os lábios contra os dele.**

**Depressa, só para conseguir o que queria.**

**Pare de hesitar!**

– Pronto. Beijei você – disse ela, parecendo sem fôlego. – Agora, mova as porcarias dessas pedras e...

As mãos dele seguraram a bunda de Kaderin com força, pressionando a barriga dela contra o seu membro já completamente duro. Quando ela não conseguiu impedir um gemido, ele a agarrou pela nuca e a puxou para junto dele. Tomou-lhe a boca e deslizou a língua entre os lábios dela, esfregando-se com mais força.

A mão no traseiro dela se moveu e se enfiou entre as suas pernas, cobrindo-a com firmeza. Ela deu um grito assustado contra os lábios dele e então, antes que conseguisse se conter, subiu o joelho um pouco para lhe facilitar o acesso à sua parte mais íntima.

Ele gemeu, esfregando-se, massageando o púbis dela com a palma da mão aberta e a boca cada vez mais inclinada, as línguas unidas. Seu beijo era desesperado, do tipo *a última noite antes da força*.

De repente, os dois estavam rolando no chão sujo, apesar do ataque iminente. Ambos suavam, o punho da espada dele cutucava o quadril dela, e Kaderin não conseguia consumir tudo o que precisava.

Ele a virou e se colocou por cima dela, como fizera naquela madrugada em seu castelo. Ela o queria tanto agora quanto o quisera na primeira noite.

– Você me deixa louco, Katja – murmurou. – Não consigo pensar em nada além de você.

Ele rolou de lado, mas prendeu as mãos dela acima da cabeça. Em seguida, curvou-se para plantar um beijo de boca aberta na sua clavícula. Sua outra mão mergulhou pelo cóis da calça dela, e ele sussurrou em seu ouvido: – Diga que você pensa em mim.

Pode ser que ela tenha dito que realmente pensava nele, ainda mais no calor do momento, com aquela mão imensa e trêmula que lhe descia lentamente até o espaço entre as pernas. *Ele começava a tremer só de pensar em tocá-la?* Sebastian se entreteve soltando o laço da frente da calça de Kaderin. Ela libertou as duas mãos, mas não conseguiu detê-lo. Na verdade, estava até deixando que ele prosseguisse.

*Isso é justo*, pensou ela, quase delirando, *já que eu também estou enfiando a mão dentro da calça dele*. Quando tocou nele, ela gemeu. Sebastian jogou a cabeça para trás e gritou, lançando o corpo contra a mão que o acariciava. Tão excitante, e suave e duro. Ela acariciou a ponta dele em um círculo molhado.

Quando olhou para ela novamente, seus olhos estavam negros de desejo.

– Temos de parar com isso – sussurrou ela, apesar de continuar subindo e descendo com a mão ao longo do membro dele. – Essas feras...

– São realmente aterrorizantes. – Deu mais um beijo quente na boca de Kaderin e fitou-a novamente.

– Mas eu agradeceria muito se você continuasse a me... *acariciar*.

Foi o que ela fez. Sua mão parecia magnetizada por aquele eixo duro, adorando quando ele pulsava e se repuxava na palma de sua mão. Apesar de estar quase perdendo o controle, ele continuava a acariciá-la lentamente, alisando-lhe a barriga com o polegar, para em seguida mergulhar até o seu sexo. Ela queria paixão, alívio rápido, mas teve a impressão de que a lentidão era muito importante para ele, que queria saborear cada segundo de tudo aquilo.

Quando ele estava prestes a trabalhar com mais força, usando a mão dentro da calcinha, pareceu congelar e deixou a palma da mão descansando na parte mais baixa do ventre dela. Kaderin dançou até conseguir que a mão dele descesse um pouco mais.

– Calma! – murmurou ele. Balançou a cabeça para os lados com força, como se precisasse clarear as ideias. Ela arqueou as costas um pouco mais e olhou para trás.

A cinquenta metros de distância, olhos semicerrados, do tamanho de bolas de futebol verdes, brilhavam no escuro.

Ele soltou o ar com força e reclamou: – A chegada dele não poderia acontecer num momento mais inoportuno.

– Você tem o dom do eufemismo. – De quem era aquele tom divertido? Ela estava numa sufocante caverna com dragões ferozes prestes a bufar em cima deles, e os dedos imensos de um vampiro continuavam a centímetros de levá-la ao paraíso. – Aliás, você nem me parece *devidamente aterrorizado*.

Sua luta para manter o sorriso no rosto terminou quando ele disse: – Sinto muito, Noiva. Tenho que teletransportar você daqui.

Ela retirou a mão da calça de Sebastian, afastou a mão dele e rolou para o lado.

– Eu posso lutar contra eles enquanto você empurra as pedras. – Colocando-se novamente de pé, ela amarrou os laços da frente da sua calça e desembainhou a espada.

O basilisco maior se aproximou, sem dúvida julgando-os sem saída. Aqueles répteis monstruosos tinham um jeito de andar ligeiramente gingando para os lados, como os patos, e isso enganava as presas. Era uma vantagem biológica que servia para fazê-los parecer mais dóceis. O túnel não era largo o bastante para passar mais de um de cada vez, mas, quando eles chegassem à câmara principal, poderiam atacar ao mesmo tempo.

Sebastian também estava em pé.

– Não é assim que a coisa vai funcionar.

– Mas eu já beijei você, cacete! Se eu estiver em apuros, você poderá me teletransportar. Antes disso, porém, tente mover as rochas. Ou você não vai honrar o nosso acordo?

– Só se eu ganhar outro beijo. Mais tarde. Precisamos terminar o que começamos aqui...

– *Você está me colocando contra a parede?*

Ele obviamente não entendeu o termo.

– Se você quer sair, terá de ficar contra a parede, ora! Mas também terá de concordar em ir para algum lugar escuro comigo, no máximo uma hora depois de conquistar o prêmio de hoje.

Quem era aquele novo vampiro implacável?

– Tudo bem. – *Para não dizer o contrário.* – Você conseguiu um novo acordo, vampiro. – *Estou mentindo sem controle!* – Agora, mexa essa bunda e empurre com força.

Com outro aceno de cabeça ele se levantou, examinou o basilisco sem pressa, mas com muita atenção. Só então foi para as pedras.

Ela deveria estar se preparando para a batalha, talvez tentando analisar as escamas púrpuras do basilisco em busca de algum ponto fraco. No entanto, toda a sua mente saturada de desejo só conseguia pensar em como aqueles músculos perigosamente deliciosos das costas dele pareciam latejar de tensão, ameaçando rasgar sua camisa. Ela sentia vontade de alisá-los, arranhá-los, lambê-los.

Ela deveria estar preocupada com a sereia, com a corrida, ou... *Ei, que tal pensar um pouco nesses dragões?*

A fera caminhava devagar, pressionando-os e olhando-os de cima para baixo. Kaderin conseguiu enxergar um novo par de olhos que espiava por trás do primeiro animal. Assim que as rochas cederam, ele se lançou ao ataque.

Ela continuou lançando olhares por sobre o ombro. Regin tinha lhe perguntado qual era o seu tipo de homem. Quando Sebastian se virou para empurrar as pedras com as costas, exibindo os músculos peitorais esculpido de baixo da camisa encharcada de suor, Kaderin admitiu para si mesma que *aquele* era o seu tipo.

Pelo visto, sentia atração por vampiros de cabelo preto e olhos sérios, do tipo dolorosamente lindo. Com cicatrizes e mãos ásperas. Mordeu o lábio inferior. Se continuasse a encarar aquele poderoso corpo esculpido, era capaz de ter um orgasmo espontâneo ali mesmo.



– Noiva, nunca pensei que fosse lhe dizer isso um dia, mas você precisa se *concentrar*.

O jeito como ela olhava para ele, com uma das presas pressionando o lábio inferior carnudo e os olhos cintilando em prata estavam deixando-o louco.

– Oh... Sim, claro. – Ela olhou para frente. – Um deles já está bem aqui. – Um último olhar para trás, e Kaderin murmurou uma maldição. – Preste atenção: no instante em que as rochas cederem, os três vão atacar. Seja rápido. Você tem que nos teletransportar daqui na mesma hora.

– Eles me parecem lentos.

Sem se virar, ela disse:

– Eles querem *parecer* lentos. Você se teletransporta e eu mergulho para fora, ok?

– Será que eles vão perseguir você do lado de fora da caverna?

– Eles não conseguem ver muito bem à luz do sol.

– As rochas estão prestes a ceder – garantiu ele, entre dentes. – Recue um pouco...

A luz do sol entrou com a força de um raio. Felizmente, já era fim de tarde. Ele pulou para trás, deixando um espaço para ela passar pelo buraco que se abriu. Kaderin deslizou para fora. Só que os basiliscos atacaram numa velocidade fenomenal. Todos os três se lançaram para frente ao mesmo tempo e pularam com as garras à mostra.

O maior deles atravessou todas as rochas atrás de Kaderin. Poeira e escombros explodiram no ar. Sebastian não conseguia mais vê-la, só ouvia mandíbulas batendo umas contra as outras em estalos graves, mas conseguiu ver Kaderin no instante em que ela se esquivou. As mandíbulas se fecharam mais uma vez a poucos centímetros de sua cabeça.

Sebastian mergulhou atrás dela em plena luz do sol, engoliu um grito de dor e agarrou-a pelo tornozelo. Quando estava prestes a teletransportar-se com ela dali, Kaderin chutou-o no rosto e se arrastou para mais longe.

Antes que ele pudesse impedir, teletransportou-se sem ela, mas logo retornou ao local da luta. Mesmo usando o truque de se teletransportar pela metade, mal conseguia enxergar por causa da luz intensa. Sua pele queimava como se alguém tivesse jogado ácido sobre ela.

O basilisco desaparecera? Kaderin estava na ponta dos pés, na beira do precipício, arqueando as costas para não cair no abismo. Antes que ele pudesse alcançá-la, ela se endireitou e saltou de lado na borda. Será que tentava fazer o animal achar que tinha caído?

O basilisco menor e o outro foram se aventurar do lado de fora, piscando sem parar e sibilando para a luz. Ele escapou por pouco das garras de um deles para conseguir rastejar no escuro e se teletransportou para a parte escura, na outra ponta da caverna. Ao chegar lá, gritou para eles.

Quando pularam novamente para dentro do túnel, Sebastian caiu de costas debaixo do maior deles e virou a espada para cima, furando-lhe a barriga. Foi um golpe fatal, plantado entre as escamas grandes como pratos. O monstro foi quase eviscerado. Sebastian puxou a lâmina de volta e rolou de lado, para fora do caminho.

Com um rugido que parecia um gargarejo, o monstro recuou para cima do animal menor, prendendo-o. Sebastian saltou para ficar de pé e se teletransportou para junto do último basilisco. Enquanto ele se esforçava para se libertar, cravando as garras de forma frenética no chão diante dele, Sebastian ergueu a espada e enterrou-a no pescoço do monstro.

O animal pareceu petrificado, mas se virou lentamente e piscou os olhos em fenda na direção de Sebastian. Havia medo neles.

Kaderin provavelmente já o teria matado e iria considerá-lo fraco se ele não o fizesse.

– *Ora, que inferno!* – murmurou, deixando a fera para trás e se teletransportando para onde ela estava.

Droga, ele resolveu que *não voltaria* mais tarde para libertar o monstro.

Então, saindo no sol mais uma vez, balançou a cabeça para trás e para frente, tentando encontrá-la, mas sua pele ameaçava pegar fogo. A dor era excruciante. Com o canto do olho, viu uma caverna um pouco além, na ravina. Teletransportou-se lá para dentro, fazendo de tudo para aparecer apenas parcialmente.

Embora pudesse ver tudo da entrada da caverna, o sol ainda se refletia na areia e nas pedras, machucando ainda mais seus olhos já danificados. Mas ele conseguiria suportar a dor por um minuto, talvez dois, naquela condição de semi-invisibilidade.

Viu o basilisco maior se retorcendo em agonia no fundo da ravina, depois de ter a cabeça praticamente destruída ao bater numa rocha. Kaderin continuava na saliência. No instante em que Sebastian estava prestes a berrar e reclamar pelo chute que recebera, o olhar dela se fixou em algo na ravina. Seu rosto ficou gelado. Como o de um *predador*. Isso foi tudo que lhe veio à mente naquele instante, para descrevê-la.

Kaderin começou a balançar os braços para alcançar velocidade e correu até seu corpo se tornar um borrão. Piscando contra a luz, ele não acreditou nos seus olhos quando ela mergulhou na mesma ravina que o dragão.

Sebastian se teletransportou para baixo e se colocou sobre outra saliência na hora certa. Em frente a ele, a seis metros de distância, a sereia deu um grito de surpresa no instante em que Kaderin aterrissou nas costas dela, arrancando de forma perceptível a respiração dos pulmões da oponente. Kaderin posicionou-se com os joelhos cravados entre as omoplatas de Lucindeya, enquanto um dos braços a enforcava.

Justamente quando Sebastian decidiu enfrentar o sol e teletransportar Kaderin para bem longe dali, Lucindeya a atacou com o cotovelo. De alguma forma, Kaderin se abaixou e conseguiu escapar do golpe. Estava tendo sucesso em se esquivar de todos os movimentos defensivos que a sereia tentava fazer. Não precisava de ajuda.

Em todo o espaço em volta de Kaderin, o calor parecia ferver por entre as fendas das rochas. Enquanto a observava através da névoa, ele percebeu que estava impressionado com sua atuação e com a força do seu corpo gracioso.

E até mesmo pela sua absoluta crueldade.

Kaderin puxou a sereia pelos cabelos, levantou-a do chão e girou-a com força, balançando-a e ganhando impulso até que nenhuma parte da mulher tocasse o chão. Depois de mais alguns giros, Kaderin finalmente lançou-a longe, como se fosse uma bola, mantendo os dedos abertos.

A lateral do penhasco desmoronou sob o golpe violento do corpo de Lucindeya, e muitas rochas despencaram sobre as suas costas. Kaderin nem mesmo esperou para vê-la ser enterrada por completo, e ergueu a cabeça na direção da montanha seguinte. Correu, pulando sobre as rochas, cravando as garras nas arestas para tomar impulso, e se arrastou até a caverna que ficava um pouco mais acima.

Essa caverna no topo – a mais escura – era onde o prêmio deveria estar. Sebastian poderia chegar lá antes dela. Pressionou a manga da camisa sobre o lábio cortado e provou o próprio sangue que escorria do lugar onde ela o chutara com força.

Kaderin se encontraria com ele, afinal de contas.

Porque os termos do acordo tinham acabado de mudar.

**K**aderin cambaleou para dentro da caverna, ofegando com o esforço da subida. Quando sua visão se ajustou à escuridão, viu o vampiro segurando o prêmio, jogando-o casualmente para cima e tornando a apará-lo na palma da mão.

**A casca do ovo tinha pálidas estrias coloridas que se retorciam, e parecia tão frágil que era quase transparente.**

– Agora vamos fazer as coisas do meu jeito, Kaderin.

Os olhos dela acompanhavam o prêmio enquanto ele o jogava para cima e para baixo.

– Tudo bem, mas me dê essa porcaria de ovo.

– Você nunca teve intenção de se encontrar comigo. – Ele parecia furioso com ela. O sol empolara seus antebraços e um lado inteiro do seu rosto. – Além disso, me chutou. – Um rastro de sangue ainda escorria do canto do lábio inferior.

– Chutei você por reflexo. – Isso era verdade. O basilisco tinha acabado de explodir sobre as rochas como se elas fossem amendoins com casca, e estava nos calcanhares dela. – Para referências futuras, não agarre meu tornozelo por trás quando eu estiver sendo perseguida por coisas que tenham línguas compridas com ponta bifurcada.

Não importava o que havia acontecido entre Kaderin e Sebastian, ela não teria tentado nocauteá-lo. Por outro lado, para evitar se transformar no jantar de um dragão ou se queimar no sol por mais tempo, isso era até aceitável...

– De qualquer modo, você mereceu ser chutado. Mudou os termos do nosso acordo quando eu estava no sufoco! Isso não foi nada cavalheiresco.

– Cada vez menos eu me sinto um cavalheiro ao seu lado. – O ovo muito delicado estava quase caindo da palma da mão dele.

– Você vai acabar quebrando isso! – Ela mal conseguia respirar. – É o último exemplar. – Ela tentava se aproximar, inclinando a cabeça e estudando um modo de arrancar o prêmio da mão dele.

Algo perigoso brilhou no olhar de Sebastian.

– Você acha que conseguirá tirá-lo de mim? – Ele ousou *desafiá-la*.

Ela congelou, pois não tinha intenção alguma de se atracar com um vampiro e manter o ovo inteiro ao mesmo tempo.

– Mas você tem que se apressar – disse ela, quase em desespero. – Quando Cindey chegar aqui, ela vai cantar e você acabará entregando o prêmio a ela.

– Não creio que ela consiga se movimentar por algum tempo, depois do que você lhe fez.

– Ela é imortal. Vai escapar daquilo numa boa. Já me feriu com muito mais violência no passado e poderá chegar aqui bem depressa. Bastarão algumas notas musicais emitidas por suas cordas vocais, e você se tornará escravo dela para sempre. – Ao pensar nisso, Kaderin sentiu uma inexplicável ânsia de chutá-la novamente. Ou lhe estapear a laringe várias vezes, com força.

– Se você acredita nisso, certamente não vai se importar em aceitar mais uma barganha para obter este prêmio.

– Eu já lhe disse que nunca vou dormir com você. – Uma gota de suor lhe escorreu pelo pescoço e desceu por entre os seios. Os olhos acinzentados de Sebastian seguiram a gota com muita avidez, depois piscaram e pareceram escurecer. Uma tormenta em alto-mar. Ela estremeceu com o calor que sentiu.

Mesmo com metade do rosto e as mãos queimados, ela ainda se sentia atraída por ele e continuava excitada pelo que acontecera mais cedo. Coração Gelado? Já era! Sangue Quente? Ele fizera isso. Só ele poderia. E não apenas com paixão sexual.

Kaderin tinha adorado chutar o traseiro de Cindey e, por algum motivo, gostava de saber que ele a vira fazendo isso.

– Quero passar uma noite com você, tocar em você – disse ele, em voz baixa. – Isso é tudo. No entanto, será do jeito e no lugar que eu escolher.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– E vamos parar por aí? Você diz isso agora, mas eu sei que você pretende me seduzir para conseguir mais.

– Não. Eu não espero que você me toque, em absoluto. Não espero fazer sexo com você.

– Ora, ora... Um vampiro altruísta. Você simplesmente fará coisas comigo sem reagir em nenhum momento?

Ele passou a mão livre sobre a boca.

– Não, acredito que vou reagir um pouco, sim. Deixe que eu me preocupe com as minhas reações. Você tem a minha palavra. Não vai rolar nada mais. E nada menos.

Ela inclinou a cabeça.

– E então eu recebo o prêmio?

– Quando eu acabar o que pretendo fazer.

Ela não gostava da forma como as palavras dele lançavam físgadas de desejo por dentro dela.

– Você pode quebrar esse ovo sem querer. Entregue-o a mim, antes de qualquer coisa.

– Nem pensar! Vou mantê-lo num lugar seguro, e você poderá buscá-lo depois. Ao contrário de você, sei manter a minha palavra.

– Você não vai enfiar os dentes em mim? – Diante do olhar perplexo dele, ela repetiu: – Nada de me morder, senão, juro pelos deuses, vou morder de volta e você não vai gostar nem um pouco.

Isso pareceu diverti-lo, por algum motivo.

– Nada de mordidas. Juro, embora eu já imaginasse que você seria capaz de me pedir isso.

Como ela conseguiria aceitar essa proposta? Como *não aceitar*? Pelo prêmio, ela o faria.

Para matar sua curiosidade, ela... precisava fazer.

Como seria se sentir escrava do toque dele durante uma noite inteira? Quando resolveu descobrir por si mesma a resposta, desviou o olhar e murmurou: – Estarei voando sobre o Atlântico hoje à noite. – Corou, já imaginando-o junto dela na cama opulenta do camarote que havia no jatinho. – Você poderia me acompanhar nessa viagem.

Ele assumiu novamente aquele ar que era uma mistura de hesitação e audácia.

– Você quer que eu vá no avião com você?

– Se pretende ter o seu pagamento nas próximas vinte e quatro horas, é isso mesmo.

Ele se aproximou até ficar com os pés encostados nos dela.

– Por que não me deixa teletransportar você até o outro lado do Atlântico?

– Você só pode ir a lugares onde já esteve antes, e eu aposto que nunca esteve aonde irei – explicou ela, olhando-o fixamente. – Além disso, terei tempo para descansar durante o voo.

Ela engoliu em seco quando ele murmurou: – Eu não contaria com descansos para esta noite.



Horas mais tarde, Kaderin passeou na cabine principal do jato, furiosa por ter mais coisas na cabeça do que conseguia processar.

A primeira: Graças à proeza do Lykae, ela agora estava sendo forçada a aturar aquela situação com Sebastian. E tinha deixado os diamantes para trás! Que Valquíria idiota!

A segunda: Duas de suas meias-irmãs, companheiras de coven, tinham se casado, mas ela só fora informada disso depois do evento. *Os noivos não vão ganhar nenhum presente meu.* Será que suas irmãs eram tão avessas à presença dela em cerimônias de casamento? *Será que eu sou assim tão lúgubre?*

A terceira: Como se já não se sentisse nervosa por causa de Sebastian, que estava para surgir a qualquer momento, agora ela se pegava pensando o tempo todo sobre o passado dele. Como em todas as guerras, as Valquírias tinham um correspondente nos campos de batalha cobrindo a Guerra do Norte, e elas tinham sido informadas que os irmãos Wroth eram brutais líderes de guerra, conhecidos por sua habilidade e ferocidade. Os irmãos tinham conseguido para o seu povo uma década de liberdade contra uma força muito maior em número.

Não era de admirar que Sebastian soubesse lutar tão bem.

O mais velho – *marido* de Myst – era também o mais famoso, mas Kaderin obviamente também ouvira falar de Sebastian. Ele tinha sido um estrategista fantástico, um comandante firme e um guerreiro implacável.

Kaderin conhecera esse lado autoritário dele naquele dia mesmo. Também percebera isso no tom da sua voz. E a maneira como ele acompanhara a gota de suor que lhe escorrera pelo peito era tão concentrada que ela percebeu o quanto ele pretendia ser implacável com ela naquela noite.

Sebastian chegaria dentro de poucas horas, mas a ficha ainda não tinha caído por completo, pelo menos até o momento em que ela mandara que os pilotos atrasassem a decolagem do aeroporto de San Luís até vinte minutos depois que o sol tivesse se posto, e dera ordens para não ser incomodada durante toda a viagem...

Tudo aquilo era culpa de Bowen. Que diabos ele estava fazendo, competindo com ela, e por que parecia tão determinado a vencer? Afinal, ele era tão inabalável quanto *Kaderin*. Uma suspeita veio se esgueirando aos poucos, e ela ligou para Emma, na esperança de conseguir pegá-los na Escócia.

– Kaderin! É tão bom ouvi-la! – disse Emma, parecendo deliciada. – Regin me contou que você voltou a sentir as coisas. Parabéns, Kiddy-Kad! Isso deve ser *muito* legal. Tenho um monte de coisas para lhe perguntar a respeito do que houve e... Ah, mais uma coisa... Elas já lhe contaram que eu me casei?

– Eu soube, querida, parabéns. Emma, eu adoraria conversar com você sobre tudo isso, mas, em primeiro lugar, me conte uma coisa: você conhece um Lykae chamado Bowen?

– Conheço, sim – afirmou Emma, e perguntou: – Por que você quer saber?

– Vocês não estão acompanhando a Corrida do Talismã em tempo real pela internet? – Sim, tudo bem que eles eram recém-casados, mas ainda assim...

*Demonstrem para Kaderin um pouco de consideração.*

Kaderin teve sua resposta quando ouviu os sons de dentes arranhando coisas e tecido sendo rasgado. Emma gritou: – Lachlain! Oh! Estou ficando sem roupas!

– *Compre mais.* – Kaderin ouviu ao fundo, num grunhido abafado.

Kaderin assegurou a si mesma que não estava com ciúmes de Emma só por ela estar com apenas setenta anos e já ter encontrado um rei podre de rico. Além do mais, um rei que já tinha provado que daria a vida por ela e, naquele exato momento, rasgava as roupas da amada com suas presas. Emma era absolutamente doce e adorável; depois de passar por tantas provações e ter visto a morte de perto, merecia aquela nova vida como rainha de Lachlain.

Mesmo assim, Kaderin suspirou, incapaz de não se sentir muito velha e muito sozinha. Então, lembrou-se de que não ficaria sozinha por muito tempo. Tinha um homem vindo naquela noite... para fazer *coisas* com ela. Estremeceu de leve, mas logo se sacudiu para voltar ao presente.

– Emma, a respeito de Bowen...

– Sim, Bowe. Claro que eu o conheço. Também sei que ele é um cara sexy e quentíssimo. – Um som masculino de desagrado ao ouvir essas palavras dela fez com que Emma cobrisse o fone e completasse, depressa: – Não tão sexy e quente quanto você!

Puxa, quer dizer que o novo marido lobisomem de Emma era ciumento? Kaderin revirou os olhos.

– Pois é, Bowe tem um jeitão taciturno e torturado. Perdeu sua companheira no século dezenove e não faz mais nada na vida a não ser buscar um jeito de reencontrá-la desde então.

Kaderin prendeu a respiração ao ouvir isso e afundou na cama.

– Kaderin, eu... meio que preciso ir agora. Você pode me ligar mais tarde?

– Claro, Emma. Divirta-se – disse ela, distraída, e desligou. *Pelo menos, agora eu sei contra o que, na verdade, estou lutando.* Na mente de Bowen, essa vitória representava a vida da sua companheira. Mas como é que ele soubera qual era o prêmio, para resolver participar? Quem fora o amigo que, segundo ele mesmo contara, o alertara para a corrida?

Sua consternação rapidamente se transformou em ira. Kaderin ligou para o coven e mandou chamar Nix.

Pela primeira vez, Kaderin se sentiu com sorte quando Regin atendeu. Ela não perdeu tempo com amabilidades.

– Você tem algum motivo para não ter me contado que Myst se casou com um general do exército abstêmio, mais especificamente um vampiro?

– Escute, eu não queria distraí-la do seu objetivo, entende? – alegou Regin em sua defesa. – A Corrida do Talismã é o seu grande barato. Só sei que, quando *eu* descobri o que aconteceu, fiquei seriamente perturbada e distraída. Isto é, eu sabia que você nunca se abalaria... Pelo menos, coisas desse tipo não costumavam acontecer... Mesmo assim, achei mais prudente segurar a notícia por alguns dias. A ideia foi minha, não de Myst.

– Conhecer essa ligação poderia ter sido útil para mim em determinadas situações, Regin. Por exemplo... Você sabia que aquele vampiro na Antártida que você quase matou é, agora, nosso cunhado?

– Não é possível! O irmão de Nikolai Wroth? – Ela fez uma pausa. – Mas que importa isso? Não podemos matá-lo do mesmo jeito? Eu não contaria a ninguém se você não contasse. O que aconteceu no Polo Sul fica no Polo Sul...

– Regin, se você tornar a esconder de mim algo dessa importância, juro que aniquilo você. Lembre-se de que eu sou mais forte.

– Ah, mas eu sou mais *astuta*.

Kaderin expirou com força.

– Como Myst pode ter tanta certeza de que ele não vai se transformar?

– Não sei. Não estou falando com ela.

– Então, me deixe falar com Nix.

Um segundo depois, Nix disse num tom jovial: – Kiddy-Kad!

– Nix, como Bowen MacRieve, um Lykae que perdeu sua companheira, poderia saber do prêmio dessa competição antecipadamente, para participar dela e tentar vencer? Deixe-me acrescentar que eu sei que Bowen participou da cerimônia de casamento de Emma e deve ter se encontrado com você, que é uma profetisa.

– Hum... sei lá. Um golpe de sorte, talvez? – disse Nix. Kaderin podia ver Nix enrolando seu cabelo preto, tentando parecer inocente. Isso lembrou a Kaderin que, às vezes, algumas tarefas da competição eram repetidas.

– Raspe a cabeça – disse ela em tom ameaçador – e depois raspe todos os dias até eu falar para parar.

– Vou passar de Katie para Sinead? Bem, eu sou *elegante* o suficiente para lançar o look.

– Pois então aguente!

– Está irritada, Kaderin? Isso não é do seu feitio.

– Estou furiosa, como você bem sabe. Nix, como você pôde fazer isso comigo? Por que contou a Bowen sobre o prêmio final da disputa? Você, certamente, sabia que ele lutaria até a morte para trazer de volta essa companheira.

– Oh, claro, especialmente por ela ter morrido ao tentar fugir dele. Isso o vem destruindo aos poucos, ele está enlouquecendo. Quase não come nem dorme, e nunca mais olhou para outra mulher desde então.

Kaderin pinçou a testa com o polegar e o indicador.

– Ele vai ser quase impossível de vencer. Os Lykae não vivem para *mais nada* além disso.

– Mais invencível que uma Valquíria com dois mil anos de idade e um enorme sentimento de culpa, e que, aliás, continua ganhando todas as competições? Acho que vai ser moleza você vencer.

Kaderin expirou devagar, esforçando-se para manter a calma.

– Já que você lhe deu essas informações, deve me ajudar agora. Por que eu estou sentindo?

– Porque já era hora de isso acontecer.

– Ah, então tá. Ainda bem que você me explicou tudo. – Kaderin revirou os olhos. – Vou ganhar essa Corrida?

– Deixe-me verificar... – cantarolou Nix, e Kaderin quase podia vê-la olhando para o teto em concentração...

De repente, o fone caiu no chão.

Um calafrio subiu pela espinha de Kaderin e, em seguida, os gritos pavorosos de Nix se fizeram ouvir.

– Nix! – gritou Kaderin. – Nix, o que está acontecendo?

Um minuto depois, Regin pegou o fone.

– Que diabos você disse a ela? – No fundo, trovões ressoaram em uma sucessão ensurdecedora, como tiros de canhão. Nix soluçava de forma histérica.

– Eu só perguntei a ela se eu vou ganhar a Corrida! Por quê? O que está acontecendo?

– Não sei, nunca a vi assim! Está branca como um fantasma, resmungando coisas incoerentes. – Para Nix, Regin disse: – Calma, querida. O que deixou você tão abalada?

Kaderin ouviu Nix e seus gritos desesperados, mas não conseguia distinguir as palavras reais.

– O que ela está dizendo, Regin? – exigiu saber.

– Oh, Kad – sussurrou Regin, mostrando-se igualmente desesperada. – Ela disse que... – Engoliu em seco. – Ela disse que... na competição, antes da próxima lua cheia... você vai... morrer!

*Morrer?* Kaderin franziu a testa, confusa, torcendo as mãos em torno do fone.

*Como uma pessoa deveria reagir a isso?* Não consigo imaginar. Sua resposta tola foi: – Oh.

Regin voltou a parecer furiosa e ordenou: – Saia dessa competição agora mesmo!

– Você sabe que isso não vai ajudar em nada – murmurou Kaderin. – Quando chega a hora não dá para escapar.

– Mesmo assim você deveria *cair fora*.

– Regin, como pode dizer uma coisa dessas? – espantou-se Kaderin, sabendo que ela mesma dissera isso uma vez. A lembrança de Furie atacando-a ainda era tão vívida como se tudo tivesse acontecido na véspera. Devido às próprias palavras impensadas, Kaderin tivera o braço quebrado e sofrera fraturas no crânio e no esterno.

– Onde você está agora? Vamos resgatar você e protegê-la aqui no coven, junto do seu clã.

– Nix pode estar enganada – tentou Kaderin, surpresa ao sentir os olhos cheios de lágrimas. – Talvez ela tenha interpretado a profecia de um jeito errado. – Disse isso só para enrolar Regin, pois sabia muito bem que Nix nunca se enganara. E também *nunca* tinha visto a morte de uma Valquíria antes.

– Nix está rolando no chão. *Algo muito estranho* está acontecendo.

– Oh.

*Como Furie tinha sido valente quando se lançara ao encontro do destino. Como tinha sido forte e estoica.*

Kaderin poderia tentar fazer o mesmo.

– Droga, Kad, diga-nos onde você está!

– Regin, só os covardes não cumprem seu destino. Se eu estou marcada para morrer nessa competição é porque essas foram as cartas que vieram para a minha mão. E eu vou jogar.

– Você está ficando louca? Não deve ficar sozinha agora, ainda mais depois de receber essa notícia.

Ela inclinou a cabeça, olhando para fora da janela.

– Eu... não estarei sozinha. – Ainda faltavam duas horas para o crepúsculo. – Vou ficar bem, Regin, mais tarde torno a ligar – acrescentou, desligando em seguida e diminuindo o volume do celular.

Kaderin sabia que, nos dias que antecedessem a lua cheia, o seu clã lutaria para encontrá-la, chamando-a sem parar, tentando rastrear seus movimentos através do celular e da utilização do cartão de

crédito, e também por meio da rede de informantes do Tratado. Mas Kaderin conhecia todos esses truques, e, se não quisesse ser encontrada, não seria.

Estremeceu de repente. O sol continuava a baixar no horizonte e um vampiro estava para chegar.

– **Você se vestiu para me receber?** – Sebastian engoliu em seco quando Kaderin o recebeu.

**Ele exibia aquele jeito supostamente inseguro quando entrou, mas depois seu olhar a analisou lentamente da cabeça aos pés, e ele caminhou para frente como se estivesse sendo empurrado. Não havia dúvidas de que apreciava a suéter preta muito justa que Kaderin vestia, a saia curta e as sandálias de salto alto com tiras.**

Ela ficou contente quando viu que o olhar ávido dele buscava novamente os seus seios, e se viu feliz por ele não perceber quando o seu queixo caiu.

Aquele vampiro era tremendamente *sexy*.

Era tão alto que o teto do jatinho, com dois metros e dez de altura, ficava poucos centímetros acima dele. Vestia uma calça jeans que lhe destacava os quadris estreitos, e uma camisa escura moldava seus músculos definidos. Tudo era de muito bom gosto e caríssimo. Seu rosto parecia completamente curado, e seu cabelo preto comprido estava úmido no colarinho, sinal de uma ducha recente.

*Sexy. Ele exibia uma tremenda vantagem biológica, por assim dizer. Que mulher poderia rejeitá-lo ou mandá-lo embora, caso ele desejasse se acomodar dentro dela?*

Quando encontrou novamente os olhos de Kaderin, exibiu um olhar tão voraz que ela ficou perturbada e sentiu o rubor invadindo-lhe as maçãs do rosto. *Ela estava corando? Pronto, agora aquele vampiro estava conseguindo deixá-la vermelha.*

– *É assim que eu costumo me vestir. – Depois de ficar muito nervosa e experimentar trinta combinações de roupa. – Quer dizer, quando não estou lutando, correndo ou escalando.*

Ele estendeu a mão de leve e tocou a nuca de Kaderin.

– Ou mergulhando de penhascos para enfrentar sereias sem noção – completou ele, com um sorriso meio torto.

Então, resolveu ser charmoso naquela noite? Mal sabia que essa era a atitude mais correta. Não precisaria usar seu arsenal de beleza devastadora, nem o charme calmo e descontraído.

Ela seria dele de qualquer modo.

Antes de Sebastian chegar, Kaderin estava se sentindo péssima. Sozinha e implacavelmente... condenada. Depois de muita procura no fundo da alma, ela tomara uma decisão.

Nas palavras sábias e imortais de Regin: *Foda-se o mundo!* Se ela iria morrer, Kaderin teria uma noite de paixão antes de seu sono profundo na poeira dos tempos. E não conseguia pensar em mais ninguém, além dele, com quem preferisse passar aquela noite.

Dissera a ele que era assim que ela normalmente se vestia, e era verdade até certo ponto; não queria que ele suspeitasse que experimentara, pelo menos, duas vezes tudo o que havia dentro da mala. Olhara no espelho com muita atenção, analisando sua aparência pela primeira vez depois de tanto tempo, imaginando o que ele poderia achar de atraente nela. Será que fora o fato de ele ter provado do seu

sangue que o fazia interessar-se tanto por ela? Kaderin sentiu-se muito ansiosa diante da perspectiva de ter intimidade com um homem depois de tanto tempo, e mal conseguiu afivelar as sandálias.

A triste verdade é que se sentia grata pela presença dele. Se Sebastian não estivesse ali, ela não teria coisa alguma para fazer além de matutar sobre a própria morte, mas agora ele chegara e havia algo em seus olhos, algo um pouco *alarmante*, que a empolgara.

Ela mordeu o lábio inferior. Podiam chamá-la de mulher tola e doméstica, mas “aquele cara valia o porre”, como se dizia, e tudo valeria a pena.

– Você está linda. – Palavras simples, mas, somadas à forma como ele as disse, com os olhos absolutamente convincentes, provocaram-lhe arrepios.

Ela olhou para si mesma dos pés até os seios.

– Não sou muito pequena?

Aquele sorriso lindo cintilou novamente. Olhar para suas feições másculas, que pareciam ter sido esculpidas e se transformavam lindamente, era uma espécie de prazer decadente.

– Eu adoro o seu jeito. Mas confesso ter ficado preocupado em não machucá-la, quando a toquei. – Ouvir o timbre de sua voz era igualmente delicioso. Ela sabia que não devia apreciar essas coisas tanto assim, mas não conseguia evitar.

– Não me machucar? – Ela deu uma risada leve. – Perder braços e pernas dói. Óleo fervente dói. Mas não importa o que você vai colocar no meu prato, vou encarar... se eu quiser.

Ele quase colou nela, chegou todo sensual, um macho gigantesco que parecia se elevar sobre ela. Pelos deuses, como ele cheirava bem!

– E você quer encarar, Kaderin?

*Sim!* Ela queria que ele a beijasse, que lambesse seu corpo todo. Ele, um vampiro. Quando Kaderin concordou com a cabeça, sem fôlego, a mão dele segurou o seu rosto, puxando-a para mais perto, a fim de poder lhe assaltar os lábios.

Seu beijo foi suave, a princípio – embora lhe parecesse que ele lutara muito para torná-lo lento e macio. De repente, ele grunhiu e pareceu ficar desesperado; era o beijo de quem iria para a força logo depois. Dessa vez, ela compartilhava o sentimento por completo.

As luzes piscaram duas vezes, e ela, depois de alguns segundos, se obrigou a se afastar dele.

– Estamos prestes a decolar. É... ahn... habitual que os passageiros se sentem.

Ele se largou na poltrona mais próxima, enlaçando-a pela cintura, arrastando-a e instalando-a no colo. Quando colocou o traseiro dela sobre sua ereção desenfreada, expirou com força, e ela quase engasgou quando se lembrou do tamanho dele.

Em uma tentativa desajeitada de criar uma conversa, perguntou: – Você já esteve num avião antes?

– Não. – Ele roçou o pescoço dela com os lábios, para pressionar um beijo escaldante na sua pele nua. – E duvido que vá me lembrar de muita coisa do voo, pelo menos desta vez.

Quando Sebastian cheirou novamente o pescoço de Kaderin, ela enrijeceu e se afastou.

– Nenhuma mordida?

– Não, eu prometo – garantiu ele. – Sinto muito por isso ter acontecido naquela noite.

Como as emoções dela continuavam incontrolláveis, palavras soltas, espontâneas, borbulharam do nada.

– Sebastian, não importa o que aconteça no futuro, quero que você saiba que estou... – Olhou para baixo e murmurou: – Estou feliz por você estar aqui agora.

Ele esticou o dedo sob o queixo dela, puxou-o e a olhou fixamente. Parecia *orgulhoso*.

– Obrigado por me dizer isso.

– Eu só achei que deveria.

– Esses sentimentos são confusos, não é? Os meus também. Mas vamos conseguir achar o nosso caminho através deles.

Ela não ficaria viva por muito tempo para ver isso acontecer...

Com esse pensamento em mente, Kaderin se sentou de pernas abertas em cima de Sebastian. Suas mãos tremiam quando ela lhe envolveu o rosto. Inclinando-se de leve, pressionou os lábios no canto da sua boca, na bochecha, e desceu pelo pescoço para, em seguida, tomar os lábios dele por inteiro. Como antes, o mero contato dos lábios dele com os seus tornou-a mais ofegante e lhe deixou o corpo mole. Inclinou a cabeça para aprofundar o beijo, focando a atenção nele, chupando-lhe os lábios e a língua.

Recuou um pouco para arrancar a blusa pela cabeça. Em seguida, colocou os braços para trás e abriu o sutiã. Quando o encarou novamente, o olhar dele estava extasiado pelos seus seios à mostra, e o queixo despencara.

Naquele dia mais cedo, na caverna, Kaderin reparara que ele não queria apressar o encontro deles. Agora, novamente lhe viera a noção de que ele desejava aproveitar tudo lentamente, e, a julgar por sua reação, achou que tinha acabado de pular uma etapa.

– Eu... Katja... – Ele engoliu em seco, parecendo memorizar a visão diante dele. Como se acreditasse que nunca mais veria algo como aquilo de novo?

A terrível verdade era que ela gostara de vê-lo boquiaberto diante dos seus seios, e apreciara a cara de aflição quando os mamilos endureceram bem diante dos seus olhos.

– Você é tão linda – disse ele com sua voz retumbante, daquele jeito sexy que lançava uma onda de calor através dela; uma rajada quente que desceu e se concentrou no espaço entre suas pernas. Pelos deuses, como ela sentira falta daquilo!

Sebastian colocou as mãos espalmadas nas costas dela e puxou-a para frente bem devagar, a fim de poder lambe-la de leve um dos seus mamilos. Ela gemeu com aquele pequeno contato, antes mesmo de ele lhe apertar o mamilo entre os lábios. Grunhindo baixinho em torno do bico intumescido, sua língua trabalhando com avidez, ele chupou o mamilo duro até senti-lo pulsar. Liberou-a só um pouco, para poder dedicar as mesmas atenções ao outro seio, e então parou para olhar novamente. Ela teve a ideia louca de que ele queria ver a obra que moldara com a própria língua.

Mas a respiração morna dele parecia aquecer os bicos molhados, quase lhe provocando dor.

– Por favor, Bastian – murmurou. Se ele pretendia tocá-la, precisava fazer isso *naquele momento*.

Ele se mexeu um pouco e apoiou o pescoço no braço dele.

– Abra as pernas – ordenou ele com a voz rouca, forçando-a a abri-las, até que sua saia se ergueu o suficiente para revelar a calcinha. Em seguida, ele passou as costas dos dedos pela parte interna da sua coxa.

Com as pálpebras pesadas, puxou a calcinha de lado com uma das mãos, envolvendo a cintura dela com a outra, e desceu para começar a acariciá-la. Ele soltou um palavrão baixinho numa língua estrangeira ao ver o quanto ela o desejava.

– Para mim – disse ele, com a voz rouca. Não era uma pergunta, mas ela conseguiu sentir que ele queria que ela confirmasse.

– Sim, para você – sussurrou, fazendo-o estremecer.

– Isso me agrada. Você deveria estar sempre assim, já que vivo cheio de desejo por você. – Esfregou a umidade ao redor da entrada com o polegar, fazendo-a ofegar e parecendo fascinado com o jeito como ela ficara escorregadia. Quando deslizou o dedo para dentro, ele gemeu baixinho. E ela se contorceu, sentindo o membro duro pulsar.

– Vou beijar você bem aqui. – Balançou a mão para cima e a aprofundou mais, enquanto seu polegar lentamente lhe acariciava o clitóris. – A noite toda.

Ela gritou. Sempre tinha achado aquele gesto intensamente erótico, e agora o pensamento perverso de um vampiro fazendo isso com ela fizera-a contorcer-se.

Quem era aquele dominador, um homem tão pecaminosamente sexy? Parecera cauteloso, até mesmo hesitante no início. Mas não agora.

Nunca uma decolagem a fizera sentir-se tão bem.

– Bastian, eu preciso...

– Você quer que eu beije você, Katja?

– Sim! – Ela revirou os quadris para fazer com que o dedo dele entrasse e saísse dela, e ele gemeu contra seu mamilo úmido.

Ele continuou aquele jogo lento e angustiante até que o avião se estabilizou e as luzes da cabine diminuíram de intensidade; o ambiente ficou quase em penumbra, com exceção da luz que caía sobre a mesa em frente a eles. Sebastian levantou-a gentilmente, colocando-a sobre a mesa, pressionando-a para trás.

Suas mãos roçaram por baixo da saia dela até ele conseguir enfiar os dedos em torno do tecido leve. Ela rebolou devagar para ajudá-lo a baixar sua calcinha.

Ele lhe ergueu a saia até a cintura. Em seguida, sentou-se diante dela no banco de luxo envolto na penumbra, deixando-a deitada debaixo da luz. Colocou as palmas das mãos sobre as pernas dela e espalhou delicadamente os dedos. Quando a viu nua e pronta para recebê-lo, murmurou: – *Você é linda!* – Isso a fez contrair a vagina. Kaderin choramingou enquanto ele continuava a olhar fixamente para a sua parte mais íntima.

Nunca fora observada daquele jeito, nunca se sentira tão exposta e vulnerável. Mas confiava nele. Por fim, quando ele pressionou os lábios contra a sua coxa e foi subindo, agradando-a com beijos cada vez mais molhados, ela enfiou os dedos no cabelo dele.

E suspirou, puxando os joelhos para cima e deixando cair as pernas abertas para ele fazer o que bem quisesse.

**A parte interna das coxas dela parecia seda. Nada poderia ser tão suave. Sebastian sentia como se fosse explodir de prazer, e ainda nem tinha experimentado o sabor daquilo.**

**Queria aproveitar a experiência lentamente, mas tinha esperado muito tempo para essa fantasia. Depois da caverna, andara de um lado para outro pela *townhouse* dela bastante nervoso, durante horas. Sabia o que faria com ela naquela noite e pensava nisso sem parar. Como conseguiria agradá-la? Será que ela perceberia que ele nunca fizera aquilo antes?**

Agora que tinha certeza de que estava prestes a tê-la de verdade, sentia-se desesperado pelo primeiro gostinho dela.

Deu um último beijo em sua coxa e, em seguida, com um grunhido, encontrou sua umidade. Com a boca aberta, esfregou sua língua em seu centro, em lambidas longas e lentas. Quando ela gritou e seu corpo estremeceu de prazer, seu pênis empurrou sua calça com mais força, tentando se libertar.

– Você é como mel.

Molhada, escorregadia, deliciosa. Por mais de trezentos anos, ele havia esperado por aquilo.

E ela valia muito a pena!

Incentivado por seu gemido, ele lambeu mais profundamente e sentiu a crescente umidade contra a língua. Ela gemeu, e seus braços se lançaram para o alto da cabeça. Ele nunca imaginara que o sexo dela pudesse ser tão quente, sua carne tão generosa.

*Eu nunca terei o suficiente disso. Nunca.*

Se fosse preciso ele se transformar em vampiro para ter aquela noite com ela, será que aceitaria sofrer a transformação novamente?

Sim, na mesma velocidade de uma das novas batidas do seu coração.

Quando ele lambeu o clitóris inchado, Kaderin sugou o ar quase sem fôlego e arqueou as costas bruscamente. Como ele imaginou que poderia lidar com a própria reação? Fez de tudo para não ceder aos impulsos e possuí-la com força, exatamente no lugar onde sua língua mergulhava naquele instante.

Por outro lado, não havia como abrir mão daquele prazer agora. Ele esperara muito tempo e já estava fascinado pela ação alucinante. Os saltos sexy das sandálias dela estavam enterrados nas costas dele, atuando como se fossem esporas.

Kaderin se apoiou nos cotovelos e ergueu o corpo para vê-lo. Mordia o lábio inferior, muito ofegante, enviando fisgadas de luxúria que pareciam atravessá-lo. Tocou nos próprios seios, acariciando os mamilos para ele. Como conseguia sentir o quanto ele estava encantado com seus mamilos cor-de-rosa e seus seios redondos e macios? Ela sentia, a ponto de querer brincar com eles...

– Bastian! – gritou. – Estou quase gozando...

*Não, ainda não! Eu não deveria tê-la penetrado com os dedos. Ela teria esperado mais. Eu poderia sentir o seu sabor por mais tempo.*

Nesse instante, ela jogou a cabeça para trás, arqueando as costas e empinando para cima os mamilos duros, mas ele não conseguia parar de lambê-la loucamente.

Ela gemeu quando começou a gozar, e seus olhos se fecharam de prazer enquanto o orgasmo se estendia sem parar. Seu corpo flexível estremeceu contra ele e seus gritos lhe invadiram os ouvidos.

Quando terminou, ela empurrou a cabeça dele para trás e tentou fechar os joelhos, mas tudo que ele queria era saborear o orgasmo dela. Não, droga, ele queria mais daquilo. Precisava.

– Eu ainda não acabei – rosnou ele, sem reconhecer a própria voz.

Os olhos dela se arregalaram quando ele a pegou no colo e a levou para a cama na parte de trás do avião, jogando-a sobre o colchão. A cabine tinha uma fileira de janelas minúsculas, e, lá fora, dava para ver muitos raios e relâmpagos. Sebastian estava num avião – voava de verdade –, mas não dava a mínima para isso.

Quando ele a acomodou de forma a poder se colocar entre aquelas pernas maravilhosas, ela avisou: – Bastian, eu... eu não posso... não tão depressa.

Ela o empurrou suavemente quando ele tentou lhe abrir as pernas mais uma vez, mas ele forçou os braços dela para os lados e a segurou pelos pulsos, obrigando-a a ficar quieta.

– *Abra as pernas!* – ordenou ele, num tom que não admitia recusa.

Ela abriu, com um gemido, sabendo o que estava por vir. Ele posicionou o rosto de volta sobre a vagina exposta, mais agressivo e entusiasmado pelo jeito como tinha conseguido fazê-la gozar e a levava a lançar todos aqueles relâmpagos. Ele tinha se preocupado com a sua atuação, achando que poderia ser péssimo naquilo e que ela bocejaria de tédio. A verdade, porém, é que ela tornara tudo muito fácil com seus gemidos e gritos, que lhe mostraram exatamente onde e como queria ser beijada.

Quando ele decidiu sugar mais uma vez seu clitóris, ela gemeu com abandono, batendo com a cabeça contra o travesseiro e forçando-o a esmagar o pênis contra a calça e o colchão, em agonia. Suas pernas se abriram por completo mais uma vez, em sinal de rendição total, e as luzes explodiram do lado de fora; o avião sacudiu muito quando ela revirou os quadris na direção da língua dele, que a aguardava.

– Sim... sim... sim – gritou ela, ofegante e se contorcendo. Gritou mais ainda, quando gozou pela segunda vez, e, embora ele ainda lhe segurasse os punhos, as garras dela se cravaram nos lençóis.

Ele a devorou por inteiro, até lhe arrancar o último gemido. Então, beijou suas coxas macias como seda, bem no lugar onde apertara com força demais, tentando acalmá-la, embora ele mesmo sentisse uma dor não aplacada.

– Bastian? – murmurou ela.

Ele finalmente se afastou, sentando-se quase de joelhos sobre os calcanhares, sem se preocupar em esconder o espanto. Ela pareceu compartilhar o sentimento.

– Puxa... – Kaderin teve que engolir em seco antes de continuar. – Você... ahn... certamente não é nem um pouco fraco nesse departamento.

Sebastian se sentiu orgulhoso e mais leve. Muito leve. Mas agora teria de deixá-la. Tinha um pênis cheio de esperma que não poderia ser aliviado. Mas prometera a ela que não faria mais do que tocá-la. Mesmo na improvável hipótese de ela querer fazer amor com ele, Sebastian não queria que ela fizesse sexo como *agradecimento* por nada...

– Bastian – ronronou ela. – Quero tocar em você.

Ele balançou a cabeça para os lados.

– Eu disse que não faria isso. – Mas quando ela estendeu a palma da mão macia, os quadris dele se lançaram para frente, aparentemente por vontade própria, para colocar o membro à disposição dela.

No momento em que ele teve a convicção de negar, ela já havia aberto o jeans dele.

Em um sussurro rouco, ela perguntou: – Você achou que eu poderia deixar *isso* sem recompensa?



Kaderin agarrou o pênis dele e o libertou de dentro da calça. Seus olhos se arregalaram diante daquele monumento.

Pelos deuses, aquele era um pênis glorioso. A cabeça brilhava, e o corpo era como uma vara grossa que pulsava e latejava na palma da mão dela.

Kaderin olhou para cima e viu que ele estava corado ao olhar para baixo, observando o que ela segurava com força. Quando ela analisou seus olhos escuros, percebeu que ele queria que ela gostasse do que via; queria que ela o achasse atraente.

– Adoro a forma como você sente cada movimento meu – murmurou ela enquanto circulava com os dedos em torno dele, apertando-o com força até fazê-lo gemer baixinho. – Não conseguiria parar de tocá-lo mesmo que tentasse.

Puxando-o para cima dela na cama, Kaderin se deitou de costas e o levou até onde ela estava, deixando-o de quatro sobre o seu corpo. Em seguida, acariciando aquela vara ao longo de todo o comprimento, encostou a cabeça do membro duro contra um dos seios. Ele começou a se movimentar, e as pernas tremeram. Ela o esfregou contra a própria carne e o passou em torno de um de seus mamilos. Com a outra mão, segurou seu saco pesado, massageando-o lentamente.

Ela o viu apertar os maxilares e percebeu que ele mal conseguia se impedir de se lançar contra a palma da mão dela com mais força, para acabar logo com aquilo.

– *Katja*... estou quase gozando.

– Ótimo! – Ela o bombeou com mais força e mais depressa.

Ele apertou os lábios com força.

– Assim...?

Ela apertou a cabeça do pênis diretamente sobre seu mamilo ainda dolorido.

– *Ah, por Deus*... – As palavras terminaram com um grito brutal quando ele ejaculou contra ela. Ela o bombeava, e estremeceu ao primeiro contato do sêmen. A cabine do avião foi iluminada por relâmpagos mais uma vez.

Quando Kaderin o acariciou depois do orgasmo, ele olhou como se mal conseguisse acreditar no que tinha feito.

– Eu não esperava... Não planejei isso.

Ela mordeu o lábio inferior.

– Eu sei.

Sem outras palavras, Sebastian se ergueu um pouco na cama, guardou o pênis novamente no jeans e olhou para baixo, como se tivesse raiva de si mesmo. Levantou-se para ir ao banheiro luxuoso, mas logo voltou com uma toalha felpuda molhada na ponta. Quando se sentou ao lado dela, parecia perguntar a si

mesmo qual seria o protocolo a seguir naquele momento. Ergueu as sobrancelhas e ela confirmou com a cabeça, disfarçando um sorriso.

Sebastian estendeu a mão para limpar os seios dela com movimentos lânguidos, olhando com avidez. Expirou longamente e murmurou: – Não posso acreditar que eu tenha feito isso.

Com as leves carícias que fazia, ele a relaxou ainda mais, e ela exibiu um sorriso preguiçoso que, sem dúvida, o surpreendeu. Puxa, o que ela poderia dizer? Precisava muito dele naquela noite, e ele conseguira satisfazê-la por completo. Mesmo que não tivessem feito amor.

Kaderin achava sexy demais o fato de ele não ter modos muito suaves, nem ter muita prática de cama, ao contrário do que acontecia com muitos homens imortais, como costumava ouvir. Ele não tentou esconder o prazer que sentira, não medira as palavras nem subestimara o quanto lamentava o que tinha acontecido no final.

Kaderin suspirou e percebeu que cada músculo do próprio corpo estava relaxado.

– Bastian, achei esta noite maravilhosa.



– *Achou?* – Ele ainda acariciava os seios dela com a toalha e observava tudo como se estivesse fora do corpo. Era algo que ele imaginara passar a vida toda sem experimentar. E embora achasse difícil de acreditar, ela olhava como se não pudesse estar mais feliz.

Sebastian balançou a cabeça para os lados novamente enquanto a limpava, e então se levantou e levou a toalha para o banheiro. Quando voltou, encostou-se no portal e olhou para ela. Kaderin tinha se virado de lado e parecia meio adormecida, mas levantou a cabeça para lhe lançar um sorriso sonolento. Foi quando alguma coisa pareceu se deslocar no peito dele, revirando-se e... doendo.

A saia elegante dela estava toda amarfanhada acima da cintura, e seu fiapo de roupa íntima tinha se prendido na fivela da sandália. Vê-la assim, tão suave e descontraída, fez o peito dele doer novamente. Franzindo o cenho, ele esfregou com força a palma da mão na altura do coração.

Quando ela murmurou seu nome e se mexeu um pouco para o lado, ainda de barriga para cima, como se o convidasse a deitar-se ao seu lado, os olhos dele se arregalaram. Ele aceitou na mesma hora e se sentou. Sim, ele dormiria com ela. Descalçou as botas, puxou a camisa sobre a cabeça e, em seguida, estendeu a mão para fechar todas as cortinas.

Ele sabia que ela iria embora tão logo aterrissassem. Por enquanto, porém, planejava desfrutar cada momento ao lado daquela mulher, inclusive a emoção de despi-la para dormir.

Sebastian puxou a calcinha que estava presa e tirou as sandálias; em seguida, abriu o zíper e tirou-lhe a saia. Quando se deitou ao seu lado e puxou o cobertor sobre eles, podia jurar tê-la ouvido resmungar alguma coisa sobre porre.

Depois de trazê-la mais para perto, Sebastian enterrou o rosto no cabelo de Kaderin e a apertou. Ele fora da fome para o banquete em dois tempos. Tinha ido da posição de não ter alguém para chamar de sua e mergulhara na fantasia que estava aninhada em seus braços.

Ele poderia conquistá-la. Provavelmente a *conquistaria* depois daquela noite. Sabia que poderia ser um bom marido e um bom pai, mas se perguntava se conseguiria satisfazê-la na cama. Agora se sentia mais confiante, já que ela não tinha sido nem um pouco tímida ao expressar o que mais a agradava. *Por*

*Deus, como tinha sido explícita!* Sorriu com o rosto colado nela, ciente de que dormiam sobre lençóis esfarrapados.

Kaderin suspirou, flexionando o corpo contra o dele. Então, como se tivesse sido vista fazendo algo que não deveria, ficou tensa.

– Esta noite não muda nada, vampiro.

– *Diga a você mesma o que quiser, Valquíria.* – Ele colocou o cabelo dela meio de lado e lhe beijou o pescoço, fazendo-a estremecer. – *E repita quantas vezes tiver vontade.*

– **Bom dia, Katja.**

Kaderin soltou qualquer coisa em resposta. Quando Sebastian acordou, ela estava deitada em seu peito com metade do corpo em cima dele, e ofegava em sono profundo. Ele sorriu, saboreando a sensação. Ela poderia negar, mas sua Noiva gostava de dormir com ele. Sebastian bem que conseguiria se acostumar com aquele excesso de luxo – cachos louros espalhados sobre o seu peito, e uma mulher quentinha e pronta para ser possuída. Não era exatamente assim depois da noite anterior?

Ela proporcionara a Sebastian o maior prazer que ele já experimentara na vida, e também uma provocante amostra do que mais poderia conseguir com ela. Apertou-a, trazendo-a mais para junto dele. Quando Kaderin murmurou algo que ele não entendeu, desistiu de decifrá-la e perguntou: – O que foi que você disse?

Ela parecia meio adormecida quando perguntou: – Por que você está sempre preocupado com a possibilidade de me esmagar?

Ele olhou para o teto.

– Meu tamanho nunca me colocou em vantagem com as mulheres. – O que era um imenso eufemismo.

– Pois isso aconteceu ontem à noite – murmurou ela, bocejando junto dele. – Seu tamanho funcionou como um arranca-calcinhas.

Arranca-calcinhas? Ele a puxou pelos ombros e ela piscou, sonolenta como um gatinho tirado do sofá.

– *Que foi?* – murmurou ela. – Não foi vantagem suficiente?

Ele riu, colocando-a de volta na cama e usando toda a sua mão para emoldurar o rosto dela contra o seu. Como poderiam algumas palavras bem colocadas desfazer séculos de dúvidas...?

Ela ergueu o tronco de repente, de olhos arregalados.

– Nós já aterrissamos?

– Aproximadamente uma hora atrás. Eu liguei o aviso de “Favor Não Incomodar”, e os pilotos foram embora.

– Que horas são? – Ela pulou da cama. Nua. Correu para o banheiro, ligou o chuveiro e, em seguida, foi até o armário de roupas. *Estava completamente nua.*

Ele olhou para o relógio de cabeceira.

– São seis e quarenta aqui. – Onde, exatamente, seria o *aqui*? Tudo que ele sabia era que alfinetadas de sol atravessavam as cortinas.

– Eu contratei um carro que vai chegar às sete!

Ele se recostou na cama com os braços atrás da cabeça e sabia que seu sorriso era do tipo “pura satisfação masculina”. Nunca tinha visto uma mulher se vestir antes. Percebeu que queria ver esse espetáculo para sempre.

*Aquilo* era o que ele tinha imaginado que seria ter uma esposa. Vê-la se vestir e desfrutar da visão tentadora do seu corpo belíssimo. Com a diferença que, em se tratando dela, a realidade era muito melhor.

Ele nunca imaginara, por exemplo, que sua esposa seria tão pouco recatada, ou que conheceria tantos jogos íntimos na cama. Não tinha imaginado que seus olhos deslumbrantes poderiam queimar de tesão e determinação – ou ficar prateados de desejo.

O tornozelo de Kaderin ficou preso na alça da bolsa, e ela quase caiu, mas recuperou o equilíbrio com uma espécie de graça que lhe pareceu sobrenatural. Quando ela praguejou uma maldição, ele riu mais uma vez.

Kaderin olhou para ele da porta do banheiro e arqueou uma sobrancelha, até que ele ergueu as mãos em sinal de rendição.

Logo ele sentiu no ar as fragrâncias do seu xampu e sabonete, que se misturavam com o delicioso cheiro natural dela. Quando imaginou o sabonete escorregando lentamente ao longo do seu corpo esguio, pulou da cama. Sem perder um segundo, tirou a calça e se teletransportou para debaixo do chuveiro, completamente nu.

Ela gritou com um sobressalto ao ver a ereção dele e recuou com o rosto vermelho. Infelizmente, ela já tinha enxaguado o cabelo e, antes mesmo de ele poder tocá-la, saiu do boxe. Prendeu uma toalha em torno do corpo e enrolou outra na cabeça, para, em seguida, sair do banheiro que já estava cheio de vapor. Ele ouviu portas de armários sendo abertas e fechadas no quarto, enquanto ela se apressava.

Ele não entendia aquela sua necessidade obsessiva de vencer.

– Por que está disposta a ganhar esse prêmio com tanto fanatismo? – quis saber ele, debaixo do chuveiro. – Eu já lhe disse umas cem vezes que essa chave não vai funcionar. – Ele encontrou um sabonete fechado que não tinha cheiro feminino e abriu o selo da embalagem, onde havia um elaborado monograma.

Ela entrou de novo, ainda envolta na toalha, apertou a pasta de dente na escova cor-de-rosa e respondeu, enquanto limpava os dentes: – *Váá iim.* – *Vai, sim.*

Logo que ela terminou a escovação e saiu, ele terminou também o banho. Em seguida, pegou a última toalha.

Ao passar mais uma vez pela porta do banheiro, Kaderin jogou a calça jeans para ele. Depois de secar o corpo lentamente, ele enfiou as pernas na calça, foi para a cabine e esbarrou de frente com ela, quase atropelando-a.

Ele deveria saber que aquela era uma área minúscula. *Que descuidado...*

Sua mão se lançou para ampará-la, mas ela se reequilibrou, dando um passo para trás. Suas mãos voaram para se agarrar ao peito dele e ficaram ali, esfregando algumas gotas restantes de água. Mas ela não lhe lançou nenhum olhar de desagrado. Em vez disso, inclinou a cabeça e analisou os músculos do peito dele, pressionando a minúscula presa contra o lábio inferior, e seus olhos se vestiram de prata.

Quando Sebastian estava prestes a pegá-la para levá-la mais uma vez para a cama, Kaderin girou e se desvencilhou, apressando-se pelo estreito corredor do avião, os quadris balançando suavemente sob a toalha. *Perfeito para mim.* De repente, ele sentiu um respeito completo pelo destino, uma vez que lhe trouxera a fêmea exata.

Quando Kaderin estava fora de sua vista, as calcinhas sedosas que ele viu dentro de uma mala de roupas atraíram sua atenção. Ajoelhando-se para vasculhar no meio delas, ele escolheu um sutiã preto minúsculo e uma calcinha que era pouco mais que fiapos de pano artisticamente costurados. Levantou-se e apertou as roupas íntimas com os punhos, gemendo ao recordar o momento em que lhe arrancara a calcinha de seda na noite anterior. Tinha estremecido de tesão ao perceber o quanto ela estava excitada...

Ela apareceu com uma das mãos no quadril e a outra esticada, pedindo a calcinha. Ele entregou a peça, relutante. Quando ela se virou e começou a se vestir debaixo da toalha, ele disse: – Conheço alguma coisa sobre viagens no tempo. Sei que esta chave não poderá funcionar. Você já estudou as leis da relatividade? – perguntou, falando devagar, imaginando que ela não sabia a que ele se referia. Sua cabeça estava meio de lado enquanto ele pronunciava cada palavra, o olhar atento nas pontas da toalha que vibravam no ar. Não precisava ter se esforçado tanto para espiar porque ela, ainda de costas, deixou cair a toalha assim que colocou a calcinha no lugar – ou, em outras palavras, prendeu os finos fios de seda sobre os quadris.

Sebastian sugou a respiração. Mais uma vez, seus pés tiveram dificuldade para mantê-lo ereto. *Essa bunda vai ser a minha morte.*

– Eu sei um pouco sobre o assunto – confessou ela por cima do ombro, enquanto vestia o sutiã. – Desde meados do século vinte, tem sido amplamente aceito entre os físicos que a possibilidade de viagens no tempo pode conviver com as leis da relatividade.

As sobrancelhas dele se juntaram. Talvez ele não precisasse ter falado com ela tão devagar. Só então aquelas palavras fizeram sentido. A relatividade geral, na realidade, era apenas um dos vários argumentos contra a viagem no tempo.

– Mesmo que fosse assim, viagens no tempo não são compatíveis com as leis de conservação da energia. Você não pode remover a matéria e a energia de um campo físico sem criar um vácuo. Também não se pode tomá-la e forçá-la a se encaixar em outro campo físico.

Para felicidade de Sebastian, ela rebolou sensualmente para entrar na calça de cintura baixa e teve de se curvar de leve, fazendo com que seus seios ameaçassem saltar para fora do sutiã. Metade vestida, começou a pentear os fios longos e molhados. Ele se sentou novamente com as costas contra a cabeceira da cama e apreciou cada ângulo do espetáculo.

– É verdade – concordou ela. – Mas isso vale apenas se você acreditar que toda a matéria e a energia são interligadas em escala global.

Ela poderia ser mais sexy do que naquele momento, escovando o cabelo e discutindo um dos seus assuntos favoritos? De algum modo ele conseguiu falar.

– Só podem ser interligadas, necessariamente. Em um sistema fechado, tudo é integrado.

Enrolando a massa de cachos em um nó sobre a cabeça, ela deixou à mostra o seu gracioso pescoço, o mesmo de onde ele não conseguira manter os lábios longe.

– A Terra não é um sistema fechado – disse ela, com autoridade absoluta. – Existem pontes para outras dimensões, até mesmo outras populações, como as do Lore. Eu já fui a alguns desses lugares.

*O quê?*, reagiu ele, taciturno. Por Cristo, ele acreditava nela. Embora aquilo fosse contra tudo que aprendera.

E, assim, uma das crenças fundamentais da sua vida desmoronou quando uma linda silhueta feminina circulou diante dele vestindo um sutiã de seda preta.

Abalado, ele redobrou os esforços para se concentrar. Queria convencê-la do que pregava. Para ser honesto, queria impressioná-la.

– E quanto ao Paradoxo do Avô? O que acontece quando um viajante do tempo tem uma intrusão mecânica quântica com seu próprio passado, ou o de seus antepassados?

– O que aconteceria se ele matasse o próprio avô? Bem, quando uma pessoa acredita em táquions...

– *Você sabe o que é um táquion?* – quase gritou ele.

Ela enganchou a blusa no polegar, preparando-se para vesti-la. Quando já estava dentro da roupa apertada, ouviu-a dizer: – É uma partícula subatômica que viaja mais depressa que a velocidade da luz. – Ele tinha fechado a boca para o queixo não cair, enquanto ela vestia a blusa justa.

– Como você pode entender dessas coisas? – E como conseguia ser tão absurdamente precisa?

– Meu pai era um deus, e deuses costumam aprender muito depressa. Herdei isso.

– Ah, claro. – Ele não gostava de ser lembrado desse detalhe. Riora lhe perguntara: “Acaso faz ideia de o quanto alguém como ela está acima de você?” *Sim, Riora, faço sim.* A cada dia, ele fazia uma ideia mais precisa, e isso o estava matando. Balançou a cabeça para os lados. – Táquions são partículas hipotéticas. Sua existência ameaçaria as leis da ciência...

– Como aconteceu com a radioatividade? – perguntou ela num tom leve, olhando para cima enquanto dava um laço nas botas e lhe exibia um sorriso de agradável vitória.

Sebastian exalou com força e devagar. Ela se referia à época, no início do século vinte, em que os físicos não sabiam como explicar o fenômeno da radioatividade. Tiveram de permanecer confusos e sob cerrado ataque até que a teoria da mecânica quântica foi proposta.

– Muito inteligente a sua analogia – elogiou ele, vivamente impressionado. Mas ela o convencera? Não. Havia dezenas de outros argumentos para provar que uma pessoa não poderia voltar ao passado para mudar o futuro. Mas ele nunca se sentira tão feliz por concordar em discordar; e morreria se não a beijasse naquele momento.

**Sebastian lançou-se na direção dela, agarrando seus braços e deitando-a de costas na cama.**

**– O que está fazendo? – quis saber Kaderin, mas não conseguiu parecer muito irritada. Não quando ela mesma estava torcendo para ele fazer isso desde que tocara no seu lindo peitoral, ainda molhado.**

**Depois da noite passada, ela sabia que tudo dele era lindo.**

Kaderin não deixara de perceber os olhares de desejo que ele lançara enquanto ela se vestia. Pelo visto, porém, falar de ciência levara-o ao ponto de ebulição, e ela conseguiu sentir sua ereção volumosa pressionando-lhe a barriga. Ciência. Já deveria ter suspeitado – tinha visto todos aqueles livros no castelo dele, e nenhum era do tipo de leitura que se leva para a praia.

Ele montou nela, segurando-lhe os pulsos e imobilizando-lhe os braços acima da cabeça. Na caverna, e até na noite anterior, ele demonstrara sua força. Agora, com os braços presos, ela novamente imaginava como seria se ele a possuísse com aquele membro duro e o corpo sólido e retesado...

Kaderin franziu a testa. Naquela manhã, ele dissera: “Meu tamanho nunca me colocou em vantagem com as mulheres.” Kaderin acreditava que aquele era um dos seus eufemismos, e suspeitava que várias mulheres – ou uma em especial – o haviam magoado. Por que será que sentiu o impulso irresistível de arrancar fora os olhos da vadia tola?

– Beije-me, Katja. – Seu rosto era tão bonito, assim descansado. Ele parecia à beira de exibir um sorriso rasgado. *Irresistível.*

– Por que eu faria isso? – perguntou ela, num tom de voz sussurrado.

– Porque você gosta de me beijar, Valquíria. – Ele parecia orgulhoso.

Oh, por Freya, como ela gostava!

Nesse instante, ele abriu um sorriso de orelha a orelha.

– Deus, eu gosto de estar com você. – A curva dos seus lábios abertos era de parar o coração; ele exibia os dentes muito brancos e as presas quase invisíveis em contraste com a pele bronzeada. *Não olhe para ele.* Ela estava sendo enfeitiçada, começando a gostar dele, e precisou pensar nas coisas que odiava. *Ele bebe sangue. Bebe sangue. E morde!*

– Você *tem* que gostar de estar comigo – lembrou ela. – Sou sua Noiva.

Ele largou-lhe os pulsos e se sentou.

– Claro, é só uma compulsão mística que está me fazendo sentir tamanha atração. Não é pelo fato de que você acaba de me oferecer uma boa percepção de como sua mente funciona e eu admirei muito o que vi. Também não pode ser porque ontem à noite você me proporcionou o maior prazer sexual que eu já tive.

Ela estudou a expressão séria dele.

– Foi mesmo?

– Antes de ontem à noite e naquela primeira madrugada com você? Não tem nem comparação! – admitiu, em voz baixa.

Ela acreditou nele, embora não conseguisse entender. Eles ainda não tinham feito sexo. Certamente, ele tinha mulheres que o bajulavam e queriam agradá-lo de qualquer forma. Sim, ele obviamente parecia tímido, às vezes, mas também tinha sido um aristocrata inteligente, muito sexy, e depois se tornara um líder militar.

Se ela o tivesse conhecido quando ele ainda era um simples mortal tímido, certamente o teria encurralado num celeiro de feno e levado para o mau caminho.

– E você, Katja? – A voz dele estava mais grave. – Diga-me que eu lhe proporcionei prazer ontem à noite.

Pronto, acabou a timidez dele! Agora era *ela* que enrubescia e desviava o rosto.

– Beije-me ou conte-me. Escolha um dos dois para que eu a deixe ir embora.

Ela fez um som de frustração.

– Você sabe o que fez. Viu de perto. Quase fizemos o avião cair com os raios e relâmpagos!

Ele se inclinou e grunhiu junto do pescoço dela.

– Uma tremenda viagem!

– Por que me pergunta isso?

Ele recuou.

– Porque meu plano é fazer você precisar de mim para isso. Se você sentir muito desejo – deu um beijo na clavícula dela –, quero que pense em mim de forma automática como o homem que poderá liberar todo o seu tesão.

Ele era muito arrogante e, embora inseguro, costumava ser franco e furtivo. Que os deuses a ajudassem, mas aquelas contradições a fascinavam.

– E quanto a você? – quis saber ela.

Ele roçou as costas dos dedos ao longo da sua bochecha.

– Você sabe que eu nunca mais vou querer outra mulher.

– *Por que... Por que você queria morrer?* – Ela não sabia de onde viera aquela pergunta, mas de repente sentiu-se queimar por dentro para saber a resposta. *Por que ele tinha estado tão sozinho?*

– Eu... não queria necessariamente morrer. Simplesmente, não enxergava o propósito de estar vivo. – Ao vê-la franzir o cenho, acrescentou: – Eu vou explicar isso para você. Um dia. Mas ainda não sei como me sinto sobre essa situação.

Ela desviou o olhar.

– Tudo bem. Você não é obrigado a contar.

Ele apertou a mão contra a bochecha dela carinhosamente, forçando-a a encará-lo novamente.

– Vou contar tudo a você. No momento certo. Vou lhe contar qualquer coisa que você queira saber. Não quero que haja segredo algum entre nós porque eu vou... vou me casar com você.

– O quê? *Uau!* – Ela se arrastou para longe dele, sentindo o medo verdadeiro que a invadiu. Era exatamente por causa daquilo que a noite anterior não deveria ter acontecido. Ou mesmo a manhã, quando eles tinham se vestido juntos. Estavam se comportando como um casal qualquer que se preparava para um dia comum e rotineiro; um daqueles casais que se arrumavam juntos antes de sair para o trabalho; um

daqueles casais que passavam a caneca de café e o pão entre eles. A única diferença era que ela e Sebastian não comiam nem tinham emprego.

Mas ela não imaginou que o assunto “casamento” surgisse – pelo menos, não tão cedo.

*Pânico. Chega de brincadeiras com o vampiro.*

– Você não pode se casar comigo! Eu sou... sou uma pagã! – balbuciou.

Tudo aquilo era uma loucura, desde o princípio.

*Vou morrer. E, se eu não morrer, então serei bem-sucedida na recuperação das minhas irmãs.*

Uma percepção súbita lhe roubou o fôlego.

Se ela as salvasse mudaria a história. E com isso Kaderin nunca conheceria Sebastian.



– Eu era católico – disse ele lentamente, com as sobrancelhas unidas em um ar de estranheza. – Mesmo assim, quero me casar com você.

Tropeçando ao sair da cama, Kaderin recolheu suas coisas e enfiou alguns itens numa bolsa. Por que tremia?

– Escute, Sebastian, você quer saber se eu sinto muita atração por você? Sim, nessa você me pegou. Não vou mentir. Ontem à noite, tudo foi muito... agradável. Fico feliz que tenha acontecido. Mas não significa que vá tornar a acontecer. Muito menos que eu vá me casar com você.

– O que faria você mudar de ideia?

– A certeza absoluta de que eu quero passar a eternidade com você. Imortais precisam ter muito cuidado com isso, entende? Você e eu nunca tivemos sequer uma conversa social, até hoje. E, para ser honesta... eu não confio em você, e não posso me desfazer de toda uma vida de crenças sedimentadas ao longo de séculos em míseras duas semanas.

– Por que simplesmente não experimenta viver comigo?

– Porque vampiros ainda não transformados são como bombas nucleares. A bomba em si não é uma coisa ruim. O dano verdadeiro é a sua capacidade de se tornar letal. De um jeito ou de outro, ninguém quer uma bomba nuclear no seu quintal.

– Dê-me uma chance de provar que você está errada.

– Sebastian, você *já viu* um vampiro depois que ele se transforma? Se tivesse visto, acho que entenderia o motivo de eu fazer qualquer coisa para não acordar ao lado de um ao pôr do sol, porque ele certamente sairia pelo mundo aprontando todas.

– Eu nunca seria infiel a você – assegurou ele. Logo depois, sentiu-se compelido a contar: – Eu tenho visto todos esses vampiros. Através dos seus sonhos.

Ela claramente não gostou de ser lembrada disso e mal conseguiu conter a impaciência.

– Além do mais, nem todos os vampiros se transformam – continuou ele. – Meu irmão não passou por isso, e ele bebe diretamente da carne.

Os olhos dela se arregalaram.

– Então isso está *rolando*! Ele bebe de Myst, afinal? E que se danem os segredos do coven.

– Ele nunca a trairia. – Apesar de todos os defeitos de Nikolai, ele era tão leal quanto um homem poderia ser.

– Mesmo que você nunca se transforme, se eu aceitasse você e ficássemos juntos, só existiriam dois resultados possíveis para o nosso futuro. Primeiro: eu abandono a minha família. Segundo: elas matam você. Simples assim. Esse será o nosso futuro.

– Mas meu irmão e Myst...

– Terão de fugir para proteger as próprias vidas quando a nossa rainha retornar.

– Furie?

– Deixe-me adivinhar... Você a viu também?

– Sim. – Ele sentiu seu rosto ficar frio. – Ela quebrou o seu braço.

– Então, você viu que ela é um ser temível.

– Não tenho medo dela e sempre protegerei você.

– Mas deveria temê-la – disse Kaderin, exasperada. – Todos os vampiros deveriam. A Horda a capturou e a acorrentou no fundo do oceano ao longo dos últimos cinquenta anos. Durante esse meio século, ela se afogou repetidamente a cada poucos minutos, só para ver sua imortalidade revivê-la em seguida; ninguém conseguia encontrá-la. Mas agora estamos chegando perto, e, quando ela voltar, não saberá diferenciar entre os dois exércitos de vampiros. Não conseguirá raciocinar direito. Porque já não estava exatamente em seu estado mental normal, *mesmo antes de morrer mais de quatro milhões de vezes nas últimas décadas.*

– Vamos lidar com isso quando chegar o momento.

– Pode parar! Você quer saber qual é o segundo dos três maiores corta-tesões para uma mulher? Pressão! Eu não respondo bem à pressão. – Pegou sua bolsa e jogou a alça sobre o ombro.

– Espere um pouco antes de ir. – Ele se teletransportou até a *townhouse* dela, recolheu com todo o cuidado o ovo da gaveta onde o guardara e, em seguida, voltou. – Aqui está.

– Ah, claro. – Ela colocou o cabelo atrás da orelha e, em seguida, estendeu a mão. – Eu ia mesmo lhe pedir isso.

– Não, você não ia – retrucou ele, e, de algum modo, sabia que estava certo.

– Ia, sim! – Ela segurou o ovo sobre o peito. Quando ele desapareceu, os aromas distantes surgiram mais uma vez no ar. – Eu estava prestes a pedir e fiquei curiosa para saber se você tinha matado ou não os outros dois basiliscos.

*Não posso mentir*, pensou ele. Apesar de saber que ela o consideraria um fraco. Passou a mão na nuca e olhou para outro lado.

– Tive de matar um deles. E decidi... não matar o basilisco menor.

De todas as reações que ele poderia ter esperado, o som de frustração que ela emitiu e seu dedo indicador apontado diretamente para ele não estavam entre elas.

– É claro que decidi – disse ela, num tom de desgosto. – Fique aqui, saia, faça o que quiser, mas eu tenho muito trabalho pela frente.

Sebastian viu sua raiva aumentar. Misericórdia também era algo admirável.

– Você preferia que eu tivesse matado todos eles?

Com o dedo indicador esticado para frente como uma espada, ela atropelou as palavras.

– Não! Mas você *tinha de ser* um cara absolutamente nobre e compreensível. Você é um... um... um vampiro! – Ela franziu a testa em seguida, parecendo lembrar-se de alguma coisa. – E poderia muito bem ter-me dito *quem* você era!

De onde tinha vindo aquela reação?

– Eu lhe disse o meu nome naquela primeira madrugada.

– Mas não me contou *quem* era!

Sebastian lançou a cabeça para trás, absolutamente perplexo, no instante em que ela passou ventando pelo aposento e saiu do jatinho, já inundada pelo sol.

Ele não poderia ir com ela, apesar de querer muito. Por causa do sol, era impossível até mesmo vê-la indo embora.

Quando ela se foi, ele sentiu como se estivesse faltando alguma parte. Algo intrínseco e fundamental.

Sentiu-se enjaulado, frustrado. Esmurrou a parede do avião, quebrando um painel.

*Porra, eu quero segui-la para onde ela for.*



## Deserto de Gobi, Ásia Dia 11

**Prêmio: Uma quantidade de água tirada da Fonte de Juventude, sem determinação de volume, valendo sete pontos**

Kaderin já havia percorrido mais de trinta e dois quilômetros quando encontrou o oásis onde ficava a Fonte da Juventude. Guardou um pouco do líquido mágico numa garrafa de água mineral Aquafina e a ergueu sobre o coração, em oferenda.

Todos no Lore sabiam que a Fonte vinha sendo deslocada de um deserto para outro, ao redor do mundo inteiro. Nunca tinha estado, por exemplo, em meio aos pântanos da península da Flórida. Aqueles conquistadores e suas ideias malucas! Lembrou-se do quanto suas irmãs tinham gargalhado ao ouvir aquela história.

Hoje ela estava se permitindo um ritmo mais vagaroso de volta, ouvindo o iPod de Regin, o mesmo que deixara no avião para Kaderin usar. A caminhada pela areia era desconfortável, apesar de ela caminhar lentamente. O sol parecia grelhar o deserto como aquelas lâmpadas para aquecer alimentos, e mantinha a região numa temperatura constante de cinquenta e cinco graus. Era como se a areia estivesse nos últimos estertores, assobiando para o sol.

Ainda assim, apesar de tudo, aquele tinha sido um bom dia. Pelo menos, ela continuava viva.

Ligara mais uma vez para Nix de dentro do carro naquela manhã, assim que saíra do avião, com a esperança de pegá-la num estado de espírito mais calmo e confirmar sua profecia. Mas, como frequentemente acontecia, Nix não tinha dito coisa com coisa. Falara freneticamente sobre “enfileirar os animais de origami em linha reta” e reclamara “do quanto os livros sobre o Lore eram idiotas”. Parecia não ter lembrança de profecia alguma que tivesse feito recentemente. Kaderin forneceu as observações de costume: “É mesmo?”... “Que legal!”... “Querida, passe o telefone para quem estiver mais perto de você, por favor.”

Mesmo com a premonição que pairava sobre ela, Kaderin não podia se sentir deprimida. Na noite anterior, dormira muito bem e profundamente nos braços quentes de Sebastian, e não tivera um único pesadelo. Sem mencionar o fato de que compartilhara momentos de prazer incomensurável com ele.

Além disso, o que mais uma pessoa poderia fazer com o conhecimento da sua morte iminente?

Sim, ela obtivera prazer com um vampiro. Um vampiro que também era guerreiro, cavaleiro, e demonstrara força sobre-humana para destruir os inimigos dela como se fossem galhos secos. E também exibia ferocidade suficiente para desencadear o inferno sobre eles. Como se não bastasse, ainda tinha a bondade e a compreensão necessárias para poupar a vida de um jovem dragão.

Ela o deixara absolutamente arrasado pelo simples fato de que iriam se separar. Provavelmente, ele ainda estava coçando a cabeça por causa do papo sem sentido em que ela o enredara. Isso a deixou satisfeita.

Ao chegar ao topo de mais uma duna, Kaderin se perguntou se era possível estar se apaixonando por Sebastian. Se esse era o caso, o momento não poderia ser mais inconveniente. Finalmente, ela conhecera um homem com quem poderia se importar, mas jamais conseguiria aproveitar o futuro ao lado dele.

Se Kaderin não morresse e salvasse suas irmãs, ela transformaria a história de todos – pior: mudaria a história dela mesma. Nunca teria se lançado naquela existência fria e sem emoções, e jamais teria viajado tão depressa para um obscuro e longínquo castelo russo, a fim de matar um simples vampiro. E, de alguma forma, sabia que nunca o encontraria em realidade alguma, pelo menos não antes de ele finalmente encontrar, de algum modo, a própria morte.

Uma pessoa poderia enlouquecer tentando descobrir todas as possibilidades.

Ela não tinha intenção, nem mesmo, de tentar. Em vez disso, reproduziria na mente as cenas da noite anterior...

De repente, teve a vaga sensação da presença dele, que se teletransportava naquele instante bem atrás dela, sob o sol. Um segundo depois, ouviu-o gritar: – *Maldição!* – E desapareceu.

Nem chegou a ver o sorriso dela.

## Medellín, Colômbia

### Dia 17

#### Prêmio: Um anel de ouro e opala forjado na

**Mesopotâmia, valendo doze pontos** **N**aquela noite, a missão de Kaderin era chegar perto o suficiente de Rodrigo Gamboa, narcotraficante colombiano, que era mais vigiado e protegido que a realza. Precisava pegar um anel que nunca, na verdade, pertencera a ele.

Gamboa era notoriamente cauteloso, e ouviam-se rumores de que algum sangue do Lore corria nas suas veias. Ele se mudava todas as noites, e a fortaleza onde morava era inatacável. Então, Kaderin iria participar da inauguração do Descanso de Gamboa, seu mais novo clube exclusivo e também uma máquina de lavar dinheiro. Um evento raro, o que garantia a presença dele no local.

No entanto, ao contrário do que acontecia nas festas do Lore, Lady Kaderin teve de esperar do lado de fora para entrar – e estava no fim da fila.

A dificuldade nessa tarefa residia no fato de que haveria muitos seres humanos no clube. O competidor teria de pegar o anel e evitar criar uma cena que servisse de alerta para os humanos sobre a existência do Lore, ou enfrentar a desclassificação no torneio.

Kaderin tinha de fazer com que Gamboa se comportasse de forma imprudente, convencê-lo a acompanhá-la para fora do clube e, em seguida, tomar o anel quando estivessem sozinhos no carro. Se ela tentasse pegar o prêmio em público e, em seguida, tivesse de lutar para sair dali, acabaria revelando que não era uma típica frequentadora de baladas como aquela. Suas orelhas pontudas e o fato de poder atirar automóveis bem longe costumavam entregar o quanto ela era diferente.

Portanto, naquela noite, Kaderin planejava ser simpática com o sujeito.

Os sapatos de escalada e a mochila pesada tinham ficado para trás. Sua espada estava debaixo da cama, no hotel. Dessa vez, ela planejava usar ferramentas de natureza diferente.

Aproximar-se do homem com toda a calma do mundo. Ela era uma mulher. *Um mais um é igual a dois.*

A vantagem dessa tarefa era que Kaderin poderia apostar que Bowen não estaria ali.

Antes de tudo, porém, teria de conseguir entrar no clube.

*Espere aí!...* Era Cindey que estava bem ali adiante, na fila? Oh, não, era inaceitável ela estar na frente de Kaderin. Intolerável! Para piorar, Kaderin não podia simplesmente ir até lá e arrastar Cindey pelo pescoço para fora da fila. Como se sentisse o olhar de Kaderin, Cindey se inclinou para trás e lhe acenou com ar arrogante.

*Você não pode atacar a sereia... não pode...*

De repente, o celular com número secreto de Kaderin tocou. Ela o pegou na bolsinha e viu o número de Myst no identificador de chamadas.

– Oi, Myst! E aí, como vão as coisas? – alegrou-se, em saudação. – Parece que estou lhe devendo felicitações, pois soube que você se casou com o seu senhor da guerra.

Myst expirou com força.

– Não foi ideia minha esconder isso de você. Mas também não achei que faria mal atrasar a notícia por algumas semanas. Ainda mais porque Nikolai e eu fugimos.

– Oh. Vocês se casaram numa cerimônia pagã?

– Civil.

– Que legal!... Eu acho.

– Quer dizer que você é a Noiva de Sebastian? – Ao perceber que Kaderin não negou, Myst quis saber: – O que anda rolando entre vocês dois?

Kaderin ficou na ponta dos pés para ver a frente da fila.

– Não faço ideia. – Desde o deserto, ela só o vira em mais uma ou duas ocasiões. Estava ziguezagueando por todo o planeta, e ele a pegara em pleno sol mais duas vezes depois daquela. Quando estavam juntos, ele se mostrava reservado com ela, até mesmo distante; isso não a surpreendia, depois de sua reação atormentada com a ideia de se casar com ele.

Por que a fila levava tanto tempo para andar? Kaderin tinha determinado que aquela tarefa seria do tipo “entrar e sair”. Suspeitava que, se Sebastian aparecesse ali por acaso, ele poderia torcer o nariz para o flerte que ela planejava colocar em prática – e para as roupas que vestia. Mesmo assim, arriscar-se a enfrentar a ira de Sebastian era melhor do que um encontro com um lobisomem muito irritante.

– Sebastian está aqui em casa neste exato momento. Veio visitar Nikolai. Pelo que eu tenho conseguido ouvir das conversas deles nos últimos dois dias, Sebastian captou suas lembranças – avisou Myst. – Você está permitindo que ele beba de você?

– Ora, pelo amor de Freya, você só pode estar de sacanagem comigo! – gritou Kaderin. Olhou em volta, mas ninguém na fila prestava atenção, e não havia ninguém atrás dela. Num tom mais baixo, admitiu: – Ele entrou numa de me enfiar o dente. Mas foi um acidente.

– Escute, Kad, estou em verdadeiro êxtase com Nikolai, mas entendo que isso não significa que todas as Valquírias poderão ser felizes com qualquer vampiro. E não tenho certeza se... Não sei se a cabeça de Sebastian combina com a sua. Especialmente com o que você está tentando fazer. Ele ainda não sacou que você precisa tentar qualquer coisa para salvar seus entes queridos. É um cara do tipo “é melhor a morte que a desonra”.

– Sim, eu já percebi isso.

– Nikolai prefere morrer a ver o irmão sofrer, mas eu não posso deixar que *you* cometa um erro. Eu não abaixaria a guarda com ele, por enquanto – aconselhou Myst. – Além do mais, existe a questão de Furie...

– Sabe de uma coisa, Myst? – interrompeu Kaderin. – Não posso conversar sobre isso agora, não posso *mesmo*. Quer me fazer um grande favor? Mantenha Sebastian longe de mim esta noite.

– Como eu poderia fazer isso? – gritou Myst. – A única coisa em que ele está interessado é ouvir mais coisas a seu respeito.

– Então, conte-lhe algumas histórias. Só não relate detalhes sobre o meu dom. E não fale nada a respeito de Dasha e Rika.

– E existe mais alguma coisa sobre você para eu contar?

– Muito engraçada, Myst.

– Você pediu por isso, Kaderin *Coração Bondoso* – disse Myst, chamando Kaderin pelo antigo e constrangedor apelido. – Atente-se ao meu conselho e não baixe a guarda – completou.

Assim que desligou o telefone e guardou o celular na bolsa, um segurança corpulento analisou a fila e a avistou. Estranhamente, pareceu se interessar mais pela região de suas orelhas pontudas, ocultas debaixo do cabelo, em vez de esbugalhar os olhos com sua saia curta.

De repente, porém, puxou-a para fora do cordão de veludo que delimitava a fila e a levou para dentro.

Ao passar por Cindey, Kaderin encolheu os ombros, tentando transmitir solidariedade.

– Parece que seu visual de vadia retrô não fez sucesso essa noite, Cindey.



Sebastian finalmente deixou Blachmount, depois de se despedir de Nikolai e de Myst, que naquela noite parecia desconfiada e muito tagarela. Teletransportou-se até Kaderin e se viu dentro de uma casa noturna diferente de tudo que já vira antes. Aquela só podia ser a tarefa a ser realizada na Colômbia. Uma missão que ele imaginara que ela não escolheria.

Luzes como lasers eram lançadas na direção do teto abobadado, em padrões rápidos e bizarros. Dançarinas seminuas estavam dentro de jaulas penduradas no alto, sobre a pista de dança.

As jaulas fizeram-no lembrar-se de seu último sonho.

Nele, Kaderin se encaminhava na direção de um homem aprisionado. Ele era jovem, fora espancado e estava cheio de fraturas. Sem levantar a cabeça, ele cerrara os dentes e pedira: “*Mate-me.*”

“Claro, sanguessuga.” Kaderin sorriera, com voz açucarada. “Mas só daqui a alguns meses.”

Ele fizera um som estranho, como o de quem fosse chorar.

“Eu também poderia deixar você escapar para o sol”, continuara Kaderin. “Seus órgãos iriam se liquefazer dentro de você bem antes de a morte chegar, e tudo ficaria embolado debaixo da sua pele. A essa altura, você estaria rastejando desesperadamente em direção à luz...”

Mais uma vez, ela não sentira nada. Nenhuma compaixão, nenhum remorso, nenhum ódio. Nada.

Desde que despertara, Sebastian sentia um desgosto acentuado do qual não conseguia se livrar. Visitara Nikolai para lhe perguntar sobre esses sonhos, e seu irmão o aconselhara a não analisar aquelas lembranças fora de contexto. Mas como poderia Sebastian entender errado uma cena como aquela? Nada poderia ser mais claro.

Ele percebera a crueldade da cena, mas isso não significava que era algo facilmente identificável ou...

Sebastian olhou com mais atenção ao avistar Kaderin no meio do salão, pois mal a reconheceu.

Seus olhos estavam maquiados com kohl num azul profundo, e seus lábios carnudos brilhavam ainda mais. Sua blusa era muito curta e exibia deliberadamente a renda do sutiã. A saia minúscula quase não cobria nada. Deu para ver suas coxas ágeis quase até a bunda, quando ela deslizou para dentro de uma espécie de cabine onde já estava um grupo de pessoas. Suas botas pretas iam até os joelhos e tinham saltos absurdamente altos.

Mesmo que Sebastian estivesse furioso com ela por estar ali, para começo de conversa – ainda mais vestida daquele jeito –, a visão do seu corpo fez com que ele experimentasse uma ereção forte na mesma hora. Naquele instante, tomou uma decisão: qualquer noite dessas, entraria nela, mas ela teria de usar aquelas botas.

Ao que tudo indicava, Kaderin sorria muito e se divertia, mas havia um ar duro em seu semblante. O jeito como tinha se vestido para aquela balada não lhe deixou dúvidas sobre como ela planejava pegar a pedra do colombiano. Não era de admirar Myst ter demonstrado tanta disposição para tagarelar e puxar assunto.

Quando ele conseguiu arrastar o olhar para longe de Kaderin, reparou que todos os homens ao redor dela a encaravam ou sorriam ao olhar para o corpo dela. Sebastian cerrou os punhos.

*Quem eu vou matar primeiro...?*

– Você bem que podia se sentar um pouco – propôs uma voz atrás dele. Ele girou o corpo e encontrou as duas ninfas. – Kaderin vai estar muito ocupada por algum tempo.

Sebastian voltou a tempo de ver um sujeito chegar junto de Kaderin e colocar o braço sobre seus ombros. Sua mão quase roçou num dos seios dela. Pela primeira vez na vida, Sebastian sentiu uma *necessidade urgente* de matar alguém.

Uma das ninfas se esgueirou para perto dele.

– Nós bem que poderíamos passar algum tempo juntos, vampiro, para fazê-lo esquecer a Valquíria. Você também é alguém proibido para nós, caso seja essa a atração que sente por ela.

Sebastian mal ouviu o que elas diziam por causa do batuque dentro dos ouvidos.

– É o colombiano que está com ela? – grunhiu.

– Sim, é ele.

O canalha se inclinou sobre Kaderin e colocou a mão na parte alta da coxa dela, os dedos brincando junto da bainha da sua saia.

A raiva explodiu dentro de Sebastian. Aquilo só podia ser um sintoma de transformação iminente. Ele nunca sentira tanta fúria. Nunca.

*Ele está tocando no que pertence a mim.*

**Sebastian caminhou em direção a ela com passos largos e olhos pretos de raiva, forçando as pessoas a se apressar para sair do seu caminho. Kaderin deu um pulo, desculpou-se com o sujeito e seguiu depressa para trás da pista de dança, antes que Sebastian armasse uma cena ali.**

**Quando a alcançou, apertou o braço dela e a arrastou para um canto escuro junto à parede dos fundos.**

– O que você está fazendo? – A voz dele fervia. – Permitindo que ele toque em você!

– O que *você* está fazendo? – rebateu ela. Já sabia que, se ele aparecesse ali, não ficaria nem um pouco satisfeito, mas imaginou que poderia ter uma chance de se explicar, em vez de ser maltratada. Ele agia como se a tivesse apanhado na cama com um time de futebol.

No início, ela ficou perplexa com a expressão enlouquecida e a fúria palpável que viu em Sebastian. Mas, quando ele tentou teletransportá-la dali e quase conseguiu, sua própria ira fervilhou.

– Ei, me solta! – Kaderin tirou a mão dele do seu braço. – Ou então me ajude. Se aquele colombiano for embora daqui sem mim...

– *Você pretende sair com ele?* – gritou Sebastian, segurando seus ombros e tentando teletransportá-la com ele mais uma vez. Quando ela tentou se desvencilhar novamente, ele examinou a construção do lugar e descobriu um local privativo. Arrastou-a para dentro de uma cabine pequena onde havia dois bancos e um telefone instalado sobre uma prateleira. Bateu a porta atrás deles, mas o tum-tum baixo e marcante da música eletrônica ainda vibrava nas paredes.

– Como você pode pensar em sair com ele hoje à noite?

– O que eu faço não é da sua conta – avisou ela, rangendo as palavras com os dentes cerrados.

– Porra, claro que é! As mãos dele estavam em cima de você... E você ainda *deixou* que ele a esfregasse numa boa?

– Se eu lhe der satisfações, estarei reconhecendo que você tem o direito de saber. E não tem.

– Vou pegar o anel do colombiano – avisou ele, falando depressa. – Vou me teletransportar para o lado dele, pegar o anel e tornar a sumir.

– Isso é proibido. Você sabe como todo mito tem início? – Como Sebastian não respondeu, ela explicou: – Esse é um exemplo gritante de situação em que uma criatura do Lore se descuida. Cada mito criado representa uma falha cometida. Riora não só vai desclassificar você por tentar um golpe como esse, como também vai *castigá-lo*.

– Trata-se disso, então? Você simplesmente me diz que está indo para casa com outro homem? Depois de eu tê-lo visto tocando em você? – Sebastian parecia querer estrangulá-la.

Quando ela empinou o queixo no ar, os olhos dele se estreitaram.

– Você pode ter conseguido os sentimentos de volta, mas ainda é uma mulher fria, Kaderin. Fria e sem coração. – Ele a agarrou pela nuca e a trouxe para mais perto. Por algum motivo, ofegavam pesadamente, e quase dava para ouvir a respiração entrecortada de ambos, mesmo sob o pulsar da música. Antes que

ela pudesse resistir, ele a levantou, colocou-a em cima da prateleira e enfiou a mão por baixo da sua saia. Gemeu ao não encontrar calcinha alguma, e seu rosto se transformou em pedra, no formato de uma máscara de raiva.

– Você veio até aqui para *foder* com ele? – Com as duas mãos segurando a cabeça de Kaderin, ele empurrou seus lábios para o cabelo dela. – Você quer me ver pirar? Quer me ver matar? Por que acha que eu deixaria o mortal viver se ele te comer?

– Sebastian, por favor, espere...

Ele lhe aplicou um beijo implacável, punindo-a ao pressionar as palmas das mãos sobre suas coxas. O corpo dela estava tenso, a princípio, mas logo em seguida, lentamente, começou a responder – mesmo contra a vontade, mesmo contra a razão.

Sua respiração era rápida.

– Não faça isso.

Embora ele ainda estivesse tremendo de raiva e de luxúria, seus dedos eram gentis quando ele os fez deslizar por sua coxa.

– Você quer meu toque, Kaderin? Quer me sentir?

Aquilo não deveria estar acontecendo. Não naquele momento, não naquele lugar. *Que inferno, simplesmente não deveria.* Mesmo quando ela se obrigou a focar a mente na tarefa, viu-se respondendo às carícias dele.



Uma onda de fúria o fez arder por dentro e ativou suas presas afiadas com a inegável necessidade de marcá-la, para reivindicá-la como sua, de algum jeito. Seu sangue vampiresco trabalhava dentro dele mais uma vez.

As presas de Sebastian quase doíam na ponta, loucas para furar o pescoço dela, e ele sabia que não conseguiria resistir por muito mais tempo. Pressentiu que logo iria sugar-lhe a carne de forma selvagem.

E por que deveria resistir a isso? *Se ela quer sair com outro homem, vai com a minha marca...*

Ele a beijou, começando por sua delicada clavícula, os lábios subindo mais e acompanhando o movimento das mãos nas coxas. Acariciou-a e deslizou os dedos sobre o sexo dela, deixando-a excitada mais uma vez. Quando a penetrou com um dedo, ela gritou, suas mãos lhe apertaram os ombros e as garras dela se enterraram em sua pele. Ele enfiou um segundo dedo e ela revirou os quadris na sua mão, como se estivesse sendo fodida pelos seus dedos.

Nada disso, ele não aguentaria aquilo por mais tempo.

Enterrou as presas no pescoço dela numa mordida frenética, quase gozando na mesma hora, a partir de uma sensação de prazer indescritível. Viu-se perdido no calor daquele sangue, na riqueza de sabores que eram exclusivos do sangue dela. Estava louco ao sentir o quanto a carne dela parecia resistir às suas presas doloridas, e sentiu seu corpo enrijecer em torno dos dedos, explodindo num orgasmo repentino.

Provocado também pela sua mordida.

Ele nem se lembrou de colocar a mão sobre a boca de Kaderin para lhe abafar os gritos.

A vagina dela continuou a se apertar em torno dos seus dedos de forma tão furiosa, que ele rosou contra a pele dela, sugando-a com força. A sensação de beber dela era perfeita. Como se o instinto o

estivesse recompensando por fazer algo que era inevitável de qualquer modo.

Mas Sebastian evitou beber com muita avidez. Mais tarde, quando ele a tivesse na cama, levaria a libertação ao próprio corpo enquanto bebesse o sangue dela.

Lentamente, retirou suas presas, lambeu as marcas que lhe haviam ficado no pescoço e tirou os dedos de dentro dela. Quando ela estremeceu, como se lamentasse a perda, ele percebeu que a mesma mordida que o deixava indignado tornara-a unicamente dele – ainda que apenas por um momento.

Com os olhos arregalados e os lábios entreabertos, ela coçou com força as marcas que ele fizera. Ele a deixara chocada. Ótimo.

Então, Kaderin pareceu acordar e se afastou dele. Rapidamente, espalhou cabelo ao redor do pescoço para cobrir a marca da mordida e, em seguida, puxou a saia para baixo.

Quando o fitou, seus olhos passearam pelo rosto dele como se nunca o tivesse visto. Sua expressão mostrou que ela parecia ter nojo do que via.

– Eu não me importo se você vai se transformar num monstro ou não. Você não tinha o direito de tomar o meu sangue.

– Ah, Kaderin, você não pareceu se importar nem um pouco.

– *Obrigada* – murmurou ela.

– Pelo quê? – quis saber ele, com uma careta de deboche.

O tom dela era calmo e grave.

– Por tornar tudo muito mais fácil. Por me fazer enxergar que não existe nada em você que sirva de tentação e me leve a aceitar um vampiro na minha vida.

– Você queria saber por que eu desejava morrer? – rebateu ele. – Porque me via como você está me vendo nesse momento. Você me odeia por razões que eu não posso controlar. Razões que me faziam ter ódio de mim mesmo. Agora, porém, vendo a sua reação, ficou bem claro que eu estava errado. Pelo menos, você me salvou da minha aversão a mim mesmo. – Depois dessa noite, ele não sentiria mais vergonha de andar pela rua. Ele se recusava a olhar para si mesmo do jeito que ela o via.

– Você acha que a questão aqui é unicamente a sua sede de sangue? Dê-me uma razão por que eu deveria escolher você, em vez de todos os outros homens que conheci em milênios, e cada um que vou conhecer na eternidade que ainda tenho pela frente? Você não pode. – Ela o olhou fixamente. – O problema é muito maior do que simplesmente você ser um vampiro.

Foi então que ele percebeu. Por que ela o enxergaria de forma diferente das outras mulheres, ao longo da sua vida mortal?

Porque era sua Noiva. Ele seria seduzido para desejá-la de novo e de novo, repetidamente, vezes sem conta, enxergando coisas que não existiam. Em seguida, sua verdadeira natureza trairia as esperanças dele, num ciclo interminável.

Ele não conseguiria conquistá-la.

*Vou lutar com ela por toda a eternidade.* Foi esse o dilema que surgiu diante dele. Essa ideia deixou-o exausto.

– Estou cansado disso. Cansado de você. – Ele colocou a mão acima dela, contra a parede, inclinando-se mais. – Você tem razão. A respeito de tudo. Não há nenhum motivo para você me aceitar. E tinha razão em dizer que fui obrigado a desejá-la simplesmente porque você é a minha Noiva. Meu desejo por você foi forçado dentro de mim. Eu não tive escolha alguma nesse assunto.

– Você age como se eu lhe tivesse dado algum motivo para pensar diferente – disse ela. – Eu lhe disse o tempo todo que você não deveria se dar ao trabalho de tentar me conquistar.

Ele agarrou a parte de trás do pescoço dela para obrigá-la a olhar para ele.

– Você também me disse, em mais de uma ocasião, que não queria me ver nunca mais. Vou lhe fazer esse favor. Eu fui o primeiro vampiro a se teletransportar até uma pessoa, e serei o primeiro a abandonar a Noiva. – As fêmeas humanas começavam a olhar para ele com interesse indisfarçado, um contraste marcante com a óbvia repulsa no rosto da sua Noiva. Ele sairia com uma delas. Ou várias.

Antes de partir, deu-lhe um beijo rude e escaldante.

– Vou esquecer você, nem que seja preciso trepar com mil mulheres para isso. – Quando a soltou, não havia nada em sua expressão, o que o enfureceu ainda mais. – Talvez eu comece com uma das fêmeas do Lore.

Será que ele imaginou o brilho prateado que surgiu nos olhos dela?

– Divirta-se!

– Se você vai sair com um humano, eu também não sairei daqui sozinho.



Enquanto caminhava de volta à cabine, Kaderin ergueu o colarinho da blusa, sentindo os olhos de Sebastian sobre ela. Ele a mordera. E, dessa vez, não tinha sido por acidente. Nem de forma delicada. O pior, na sua opinião, era ela não ter sido exatamente capaz de disfarçar sua reação intensa a ele.

Sebastian a mordera!

E ela se *deliciara* com a mordida, gozando com uma intensidade que a deixara zozna.

Ela o odiava por isso. Durante toda a sua longa vida, nunca fora mordida, e agora ele atacara seu pescoço dentro da cabine telefônica de um bar sórdido. Ela estava enojada com a situação e com a resposta devassa que dera a ele. Sentia-se saturada de tudo naquela noite e ansiosa para finalizar a missão.

Quando chegou à mesa de Gamboa, Kaderin viu que Cindey já tomara seu lugar ao lado dele.

Isso ela não aceitaria.

– Você! – Ela apontou para Gamboa. Sabia que, por causa do toque de Sebastian, sua voz estava rouca, seu cabelo despenteado e seus mamilos duros sob o tecido fino da blusa.

Gamboa olhou, parecendo atordoado, depois deu de ombros, desvencilhou-se dos braços de Cindey e se levantou. Cindey lançou-lhe um olhar amargo, reconheceu a derrota e bebeu o drinque de uma só vez.

Quando Gamboa caminhou até onde estava Kaderin, parecendo encantado, ela murmurou: – Leve-me para algum lugar onde possamos ter privacidade.

O queixo dele caiu.

– É... é claro. – Ele se afastou às pressas para mandar trazer o carro, e Kaderin teve a oportunidade de murmurar para Cindey, ao sair: – Por que você simplesmente não cantou?

– Quinhentos homens aqui ouviriam a minha canção – explicou ela, com impaciência. – Além do mais, acho que prefiro *não ter* o chefe do mais poderoso cartel de drogas no mundo de quatro por mim e pegando no meu pé pelo resto da vida. Mas torço muito para que essa paixão funcione com vocês dois, crianças.

Quando Kaderin se virou para sair, Gamboa veio se juntar a ela. Enquanto caminhavam para fora dali, ela viu Sebastian inclinando-se sobre uma das ninfas, com os olhos pretos. Ele lançou um olhar assassino para o colombiano e depois se fixou em Kaderin. A ninfa lançou para Kaderin um sorriso triunfante e agarrou o braço de Sebastian.

Se Sebastian estava tentando fazê-la ficar com ciúmes... tinha conseguido. Será que continuava com a mesma ereção de há pouco? O que ele faria com a ninfa naquele estado de excitação despertado pelo sangue e pelo corpo de Kaderin? Será que se teletransportaria com a vadia para algum lugar e começaria a abrir mão de Kaderin?

Quando Gamboa colocou a mão na parte inferior das costas de Kaderin para lhe indicar o caminho, ela afastou os olhos de Sebastian e se obrigou a olhar para frente. Não tornou a olhar para trás nem quando deslizou com sensualidade para dentro da limusine de Gamboa, que logo se pôs em movimento.

Lá dentro, suas emoções fervilharam. Gamboa falava com ela em voz baixa e com um sotaque forte, mas ela não prestava atenção a uma palavra sequer.

*A mordida de Sebastian ainda latejava...*

Ela olhou para Gamboa, interrompendo-o de repente para dizer: – Dê-me seu anel de opala, senão vou matá-lo.

Ele simplesmente sorriu, os dentes brancos se destacando contra o rosto bronzeado.

– Só a opala, *mi cariña*? – Olhou para um enorme anel de diamantes que ele também usava, mas ela não acompanhou seu olhar. – Você não vai nem mesmo apreciar meus diamantes? – perguntou.

Ela ergueu uma sobrancelha. *Ele já sabia sobre ela.*

– E por que você quer que eu olhe?

– Só para tirar a limpo se os rumores são verdadeiros.

Kaderin expirou com força.

– Você sabe o que eu sou?

Ele assentiu com a cabeça.

– Minha mãe era um demônio. Eu sei tudo sobre o Lore.

– Se sabe, por que me deixou ir em frente? – quis saber ela, num tom exasperado.

– Fiquei curioso para saber o motivo de meu clube estar cheio de seres do Lore.

– Estamos em plena Corrida do Talismã – explicou Kaderin. – O anel de opala é um dos prêmios e vale um número elevado de pontos. Há muitos concorrentes aqui, e provavelmente outros espectadores locais.

Ele girou o anel de opala no dedo.

– Sonhei em ver uma Valquíria verdadeira a minha vida toda. Estava escrito que esta pedra traria alguém da sua espécie até ela.

Kaderin não duvidou disso. Aquele era outro exemplo da mão do destino em ação.

– Pois aqui está. Contemple a Valquíria bem à sua frente. – Estendeu a palma da mão. – Agora, o anel de opala.

– Não vai ser tão simples assim.

– Pois é, eu não imaginava que você fosse um traficante de drogas com um coração mole.

– Por que eu deveria dar este anel a você... – quis saber ele, num tom razoável – sem receber nada em troca?

Um pensamento repentino surgiu.

– Não é *a mim* que você quer especificamente, certo? Deseja apenas passar uma noite com uma Valquíria. Acertei?

Seus olhos pareceram escurecer de desejo.

– Essa sempre foi a minha fantasia.

– Então, eu vou enviar outra Valquíria aqui para baixo. Uma que é solteira. – *Eu não sou solteira?* – O nome dela é Regin, a Radiante. Ela é uma criança selvagem. E seu corpo brilha. E o mais importante: é uma aposta com ganho certo.

– Como posso acreditar que você vai realmente fazer isso? Envie essa sua amiga para mim e eu lhe darei o anel.

– Preciso desse anel agora. E juro pelo Lore que ela estará aqui – garantiu Kaderin. Em seguida, alterou ligeiramente o que prometia, ao completar: – Na verdade, eu não posso prometer de forma inequívoca que ela vai aceitar dormir com você. E *não recomendo* beijá-la. Tirando esses detalhes, ela adora uma festa.

Quando Gamboa parecia estar considerando seriamente a oferta, Kaderin escondeu a surpresa e disse: – Simplesmente aceite o acordo, Gamboa. Eu não quero partir seu coração, nem surrá-lo, nem lhe dar marretadas de nenhum tipo esta noite.

Depois de uma curta hesitação, ele disse: – Como posso entrar em contato com essa tal de Regin?

Lembrando que Regin tinha marcado o seu toque Sapo Maluco na lista de favoritos do seu celular, Kaderin propôs: – Que tal eu lhe dar o número do celular secreto dela?

*A vingança é doce, Regin.*

Ele prontamente lhe entregou um cartão; na parte de trás, ela rabiscou o código de área e o número completo de Regin: oito, seis, sete, cinco, três, zero, nove. Quando Kaderin lhe entregou o número, ele tirou o anel do dedo. Inclinou-se mais para perto e roçou a mão sobre a pele dela quando lhe entregou a joia. O toque não causou uma reação, mas ele obviamente achava que causaria. Ele devia *se achar*, mesmo. Qualquer mulher certamente o consideraria sexy. No entanto, Kaderin não sentia nenhuma faísca, nenhuma atração.

– Diga ao motorista que vou saltar no sinal da esquina.

– Eu lhe daria o diamante se você ficasse comigo esta noite, *cariña*.

Ela bem que deveria ficar com ele naquela noite. Sebastian, provavelmente, estava dando um dos seus ferozes e ardentes beijos numa ninfa qualquer, naquele exato momento.

Em vez disso, Kaderin murmurou: – Isso me basta.

Por que não levar aquele meio-demônio para a cama? Porque ela queria voltar direto para o seu quarto. Para poder chorar.

**Sebastian mal tinha dormido ou bebido desde aquela noite na Colômbia. Durante toda a semana anterior, lutara para tirar Kaderin da mente.**

**Nada funcionara.**

**Ele estava se tornando obcecado por ela. Exibiu um riso amargo. Estava se tornando? Ele já estava obcecado por ela.**

**Mesmo depois de tudo que acontecera, ainda a desejava.**

Kaderin tinha ido àquele clube vestida para uma bela noite de sedução; trepara com aquele sujeito a noite toda, até onde ele sabia. Mesmo assim, dissera em todas as oportunidades que nunca dormiria com ele, Sebastian.

Apesar das suas intenções em contrário, Sebastian não tocara em outra mulher. Não conseguia sequer se imaginar possuindo uma mulher que não fosse Kaderin. Com aquela mordida, ele poderia ter sentido como se a estivesse reivindicando para si, mas ela também o reivindicara para ela. Agora, ele não aceitaria passar a vida sem ter aquilo novamente.

Não, decidiu que não se contentaria com nada menos que ela. Precisava tocar o corpo que ela lhe negara. Precisava magoá-la como ela o magoara.

Ela o convencera de que o motivo da sua aversão não era apenas o fato de ele ser um vampiro. E como ele poderia não acreditar nisso, já que não se saíra melhor como ser humano?

*Porra, qual é o problema comigo?*

Aquela noite passada, tantos anos atrás, com uma viúva frígida, abalara-o para sempre e esmagara sua autoconfiança já prejudicada. Ele não tinha sido capaz de penetrá-la. Era grande demais e ela, completamente gélida. Não tinha rolado nenhum tipo de excitação. Isso não era de admirar, pois ela não o deixara tocar seu corpo, nem mesmo seus seios. Simplesmente erguera a saia, já deitada na cama, sem tocá-lo em nenhum momento.

A mulher tinha sugado o ar, de dor a cada tentativa dele, até que finalmente batera em suas costas e gritara: “Chega, seu idiota desajeitado!”

Ele tinha vinte e três anos e ficara perplexo com o inesperado desprezo que ela demonstrara.

“Então, por que me trouxe para...?”, quis saber ele.

Com todas as letras, ela foi bem clara: “*Perdi uma aposta...*”

Agora, Kaderin, a mulher que ele queria mais do que jamais desejara algo na vida, desprezava-o com a mesma intensidade.

Sem falhar sequer uma vez, ele sempre fora gentil com todas as mulheres. Sempre demonstrara respeito e cortesia com elas. E sem falhar sequer uma vez, nunca obtivera sucesso com elas.

Quando encontrasse novamente Kaderin, ele roubaria o prêmio que ela tanto procurara. Em seguida, lhe proporia outro negócio, dessa vez em troca de um prazer que lhe fora negado quando ele era mortal. Algo que vinha fantasiando havia muito tempo.

Não reconheceu a si mesmo no espelho. Seu rosto estava pálido e magro, com os olhos constantemente pretos, e com olheiras.

Estava se tornando tão cruel quanto ela. Havia desaparecido os seus impulsos de ternura, a sensação de encantamento quando ela prendia o cabelo atrás da orelha pontuda ou corava com vigor, a partir das maçãs do rosto.

Talvez quando tudo aquilo acabasse e ele tivesse se transformado num ser tão cruel quanto ela, Sebastian se tornasse um companheiro adequado para a Valquíria.



## Província de Battambang, Camboja Dia 24

**Prêmio: A Caixa das Nagas, um antigo receptáculo de madeira esculpida com a cabeça de cinco Nagas, valendo treze pontos** Na noite escura, em meio à chuva incessante, Kaderin observava um estranho campo desmatado. Naquela região, a selva arrebatadora vencia e cobria cada espaço, deixando tudo imóvel, desde o chassi de um carro até um templo esculpido ao longe. Mas não ali. Não havia casas construídas naquele campo. Apenas pilhas de lixo enferrujado, espalhadas por toda parte.

No limite do terreno, um cartaz fora instalado meio torto, coberto por trepadeiras que o faziam tombar para frente. Ela puxou algumas e viu que o metal quadrado tinha sido cortado no formato de uma ampulheta, provavelmente para que os moradores do lugar não pudessem utilizá-lo para fazer telhados.

No cartaz, lia-se um aviso com uma caveira sobre dois ossos cruzados desenhada.

Aquilo significava que o campo à frente estava minado, cheio de explosivos.

Em algum lugar no centro do campo, fora enterrada uma caixa de madeira esculpida com Nagas, deuses-serpente. Dentro da caixa estava uma safira do tamanho da palma da mão de Kaderin.

Riora não desejava a safira. Queria a caixa.

Com a constante chuva de maio, típica da estação, o campo era mais uma espécie de lamaçal cheio de buracos e poças. Kaderin bufou alto. Minas machucavam *muito*, mas ela precisava dos inúmeros pontos representados por aquela tarefa. Ela, o Lykae e a sereia continuavam em primeiro lugar na competição, praticamente empatados. Aquele era um prêmio único, e ela precisava conquistá-lo.

No limite do terreno, engoliu em seco. *Era fácil alguém perder um pé ali*. Kaderin sabia como era ter um pé decepado, e tinha certeza de que existiam na vida situações muito mais agradáveis.

Flexionou os dedos e, em seguida, começou a trabalhar, vasculhando o lugar em busca de algo pesado para jogar no atoleiro. Se ela fosse rápida, poderia detonar algumas minas e...

Sua orelha se contraiu. Em meio aos ruídos da chuva incessante, mal escutou os movimentos furtivos de um predador.

*Tomara que não seja... aquele...*

*Filho da mãe!*

Ali estava Bowen. E, um pouco à sua direita, vinha a vadia daquela sereia.

Os três compreenderam a situação ao mesmo tempo. Todos se lançaram de forma impetuosa, ultrapassando o aviso e correndo pelo espaço lamacento. O Lykae foi rápido e disparou como se

estivesse enlouquecido. Deixou seu animal feroz escapar da jaula interna e se transformou no meio do campo. Seu corpo se tornou muito maior, e as presas aumentaram de tamanho. Suas garras escuras e normalmente curtas estavam mais longas, e ele parecia muito mais forte. Quando olhou para trás e rosou para Kaderin, ela viu que seus olhos cor de âmbar tinham adquirido um tom gélido de azul.

Embora Kaderin fosse rápida e Cindey forte, enfrentando o terreno traiçoeiro, nenhuma das duas conseguiria acompanhá-lo, do jeito que avançavam. Ele já a prejudicara na caverna. A bruxa devia realmente tê-lo amaldiçoado.

Kaderin correu, pisando exatamente onde ele já pisara, a lama voando a intervalos, mas deixou que ele corresse os riscos. Cindey acelerou o passo para ultrapassar Kaderin pela direita.

Uma ideia surgiu. Kaderin agitou os braços para os lados, correndo para frente.

– Cindey! – gritou ela. – A perna direita!

Ela assentiu com a cabeça. Um segundo depois, ambas mergulharam em cima do Lykae, derrubando-o no chão enlameado. Ele se virou com as presas brancas à mostra e atacou Cindey, que enfiou o cotovelo na sua garganta. Em seguida, tentou atirar Kaderin longe com suas garras mortais, mas ela saltou para trás. As garras cortaram o ar com um silvo a milímetros do seu rosto. Se Mariketa não o tivesse enfraquecido tanto, elas já estariam mortas.

Enquanto as duas lutavam para segurá-lo, provocando-lhe novos ferimentos ao tentar derrubá-lo, ele lutou como o animal que era. Os três cobriram uma área grande, mas até agora não tinham pisado em mina alguma. Provavelmente, uma delas devia estar pronta para explodir a qualquer momento.

– Chute, sua idiota! – gritou Kaderin para Cindey.

Elas se esquivaram das garras do monstro, chutando o peito dele e tentando rolá-lo para o mais longe dali que conseguissem. De repente, os três ouviram o forte e claro *clique* metálico do pino de um explosivo que se soltara. Ele só teve tempo de cerrar os dentes.

Uma luz intensa surgiu. Kaderin colocou a sereia na sua frente, para se proteger. Bowen voou em uma saraivada de lama vermelha, e foi lançado a quinze metros de distância, mas a explosão também as atingiu, catapultando-as de volta.

Quando a saraivada de pedras e entulho parou de despencar, Kaderin empurrou Cindey para longe. Gemendo muito, Cindey cambaleou, tentando se colocar de pé e tapando os ouvidos sensíveis; seus tímpanos tinham sido estourados pela força absurda da explosão. Tinha sangue espalhado por todo o corpo, descendo pelos braços nus e pelo pescoço, entre filetes de lama.

Quando Kaderin se arrastou e ficou de pé, viu Bowen: ele tinha um feio e grande estilhaço metálico da mina projetando-se para fora de suas costelas. Escavando o chão com as garras, ficou de quatro, com as mãos e os joelhos no chão. Em seguida, com pouca estabilidade e muita dificuldade, Bowen se ergueu. Devia saber que, se removesse o metal dali, a perda de sangue o colocaria fora da competição.

Kaderin fez um inventário, avaliando os próprios ferimentos. Aparentemente, tinha levado pouco mais que uma boa sacudida e sofrera somente alguns arranhões.

Bowen tornou a seguir em frente, pingando sangue e caminhando para o lugar onde ocorrera a explosão. Kaderin olhou em volta e percebeu uma espécie de fluorescência em uma das poças. A explosão devia ter desenterrado a caixa. Ela avançou, correndo na lama, sem se importar com as minas. Ultrapassou Bowen.

O metal atravessara o corpo dele de um lado a outro. Sua corrida, realizada aos trancos e barrancos, certamente lhe provocava uma agonia intensa, mas ele não desistia. Logo estavam lado a lado. Mais adiante, brilhando à frente deles, uma caixa de madeira um pouco menor que uma embalagem de charutos. Estava lacrada e viera à tona, como o destroço de um naufrágio.

Kaderin mergulhou na direção dela e Bowen fez o mesmo. Deslizando pela lama, ambos colidiram, batendo com a cabeça um no outro com tamanha violência que a visão de Kaderin se turvou por alguns segundos. A caixa deslizou para mais longe.

Os olhos azulados de Bowen mostravam perda total da razão. Sua voz era gutural e entrecortada.

– Você vai acabar me implorando para que eu a mate!

Ambos mergulharam para frente mais uma vez, lutando pelo prêmio. Quando a caixa tornou a afundar na lama, eles firmaram os pés e se lançaram cegamente para frente, sem se importar se teriam as mãos e os rostos arrancados pela próxima explosão. Cada um agarrou o prêmio com uma das mãos. Kaderin silvou de raiva, exibindo as presas e tentando alcançar a espada em seu ombro, no mesmo instante em que Bowen erguia a mão de onde saíam as garras mortais...

Sebastian apareceu do nada e agarrou a caixa das mãos dos dois.

Kaderin piscou para Sebastian através da chuva. O tempo pareceu parar.

Ela ficou petrificada. Sentiu-se intimidada pela selvageria de seus olhos pretos, as linhas duras do seu rosto, o cabelo preto como carvão que lhe chicoteava o queixo.

De repente, sentiu-se desesperada para ser a fêmea para a qual um macho como aquele sempre voltava. Ansiou por ser essa fêmea.

Ele ficou com um pé levemente à frente do outro. Na mesma hora, ela entendeu o motivo da posição: ele estava com o pé exatamente sobre uma mina. A julgar pelo olhar ameaçador no rosto, aquilo tinha sido de propósito. Ele estendeu a mão.

– *Venha comigo.*

Ela se lançou na direção dele no mesmo instante que Bowen. Sebastian agarrou a mão dela, puxou-a e teletransportou-a para a beira do campo minado.

A mina explodiu. Sebastian se colocou na frente dela, protegendo-a com o corpo, exatamente como fizera naquela noite no Templo de Riora.

Quando o ar clareou, ela saiu de trás dele e viu Bowen trêmulo, deitado de cara na lama, exatamente no local onde fora lançado. O sangue corria de forma abundante da sua boca. Ele resmungava o que parecia ser um nome de mulher. Obviamente, o nome da sua companheira.

Ele pareceu sentir que Sebastian e Kaderin ainda estavam ali e ergueu o rosto. Kaderin soltou um suspiro ofegante diante do que viu. Um dos olhos dele havia desaparecido por completo; o lado esquerdo da sua testa e a têmpora tinham sido queimados. Mas seu corpo devastado e a mente atordoada ainda lutavam em desespero pelo prêmio; pela companheira que ele tinha perdido quando ela lhe fugira, tantos anos atrás. De alguma forma, ele ainda cavava com as garras no chão, tentando se arrastar para seguir em frente.

– Por favor, me teletransporte daqui, Sebastian – sussurrou Kaderin, mas ele não fez nada. – Bowen vai ativar outra mina, se continuar ali.

– Exatamente. – Os olhos de Sebastian eram escuros como a noite e gélidos. – Ele merece passar por isso, pelo que fez com você.

Bowen rastejava em direção a eles; Cindey caminhava em círculos com sangue escorrendo das orelhas enquanto resmungava algumas palavras... Qualquer coisa sobre um bebê. Kaderin não aguentava mais assistir àquela cena. No passado, ela teria olhado com muita satisfação enquanto seus concorrentes sofriam.

Mas era diferente agora. Ou, mais precisamente, era como ela costumava ser bem no início da sua vida.

– *Por favor, Bastian* – gritou, virando-se para agarrar a camisa dele com as duas mãos. Ele ficou tenso de surpresa e analisou o rosto dela. Não soube dizer exatamente o que viu na sua expressão; o que quer que isso fosse, porém, fez com que a envolvesse com força em seus braços e a teletransportasse dali.

Os rugidos angustiados de Bowen ainda ecoaram nos ouvidos de Kaderin durante muito tempo depois de eles terem desaparecido.

**>De volta a *townhouse*, Kaderin tremeu por causa das roupas molhadas. A tempestade parecia tê-los seguido até Londres e rugia lá fora. O anoitecer acabara de descer sobre a cidade. Ali eram seis horas mais cedo que no Camboja, o que significava que a noite tinha começado novamente para ela. Para eles.**

**Sem uma palavra, ele enfiou a caixa no bolso do paletó e segurou a mão dela, levando-a para o banheiro. Ligou o chuveiro em seguida e começou a desabotoar a blusa dela.**

Os olhos de Sebastian estavam tão selvagens quanto os do Lykae.

– Você quer aquela caixa, Kaderin?

Ela assentiu com a cabeça, ainda sem fôlego.

Ele tirou a blusa dela pela cabeça e puxou os braços para baixo, libertando-a.

– Terá de pagar por isso. – Sebastian soltou o fecho da frente do sutiã encharcado dela, que também caiu no chão. Diante dos seios expostos, ele respirou fundo, mas não a tocou, simplesmente continuou a despi-la. Ela teve de se apoiar nos ombros de Sebastian enquanto ele abria o zíper da sua calça e a tirava, junto com a calcinha.

Quando ela se viu diante dele completamente nua, perguntou em um tom confuso: – O que você quer? – Ainda estava atordoada, não só pela violência da noite, mas por aquele olhar dele na chuva. Estremeceu só de lembrar.

– Lave a lama do corpo e venha para o quarto – ordenou ele, com voz áspera.

Kaderin olhou para a porta por muito tempo depois que ele a deixou. Então notou que, no banheiro da *sua casa*, estavam todas as coisas *dele*. Aparelho de barbear, escova de dente, sabonete. O safado tinha se mudado para lá? Sua atenção estava focada nele quando entraram, mas agora ela se lembrava de ter visto livros e jornais espalhados por todos os cômodos. Um par de botas tinha sido chutado, junto da porta.

– O invasor sanguíneo – murmurou ela, ao se colocar debaixo da ducha.

Enquanto esfregava o corpo com força para retirar a lama que a cobria, ela se perguntou o que ele iria exigir. Estava furiosa, mas, ao mesmo tempo, quase morria de curiosidade.

Será que ele tentaria beber dela novamente? Ou fazer amor com ela? Ou as duas coisas? Odiou perceber que *qualquer das opções* a deixava excitada.

Entretanto, mesmo que realmente desejasse fazer amor com o homem que tinha visto na tempestade, em meio à confusão daquela noite, não aceitaria ser coagida a isso.

Depois de lavar o cabelo, ela se secou e vestiu um robe de seda rosa. Ao retornar para o quarto, desviando das coisas *dele*, Sebastian se levantou.

Ele tirou o paletó e a camisa, que estavam molhados. Seu peito continuava úmido, os músculos tensos. Seus olhos tornaram a ficar pretos.

– Venha aqui – convidou ele, mas ela mal conseguia fazer com que seus pés se movessem.

Mordendo o lábio inferior, ela cruzou o quarto até onde ele estava. Parou na frente dele, que não desperdiçou nem um segundo e cobriu o traseiro dela com as mãos espalmadas, fazendo-a ofegar.

Então, com um jeito lânguido e meigo, beijou-lhe o pescoço em meio a lambidas lentas, antes de mergulhar em seus seios. Quando ele chupou seu mamilo através da seda, Kaderin gemeu e seus joelhos ficaram fracos. Mas ele a segurou com firmeza.

– Bastian. – Ela respirava com dificuldade. – Quero dizer uma coisa. – Será que ele acreditaria que ela nunca pretendia ir para a cama com Gamboa?

Ele se afastou.

– O tempo para conversas acabou. Então, você quer sua bugiganga ou não?

– Eu não vou fazer amor com você – avisou ela.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso cruel.

– E você supõe que eu *queira* fazer amor com você?



Ela piscou para ele, claramente surpresa com aquelas palavras.

– E se eu lhe dissesse que eu quero que você me ofereça o prêmio? Como um presente para a sua Noiva? Você já me ofereceu uma vez.

– Passamos dessa fase. Não sou mais um cavalheiro. Não sou sequer um ser humano. E você não é nenhuma dama.

Quando ele pressionou os ombros dela para baixo, não havia dúvidas sobre o que desejava. Ela enrijeceu o corpo, mas ele disse: – Oh, não, você quer seu prêmio, então vai ter de fazer o que eu quiser.

Ela ficou de joelhos diante dele.

– Você não poderia conseguir isso de uma ninfa?

– Por que me contentar com uma ninfa quando eu tenho uma Valquíria ao meu dispor?

– E é *isso* que você quer? – perguntou ela, fitando-o longamente.

– É, sim – murmurou ele, com uma das mãos sobre a cabeça dela, enquanto a outra lhe segurava a nuca. Ele a queria diante dele daquele jeito, sendo forçada a erguer os olhos para vê-lo e reconhecer quem tinha o controle da situação. Ele poderia dominá-la, se quisesse. Mas queria que ela o chupasse, que lhe proporcionasse aquele prazer.

*Mas não... não daquele jeito.*

De onde tinha vindo essa ideia? Uma hesitação justamente quando estava tão perto de finalmente saber como seria sentir esse prazer.

Cerrou os dentes com força, mal conseguindo imaginar como seria a boca da sua Noiva se fechando em torno do seu membro e o que ele sentiria. Mas a dúvida o incomodava. O desejo lutava com um alerta indistinto que vinha de dentro dele.

*O jeito como ela se virou para mim esta noite...*

Sebastian disse, quase engasgando: – Pare! – Apertou os ombros dela. – Levante-se. Não quero que você faça isso. – Ele a ajudou a ficar de pé e, em seguida, se afastou. – Isso faria de você uma prostituta. Não posso aceitar.

– Em que isso seria diferente do ovo do basilisco? – perguntou ela, num tom crescente de raiva.

– Naquele dia, eu queria apenas tocar você.

Os olhos dela brilharam em prata.

– Por que você se importaria de isso me tornar uma prostituta?

– Quer saber como a coisa funciona? Sei que você não se importa nem um pouco comigo, mas sinto como se estivéssemos casados. O fato de você ter saído com outro homem e permitido que ele tocasse você... – Ele passou a mão sobre o rosto, e sua ereção diminuiu rapidamente. – Esqueça tudo isso. – Jogou a caixa em cima da cama e se virou. – Pode ficar com o prêmio.

– O pagamento deixado em cima do travesseiro? Mas, Sebastian, eu *não mereci* ganhar. – Antes de ele ter tempo de se teletransportar, ela completou: – Aliás, você é um idiota arrogante...

Ela foi para trás dele, arrastou um dos dedos sobre seus ombros e ele se retesou sob aquele toque suave. Baixando a voz para um tom ofegante, ela disse: – Você acaba de desperdiçar a chance de experimentar como uma fêmea imortal mostra com a boca sua *devoção* a um homem.

A mão dela deslizou pela parte da frente do seu corpo quando ela o rodeou e se colocou novamente diante dele, encarando-o. Em seguida, ficou na ponta dos pés e murmurou em sua orelha: – Eu teria lhe dado a chupada mais quente e mais úmida que você já recebeu. Eu teria levado uma eternidade, tomando-o dentro da minha boca e lambendo-o lentamente com a minha língua.

Gotas de suor surgiram na testa dele.

– Agora, porém, só me resta lhe agradecer por você ter me poupado todas essas *horas* de trabalho.

Ele estremeceu e logo se afastou dela com um som rouco de pura frustração.

– Você acha que foi fácil desistir de receber isso de você? – Ele se sentia enlouquecido de luxúria. A curiosidade o dominava. Sebastian jogou as mãos para o alto, caminhando em passos largos. – Ver você de joelhos diante de mim, sabendo que eu nunca experimentei...

– Nunca experimentou o quê? – Quando ele não disse nada, apenas ficou imóvel e passou a mão sobre a parte de trás do pescoço, ela perguntou baixinho: – Você nunca foi chupado?

Sebastian desviou os olhos bruscamente, não querendo admitir isso para ela e, ao mesmo tempo, sentindo-se incapaz de negar.



*Ele não confirmou nem negou. Os lábios de Kaderin se separaram. Será que nunca experimentou isso?*

*A ideia a chocou. Mas, logo em seguida, ela se agitou, sentindo arrepios lhe dançarem pela espinha.*

*Eu poderia ser a sua primeira vez.*

Ela podia admitir que sua raiva tinha vindo, em parte, do desejo contrariado. Quando o material molhado da calça dele envolvera seu membro grosso diante dela, Kaderin tinha se sentido fraca de humilhação e desejo, pois gostaria de saboreá-lo. Agora, aquela mesma excitação ganhava vida novamente.

*A chance de ser a primeira experiência de um homem em alguma coisa?* Ela inclinou a cabeça para ele.

– Você já... me imaginou fazendo isso com você?

Ele fez uma careta, como se a pergunta fosse absurda.

– Entendo. – Ele parecia volátil, fervendo por dentro. Kaderin sentiu como se tivesse conquistado um urso ferido, e era preciso se movimentar com cautela. – Por que desperdiçou a oportunidade?

Ele retrucou:

– Porque a coisa ainda não acabou entre nós!

Ela recuou a cabeça.

– Mesmo depois da Colômbia?

Ele cruzou o quarto até onde ela estava.

– Hoje à noite, no campo minado, você estava *diferente*. Simplesmente... nosso lance ainda não acabou.

Ao ouvir suas palavras, uma onda de emoção a inundou por dentro. Era desejo, certamente, mas agora ela aceitava admitir que havia muito mais. Sebastian tinha desejado ser cruel com ela – obviamente tinha sentido necessidade disso.

No entanto, não conseguira.

Mesmo quando ele ansiava tão desesperadamente por aquele prazer, não conseguira forçá-la a fazer aquilo.

De repente, a ternura que sentiu por ele ameaçou dominá-la. A tal ponto que o pensamento dele, ansiando durante todos aqueles anos por algo que nunca experimentara, a fez sentir uma espécie de dor. Ela achou insuportável pensar nele e em suas dúvidas sobre como teria sido compartilhar isso com ela.

Ela havia desejado o homem impiedoso para quem olhara sob a chuva, mas também ansiava pelo homem que estava diante dela ali, com muita vulnerabilidade nos olhos.

– E se eu quisesse fazer isso? – Ela mordeu o lábio inferior e completou a pergunta: – Você ainda aceitaria?

Ela viu seu membro ficar duro como aço novamente.

– Eu... só... só se você quisesse.

Ah, mas agora ela queria. Ergueu a mão para acariciar o rosto dele com ternura. Ele fechou os olhos por um instante sob a emoção do seu toque. *E faria com que esse momento fosse maravilhoso*. Se ele havia sonhado a vida inteira com aquilo, ela garantiria que a espera valera a pena.

E, claro, teria de atuar de acordo com as expectativas que criara.

*Você quer adoração, Kaderin? Bem, na verdade...*

Ela se lembrou de uma cena que inadvertidamente testemunhara havia muito tempo. Tinha invadido o harém de um mago negro para libertar uma bruxa que fizera um grande favor às Valquírias. Na verdade, as Valquírias não eram suscetíveis a encantos de tipo algum, mas aquele mago era muito poderoso e Kaderin estava sozinha na missão. Encontrara um esconderijo para aguardar até que todos fossem dormir.

Por fim, resolvera esperar até o amanhecer. Porque uma das concubinas do mago lhe proporcionara prazer exacerbado de forma muito *original*, durante horas a fio, e ela assistira a tudo.

Kaderin arquivara aquelas imagens na cabeça, e refletira: *Um dia, se eu sentir novamente esse desejo em um homem, gostaria muito de tentar fazer isso*.

Esse momento chegara. Ela queria dar a Sebastian uma experiência da qual ele se lembrasse por toda a eternidade. Uma versão imortal do que ele fantasiara.

– Eu *quero* fazer isso, Bastian. – Agora ela entrelaçava os braços em volta de seu pescoço. – Mas tenho condições.

A sombra de um meio sorriso magoado surgiu no rosto dele.

– Você sempre tem condições.

– Acho que você conseguirá aceitar essas sem problema.



Dez minutos depois, Sebastian se viu acorrentado à cama de Kaderin.

Ele deveria ter visto o brilho perverso que brincava nos olhos dela e então se teletransportado para longe dali.

Kaderin lhe dera beijos muito suaves com aqueles seus lábios de rubi, enquanto alisava o peito e o tronco dele com as palmas das mãos. Quando ela lhe pedira que lhe desse cinco minutos para aprontar tudo, ele aceitara a condição e deixara o quarto. Ele já arrancava as botas quando ela voltara para tomar a mão dele, acariciando-a sensualmente com o polegar. Ela colocara o cabelo atrás da orelha, sorrindo para ele por cima do ombro enquanto o levava para a cama.

Sebastian perguntara o que Kaderin tinha preparado em seu quarto? Não, não perguntara. Nesse ponto, e depois do fascinante sorriso que ela exibira, se ela murmurasse: “Estou levando você para as profundezas do fogo do inferno”, ele a teria seguido silenciosamente.

Então, deitaram-se na cama, beijando-se lentamente mais uma vez. O jeito como ela dava gemidos suaves dentro da boca dele o enlouquecera. Quando ela girara a língua molhada contra a dele, ele não conseguira deixar de imaginar como seria a sensação dela movimentando-se em torno do seu pau...

Subitamente, ele percebera que estava com um dos pulsos algemado a uma corrente que ela pegara debaixo da cama.

– Que diabo é isso...?

– Bastian, existe uma condição para irmos em frente.

Condições e advertências, mais uma vez! *Aquela não era uma atitude sábia.* Eles tinham acabado de brigar. E não tinham resolvido coisa alguma. Mas ele sabia que conseguiria se libertar, caso fosse necessário. Ele poderia se livrar daquilo por teletransporte. *Por que ela iria querer isso?*

Então, Kaderin sorriu novamente com aqueles lábios sedutores, e ele não conseguiu mais pensar em coisa alguma que não fosse deslizar seu membro entre eles. Deixou que ela prendesse o outro pulso. Quando ele estava bem preso, ela o examinara com os olhos que já estavam com a cor da prata e lambeu os lábios.

Um segundo depois, ele viu, com espanto, a destreza com que ela arrancara sua calça, deixando-o completamente nu.

– Eu imaginei isso naquela primeira manhã com você – disse ela, pressionando os lábios em seu torso. O cabelo úmido dela lhe roçou a pele, fazendo-o estremecer de prazer. – Eu me imaginei rasgando sua calça para poder colocar a boca no seu pau.

Ele gemeu, sem querer acreditar, perguntando se morreria de êxtase quando sentiu a respiração quente dela cada vez mais baixo em seu corpo. Se aquilo era um sonho, ele não queria mais acordar. Depois de esfregar o nariz na trilha de pelos que descia a partir do seu umbigo, ela olhou para cima.

– Você está pronto?

– Claro, sim, eu *sempre estive* pronto...

O primeiro toque de sua língua pequena e quente, correndo pela sua glândula lhe cortou a respiração.

– Ó Deus – ele finalmente conseguiu balbuciar. Quando a fenda da glândula ficou úmida, ela mergulhou a língua subitamente na pequena abertura e a lambeu.

Os olhos dele reviraram nas órbitas.

Depois veio o deslizar longo e lento de seus lábios molhados. Ele corcoveou e arqueou as costas. Quando ela balançou a ponta da língua com seu membro dentro da boca, o prazer foi tão intenso que ele gritou. Com esforço, ele ergueu um pouco a cabeça para testemunhar aquilo – precisava ver aquela cena –, e sua respiração ficou ainda mais irregular ao vê-la tomando-o por inteiro na boca.

Ele queria puxar o cabelo dela para o lado, para poder ver melhor, mas as correntes o impediam. Ele poderia tê-las quebrado com facilidade, mas ela impusera as correntes como uma condição. Ele jamais estragaria a fantasia.

Como se tivesse lido sua mente, ela arrumou o cabelo sobre o ombro, proporcionando-lhe uma visão desimpedida.

Sebastian respirou entre silvos quando ela esfregou o rosto ao longo do membro dele com muito carinho, como fizera naquela primeira manhã contra a sua bochecha.

– O que você acha?

– Acho que não vou conseguir segurar... – disse ele, sufocando as palavras.

Ela sorriu.

Completamente desinibida, continuou seus cuidados, o que tornava impossível resistir por muito mais tempo. Sua boca estava tão quente e molhada que ele quis que ela ficasse ali para sempre, mas sentiu seu saco se contrair de leve.

– *Estou quase gozando...* – Só quando ele estava a um passo do abismo foi que ela o libertou de sua boca, como ele esperava. Ele não se atrevia a achar que ela fosse engolir tudo que iria sair dele.

– Não, Bastian, você ainda não vai gozar.

**Com as sobrancelhas unidas em expressão de estranheza, Sebastian disse, com a voz rouca: – Acho que eu sei quando vou ou não.**

**Ela apertou a cabeça de seu membro ereto com a palma da mão fechada, impedindo-o de ejacular, e escondeu a própria surpresa. *Tinha funcionado!***

**O pênis dele estava visivelmente inchado, como se o sêmen forçasse caminho, e a pressão interna visivelmente doía. Ambos observaram o membro latejante, antes de seus olhos se encontrarem.**

Ela reparou no momento exato em que a percepção do que acontecera o atingiu.

– Você não pode estar insinuando que...

Quando ela acenou com a cabeça, ele fez força para se libertar das correntes e pareceu incrédulo ao ver que elas resistiam.

– Essas correntes foram misticamente reforçadas – explicou ela, dando mais uma lambida avulsa. – Nem mesmo um imortal forte como você conseguirá arreventá-las, e você também não poderá se teletransportar para escapar delas.

Mesmo assim ele tentou.

– Deixe-me livre! – rosnou. – Trata-se de algum tipo de vingança?

O corpo completamente nu dele foi sacudido com a tensão do esforço, e todos os seus músculos se mostraram ainda mais protuberantes enquanto ele lutava contra as correntes. Seus braços cresceram muito mais devido ao enorme esforço.

– Não é vingança, Bastian. – Ao sentir que o sêmen dele tinha tornado a voltar pelo canal do membro e não havia mais perigo de uma ejaculação imediata, ela despiu o roupão. A luta dele para escapar diminuiu, e seus lábios se separaram de leve. Ela se inclinou sobre ele, com os seios perto da sua boca, e ergueu um pouco mais o travesseiro. Com seu olhar aprisionado pelo corpo nu dela, sua batalha para se libertar diminuiu. Quando ela montou sobre ele, com uma perna para cada lado, ele se acalmou por completo, como se tivesse desistido de resistir.

– *Chegue mais perto* – ordenou ele.

Ela se inclinou, segurando os seios contra a boca dele, primeiro um e depois o outro. Ele chupou seus mamilos duros, gemendo ao redor de cada um e apertando as mãos contra as algemas.

Quando ela se afastou novamente, ele praguejou maldições, até que ela se deixou escorrer sobre o corpo dele, para tomá-lo com a boca mais uma vez. Ela saboreou o gostinho da pele dele, gostou de ver o quanto ele estava sensível e sua expressão de incredulidade quando ela lambeu da base do pênis para baixo, até o seu saco pesado.

– *Essas coisas que você está fazendo comigo... meu Deus, eu não sabia...*

Ela não conseguiria colocar todo aquele membro de comprimento prodigioso dentro da boca, e então usou a mão para ajudar um pouco, apertando-a em torno da base e acariciando-o.

– Katja, estou quase...

Ela o agarrou com força, impedindo-o novamente de ejacular, e ele gritou de agonia. Ele pressionou os próprios calcanhares na cama com o impulso do corpo, numa tentativa de que ela aliviasse a pressão da mão, desesperado para lançar seu esperma para fora de qualquer jeito. Ela nunca tinha visto nada tão erótico quanto o corpo dele se retorcendo para escapar das correntes.

Mas ela se manteve firme, e logo ele pareceu drogado de tanta luxúria, quase insensível. Seu peito estava escorregadio de suor, e todo o seu corpo tremia com a necessidade de liberação imediata. Ele tornou a falar em sua língua nativa, e as coisas que disse deixaram bem claro que não suspeitava que ela pudesse compreendê-lo. Só que ela falava estoniano fluentemente.

Puxa... Será que tinha se esquecido de contar isso a ele?

Sebastian murmurou que ela era a sua *kena*, a sua *querida*, e que era muito preciosa para ele. Admitiu que não tinha sido capaz de lhe dizer isso antes, não importava o quanto precisasse.

*Ele morreria se soubesse que eu posso compreender o que está dizendo.*

Sebastian disse que queria que ela ficasse com ele, só com ele, depois daquela noite. Assim como ele tinha sido fiel a ela e sempre seria. *Por toda a eternidade...*

Então, Sebastian não tinha tido outra mulher naquela noite na Colômbia? A emoção vibrou através dela, fazendo-a enroscar os dedos dos pés, e ela se tornou ainda mais faminta por ele e se excitou a ponto de quase agonizar.

Os dedos dela desceram numa trilha que levava até a sua vagina, para o que seria uma liberação instantânea. *Fiel para sempre?* Ela estremeceu, beijando-o carinhosamente agora, a respiração mais quente e rápida. Ela não conseguiu evitar um gemido...

Na mesma hora, ele ergueu a cabeça e a sacudiu para os lados com força, como se tentasse se livrar de uma névoa mental.

– *Liberte-me!*

O que provocara aquela mudança abrupta?

– Bastian, dessa vez eu prometo que vou deixar você...

– Liberte-me, ou eu *vou achar* um jeito de sair dessas correntes. – O comportamento dele foi se tornando alarmante. Seus olhos se estreitaram e ficaram pretos.

Vendo que ele estava falando sério, ela se inclinou para cima.

– Por quê? Você não gostou do que eu estava fazendo?

Ele puxou as correntes com mais força, esforçando-se para escapar, e os olhos dela se arregalaram.

Kaderin não tinha muita certeza de que seria uma boa ideia libertar o vampiro que acabara de torturar sexualmente. Apesar de estar completamente nua e muito carente. Não era uma boa ideia. Muito menos quando os olhos dele prometiam que aquilo teria volta.

– O qu-que você quer fazer? – gaguejou ela.

A intuição lhe disse: *Tudo bem, vire a mesa.*

Mas, se ela soltasse as correntes, ele a possuiria na mesma hora, ali mesmo.

Naquele instante, sentiu que *ele* estava prestes a dar um passo adiante.

Ela ainda não estava preparada para ter uma relação sexual completa. *Ainda não? Oh, pelos deuses.* Era como se aquilo fosse uma conclusão precipitada de tudo. Kaderin só tinha dormido com homens em que confiava plenamente. Apesar dos consideráveis encantos de Sebastian, ela não confiava nele.

Sebastian fez um esforço ainda maior para se soltar das correntes, mas nenhum vampiro conseguiria quebrá-las, e aquilo só serviria para ele acabar se ferindo.

De repente, ela se conscientizou de como ele era muito maior do que ela. Seus músculos desenvolvidos, que normalmente a emocionavam tanto, agora faziam-na engolir em seco, de medo. Seu membro indomável, que ela sempre achara tão grande e maravilhoso, agora a assustava.

Tudo somado a fez ter vontade de sair correndo dali, mas, quando um filete de sangue escorreu pelo pulso dele, ela gritou: – Espere! – Mergulhando para frente, ela pegou a chave. Com as mãos trêmulas, libertou-o...

No mesmo instante, ele a colocou de costas na cama, lançou-se por cima dela e começou a tocá-la e acariciá-la entre as coxas. E urrou para o teto ao encontrá-la tão molhada.

– Bastian! O que você está fazendo?

Ele olhou para ela.

– *Está na hora.* – Sua voz era irreconhecível.

– Ho-hora? Hora de quê? Por que agora?

– Você está nos negando isso sem motivo algum... Você me quer também. – Usando a mão espalmada, ele cobriu a vagina dela com jeito possessivo, esfregando-a lentamente. – Diga-me que você não precisa de mim dentro de você, e eu paro. Com a outra mão, ele atacou-lhe um dos seios, roçando o polegar contra o mamilo túrgido. – Diga!

Ela olhou para o outro lado, rangendo os dentes. Finalmente, entre as respirações ofegantes, ela explicou: – Se fizermos isso, Sebastian, não será um ato de amor. Você não deve *exigir* seus direitos sobre mim, como se eu fosse uma mala extraviada. Isso não vai representar uma promessa em nível algum. Será apenas sexo sem sentido. – Se recusaria a fazer isso, certo?

Em vez disso, rugiu: – Concordo.

– O quê? Você está concordando em fazer sexo sem sentido?

– Concordo em fazer sexo de qualquer tipo com você, Noiva. – O olhar sombrio que ele lhe lançou a fez estremecer, mesmo antes de ele rosar: – Eu tenho *direito* a você.

– Então, você acha que vai simplesmente assumir as rédeas? – *Se ele fizer isso estou perdida.*

Em resposta, Sebastian se ajoelhou entre as pernas dela e as arreganhou com o auxílio dos próprios joelhos.



Kaderin era tão bonita, os seios exuberantes sob seu comando, seus mamilos duros sob as palmas de suas mãos. Sua vagina estava visivelmente molhada, esperando para ser preenchida, e o pênis dele latejava com força, à espera de ser enterrado em seu interior.

– Sebastian, não podemos simplesmente fazer isso! Não estou pronta... – Suas palavras lhe morreram na garganta quando ele deslizou o dedo para dentro dela.

– Você se sente pronta. – Ele empurrou lentamente um segundo dedo lá para dentro.

Quando os joelhos dela se afastaram de vez para os lados, em sinal de rendição, ele soube que estava prestes a tê-la, finalmente, e nada poderia impedi-lo. Não depois do que ela acabara de fazer com ele – e consigo mesma. Sua Noiva o desejava, tinha gemido contra seu membro enquanto o lambia

desesperadamente. Sua chupada o enlouquecera, mas a ideia de ela rezear pelo que ele podia enfiar dentro dela era demais para ele suportar.

Não queria machucá-la, e sabia muito bem que nunca tinha estado com o membro tão duro em toda a sua vida. Conseguiria se segurar por mais algum tempo, até se certificar de que o corpo dela estaria pronto para recebê-lo.

Os dedos saíram e entraram lentamente na vagina dela, enquanto ele brincava com seus mamilos, mas logo ela estava tão frenética quanto ele havia estado.

– Bastian – gritou ela. – Estou pronta!

Quando ela tentou puxá-lo para si, suas garras cortantes enterradas nos ombros dele, Sebastian agarrou-lhe os pulsos e os colocou acima da cabeça com uma das mãos.

Ela foi à loucura. Gritos pareceram explodir dos seus pulmões quando ela arqueou as costas bruscamente. Ele já sabia que possuí-la significaria um momento de fúria...

Com a outra mão, ele agarrou o próprio membro para guiá-lo. Quando a cabeça do pênis conheceu o calor dela, abrasador, Sebastian sufocou uma maldição de agonia e correu lentamente a cabeça, para cima e para baixo, sobre o sexo escorregadio dela.

– *Por favor...*

Ele enfiou apenas a cabeça e gemeu de angústia. O desejo de se apertar lentamente entre as pernas dela, forçando a passagem, e se lançar lá dentro com um movimento forte e brusco era esmagadora. Ele sufocou as palavras: – Você é tão apertadinha. – Tão apertada como ele suspeitava que seria uma virgem.

Kaderin estava ofegante, seus seios macios pressionados contra o peito dele enquanto ela revirava os quadris sobre a cabeça daquele pau duro, tentando fazer com que mais um pouco entrasse. Ele teve de liberar seus pulsos para poder agarrar os quadris dela com as mãos e prendê-la sobre o colchão, debaixo do peso dele.

Sebastian parecia desesperado pela liberação, mas queria antes a liberação *dela*. Ele a seguiria, mesmo que aquilo o matasse. Enquanto ele ia enfiando todo o seu comprimento dentro dela, centímetro a centímetro, cerrou os dentes com força. Quando flexionou os quadris de leve e rebolou, mergulhando mais fundo, ela gritou e ele congelou.

– Ó meu Deus, eu machuquei você.

Assim que ele disse isso, *percebeu* a verdadeira razão de ela ter gritado e jogado a cabeça para trás com o choque do prazer. Ela estava gozando – seu corpo se contraía em torno do membro dele, como sua mão quente apertando com força, o corpo dela exigindo tudo o que ele tinha para lhe dar.

O orgasmo dela continuou e continuou sem parar, sugando-o cada vez mais para dentro dela. *Ele nunca poderia ter imaginado...*

Depois disso, já não havia como negar mais nada dentro daquele túnel molhado e faminto. Incapaz de se conter, ele afundou ainda mais dentro dela, tanto quanto conseguiu chegar, esmagando-se contra ela, prestes a lançar jorros de esperma lá dentro, sem esperar mais.

*Ele nunca tinha imaginado...*

A cabeça dela se lançava com força para trás, batendo sobre o travesseiro, e seu corpo elegante rebolava debaixo do dele. Suas pernas se apertaram ao redor da cintura dele, aprisionando seu pênis profundamente enquanto ela corcoveava cada vez mais, tão indomável como ele sabia que ela poderia ser.

*A tensão... o calor apertado dela.*

Não havia como lutar mais. Imobilizando-a com força, ele se contraiu de forma violenta e descontrolada. Emitiu um grito brutal quando seu sêmen foi lançado com força. Ele gemia a cada novo esguicho, e outro, e mais outro, implacável, enquanto ela lhe proporcionava um momento de prazer forte e violento, muito mais do que alguma vez imaginara.

**K**aderin caminhou pela rua pouco depois do amanhecer, tendo acabado de deixar o lindo vampiro desmaiado – e também a caixa – para trás.

**Ponderara durante uma hora sobre a possibilidade de reivindicar ou não aqueles pontos da Corrida. No final, ela não conseguiu fazê-lo, apesar de ter chegado a erguer a caixa até pouco abaixo do coração. Supunha que aquela parte da sua anatomia tinha sido tão afetada quanto as outras, depois daquela noite.**

Embora ela precisasse chegar depressa ao aeroporto, para pegar o jato executivo e se preparar para a próxima atualização do pergaminho, continuava hesitando com ar distraído, revendo mentalmente as cenas da noite anterior.

Depois que ele finalmente chegara ao orgasmo libertador, continuara a empurrar o membro com suavidade, balançando-se sobre ela no escuro, roçando os lábios sobre o seu rosto. Ela sacou que ele queria novamente, mas estava muito pálido. Quando seu corpo começara a tremer de forma descontrolada, ela suspeitara que ele não estivesse bebendo sangue regularmente. Até que ele rolou de lado e a puxou contra o seu peito, colocando-a sobre a dobra do braço.

Agora que ela e Sebastian tinham feito amor de verdade, tudo parecia diferente para ela. Naquela manhã, ela enxergava as coisas e formas que não conseguia lembrar como eram. A primavera sempre tinha coberto Londres com milagrosas cores e aromas, mas ela não conseguia se recordar da última vez que reparara nisso.

Ela assistira ao crescimento de Londres desde o tempo em que aquela cidade não passava de um acampamento encharcado, até se tornar uma megalópole espetacular. Essa lembrança a fez parar. Ela era velha. E o que acontecera na noite anterior também tinha colocado em forte relevo o quanto estava insatisfeita com a vida como um todo. É claro que sentia falta das suas irmãs, mas tinha esperança de recuperá-las, mesmo que tivesse de morrer para isso.

Kaderin acreditava que o seu sacrifício poderia trazê-las de volta. Muitas das fábulas que eram contadas – noventa e nove por cento delas eram verdadeiras – falavam de algum guerreiro a quem fora oferecida uma oportunidade para compensar uma falta grave de julgamento, certo? A expiação tinha de ser o destino final de Kaderin. Se ela tivesse de morrer, isso não seria em vão, certo? Seu sacrifício poderia trazer suas irmãs de volta à vida e, em se tratando de destinos, ela se sentia honrada pelo dela.

Apesar disso, porém, queria viver para sempre? Sim, *queria!*

Antes de ontem à noite, ela nunca se dera realmente ao trabalho sequer de reear a própria morte. Agora, perguntava a si mesma se aquilo seria doloroso e se Sebastian estaria junto dela, no fim.

Tinha ligado para Nix em seu celular não rastreável, para ver se conseguia alguma atualização sobre a profecia que decretava o seu fim. Já tinha pensado no que dizer a Nix. Algo do tipo “Ei, Nixie! Ahn... Eu me lembrei que você me disse que eu... ahn... iria morrer e tudo o mais” – um risinho nervoso, talvez. – “Então... Por acaso você enxergou mais alguma coisa sobre um vampiro incrivelmente viril e sexy que viria ficar comigo para me dar apoio moral?” O problema é que já era tarde da noite em Nova

Orleans, e Nix provavelmente estaria fora, perambulando pelas ruas. Sem respostas, Kaderin só conseguia especular.

Havia maneiras específicas e únicas pelas quais uma Valquíria poderia morrer – decapitação, tristeza, imolação ou algum tipo de assassinato místico. Decapitação parecia a mais provável.

Uma morte violenta. Kaderin certamente já contemplara cenários mais alegres...

Enquanto cheirava as flores de cerejeira, pensou nos momentos e nos atos de violência que *ela mesma* perpetrara ao longo da sua vida milenar, culminando no massacre do campo minado, na noite anterior. Lembrou-se do anseio de Bowen por sua companheira perdida, depois de ter metade da sua cabeça estourada, ainda engatinhando com determinação para pegar a caixa. Pensou em Cindey, que murmurara alguma coisa sobre um bebê.

Os olhos de Kaderin se encheram de lágrimas, e ela esbarrou em alguém que passava pela rua. Quando olhou novamente, bem diante dela havia um açougue.

Mordeu o lábio inferior, recordando o rosto pálido de Sebastian. Será que ela ousaria levar sangue para ele? Olhou em volta com um pouco de culpa, como se outros pudessem ouvir seus pensamentos.

Aquele era um passo que nunca contemplara dar. Ela não apenas pretendia *poupar* um vampiro da morte, mas estava apenas *permitindo* que ele vivesse. Considerava a ideia de fazer com que um vampiro se sentisse mais confortável após o sexo cataclísmico que tinham acabado de compartilhar. Deu uma risada de espanto.

*Vejam só até que ponto caem os valorosos.*

Kaderin viu-se entrando na loja, arrastada pelo cheiro diferente de carne fresca. Fez o seu pedido e, sem que o atendente erguesse sequer uma sobrancelha – afinal, ali era Londres –, recebeu uma bandeja de plástico dentro de uma sacola de papel pardo. Pescou algumas libras esterlinas no bolso do casaco e saiu correndo da loja com a sua compra.

Ali estava ela, atrasada para chegar ao aeroporto, e tudo em que conseguia pensar era que o deixara com fome. Aquela sensação era tão... tão doméstica, mas também absolutamente emocionante para ela. Como tinha sido com ele no avião naquela manhã, enquanto estavam se vestindo.

*Pouco antes daquilo, ele me dissera que se casaria comigo.*

De volta à *townhouse*, reparou que passara a curtir a ideia de ver as coisas dele misturadas com as suas. Fora-se a irritação com o fato de que ele simplesmente se mudara para morar ali com ela. Agora, subitamente, ela queria que seus pertences ficassem *juntos*. Queria que as coisas deles dois se *misturassem*.

Guardou o sangue na geladeira e ficou imediatamente feliz de ter comprado aquilo no açougue. Apesar de Sebastian, aparentemente, ter-se mudado para lá, não tinha nada em estoque.

Em seguida, fez seu caminho de volta para o quarto e foi até a cama. Ela lhe afastou o cabelo da testa e puxou a colcha para cobri-lo. Ternura. *Eu gosto desse sentimento. Ele rapidamente está se tornando um dos meus favoritos.* Antes de sair do quarto, prendeu um cobertor sobre as cortinas, como garantia adicional contra o sol.

Esqueça o detalhe de ele ser um vampiro e reflita. Será que ela poderia, algum dia, levar uma vida com ele? Kaderin desconsiderava o vampirismo de Emma e a amava.

Mas não vinha ao caso se Kaderin conseguiria ou não aceitá-lo. Suas irmãs não seriam capazes de fazê-lo, mesmo que, de algum modo, ela tivesse conhecido Sebastian em outra realidade, o que ela sabia

que seria impossível, mesmo que sobrevivesse.

Se sobrevivesse, teria resgatado Dasha e Rika. E salvar as suas vidas alteraria o curso da história...

Kaderin pensara em escrever uma longa carta para si mesma, para poder lê-la depois que salvasse as irmãs. Mas já sabia como esses enigmas tipicamente funcionavam. Se ela escrevesse uma carta dizendo a si mesma que deveria ir até um castelo russo para se apaixonar por um vampiro de olhos tristes e dolorosamente lindo, seu eu do passado sequer reconheceria sua caligrafia alterada. Ela certamente acharia que aquilo não passava de algum truque dos vampiros, e iria até lá unicamente para matá-lo. Ou alguém em seu coven encontraria a carta e seguiria para lá com a mesma intenção.

No entanto, mesmo sabendo o quanto era inatingível um futuro com ele, ela lhe deixou um bilhete curto antes de tornar a sair.

E mentalmente registrou um recado para si mesma: Sua idiota, tola, burra. Chamava Myst pelo apelido: *Mysty, a Mulher Fácil dos Vampiros*; mas se comportara da mesma forma.



Kaderin não estava na cama com Sebastian quando ele acordou naquela tarde.

Ele se sentou, desejando encontrá-la, mas imediatamente caiu para trás com os braços e pernas abertos na cama, amortecidos com a fadiga.

Olhando para o teto, tentou avaliar o que havia acontecido.

Ele tinha falado em estoniano e *ela respondera na mesma língua*. Praguejou de raiva. As coisas que ele havia dito... Gemeu, jogando um dos braços sobre o rosto.

Mas ele estava completamente fora de si. Que homem não estaria, enquanto experimentava um ato como aquele pela primeira vez e com tamanha intensidade? Ainda mais sabendo que ela estava gostando.

E depois... *deixar-se mergulhar por inteiro dentro dela*.

Fora a experiência mais incrível de toda a sua vida.

Ele deixou correr os dedos pelo cabelo enquanto a realidade se impunha. Com Kaderin, talvez ele nunca experimentasse emoção alguma como aquela, de novo. Porque queria criar um vínculo de lealdade entre eles; mas ela já tinha ido embora sem lhe dizer uma única palavra. Aquilo tinha sido apenas um ato físico para Kaderin, como a liberação rápida pela qual ela ansiara tanto na caverna, embora ele quisesse continuar a tocá-la durante horas. Seu coração afundou ao perceber que nada tinha mudado entre eles, exatamente como ela já lhe alertara que iria acontecer, antes de ele possuí-la. E, da última vez em que os dois tinham conversado sobre o futuro, ele jurara que não faria parte do dela...

Olhou para cima e reparou no bilhete deixado sobre a mesinha de cabeceira. Agarrou-o como um homem que está se afogando e encontra uma tábua de salvação.

*Deixei sangue na geladeira. Estarei debaixo do sol hoje, então me ligue quando você acordar – também deixei registrado o meu número no seu celular.*

*Beijos. Kaderin.*

Sua mandíbula se afrouxou. Embora a mensagem fosse curta, ele se viu lendo-a e relendo-a repetidas vezes. Aquilo era como um bilhete simples que uma esposa deixaria para o marido, e por isso ele não

poderia se deixar envolver nem empolgar. Eles não tinham combinado coisa alguma na noite anterior e ainda existiam os mesmos rancores entre eles.

*Será que ela está brincando comigo? Isso é algum tipo de zoação cruel? Eu tenho um celular?*

Com a mente confusa, ele caminhou devagar, ainda nu, até a cozinha; abriu a geladeira e cheirou com força lá dentro, enquanto segurava a porta aberta. Viu a única coisa que havia ali dentro: um saco de papel pardo.

Ela lhe trouxera sangue. Por que faria isso? Será que aquilo estava envenenado? Pegou o saco e o jogou em cima da bancada, mas, quando se virou, viu a caixa conquistada no campo minado. Kaderin deixara o prêmio para trás.

Ele fechou a porta da geladeira e bateu com a cabeça contra ela repetidas vezes.



## **Bacia do Rio Congo, República Democrática do Congo Dia 25**

**Prêmio: Um jaguar de jade entalhado em um pentáculo, ferramenta ritual para demonolatria, valendo treze pontos** Quando Sebastian se teletransportou até onde ela estava, viu-se numa mata úmida, em meio a forte mormaço, e percebeu qual prêmio Kaderin havia escolhido dessa vez.

Kaderin se embrenhara através da floresta equatorial desde a parte baixa do rio até as terras altas do maciço do Parque Nacional do Virunga. Perto dali, uma cachoeira se lançava de muito alto com força, e, ao lado dela, havia uma sepultura antiga. O prêmio estava enterrado naquela terra escura e rica.

Embora a copa das árvores fosse densa, ele ainda se sentia queimando e evitava os raios de luz, que pareciam uma chuva de lanças. Mas nada disso importava, tinha de fazer o possível para ajudá-la... uma vez que ela desistira da caixa.

Sebastian levava o prêmio no bolso do paletó e passou o dedo sobre ele, desejando que o limite de tempo não tivesse expirado.

Estava satisfeito por ver que ela não queria aquele objeto entre eles? Sem dúvida. Agora, porém, tudo em que conseguia pensar era no incrível número de pontos que ela sacrificara, apesar de almejar tanto aquela vitória, que seria capaz de matar por isso.

*Onde, diabos, Kaderin estava?* Ele não conseguia enxergá-la em meio à mata densa e à névoa pesada da cachoeira, mas ela não poderia estar muito longe dali.

Um galho seco estalou atrás dele. Ele se virou depressa, mas recebeu um violento golpe de pá no rosto.

O metal ressoou contra o seu crânio e reverberou, até que... tudo ficou escuro.

Quando acordou, estava sendo arrastado. *É o escocês? Seu rosto está destruído. Muito fraco para me teletransportar. Tentar novamente.* Mas a escuridão tornou a envolvê-lo.

– Para alguns de nós, sanguessuga, isso não é um jogo – disse MacRieve.

*O som de cachoeira aumentava. O vapor se intensificava. Não posso me teletransportar.*

– Isso não é mais só um jeito de impressionar uma bela Valquíria para que ela possa se dignar a trepar com você – avisou Bowen.

*Estou sendo arrastado até a borda.*

– Em pagamento pela sua façanha no campo minado, você vai nadar um pouco, e a sua pequenina Valquíria vai dar um belo mergulho.

*Qual era a altura da queda? Isso não importava. Mas o sol...*

– Eu não creio que você morrerá, não importa o quanto você possa desejar isso.

MacRieve chutou-o com força nas costelas, fazendo-o voar sobre a borda.

**Praia de Tortuguero, Costa Rica**  
**Dia 27**

**Prêmio: Uma lágrima de Anfitrite,  
preservada num cordão, valendo onze pontos**

– **V**ocê está caminhando com as pernas meio tortas, sereia? – perguntou Kaderin com um tom leve, embora estivesse fervilhando de raiva diante do lembrete visível de que Cindey obviamente trepara com o muito bem-dotado Nereus, quando essa opção voltara aos pergaminhos. Ela e Cindey estavam agora quase empatadas. – **Nereus deve estar se misturando com a ralé.**

– Por falar em ralé, onde está o seu vampiro? – quis saber Cindey. – As ninfas ouviram dizer que ele abriu mão de você. Eu não creio que isso seja possível.

– Estou com cara de quem se importa? – Ela sempre adorara fazer essa pergunta, pois sabia que a resposta, invariavelmente, era “não”.

– Está, sim, Kaderin, está com cara de quem se importa. – Cindey parecia espantada com isso.

Kaderin silvou de um jeito casual para ela, tentando disfarçar seu desânimo, porque a verdade é que não tinha notícias do vampiro havia mais de quarenta e oito horas. Sebastian não ligara, também não se teletransportara até ela, e Kaderin se sentia como uma idiota qualquer que tinha sido comida por um homem e descartada em seguida.

Sua intuição lhe dizia que ela... *pegara pesado demais?*

Sim, ele tinha dito coisas, expressara sentimentos e promessas quando ela o estava chupando. Mas quanto peso ela poderia colocar naquelas palavras? Ele estava completamente inebriado de tanto prazer.

Como ela poderia *não ser* sua garota favorita naquele momento?

E, afinal de contas, o que tinha ficado estabelecido entre eles? Além do fato de aquele interlúdio ter sido, de forma definitiva e inequívoca, apenas um momento de sexo casual? E exatamente por que ela fora tão inflexível a esse respeito?

Kaderin se recusara, terminantemente, a chamar Myst para perguntar sobre Sebastian. Essa postura tinha durado cerca de seis horas, mas ela acabara cedendo. Só que Myst e Nikolai não o tinham visto, e não ouviam falar dele já fazia dois dias.

Qual era o terceiro maior corta-tesão? O cara não ligar de volta. Especialmente depois de uma rodada de sexo imortal com movimentos de ginástica olímpica.

Ceder às suas inseguranças diante daquela nova situação era melhor do que a alternativa: reconhecer que ele deveria estar ali – a menos que estivesse ferido. Ou coisa pior.

Ela descobriu que, uma vez que suas emoções ainda estavam tão inconstantes, ela poderia muito bem experimentar todas elas como se fossem casacos. Mas gostava muito mais de parecer e se sentir com

raiva e indignada do que preocupada e com medo.

Mas isso não importava. Uma vez que ela voltasse para salvar suas irmãs, nada daquilo teria acontecido. Ela precisava se lembrar disso.

Desde a manhã em que lhe deixara o bilhete e o prêmio para trás, Kaderin competira em três tarefas. Em cada uma delas, tivera a infelicidade de se encontrar com Lucindeya e com Bowen.

Bowen continuava terrivelmente ferido por causa do campo minado, e não exibia o mínimo sinal de regeneração. Ainda lhe faltava um olho e metade da pele da testa. O sangue infiltrara a partir do ferimento lateral, empapando a camisa de cambraia. A maldição da jovem bruxa permanecia firme e forte.

Kaderin quase sentiu pena dele, do jeito que sentiria pena de um lobo idiota aprisionado entre os ferros de uma armadilha de mola. Ela já libertara alguns nessa situação, e eles sempre lhe pareceram confusos, com olhos selvagens, não tendo nenhuma ideia do porquê terem sido escolhidos para sentir aquela dor, ou como acabar com ela.

Bowen a fez lembrar exatamente isso. Mas, no final, os lobos sempre rosnavam, quebravam o próprio osso e, embora estivesse amaldiçoado, Bowen ainda era uma força poderosa a ser reconhecida como concorrente.

Ela se arrastara através de uma selva cheia de areias movediças para tentar recuperar um pentáculo de jade. Achou que tinha sido muito esperta, rápida, e acreditara que tinha uma boa chance contra Bowen, porque ele ainda estava ferido. Mas ele aparecera sobre o terreno inóspito como se estivesse renovado. E a fizera comer poeira na busca por aquele prêmio, deixando-a ofegante e sem os preciosos pontos.

Ele a examinava agora, e deu até mesmo um passo ameaçador na sua direção. Então, como se tivesse tomado uma decisão importante, tornou a se afastar.

No Egito, Kaderin tinha resolvido um enigma de complexidade desconcertante, algo que deixara a Esfinge – e também o Lykae e a sereia – perguntando-se como ela conseguira aquilo. Secretamente, ela se perguntava a mesma coisa. Ganhara o único escaravelho de ouro, conquistara dez pontos, tinha diminuído a diferença para Bowen e assumira uma pequena liderança sobre Cindey.

Mas, na véspera à noite, na China, Bowen fora o primeiro a alcançar a única Urna dos Oito Imortais, e deixara Kaderin e Cindey completamente fora do páreo, apesar de todo o esforço delas para chegar até lá. Ele já alcançara os oitenta e sete pontos, e isso lhe garantiria uma vaga na final.

Kaderin estava com setenta e quatro pontos. Cindey tinha setenta e dois.

Não escapara à atenção de Kaderin aquela contagem: no fim, ficara a treze tímidos pontos das finais – *o valor exato do prêmio que abandonara com Sebastian.*

Naquele dia, as instruções eram para nadar vinte quilômetros até que um portal se abrisse num redemoinho e os levasse até o prêmio – uma lágrima de Anfitrite –, na verdade, uma conta num colar que, segundo diziam, tinha o poder de curar qualquer ferimento.

Enquanto o crepúsculo se aproximava, todos os concorrentes continuavam na areia da praia. Esses participantes eram novos – os veteranos teriam dado uma olhada na tarefa, que valia onze pontos, e certamente saberiam que alguma armadilha os aguardava. O primeiro indício para Kaderin sobre o que a armadilha poderia ser surgiu quando ela analisou as cabeças de gado que boiavam na água ao longo da costa.

E isso foi antes de ela ver a primeira barbatana.

Correndo rápido pela praia, encontrou um riacho que fluía continuamente para o oceano, carregando as cabeças. Além, rio acima, um matadouro industrial deveria estar jogando fora o refugo.

– Tubarões! – gritou Cindey, quando Kaderin voltou. – Tubarões sangrentos. – Ela enfrentou Kaderin.  
– Você vai entrar?

– Talvez. E você?

– Se você entrar, eu não terei muita escolha, não é? – disse Cindey, com impaciência.

Os seres do Lore e as criaturas de nível mais baixo tinham feito um esforço enorme para chegar até ali, atraídos pela ideia de um infalível agente de cura, e provavelmente se perguntavam por que os veteranos não estavam entrando na água. Em seguida, eles também avistaram as barbatanas. Nenhum deles pensara em entrar na água. Mas Kaderin se encontrava numa posição desesperadora.

Ela desistira daquela porcaria de caixa. Maldição! *Que Valquíria tola e burra!*

– Dane-se isso! – murmurou, desembainhando sua espada.

– *Kaderin vai entrar!* – sussurrou alguém. Outros apontaram.

Livrando-se da mochila e da jaqueta, ela pegou sua espada e jogou a alça dela sobre o ombro. Depois, recuou até a parte mais alta da praia para tomar distância e partiu numa corrida frenética, mergulhando no último momento possível e ganhando vários metros dentro do mar.

Com braçadas seguras e ritmadas, nadou livremente através dos tubarões. *Isso não é tão ruim.* Vinte quilômetros não eram nada. Se ela não estava sangrando nem se debatendo, ficaria bem...

Um choque forte quase lhe cortou a respiração. *Ignore. Continue a nadar.*

Foi atingida por outro golpe proposital.

Em segundos, o mar estava repleto de tubarões, o que tornava impossível nadar sem atingir um deles a cada braçada. Ela sabia que ninguém jamais vira ou documentara nada parecido com aquilo. O matadouro industrial acima do rio estava, basicamente, fornecendo comida para uma criação de tubarões no mar ali perto.

Sua espada seria inútil na água.

Um tubarão foi pior que os outros; era o maior deles todos e lhe aplicou um golpe ainda mais violento...

Os dentes dele se enterraram na sua coxa. Ela gritou de dor, empurrando os dedos para a carne em torno das fileiras de dentes, e abriu as mandíbulas do monstro.

Lutava por sua vida agora. Com os malditos tubarões.

Do nada, surgiu-lhe na mente o breve pensamento de que Sebastian se teletransportaria até ela mais uma vez e descobriria unicamente os seus restos – se ainda houvesse algum.

Kaderin sempre acreditara que sofreria uma morte violenta, mas se recusava a virar alimento para algum bicho. Mergulhou bem fundo, cortando muitos deles com suas garras, mordendo-os da mesma forma que eles procuravam mordê-la. A raiva aumentou, e uma mancha vermelha encobriu sua visão.

Ela afundou as garras na barbatana do maior deles, puxou-o para junto dela e o mordeu com toda a força que conseguiu. O sangue fez a água escurecer, bolhas vermelhas e manchas de sangue surgiram em toda parte. Por incrível que isso pudesse parecer, mais tubarões chegaram. Ela cuspiu a carne e tornou a morder.

*Pode ser que eu acabe perecendo aqui, afinal.* Um imortal poderia morrer de um ataque de tubarão, caso a sua cabeça fosse separada do corpo.

Outro golpe de suas garras conectou-a à lateral do peixe monstruoso, mas ela não poderia lutar contra todos eles.

Nadou mais para o fundo, determinada a se refugiar dentro de um recife. Conseguia prender a respiração por períodos de tempo consideravelmente longos.

E não poderia morrer afogada. *Bastava perguntar isso a Furie.*

Antes de Kaderin conseguir escapar, o animal maior agarrou a perna dela, puxando-a de volta até o centro da briga.

*Retalhadas frenéticas. Dor.* Quando ela nadou contra a corrente, a pele do tubarão desgastou seus dedos e arrancou suas garras. Seus corpos se retorceram, havia *poder* naquelas garras...

Ela subiu com rapidez até a superfície, respirou fundo e tornou a mergulhar...

Um deles agarrou a outra perna acima do joelho, forçando-a para baixo em puxões irregulares. A água engoliu seu grito.

**Sebastian acordou com um pulo e imediatamente foi derrubado, estremeando com a dor que trovejou através da sua cabeça.**

**Abriu os olhos para um céu noturno estrelado. Uma brisa quente tocava sua pele, enquanto ele jazia imóvel sobre um leito de rio pedregoso. Tentou relaxar mais uma vez, lutando para determinar onde estava e apertando os olhos, enquanto as lembranças da floresta o bombardeavam sem parar.**

Aquele lobo maldito jogara-o num rio caudaloso. Cada vez que era arrastado para o fundo, isso se tornava a salvação contra o sol, apesar de seus pulmões terem se enchido de água. Depois do que lhe pareceram dias, a água finalmente acalmara. Com a pele queimando na luz e o sangue de um ferimento na cabeça jorrando por cima do olho, ele teve certeza de que morreria.

Mas arrastou-se para a margem do rio, porque ansiava por um futuro onde estivesse Kaderin. Antes de desmaiar, conseguiu chegar até um lugar de mata densa e ficou somente com as pernas expostas à luz. Pelo resto do dia, ele queimou, fraco demais até mesmo para se mover e evitar a dor.

Por quanto tempo tinha ficado ali fora? O dia inteiro? Tinha sede e estava exausto...

*MacRieve ameaçara Kaderin.* Ele se levantou de um salto e se teletransportou até onde ela estava. Quando a tontura de ficar em pé o acometeu e ele quase se desequilibrou, já estava em uma praia tropical num lugar desconhecido, diante de um pôr do sol.

O que significava que agora ele estava do outro lado do mundo. De novo.

Dezenas de concorrentes do Lore olhavam sem fôlego para o mar. Sebastian seguiu o olhar deles e avistou a agitação que acontecia em um anel mais escuro de água. Barbatanas de tubarão cortavam a água e tornavam a desaparecer.

Alguém morria diante de todos e ninguém se preocupava em oferecer ajuda para...

Uma palma de mão surgiu na superfície.

Seu estômago se apertou. *Kaderin.*

Ele se teletransportou imediatamente. Agora estava sob a água turva, com ela. Impossível ver. Havia sangue – dela – e também fragmentos de carne, pele, grandes pedaços de tubarões despedaçados na água. Ele se lançou na luta, passando por vários deles até chegar aos ombros de Kaderin.

*Mas não conseguiu agarrá-la.* Um deles tinha mordido a perna dela e a torcia puxando-a para o fundo com força máxima, num frenesi.

Sebastian lutou com todas as forças. Socou para todos os lados, atingiu alguns alvos, arranhou as mãos em alguns dentes e, ignorando os próprios ferimentos, abriu um caminho para ela.

Sua mão se fechou com força sobre a parte superior de um dos braços dela...

*Eu a peguei, cacete!*

Teletransportou-se até a praia e tropeçou na areia, levando-a nas costas para não cair por cima dela e esmagá-la.

Kaderin não respirava. Ele a puxou e virou-a de lado. Ela tossiu e se engasgou com a água. Ele lhe esfregou as costas enquanto ela cuspiam na areia. Quando Kaderin recuperou o fôlego, ele a tomou nos braços, embalando-a lentamente.

*E se eu não tivesse acordado a tempo?*

*Ela estaria... morta.* Ele estremeceu. Eles não poderiam ser separados novamente.

Mesmo que ele tivesse que trancá-la bem longe.

Quando a segurou gentilmente pelos ombros para poder ver seus olhos, ela murmurou: – Você está mais pálido que um fantasma.

– E você estava a poucos instantes de ser comida viva! – gritou ele, seu medo angustiante por perdê-la transformando-se em fúria em menos de um segundo. – Ou de se afogar.

– Eu me afoguei. – Ela franziu a testa, atordoada. – Duas vezes, eu acho.

– *Isso me desagrada!* – rugiu ele. – E se eu não tivesse chegado a tempo? E se eu não estivesse por perto para salvar a sua vida?

– Você ainda não entendeu? – retrucou ela. – Por mais de um milênio, eu ganhei esta competição com folga. Então, você surgiu do nada e me forçou a alterar a minha estratégia. – Respirou fundo para continuar. – E a correr riscos que não teria corrido antes. Eu não teria sido lançada a esse ato de desespero se não tivesse desistido da caixa.

– Mas eu não queria que você desistisse dela!

Ela olhou para ele.

– Sim, Sebastian. Você queria.

– Não se fosse *essa* a alternativa. – Sua voz estava rouca. – Você sabe o que significou, para mim, ver você no meio daquilo? Ver você sendo puxada para o fundo antes de eu poder reagir? Eu estava assistindo à sua... morte. – Ele afastou alguns fios de cabelo molhado da bochecha dela. – O que fará você desistir dessa loucura?

– Nada – disse ela, sua expressão obstinada. – Nada neste mundo vai me impedir de lutar por esse prêmio.

– Talvez a sua morte impeça.

– Essa é uma possibilidade antiga.

Com voz irritada, ele avisou: – Noiva, você tem um pedaço de tubarão preso no queixo.

Ela limpou a sujeira com a parte de trás do braço e exibiu uma expressão de desafio.

– *Você os mordeu?* – perguntou ele.

– Eles me morderam primeiro! Eu não tinha muita escolha.

– Você viu que havia tubarões e não pensou em esperar por mim?

– Depois de você não ter me ligado nem uma vez durante dois dias? Quer saber qual é o terceiro maior corta-tesão? Os homens que não ligam depois de trepar.

*Trepar?*, pensou ele.

A ira dela foi claramente aumentando.

– Eu não ia esperar depois de você sumir e não dar as caras durante dois dias. A última vez que conversamos de verdade, eu me lembro muito bem que você me informou que desistiria de mim. Seria o primeiro vampiro a abrir mão de sua Noiva, blá-blá-blá.

– Você deveria saber que eu viria ajudá-la... Espere... Você disse *dois dias*?

– Até parece que eu me importo, Sebastian, se você perdeu a noção do tempo...

– Eu estava na floresta, queimando lentamente até a morte. Se não fosse por isso, teria vindo para cá.

– O qu-que você disse?

– Eu a segui até lá para ajudar você naquela manhã. Mas o escocês atingiu meu rosto com uma pá e me jogou no rio. – Ele estreitou os olhos. – Ele machucou você?

– Não. Mas agiu como se a minha derrota estivesse decidida.

– Pensei que eu só tinha ficado fora do ar por algum tempo. Você andava por aí há dois dias sem mim?

Ele apertou as mãos dela.

– Ai! – Ela reclamou da dor.

Ele olhou para baixo, horrorizado ao ver que havia machucado terrivelmente as mãos dela, mais ainda. Trocaram olhares antes de ambos analisarem as pernas dela. Suas calças, cortadas em tiras, e a pele, mordida e ensanguentada! Ela se encontrava mais ferida do que ele alguma vez já vira. A areia grudada no corpo dela estava escura. Só podia ser sangue... e era em tudo.

– Meu Deus, por que você não me disse que estava nesse estado? – gritou, furioso novamente.

– Oh, perdoe pelo meu sangramento, meu amo – murmurou ela, ao ver os olhos dele grudados nas suas pernas. – Eu não queria abrir seu apetite.

– Você, às vezes, consegue ser muito desagradável, sabia, Esposa?

– Não sou sua esposa coisa nenhuma!

– *Ainda não.* – Contra seus fracos protestos, ele a colou contra o peito e a puxou com firmeza para junto dele. Num tom mais suave, avisou: – Vou levá-la para casa e vamos enfaixar esses ferimentos.

Os outros seres do Lore pararam no meio do caminho para olhar a Valquíria sendo amparada por um vampiro. Cindey abriu a boca de espanto.

Kaderin não pareceu se importar. Olhou para ele e para trás, na direção do horizonte, mordendo os lábios com força e juntando as sobrancelhas.

– O prêmio...

Mesmo depois do que havia enfrentado, a mente de Kaderin continuava focada no prêmio. Ele curvou o dedo sob o queixo dela e virou seu rosto para ele. Os olhos dela eram luminosos em seu rosto travesso quando o encarou. Ele queria dar a ela tudo que ela desejasse.

E não podia.

– Katja, eu não posso recuperá-lo para você. Bem que gostaria. Mas não consigo ver onde ele está.

– Você descobriu como me encontrar.

– Se você puder me ajudar a encontrar o redemoinho que parece ter vida própria debaixo d'água e me ensinar a entrar nele, eu me arrisco a enfrentar os tubarões.

As pálpebras dela pareciam mais pesadas, e uma sensação de alarme pulsava dentro dele.

– Sinto muito, *kena*. Vou encontrar outro modo. – Ele a teletransportou de volta para a *townhouse* e a colocou na cama. De forma eficiente, despiu sua blusa, começou a limpá-la e a enfaixar suas mãos e braços. Mas ele suave de medo, receando feri-la ainda mais.

Quando arrancou os restos da calça dela, ambos ficaram em silêncio ao avaliar os danos.

– Você pode... Você não vai morrer por causa disso? – perguntou ele, com a voz rouca.

– Não, nem perto – garantiu ela, com um tom sonolento. – É por isso que eu preciso de você para me teletransportar até a praia novamente.

Suas palavras eram ridículas, diante dos ferimentos.

– O que leva você realmente a fazer isso? Por que nunca me contou?

Ela estudou seu rosto, olhando-o nos olhos, como se estivesse à procura de sua alma.

– Pode confiar em mim – afirmou ele.

Pareceu que ela *queria* confiar nele, mas não podia se permitir isso.

– Conheço você há menos de um mês, mas eu... aprendi lições duras ao longo dos últimos dois mil anos.

– Eu sei. Vi tudo nos meus sonhos. – Ele podia admitir para si mesmo que, no lugar dela, também teria dificuldades para confiar num vampiro. Mas ele sabia que a sua promessa era boa, só precisava convencê-la. – Juro que nunca serei como aqueles demônios de olhos vermelhos. Não há razão para você não me contar.

– Também não há razão para *contar* – respondeu ela.

– Eu poderia ajudá-la.

– Não vai fazer isso de qualquer modo? – replicou ela.

Ele fez uma careta.

– Claro. Mas deve haver alguma coisa que a faça confiar em mim.

– Sim... A minha convicção absoluta de que você nunca vai usar essa confiança contra mim.

– Você sabe que eu nunca faria mal a você!

– Eu não disse me machucar. Eu disse usá-la contra mim. – Suas pálpebras estavam ficando pesadas.

– Você adora guardar uma carta na manga, vampiro.



Quando ela estava segura com Sebastian, enfaixada e dormindo profundamente, ele foi tomar banho. Sentiu que a preocupação e a fúria finalmente começavam a ceder. Mas também se percebeu mais forte, com uma nova determinação. Ele sabia que ela não poderia morrer. Mas podia ser *absurdamente* ferida. E já estava farto de permitir que ela fosse estrangulada, esfaqueada e espancada a cada noite. Ele não aceitaria mais isso.

Depois de se vestir, Sebastian saiu sem ser percebido e voltou à praia, para ver se poderia fazer alguma coisa, ajudá-la a terminar aquela competição infernal. Depois de Kaderin competir dois dias sem Sebastian, ainda estava a treze pontos das finais.

O número exato de pontos que tinha sacrificado por ele.

Sebastian ainda não conseguia acreditar que ela resolvera desistir da caixa. Tinha verificado os bolsos em busca dela, mas viu que perdera o objeto. O que era compreensível, considerando-se a sua queda e, em seguida, a forma como fora arrastado pela margem do rio.

Na praia, viu uma oportunidade e resolveu agir. Se não podia retirar o prêmio da competição, ele poderia remover a competição do prêmio. Voltou para Kaderin depois de quinze minutos, sacudindo neve do cabelo.

Quando se juntou a Kaderin na cama, ela se aninhou no travesseiro e murmurou: – *Você tem um cheiro gostoso.*

Ele a puxou cuidadosamente mais para perto, lembrando que ela se encaixava nele de forma perfeita.

A respiração dela ficou leve e rápida, mas sempre era assim quando dormia. Kaderin se contorceu e deu um gemido suave. Ele acariciou-lhe o cabelo para acalmá-la.

Quando finalmente dormiu, Sebastian sonhou com as lembranças dela mais uma vez. Agora, isso já era esperado. No entanto, aquelas não eram lembranças muito antigas. Kaderin estava segurando o telefone com as duas mãos, os olhos marejados, enquanto uma de suas meias-irmãs lhe comunicava uma sentença de morte.

**K**aderin abriu os olhos, confusa por se ver ainda enroscada nos *próprios* lençóis, embebidos pelo cheiro *sexy dele*.

**Sebastian estava sentado na beira da cama com a cabeça entre as mãos, exatamente como fizera na primeira vez que ela o encontrara. Kaderin sabia que ele tinha ido da tristeza à euforia naquela manhã. Também sabia que, desde então, tinha sido desiludido por ela e também ferido.**

– Por quanto tempo eu estive apagada? – quis saber ela, com a voz pastosa.

– Dois dias.

– *O quê?* – gritou, colocando-se na posição vertical.

Ele pegou seu ombro quando ela balançou.

– Calma, *kena*. Você estava mais ferida do que nós dois imaginávamos. Perdeu muito sangue. Deixe-me examinar suas ataduras. – Ele desenrolou a gaze das pernas de Kaderin. – Meu Deus, você se cura muito depressa! – Os cortes agora pareciam antigas cicatrizes cor-de-rosa, um pouco elevadas ainda, mas desapareciam bem diante dos olhos dele.

– Está tudo perdido – lamentou ela, as palavras quase falhando. – Acabado. – Uma lágrima lhe escorreu pelo rosto, e ela a limpou, furiosa.

– *Katja*, não está nada acabado.

– Comigo fora do cenário, Cindey teve todo o tempo do mundo. Ela pode ter conseguido uma banana de dinamite para assustar os tubarões, ou usou equipamento de mergulho para...

Sebastian estendeu a mão para colocar um cacho do cabelo dela atrás da orelha.

– Eu não acredito que existam muitos equipamentos de mergulho na Sibéria.

– Sibéria?

– Eu não podia conseguir o prêmio para você. Mas podia deixar incapacitada sua única concorrente verdadeira. Eu teletransportei a sereia para uma mina de carvão abandonada no norte da Rússia.

Um raio de esperança circulou por dentro de Kaderin, quente e gostoso. Será que ele tinha conseguido manter a colocação dela na competição...?

– Ela... ela não cantou para você?

– Sim, chilreou e se esgoelou freneticamente. Mas eu permaneci imune. – Seus olhos pareciam intensos e hipnotizados, enquanto roçava as costas de seus dedos na bochecha dela. – Parece que eu já estou completamente cativado por outra mulher.

A emoção a fez ficar ofegante e trêmula. Antes que ela pudesse se conter, desabafou: – Eu nunca tive a intenção de dormir com o colombiano.

A dor brilhou em seus olhos antes de ele deixar cair a mão e se levantar.

– Não importa. Você não tem de me dizer isso agora.

– Ok.

Ele passou os dedos pelo cabelo.

– Droga, você deveria insistir e acabar explicando do mesmo jeito.

– Ah. Bem, a verdade é que eu nunca planejei dormir com homem algum naquela noite.

– E sua falta de calcinha? – quis saber ele, de cara feia.

– Aquilo foi apenas um instrumento. Eu descobri que um vislumbre fugaz oferecido no momento certo pode fazer com que os homens percam o bom senso. – E acrescentou: – Puxa, você realmente precisa assistir ao filme *Instinto Selvagem*.

– Mas então... Como conseguiu a pedra?

– Gamboa sempre teve desejo de estar com uma Valquíria. Então, eu lhe prometi um belo encontro com Regin, a Valquíria que tentou decapitar você na Antártida em troca do anel. E só para ficar registrado: eu escolhi essa tarefa por uma única razão, a mesma de Cindey, aliás... Nós duas sabíamos que Bowen não apareceria lá.

– Isso é... muito bom saber. – Dizer “bom” era pouco. O alívio que sentiu foi evidente em seu rosto.

– Agora que eu estou de volta ao páreo, preciso sair rapidamente – disse ela. – Cindey é inteligente.

– Kaderin queria garantir seu lugar nas finais. Bowen tinha conquistado seu lugar e ela já aceitara esse fato. Mas ele estava se enfraquecendo, e, com a sereia fora da competição, Kaderin ainda poderia ganhar.

– Lucindeya não vai a lugar algum – garantiu Sebastian. – Ela teria de escalar a partir do fundo de um poço congelado feito de rochas pontiagudas, com cento e cinquenta metros de profundidade, para depois caminhar por quatrocentos quilômetros através de neve com um metro de altura até a cidade mais próxima. Ela estava vestida para regiões quentes e parecia estar mancando, arrastando-se de forma estranha.

Kaderin tentou segurar uma risada, mas falhou. Isso espantou os dois.

– Essa é a primeira vez que eu ouvi você rir. – Ele sorriu. – O quê? O que você achou tão engraçado?

– Ela estava mancando mesmo, não é? Isso foi porque ela deve ter conquistado o prêmio de Nereus.

– Você quer dizer que ela...? – Quando Kaderin assentiu com a cabeça, ele deu uma risada e acariciou o braço dela para cima e para baixo com a mão. Ela notou que ele não conseguia parar de tocá-la. – Você quer que eu vá verificar se ela ainda está lá?

Kaderin mordeu o lábio e assentiu. Ele desapareceu e voltou segundos depois, sacudindo neve da cabeça, como um urso.

– E então?

Seu rosto era absolutamente inexpressivo quando anunciou: – Receio que Lucindeya e eu não somos mais “amigos para sempre”.

Ela riu de novo e ele sorriu, como se apreciasse aquela imagem.

– Quero encerrar isso – disse ela, por fim. – Quero ganhar o próximo prêmio. Onde está o pergaminho?

Ele o pegou no bolso do paletó.

– Mas, Kaderin, entenda que vamos fazer isso juntos. – Ela abriu os lábios para protestar, mas ele falou mais alto que ela, num tom grave. – Não vou permitir que você se machuque novamente.

Ela estudou seu rosto e, por fim, suspirou.

– Tudo bem. Vamos trabalhar juntos na próxima tarefa.

Com um aceno firme de cabeça, ele se juntou a ela na cama e ambos leram o roteiro.

– Não quero a primeira tarefa. – Quando ele olhou com ar de interrogação, ela explicou. – Ela é um súcubo. – Em seguida, Kaderin estalou a língua. – Nereus está aqui *de novo*? Em três tarefas seguidas? Conseguir ter filhos deve ser difícil para ele. Pobre sereia.

– Que tal essa? – Sebastian perguntou, apontando para uma das linhas.

– Só se você gostar de aranhas do tamanho de jamantas. Vamos ver as tarefas que valem mais? – Ela examinou a lista e franziu a testa. – A Caixa de Nagas, novamente? Por que aqui diz que ela está na margem de um rio na bacia do Congo?

– Porque é exatamente onde ela está. Eu estava com ela dentro do bolso do paletó, naquele dia.

Ela deixou cair o livro e pegou suas mãos.

– Sebastian, essa caixa vale *treze* pontos. Isso me fará chegar às finais! Nós podemos...

– Vou até lá rapidinho. – Ele desapareceu. Cinco minutos depois, estava de volta.

Com a caixa.

Os lábios de Kaderin se separaram.

– Você realmente estava lá na manhã seguinte.

Ele lançou a cabeça para trás, como se perguntasse como ela poderia duvidar dele.

– Nada mais poderia me manter longe de você.

Não só Sebastian tinha protegido o lugar dela na Corrida, como estava lhe entregando de bandeja um lugar nas finais, oferecendo-lhe de graça o prêmio.

Seus olhos se encontraram, e o tempo pareceu se estender. Aquele era um *momento decisivo*. Ele estava oferecendo a ela a chance de ganhar de volta suas irmãs. E, inadvertidamente, garantindo que ela nunca iria conhecê-lo, no futuro.

Ela estremeceu ao aceitar o presente, sem saber como se sentia por ter hesitado em pegá-lo. Quando segurou a caixa acima do coração e ela desapareceu, eles foram olhar o pergaminho. O roteiro foi desaparecendo, e em seu lugar, os finalistas foram anunciados.

Quando ela viu seu nome, seus olhos se encheram de lágrimas e ela murmurou: – *Ninguém jamais me deu algo tão valioso.*



Quando Kaderin começou a preparar um banho, Sebastian decidiu ligar para Nikolai, para lhe perguntar sobre o seu mais recente sonho. Pegou o celular e o analisou pensativamente, mas, quando estava prestes a digitar a primeira tecla, Kaderin pulou em cima dele.

– Não use esse! – Ela lhe entregou outro celular que parecia ter sido aberto e agora estava preso com fita isolante em vários lugares. – O meu clã descobrirá onde estou, e prefiro não vê-los hoje à noite. – Ela sorriu de leve, discou o número para ele e esperou completar a ligação. – Por favor, não diga a seu irmão onde estamos, porque provavelmente ele contará a Myst.

Sebastian ergueu as sobrancelhas, mas concordou com a cabeça. Quando ela saiu do quarto, Nikolai atendeu.

Sem preâmbulos, Sebastian pediu: – Preciso saber qualquer coisa que você possa me contar sobre uma Valquíria que é vidente. Acho que o nome dela é Nix.

– Eu a conheço. Ela é a mais velha das Valquírias e, definitivamente, uma adivinha, embora prefira ser chamada de “pessoa capaz de prever o futuro”. – Sebastian imaginou Nikolai balançando a cabeça para os lados. – Na verdade, fui vê-la algumas semanas atrás para perguntar sobre você e Conrad.

– Alguma coisa que ela “prevê” se torna realidade?

– Bem, podemos calcular isso com exatidão agora mesmo – disse Nikolai. – Algumas semanas atrás, você estava correndo de um castelo e saindo em plena luz do sol, gritando para que alguém voltasse para você? E depois sua pele pegou fogo?

– Meu Deus! – Sebastian mordeu o lábio com força. – Ela previu a morte de Kaderin!

– Como sabe disso? – interessou-se Nikolai. – Isso geralmente é impossível para alguém como ela. Essa é a única coisa que ela não pode ver, ou nunca verá.

– Sonhei com a lembrança da conversa dela com Kaderin. Ela ficou muito abalada, e você sabe que poucas coisas conseguem deixar aquela mulher abalada.

Nikolai acrescentou: – Isso pode não significar nada, mas Nix também construiu algumas figuras estranhas de papel enquanto eu perguntava sobre você. Um dragão, um lobo, um tubarão e uma que parece fogo.

Sebastian engoliu em seco.

– Temos enfrentado tudo isso. Cada um desses itens, com exceção do fogo.

– Isso explicaria o alvoroço em torno de Val Hall. Myst é sigilosa sobre os negócios do coven, mas eu descobri que todos por lá estão à procura de Kaderin.

– Não é de admirar que ela não queira que saibam onde ela está. – Sebastian correu uma das mãos sobre o rosto, um pouco trêmulo. – Nix predisse a morte de Kaderin antes da próxima lua cheia. Quando é a próxima lua cheia?

A voz de Nikolai era grave.

– Hoje à noite.



Depois que ela saiu do banho e vestiu um roupão, encontrou Sebastian sentado no sofá. Ele parecia imerso em pensamentos tão profundos que ela se sentiu estranhamente sem graça para interrompê-los. Mas logo deixou de lado a hesitação. O pergaminho seria atualizado a qualquer momento. Ela ansiava por curtir Sebastian mais uma vez, antes de se esquecer dele por completo...

Sussurrou para si mesma: – *Puxa, essa dor machuca muito.*

Em voz alta, chamou: – Bastian?

Embora ela só estivesse longe dali havia quinze minutos, ele a encarou como se visse um fantasma. Então, sem uma palavra, levantou-se e caminhou até onde ela estava. Colocou o dedo sobre o queixo dela e a puxou para um beijo que ao mesmo tempo foi terno e apaixonado, algo que a fez derreter.

Quando ele se afastou, ela ergueu a cabeça e encontrou os olhos dele cintilando sobre ela, procurando, ela sabia, por qualquer indício de como ele poderia lhe proporcionar mais prazer. Tudo que ele queria era a felicidade dela. E Kaderin entendia isso agora. Ele nunca se transformaria num monstro – nunca mudaria. Ela, no entanto, tinha mudado.

Estava apaixonada por um vampiro.

Enlaçando as mãos ao redor do pescoço dele, murmurou: – Quero que você faça amor comigo. – Isso o deixou claramente chocado. – Quero que exista *mais* entre nós.

– Como assim? Agora? – Ele teve de limpar a garganta para continuar. – O que faz você dizer isso hoje à noite? É gratidão por causa da caixa?

Ela observou os olhos dele.

– Não. É porque você não é o que eu temia que pudesse ser. E eu finalmente percebi que nunca será. Você é diferente.

Ele exalou um suspiro.

– O que eu sou, então?

*Hoje à noite, você foi um herói.*

– Você é um homem bom. Você é bom para mim. – Ela se inclinou para sussurrar em seu ouvido. – Bastian, eu quero ser boa para você também.

Ele estremeceu, puxando-a mais para perto, moldando o corpo dela contra o seu. O mero roçar dos seus lábios contra os dela representava um banquete fabuloso.

De repente, se viu perdida numa sensação diferente...

*Ele acabou de me teletransportar?*

Um metal frio lhe apertava o pulso. Seus olhos se arregalaram quando ela se viu na própria cama. Lutou com Sebastian, mas ele forçou o outro pulso até conseguir prendê-lo também na algema invencível.

– Que diabos você está fazendo? – gritou ela.

– Estou me certificando de que você não conseguirá sair.

– Sebastian, você está me deixando alarmada, e eu não entendo por quê. Eu ia fazer amor com você...

– Uma última vez antes de morrer? – Ele mordeu as palavras.

Ela desviou o olhar e exalou.

– Como é que você descobriu sobre a premonição?

– Sonhei com ela. Por que você não me contou que estava fadada a morrer nesta competição, antes da lua cheia? Hoje à noite?

– Droga, me solte! A previsão de Nix pode estar errada...

– Embora nunca esteja – retrucou ele.

– Ela nunca errou no passado – confirmou Kaderin. – De qualquer modo, se ela é ou não infalível, isso não vem ao caso. Se eu não ganhar o prêmio, estarei morta daqui a um mês, de qualquer forma.

– Como assim?

– Eu *tenho* de estar lá hoje à noite. – Seu braço acorrentado doía exatamente no lugar onde Furie o quebrara, muito tempo atrás. – É o meu destino, e irei ao encontro dele.

– É o seu destino morrer? Não vou permitir isso. Você vai ficar aqui, e vou vencer seu concorrente para você.

– Como, Sebastian? *Eu* sou a finalista! *Sou eu* que tenho de estar lá.

– Vou procurar Riora. Vou pedir que ela me deixe competir no seu lugar.

– Mesmo que você assuma o meu lugar, como vai conseguir chegar ao prêmio antes de Bowen? A menos que você descubra um jeito para que os vampiros consigam se teletransportar diretamente para coordenadas geográficas específicas, você só poderá se teletransportar para algum lugar onde eu esteja ou para lugares onde *você* já esteve. As probabilidades são de que você nunca tenha estado lá.

– Nikolai se ofereceu para garantir transporte, um avião...

– Escute, vamos chegar a um meio-termo – disse ela, falando depressa demais ao ver o quanto ele permanecia inflexível. – Você poderia me ajudar. Nós poderemos trabalhar juntos.

Ele pegou o pergaminho. Dava para ver que a mensagem estava atualizada, porque a expressão dele ficou ainda mais ameaçadora.

– Trabalhar juntos para chegar ao poço da Fyre Serpente hoje à noite? – Ele exibiu um sorriso amargo e mostrou o pergaminho para ela. – Você nunca irá para um lugar que agora é conhecido no Lore como “o local aonde os imortais vão para morrer”, muito menos na noite exata em que está fadada a morrer!

Ela decorou as coordenadas do lugar antes de ele enrolar novamente o pergaminho.

– Isso não cabe a você decidir!

Kaderin nunca duvidou que o seu sacrifício pudesse trazer suas irmãs de volta, e ele queria roubar isso dela. Se ela conseguisse salvá-las e acabar com aquela culpa...! Ela quase *desejava* morrer por isso.

– Sebastian, você está ignorando meus desejos e minhas crenças como se tudo fosse loucura. Isso é irritante para alguém como eu.

– Porque eles são loucura mesmo! Porra, me diga por que você quer tanto fazer isso!

– Tudo bem. Solte-me e eu conto. Você me perguntou o que poderia fazer para que eu confiasse em você, e esta é sua chance. Este é o seu teste. Liberte-me, e prometo contar tudo. Sem segredos entre nós. Vamos trabalhar em equipe.

Ele enfiou os dedos pelo cabelo grosso.

– Não. Eu não posso deixar você ir. Nix predisse que iremos enfrentar um grande fogo, e também previu que você morrerá. Já vimos onde é a tarefa. A cova de uma serpente de fogo! Você quer morrer? Se você for até lá hoje à noite será suicídio...

– Você vai falar comigo agora sobre suicídio? Ah, que maravilha!

– Eu não tinha nada pelo que viver. Mas agora *nós dois* temos! – Ele se ajoelhou na cama e apertou a nuca de Kaderin. – Não pretendo deixar você morrer!

– Maldito seja você! – gritou ela. – Às vezes, viver não é tudo!

Suas palavras fizeram com que os lábios dele se abrissem de leve.

– Não, não é. Eu costumava acreditar nisso. – Ele ficou de pé, um pouco cambaleante. – Agora sei que eu estava errado. – Antes que ele se teletransportasse para longe, ainda murmurou: – Quando você ama algo, quer protegê-lo de forma impiedosa. Não importa o que aconteça.

Depois que ele se foi, ela ficou deitada, analisando tudo que tinha acontecido. Ele a acorrentara ali com a intenção de impedi-la de enfrentar seu destino com coragem.

Kaderin falava sério quando prometera contar a ele. Se ele a tivesse libertado, ela teria lhe contado tudo. Teria se juntado a ele. Mas, agora, não confiaria mais no julgamento dele, já que ele se recusava a lhe pagar com o mesmo nível de confiança.

Era uma pena que qualquer avião que Sebastian fosse pegar nunca pudesse alcançar aquelas coordenadas mais depressa que o helicóptero Augusta 109 dela, que estava à sua disposição.

E era também uma pena que as correntes que a prendiam só estivessem protegidas contra a força de vampiros. Ela conseguiu abri-las com facilidade.

## Yélsérk, Hungria – O Poço da Fyre Serpente Dia 30

### Prêmio: A Espada Prometida de Honorius

**Valor: A Vitória na Corrida do Talismã** – **P**reciso da sua ajuda – Sebastian disse a Nikolai, depois de saber que aquela era a noite da lua cheia. Isso foi tudo que precisou ser dito para a organização de cada etapa da viagem.

– Posso ir com você – Nikolai propôs. – Myst está em Val Hall hoje. – Seu tom ficara baixo. – Elas não conseguiram encontrar Kaderin e resolveram promover... um encontro.

– Você precisa estar lá, caso Myst volte. Além disso, sou apenas eu contra o escocês, e ele está enfraquecido. Posso lidar com isso.

Logo após Sebastian prender Kaderin nas correntes, ele se teletransportou até o Templo de Riora, que se mostrou surpreendentemente indiferente sobre ele competir no lugar de Kaderin. Na verdade, ela só se mostrou um pouco incomodada por ele não ser mais o cavaleiro dela e *só dela*. Mas concordou.

Quando ele se teletransportou de volta a Londres, um carro já esperava por ele do lado de fora do prédio para levá-lo a um aeroporto particular. Em seguida, voou a jato para a Hungria. Ainda estava escuro quando aterrissou, apenas duas horas e meia depois...

O caminhão que o levaria ao poço do desafio tinha acabado de chegar, mais cedo do que o previsto, e Sebastian decidiu dispor de cinco minutos para averiguar como estava Kaderin. Ele a tranquilizaria, explicando que Riora concordara que ele competisse no lugar dela – e a convenceria de que conseguiria fazer tudo sozinho.

Teletransportou-se para Londres. Encontrou a cama vazia e as correntes quebradas. Kaderin tinha partido...

Quando ele se teletransportou diretamente para ela, viu-se na extremidade de uma câmara de fogo.

A caverna que abrigava essa câmara era tão grande quanto um auditório, e, no centro, havia um poço turbulento quase transbordando de lava. Muitas línguas de fogo eram lançadas no ar e logo se dissipavam em fumaça preta. Rochas desmoronavam dos lados e caíam dentro do poço de lava, borbulhando e se tornando menores, até desaparecer por completo, fundidas à massa em brasa.

*Onde, diabos, ela está?*

Esticado acima do poço, um cabo de metal tão fino quanto um filamento de lâmpada estava chumbado numa face de rocha viva. Ele não conseguia ver até onde o cabo levava...

Kaderin apareceu do outro lado da câmara, sem perder tempo, saltando até a borda do poço e testando o cabo com a garra de um dos dedos. Quando o viu se aproximando, seus olhos se estreitaram de fúria.

– Caia fora daqui, afaste-se de mim! Chega! Eu *preciso* disso, Bastian. Preciso ganhar.

Com as palmas erguidas, ele disse, falando devagar: – Deixe-me pegar o prêmio para você.

– Eu ganhei a Corrida do Talismã cinco vezes antes. Posso fazer isso! – Ela pulou para o alto do fio; o calor lhe queimou os sapatos.

– Droga, eu vou teletransportar você.

– Para onde? – perguntou ela sobre o ombro. – Essa rocha é maciça. Pode ser que você tenha que andar sobre o cabo para explorar outra entrada mais abaixo, ou procurar alguma coisa no teto da caverna.

– Ela fez uma pausa e arqueou uma sobrancelha. – Andar sobre isso não será problema.

Ele se teletransportou até onde ela estava, determinado a levá-la a partir daquele lugar, mas ela se desvencilhou dele no último segundo, mandando-o de volta para o mesmo ponto de mãos vazias.

– Porra, pare com isso! – gritou ela, seguindo mais além pelo cabo esticado. – Posso andar sobre isso até de olhos fechados! Ou segurando só com as mãos! – Em um instante, ele se teletransportou mais uma vez, mas novamente ela se abaixou, iludindo-o.

Uma língua de fogo subiu e estalou como um chicote logo atrás dela. Mesmo com a velocidade que alcançara, Kaderin quase não escapou da labareda e nem dele, que se teletransportou mais uma vez. Nenhuma chave era tão valiosa – nada valia a vida de um imortal.

Algo borbulhou na lava debaixo dela.

Um verdadeiro monstro, um ser de fogo na forma de uma cobra gigante. A Fyre Serpente. A parte principal de seu corpo jazia sob a superfície da lava, mas a cauda e a cabeça subiam acima das chamas. O chicote de fogo tinha sido, na verdade, parte da sua cauda comprida, e ela tornou a atacar no instante exato em que Sebastian se teletransportou mais uma vez.

Kaderin torceu o corpo e se lançou para frente. Intacta.

– *Fique parada, porra!* – gritou ele.

Mas o fogo queria o que lhe era devido.

Quando o monstro rugiu cuspidando bolas de fogo, a caverna inteira tremeu. Rochas imensas tombaram, despencando de todos os lugares. Lutando para alcançá-la, Sebastian se esquivou e se teletransportou, mas o teto desabou sobre eles. Uma rocha pesada caiu sobre seu braço direito, esmagando-o quase até o ombro; ele gritou de dor e fúria. Mal conseguia manter o equilíbrio na câmara que sacudia sem parar...

Outra rocha atingiu a parte central do cabo, e ele arrebentou com um som metálico ensurdecedor. Kaderin mergulhou para trás, girando o corpo no ar para tentar agarrar uma das pontas soltas. Sebastian não conseguiu ver direito, de onde estava... Não fazia ideia se ela conseguira se segurar.

Ele se teletransportou. Nada. Seu corpo ficou tenso com o esforço. Ele estava preso, mas se viu perto o suficiente para chegar à lateral do poço. Tentou se arrastar para a ponta com muita dificuldade, esticando os músculos e a pele. Deu mais uma arremetida frenética e conseguiu um bom e gratificante ponto de apoio.

Finalmente, alcançou a borda do poço e conseguiu ver a desolação abaixo. Kaderin tinha conseguido agarrar uma das pontas do cabo com as duas mãos e subia por ele com habilidade. Com um grunhido de alívio, ele enrolou o cabo caído em torno do pulso esquerdo, para obter melhor aderência.

– Agente firme, Katja! Eu peguei você...

A serpente deslizou sua cauda em torno da perna de Kaderin. Ela reprimiu um grito quando o fogo chiou em sua pele como carne na grelha, marcando-a. Aquela coisa começou a arrastá-la para baixo.

Aprisionado como estava, Sebastian não poderia usar as pernas como ponto de apoio para puxá-la. E também não foi possível colocar suas costas em ação para ajudar no esforço.

Kaderin transpirava muito e se contorcia de dor. Ela ainda se agarrava ao cabo fino, agora vermelho do sangue das palmas de suas mãos muito machucadas, que escorregavam para baixo.

Se ele conseguisse libertar o braço, poderia ter alguma chance...

Quando ele puxou o cabo mais para fora, longe da borda, viu que ela estudava a situação, lançando o olhar sobre o braço aprisionado dele para, logo em seguida, avaliar o cenário abaixo dela, o fogo intenso. Quando ela se virou para cima mais uma vez, seus olhos brilhavam. Ela engoliu em seco, olhando para ele.

A calma pareceu lavar seu espírito.

As entranhas dele se apertaram, de puro medo. Ela não poderia estar planejando... Ele rasgou cada músculo do seu corpo para arrancá-la das garras do fogo, gritando com o esforço.

– Bastian. – Ele a ouviu perfeitamente, sua voz mais alta que os lamentos da serpente, mais forte que o borbulhar e as explosões da lava, mais aguda que o seu próprio coração trovejante.

– *Não... não!* – gritou ele. – Nem mesmo pense nisso, maldição!...

– Eu vou largar o cabo – murmurou ela. Seus olhos estavam claros, lúcidos.

– Pelo menos, me dê algum tempo, porra! A profecia não tem de acontecer! – De algum modo, ele conseguiu puxá-la com um pouco mais de força, agarrando o cabo e erguendo-o um pouco mais com o braço esquerdo, para em seguida pegá-lo um pouco mais abaixo, mas a serpente assobiou e agarrou Kaderin mais alto, pela cintura. Ela rangeu os dentes de tanta dor.

*Não é possível vencer o monstro assim.* Num frenesi de desespero, ele pulou para o lado, lutando para separar o braço do próprio corpo.

– Eu sei onde a espada está, dá para vê-la daqui – disse Kaderin. – Foi escondida num ponto abaixo do parafuso que segura o cabo naquela rocha. Uns quatro metros para baixo, quarenta graus para a esquerda. – Lágrimas lhe escorriam pelos olhos. – Existe uma caverna bem ali, debaixo de um ressalto... Só dá para ver daqui de onde estou.

– Não faça isso! Ah, Deus, *por favor!*... *Não...*

– Volte por mim. *Para eu poder voltar para elas.*

Olhos fixos nos dele, ela soltou o cabo. A serpente arrebatou-a para baixo.

O fogo a consumiu.

**As luzes de Val Hall estavam vivamente acesas, mas de repente se apagaram por completo.**

**Relâmpagos cortaram todo o céu e trovões atingiram a mansão escurecida com tamanha intensidade que a velha casa gemeu violentamente. Myst caiu de joelhos no momento em que os olhos de Nix se arregalaram numa expressão de loucura e suas mãos voaram para o próprio cabelo, arrancando-os com violência. Emma chorou.**

Quando Regin gritou, todas as janelas se quebraram, espalhando muitos cacos de vidro, e até as aparições fugiram. Como se uma bomba tivesse explodido, todos os outros vidros se quebraram em sequência, num raio imenso em torno da mansão, e o deslocamento de ar se repetiu em sucessivas ondas ao longo de quilômetros.

As criaturas do Lore, na cidade e nos pântanos, tremeram de medo, pois sabiam que só uma coisa poderia provocar um ataque de ira das Valquírias com aquela dimensão.

Elas sofriam pela morte de uma das suas irmãs.



Morta. Sebastian sabia que ela estava morta, sentia isso no seu corpo.

Ele a amava. Não era compulsão. Era um amor tão forte que o deixava humilde.

Olhou para baixo, para o poço, durante muito tempo depois do desaparecimento de Kaderin. Por quanto tempo um ser imortal conseguiria viver numa chama como aquela? Quanta dor ela sofrera?

O que ela quisera dizer com “voltar para elas”?

Uma visão repentina tomou conta dele. Kaderin estava correndo por um monte abaixo, coberto de cadáveres. Ele ouviu as respirações irregulares e os gritos de advertência de outras Valquírias. E percebeu o pânico agitado que havia nelas.

Ela já lutara com vampiros de olhos vermelhos muito sujos que soltavam grunhidos grotescos, e estava desesperada para encontrar... suas irmãs.

Sebastian ainda estava preso pelo braço – que não tinha conseguido arrancar em tempo, mas caíra de joelhos, assim como Kaderin fizera naquele campo de batalha tantos anos no passado, quando testemunhara suas irmãs de sangue sendo massacradas. O choque fora como um golpe físico que a derrubara. Ela ouvira quando as cabeças de suas irmãs atingiram o chão pedregoso. Vira o vampiro que lhes aplicara os golpes – era o mesmo cuja vida ela acabara de *poupar*...

Quando ela gritou, o som foi tão alto que seus próprios ouvidos sangraram. O jovem vampiro que Sebastian vira Kaderin torturando num sonho era o mesmo que decapitara suas irmãs. Agora que ele sentia a raiva dela, sua sensação de perda e culpa, desejou que ela tivesse demonstrado menos misericórdia; desejou poder ter se juntado a ela em sua vingança.

“Para eu poder voltar para elas”, fora o que sua Noiva dissera. Elas. Trigêmeas. Suas irmãs de sangue. Ela perdera ambas num intervalo de minutos. Esse era o motivo de todo aquele suplício. Não se tratava de uma ação mercenária. Não era ego. Ela queria sua família de volta. *Meu Deus, ela confiou em mim para trazer todas as irmãs de volta à vida.* Acreditou que ele conseguiria ganhar o prêmio para ela.

E acreditou que a chave poderia funcionar.

Sebastian nunca ousara aceitar que alguém pudesse voltar no tempo. Agora, essa crença era a única coisa que lhe restava. Ele tinha de trazê-la de volta. Ele poderia ganhar aquela maldita competição e voltar para ela. Exatamente como ela planejava.

Mas ela acabara de morrer.

Tinha acabado de *morrer!*

Ele não conseguia enxergar a caverna sobre a qual ela falara, mas se teletransportaria às cegas, se preciso fosse.

*Mas, antes, preciso arrancar fora o meu braço.*

No momento exato em que decidiu usar os dentes para isso, ouviu passos.

MacRieve apareceu. Ele analisou a cena. Seu rosto destruído parecia cada vez mais escuro.

– O que aconteceu aqui?

Só nesse momento, Sebastian reparou na quantidade de sangue que perdera do braço. Suspeitou que a artéria braquial tivesse sido cortada. Uma vez que a pressão da pedra fosse removida, ele perderia ainda mais sangue de uma só vez. Pontos negros já lhe atrapalhavam a visão. Será que ele teria sangue suficiente para perder o braço por completo?

O Lykae poderia mover a pedra.

– Aconteceu um terremoto. Rochas caíram – disse Sebastian a Bowen, não ousando contar que Kaderin se fora, pois ainda não tinha decidido como aproveitar a presença do Lykae.

– Onde está a Valquíria? – perguntou Bowen. – Ela é que deveria estar aqui, não você.

– Eu estou aqui no lugar dela.

MacRieve começou a olhar mais para o fundo da câmara.

– Você não pode alcançar o prêmio – avisou Sebastian. – Está do outro lado da lava e o cabo arrebentou.

Como Sebastian esperava, ele examinou o buraco com atenção, e, em seguida, propôs: – Eu poderia libertá-lo para que você me teletransportasse até o outro lado do poço. A partir daí, teríamos uma competição para quem conseguisse pegar o prêmio.

*Não pareça muito ansioso por isso,* pensou Sebastian.

– Eu poderia trair você – avisou, olhando para Bowen.

MacRieve estreitou seu único olho.

– Não se eu estiver segurando com força o seu braço bom.

Sebastian fingiu que hesitava e depois concordou: – Tudo bem, faça isso.

O escocês passou para o outro lado da rocha e a empurrou com força, parecendo atônito ao ver que ela não se movera de imediato. Murmurou algo como “*Malditas bruxas!*”

Colocando as costas contra a pedra, perguntou: – Para onde, exatamente, você vai nos teletransportar?

Sebastian explicou: – Abaixo do parafuso que prende o cabo, existe um túnel escavado pela lava... Uma caverna.

– Não estou vendo nada – disse ele, rangendo os dentes.

– Está lá. Você quer o prêmio? Tudo que tem a fazer é confiar num vampiro...

A pedra tombou, e MacRieve agarrou o rival pelo braço esquerdo. Sebastian ficou boquiaberto ao ver o que restava do seu braço direito.

– Isso deve doer – zombou MacRieve.

– Você já se olhou no espelho ultimamente? – retrucou Sebastian.

– Já, sim. – Ele puxou Sebastian e o colocou de pé. – E pretendo matar você por isso, vampiro.

Depois da disputa. Agora não, porque não tenho o dia todo.

Sebastian mal se aguentava em pé. Sua visão estava turva. Fez um esforço para se concentrar no local que Kaderin descrevera.

*Mantenha a sanidade. Porra, será que ela disse quarenta graus para a minha esquerda?*

MacRieve o empurrou de leve.

– Será que você vai conseguir...

Sebastian teletransportou ambos.

O calor era sufocante, havia muito vapor e ainda mais fumaça. Mas também havia chão sólido sob seus pés. *Tinha conseguido.* As chamas, sem fonte aparente, lambiam o ar de forma irregular, mas Sebastian não conseguiu enxergar a espada.

De repente, o escocês largou Sebastian, correndo para o fundo da caverna, mas Sebastian se teletransportou às cegas para algum lugar à frente do rival. Lá, sobre uma coluna de rocha da altura da sua cintura, estava a espada de Honorius, brilhando à luz de mais incêndios e parecendo molhada por causa do vapor.

Sebastian chegou lá primeiro, arrebatou-a com a mão boa e tensionou o corpo para se teletransportar.

Com a velocidade de um tiro, MacRieve fez zunir no ar um chicote, enrolando a ponta da arma em torno do pulso de Sebastian. Ele puxou para baixo com força, impedindo-o de se teletransportar.

– Vou ficar com isso – anunciou.

O canalha tinha apenas um chicote. Sebastian simplesmente tentou transferir a espada para sua mão direita, a fim de erguê-la. Mas seu braço arruinado pendia totalmente sem vida.

– Você não conseguirá erguê-la até a altura do coração, certo?

Sebastian arreganhou as presas de forma selvagem e ameaçou: – Vou estripá-lo antes de você conseguir pegar esse prêmio.

– Ele significa a vida da minha companheira.

– Digo o mesmo – disse Sebastian, com fúria.

– A Valquíria morreu?!

Sebastian assentiu com a cabeça.

– Sim, mas não por muito tempo – avisou.

Bowen deve ter visto algo em sua expressão. Tinha alguma vantagem, mas mesmo assim ofereceu: – Nós poderíamos compartilhar o prêmio, vampiro. A chave funciona duas vezes.

Havia sangue por toda parte. Ele estava fraco. Kaderin tinha pedido algo dele. Finalmente, dera a ele uma chance de ajudá-la...

– Preciso dessas duas vezes para usar com ela – explicou Sebastian. *Não consigo erguer meu braço direito até o coração. E meu braço esquerdo está preso pelo chicote.* Mas a espada tinha poderes que MacRieve provavelmente desconhecia.

De acordo com Riora, a arma nunca falhara ao acertar o alvo.

A espada que ele empunhava estava longe da mão que segurava o chicote, mas Sebastian concentrou-se na intenção de decepar o pulso do oponente e fez um pequeno movimento na direção da ponta da espada; foi tudo que conseguiu, com o braço destruído.

De repente, o braço subiu. A espada se ergueu como se tivesse vontade própria e refletiu a luz do fogo em torno, quando atuou.

O sangue jorrou. A mão decepada do escocês caiu. Liberto do chicote, Sebastian se teletransportou até o outro lado do poço.

– Vou matar você por isso, vampiro – gritou o Lykae, com raiva. – E vou comer o seu maldito coração!

Sebastian se preparou para a agradável viagem até o Templo de Riora. Mas não podia partir. Ir embora dali tornaria real a morte de Kaderin. *Mantenha a sanidade. Esta chave tem de funcionar.*

A partir da caverna agora invisível, uma voz se ouviu: – *Marque minhas palavras, vampiro! Que Deus me ajude, mas eu vou caçá-lo e caçar também a Valquíria por toda a superfície da Terra...*

Sebastian desapareceu ao som de um rugido emitido pelo Lykae – não de dor, mas de perda.



Quando Sebastian voltou ao templo, Riora cumprimentou-o mais uma vez, trazendo Escriba a reboque dela.

– Você ganhou a Corrida do Talismã, Sebastian. Foi o primeiro vampiro a fazê-lo. Meus parabéns.

– Isto é para Kaderin. Sempre para ela. – Seu corpo não parava de tremer.

– Então, assine o livro dos vencedores e receba o seu prêmio.

Quando Escriba lhe entregou o livro, demonstrou um respeito profundo por Sebastian.

*Kaderin está morta. Assine o livro. Mantenha a sanidade.*

Ele reparou na orgulhosa assinatura da sua Noiva em cada linha acima da dele, até tantas linhas atrás que a caligrafia de Kaderin ainda era diferente. Com o tempo, a letra dela tinha se tornado mais dura, mais angulosa. *Mantenha a sanidade.* Ele assinou seu nome com a mão esquerda, em letras trêmulas, manchando a página de sangue.

Riora lhe entregou uma chave metálica. Ele a agarrou com tanta força que o contorno do objeto ficou marcado na palma da mão.

– Diga-me que isso funciona.

– Funciona, Sebastian. Embora você possa acabar por amaldiçoar a ação dela.

– Como pode dizer isso?

– Você sabe por que Kaderin queria essa chave? – perguntou Riora.

Ele confirmou com a cabeça, lentamente.

– Ela quer as irmãs de volta.

– Se você der a ela a segunda volta da chave, ela retornará para as irmãs e nunca assistirá às mortes delas. Será poupada de mil anos de culpa e da sensação de vazio; em vez disso, desfrutará de muito contentamento na companhia da família.

– Eu quero isso!

– No entanto, nesse caso, Kaderin nunca será convencida a partir na viagem que fez para matar você. Ela terá as irmãs de volta. – Os olhos de Riora pareciam tão entediados quanto naquela primeira noite. – ... Mas  *você não poderá tê-la*.

Ele tinha vivenciado as lembranças de Kaderin no momento da morte delas, a dor da coleta das irmãs no campo de batalha. O enterro de suas cabeças, de seus corpos, e depois relembrou a forma como ela enterrara as unhas no cabelo e na própria pele.

Se ele pudesse salvá-la daquilo... para poupá-la de um milênio de culpa...

Quando era mortal, Sebastian tinha sido um cavaleiro com ninguém a quem prometer sua espada. Ele declarara que Kaderin era dele, e isso significava proteger tudo que ela amava. Baixou a cabeça.

– *Ela terá suas irmãs de volta*. – As chamas do altar se elevaram com força, como se para pontuar suas palavras.

– Muito bem, então. A chave abrirá um portal durante, aproximadamente, dez minutos. Isso permitirá que você volte atrás no tempo até o momento exato que escolher no passado.

– Como a chave saberá onde abrir esse portal?

– No fim das contas, a chave é apenas um facilitador – explicou ela. – Você tem nas mãos uma ferramenta de poder indescritível, Sebastian. Segure-a com força na palma da mão; ela saberá o que você precisa e agirá de acordo com essa finalidade. Mas eu o aviso... se você ficar preso no passado quando o portal se fechar, essa versão de você desaparecerá e deixará de existir.

Ele viu Escriba em segundo plano, com o rosto pálido como cera, exibindo sua tristeza. Ofereceu a Sebastian um aceno de encorajamento.

Riora murmurou: – Traga-a de volta, vampiro.

Ele fez uma profunda reverência.

– Sim, Deusa.

**K**aderin procurou seu caminho através do túnel escuro.

**Ela sabia que estava perto da câmara da Fyre Serpente, podia ouvir os ecos do monstro bem à frente. Também sabia que Bowen ainda não havia chegado ali, pois de outra forma ele já estaria em seu encaixe.**

**Assim como Sebastian.**

Sua orelha se contraiu ao ouvir um som forte semelhante a alguém sugando o ar. Com força. Não era Bowen, certo? Ela se virou e seus olhos se estreitaram com fúria. *Sebastian.*

– Fique longe de mim! Chega! Eu *preciso* disso, Bastian. Preciso ganhar esse prêmio.

Ela parou para olhar para ele com mais atenção. Seu braço estava esmagado e o rosto tinha bolhas em um dos lados. Sua camisa, que era branca há pouco, agora estava rasgada e molhada, manchada de sangue. O queixo dela caiu de espanto. O que poderia ter acontecido com ele desde que a deixara presa nas correntes?

Lembrar isso reforçou sua determinação. Ela estava tão perto! Não tinha tempo de perguntar. Se ele tivesse conseguido fazer as coisas do seu jeito, ela ainda estaria acorrentada a uma cama.

Mas, pelos deuses, será que alguma vez ela já vira um ser com tamanha perturbação? Os olhos dele estavam totalmente pretos e pareciam brilhar com a umidade. Suas mãos tremiam. O sangue pingava sem parar, embora ele parecesse não ter consciência disso.

– *Pensei que você tivesse ido embora para sempre* – murmurou ele. – Kaderin, precisamos abandonar este lugar.

– Do que você está falando?

– Pegue a minha mão. – Ele estendeu a mão esquerda, com a palma para cima.

– Vá para o inferno – retrucou ela. – Para minha sorte, o prêmio está bem acima do túnel.

Ele balançou nos pés, e sua cabeça pendeu para frente. Estava lutando para permanecer consciente?

Como se temesse não ser capaz de se manter acordado, ele a agarrou pelo pulso e se teletransportou com ela, antes de ela ter tempo de resistir. Levou-a para longe do prêmio, ao Templo de Riora.

Kaderin gritou, enfurecida, o som ecoando por toda parte. A claraboia da cúpula começou a rachar, com um som grave e sinistro, como uma fratura lascando a superfície de um lago congelado.

Sebastian segurou seu rosto com uma das mãos.

– Não, Katja. Ah, Deus, deixe-me vê-la.

– Você enlouqueceu? – gritou ela, empurrando-o para longe. – Como pôde fazer isso? Eu tenho de voltar! Bowen estava bem atrás de mim...

– Preciso lhe contar uma coisa. – Ele balançou a cabeça, e seu rosto ficou muito pálido.

– Não há tempo!

– A chave já foi conquistada...

– Por Bowen? – Relâmpagos explodiram ao redor deles e lágrimas inundaram seus olhos. – Ele a conquistou? Não... *não!* – gritou ela, fazendo explodir a claraboia.

Com a mão boa, Sebastian puxou-a para perto dele, curvando-se sobre ela e cobrindo-a com seu corpo. Quando a chuva de vidro os atingiu, ele murmurou contra o cabelo dela: – *Nós ganhamos.*

Sua respiração era irregular.

– Eu-eu... não estou entendendo – disse ela, por fim, depois que os vidros acabaram de cair.

– Katja, você... morreu.

Ela se afastou. Lágrimas lhe escorriam pelo rosto.

– O que está dizendo...?

– Você morreu. Quinze minutos após o momento em que teletransportei você. – Diante da sua expressão estupefata, ele explicou tudo rapidamente: as dificuldades, o incrível poder do fogo. E explicou a escolha que ela fizera.

Kaderin ficou zozona, e ele a agarrou com a mão boa.

– Eu pedi para você voltar para mim? – quis saber ela. – Eu lhe contei sobre as minhas irmãs?

– Contou. Eu não fazia ideia de que era isso que você tanto buscava. Por que não me disse antes?

– Eu teria contado hoje à noite! Antes disso, eu simplesmente... não consegui. – Ela mordeu o lábio.

– Eu me deixei cair no poço?

Quando ele assentiu com a cabeça, ela continuou: – Devo ter reconhecido algo importante em você. Devo ter visto alguma coisa que me fez confiar em você de forma absoluta. – Suas sobrancelhas se juntaram. – Bastian, eu não apenas confiei a você a minha vida. – Ela fitou intensamente os olhos dele. – Confiei a você a vida das minhas irmãs também.

Ele disse calmamente: – Eu me senti humilde diante disso.

Riora surgiu de repente, empoleirada no topo de seu altar, ao lado de Escriba, visivelmente emocionado e pisando em pedaços de vidro quebrado.

– Tive uma conversa interessante com o meu campeão – começou Riora, falando devagar. – E ele provou que era possível outra impossibilidade. Alertei o vampiro para o fato de que uma vez que você colocasse suas mãozinhas quentes na chave, ele perderia você para sempre. A história teria de ser alterada. O futuro ficaria preso e se modificaria para se ajustar ao passado. Você nunca o teria conhecido, pois não teria sofrido a perda de suas irmãs. Mesmo assim, o vampiro escolheu abandonar para sempre a sua Noiva, para não vê-la sofrer todos aqueles horrores e culpas. Para poupar você da dor, ele escolheu lhe entregar a chave, mesmo acreditando que perderia você para sempre.

– Isso é verdade? – Kaderin perguntou a Sebastian, com a voz entrecortada. – V-você estaria disposto a isso?

Em resposta, ele murmurou: – *Quero que você seja feliz.*

As lágrimas dela jorraram livremente.

– Por que essas lágrimas, Katja? – perguntou Sebastian. – Você vai ter a sua família de volta, eu prometo. Não chore.

– O que você tem em mente, Valquíria? – quis saber Riora atrás deles. – Não me faça cavar fundo para descobrir.

O que eu tenho em mente? Boa pergunta. Havia muitos pensamentos para classificar e organizar. E também muitos sentimentos. Seu coração pareceu se rasgar em dois: a escolha entre sua família e o vampiro pelo qual vinha se apaixonando.

Será que ela o amava? Kaderin pensou que talvez amasse, mas como alguém poderia ter certeza? A maioria das pessoas não confiava em seus próprios sentimentos, muito menos se eles estivessem “enferrujados” por falta de uso durante tantos séculos.

Mas Kaderin sempre confiara em seu instinto.

Agora conseguia aceitar que o *instinto* a tivesse comandado de forma correta desde o primeiro dia, aconselhando-a a não feri-lo no início, naquela primeira madrugada no castelo.

– Eu não posso *não* conhecê-lo, Riora.

– O que está dizendo? – perguntou ele, parecendo não respirar.

– Eu não quero ter de escolher.

Ele a puxou contra o próprio peito com o braço bom, apoiando o queixo em sua cabeça novamente.

– De minha parte, se eu soubesse por um dia que eu te teria, tudo já teria valido a pena – garantiu Sebastian.

– Mas você não se lembraria de ter me conquistado – disse ela contra o peito dele.

– Espere. – Ele a afastou um pouco e lhe lançou um pequeno sorriso. – Katja, meu braço está quebrado.

– Eu sei! – Kaderin gritou, com a voz embargada. – Por que você parece tão empolgado por causa disso?

– Meu braço deveria ter sido curado – disse Sebastian. – Eu não fui golpeado por rocha alguma até o momento em que a serpente despertou. Foi quando você cruzou o cabo que o monstro acordou, e quando você não conseguiu atravessar o poço...

Kaderin sugou o ar e seus olhos se arregalaram.

– Muito bem, vampiro – elogiou Riora. – Kaderin lhe disse que a viagem no tempo funcionaria. E você disse a ela que não poderia ir ao passado para mudar o futuro. Vocês dois estavam certos.

– Mas eu não entendo como isso é possível – disse Kaderin. – Ele mudou o passado. O presente, portanto, deveria ser diferente. Você disse que ele teria de escolher...

– Ah, pois é, eu... preguei uma *mentirinha*. Queria testar se era possível para um vampiro renunciar à sua Noiva prometida. – Inclinou a cabeça na direção deles. – E obrigada a ambos pela cooperação. Agora, falando sério... *sinceramente*... você não pode ir para trás e, em seguida, mudar o futuro.

A expressão de Sebastian ficou sombria.

– Riora, é isso que estamos analisando nesse momento.

– Escriba! Pegue a fita! E a tesoura! – Num piscar de olhos, uma fita escarlate foi rolada para fora sobre o altar, sua cor em forte contraste com o tom do mármore. Escriba colocou a tesoura na palma da mão estendida de Riora. A deusa explicou: – Esta fita é o tempo, do passado ao presente.

Inclinou-se para a ponta da fita que representava o passado e cortou uma tira alguns centímetros acima.

– Eu voltei e extraí alguma coisa da passagem do tempo, mas o restante da fita permaneceu totalmente inalterado. Vampiro, você estava absolutamente correto... até determinado ponto. Vocês, sem dúvida, não podem voltar no tempo para mudar o futuro. É nesse lugar que se encontra a loucura. – Ela franziu a testa para Kaderin. – Sabe de uma coisa, Valquíria, você deveria dar mais crédito a esse rapaz. Ele é um estudioso, um intelectual.

Ela deu de ombros e continuou: – Mas a magia nos permite voltar e prender uma ou outra coisa, aqui e ali. Trata-se de um truque de magia mística.

– Então... eu não vou esquecê-lo? – Kaderin não conseguia parar de tremer.

– Não, nem por um segundo. Mas, quando você empregar a chave, não tente usar de esperteza com ela. O tempo é vivo e fluido, mas se recusa a permitir que o passado mude. A genialidade de Thrane foi que ele descobriu que portais para o passado poderiam ser abertos, mas o tempo correria para fechá-los imediatamente, a fim de evitar a instabilidade e o caos. Então ele criou uma chave que abriria milhões de portais ao mesmo tempo. É uma trabalhadeira monumental fechar todos eles. A esperança é que o seu portal seja o último a ser desligado, porque, se você ficar do lado errado, desaparecerá por completo.

Riora inclinou a cabeça para Kaderin, depois virou seu olhar agudo e desafiador para Sebastian.

– Observe o alívio de Kaderin, vampiro. Por alguma razão, sua atração sobre ela foi mais forte que a bênção concedida por uma deusa. – Esticou os dedos, examinando as unhas. – E uma deusa de poder não exatamente pequeno.

– Bênção? – perguntou Sebastian. – A bênção?

– Você? – sussurrou Kaderin. – Foi você?

– Fui eu, sim. – Riora a analisou. – Foi por isso que eu fiquei perplexa quando soube que a sua atração por um vampiro tinha conseguido neutralizar a bênção.

– Por quê? – exigiu saber Kaderin. – Por que você fez isso?

– Você culpava a si mesma pela morte das suas irmãs; mesmo assim, era forte demais para morrer. Só que a sua tristeza extrema era debilitante para os covens das Valquírias.

– Mas... por que você deixou tudo dormente em mim? Eu não sentia alegria, nem humor... nem amor.

Riora delicadamente tossiu, limpando a garganta.

– Isso foi um pouco involuntário. – Ela se virou para Sebastian. – Você, e somente você, conseguiu libertá-la e a fez voltar a ter sentimentos. Já era tempo de isso acontecer.

– Muita coisa se explica, então – disse Sebastian. Em seguida, balançou para frente e para trás, muito tonto.

– Temos que fazer com que você seja enfaixado. – Kaderin inclinou-se para ele e o ajudou a se manter de pé, alarmada pela forma como a palidez do rosto dele tinha aumentado. Quanto sangue ele teria perdido?

– Kaderin, ele está sangrando por todo o meu templo – disse Riora. – E, a propósito, Valquíria, você me deve uma claraboia nova. – Riora virou-se de costas. – Escriba? Onde está você? Venha, Escriba! – Logo em seguida, ambos foram embora.

– Você conseguirá nos teletransportar? – perguntou Kaderin.

– Claro – grunhiu ele, mas a verdade era que mal se sentia capaz de levá-los de volta à *townhouse*.

*Vampiro teimoso. Ele está escondendo o quanto está fraco.*

No quarto, as pernas dele cederam. Quando ela o ajudou a deitar-se na cama, ele caiu para trás, mas agarrou o punho dela.

– Você não vai sem mim.

– Seu braço da espada está ferido. Você não será capaz de se defender em uma batalha.

– Você esperou mil anos, poderá esperar mais dois dias – disse Sebastian.

Ela balançou a cabeça.

– Vou levá-lo para uma guerra na qual  *você é o inimigo.*

– Estou disposto a correr esse risco, Katja. Não faça nada até eu me curar.

Ela hesitou, e então disse: – Eu não vou fazer nada até  *você estar curado.*

Ele fez que sim com a cabeça e, em seguida, desmaiou.

Kaderin tinha sido sincera com ele. Não havia a mínima possibilidade de ele poder acompanhá-la naquela missão. Um vampiro em um campo de batalha contra um exército de Valquírias? Isso não aconteceria. Suas próprias irmãs provavelmente tentariam matá-lo.

Mas ela também não iria deixá-lo quando ele precisava tanto dela. Nas duas últimas noites, com exceção do momento em que ele a acorrentara, Sebastian tinha sido um herói para Kaderin. Tinha vencido a competição por ela, tinha conseguido levá-la até as finais e, por fim, conquistara a chave. Sem mencionar que salvara a vida dela.

Depois, quando confrontado com a escolha da felicidade dela sobre a sua própria, Sebastian tinha escolhido a felicidade da sua prometida.

A cada momento, ele fizera com que ela se sentisse protegida e amada. E ela pagaria na mesma moeda.

O alívio que Kaderin sentiu ao descobrir que não se esqueceria dele era impressionante. O que aquilo queria dizer? O que significava esse sentimento? Ela estava tão encantada com o desfecho quanto com a chance de estar prestes a trazer suas irmãs de volta.

Antes de usar a chave, Kaderin entraria em contato com o seu coven e avisaria a todas que estava viva e muito bem, embora tivesse certeza de que elas já haviam pressentido o seu retorno. Resolveu que esperaria que Sebastian se curasse e lhe ofereceria tanto sangue quanto ele conseguisse beber.

Já tinha esperado mil anos. Dois ou três dias não teriam importância no grande esquema das coisas, não é?



Sebastian acordou sentindo-se *incrível.*

Uma Valquíria quente e adormecida estava encolhida sobre o seu peito, e ele a puxou para junto de si, ainda espantado por tudo que havia ocorrido. Algumas lembranças daquela neblina infernal, depois que ele a perdera, tentaram penetrar sua mente, mas ele as expulsou com determinação.

Porque tinha conseguido trazê-la de volta.

Tudo o que importava agora era que tinha Kaderin ao seu lado, e ela estava segura com ele.

Ele tinha conseguido trazê-la de volta.

Quando Sebastian viu que ela ainda não acordara, deslizou para fora da cama. Tomaria um banho e examinaria o braço. Ficou em pé à espera de que os pontos pretos em sua visão surgissem, mas não viu nenhum. Os ossos de seu braço e cotovelo já começavam a se refazer, e ele sentia que a pele e os músculos já tinham se reconstruído. Talvez ele nem precisasse da tipoia que Kaderin lhe trançara para apoiar o braço.

Quando voltou, de banho tomado e vestido, ela estava acordada.

– Estarei curado amanhã – avisou. – Poderemos ir buscá-las depois do pôr do sol.

– Sebastian, quando chegarmos perto o bastante das minhas irmãs, elas tentarão matar você. – Ela desviou o olhar. – Elas certamente não hesitariam, como eu fiz.

– Vou junto, isso não se discute. E se você não conseguir passar pelo portal de volta? Vou perdê-la definitivamente?

– Mesmo que esperássemos pela sua cura completa, você não conseguiria se defender sem arriscar algumas pessoas da minha espécie.

Ele lançou a cabeça para trás, espantado.

– Mas eu nunca iria machucá-las!

– Eu sei – disse Kaderin rapidamente –, mas elas querem você morto.

– Eu vou, Katja. Tem de ser assim.

Ela estudou seu rosto por um longo momento e então expirou forte, com um aceno sutil da cabeça. Em seguida, virou-se de volta para ele e puxou o cabelo para trás do ombro, desnudando seu belo pescoço.

– Você deve estar forte – ofereceu ela.

Ele engoliu em seco.

– Está me convidando para beber de você?

Ela disse por cima do ombro: – Você tem bebido de mim desde ontem.

*Puxa, e eu perdi esse momento?*

Ele se juntou a ela na cama, virando-a para encará-lo.

– Não é de admirar que eu esteja me sentindo tão bem.

Ela olhou para cima por trás de um cacho louro e disse com voz gutural: – *Até que ponto* você está se sentindo bem?

Ele se acalmou.

– Estou espantosamente bem – garantiu. Mesmo com o corpo tão abatido, o seu pênis cresceu, de antecipação. – Tremendamente!

– Teremos de ser criativos – avisou ela, com os olhos já cintilando em prata. – Para não machucar seu braço. – Sua ideia de criatividade foi tirar a blusa com a qual ela dormira, para, em seguida, deitar-se aos pés da cama elevada, posicionando-se para ele com o cabelo brilhando espalhado para os lados e os mamilos já duros e empinados.

– Gosto de criatividade – murmurou ele, arrancando as próprias roupas. Suas mãos ansiavam por tocá-la em um milhão de maneiras e lugares diferentes. Ele queria beijá-la durante horas.

– Isso deve funcionar, você não acha? – perguntou ela. – Tem certeza de que você está pronto? – O olhar que ele deu a ela a fez dizer: – Ok, tudo bem, é só para confirmar!...

As palavras morreram em sua garganta quando ele se agachou e lhe abriu ainda mais as pernas. Ele amava beijá-la entre as coxas e queria todas as oportunidades de prová-la. Ela gritou forte com o primeiro toque de sua língua em sua carne molhada e gemeu quando ele, languidamente, começou a sugá-la.

– Bastian, por favor – ela finalmente choramingou. – Preciso sentir você dentro de mim.

Ele deu mais um beijo em sua coxa. Quando ergueu o corpo, os joelhos dela caíram para o lado, ainda mais separados, em flagrante convite para ele. Aquilo ainda era muito novo. Ter aquela beleza pedindo-lhe para estar dentro dela ainda era inacreditável.

Ele agarrou seu membro duro e se posicionou na entrada dela. Em seguida, estendeu os dois braços para cobrir os seios dela com as palmas das mãos abertas. Ela arqueou as costas, empurrando o tronco contra as mãos que a cobriam, até que ele lhe apertou os seios e gemeu com a sensação de sua carne macia.

À medida que a cabeça do pênis a pressionava cada vez mais fundo, preenchendo-a por completo, ela gemia a cada centímetro conquistado. Quando ela o aceitou tão longe quanto conseguiu, seus joelhos ficaram fracos, mas foi de prazer.

Com as pernas travadas em torno da cintura dele, ela ondulou os quadris, lentamente no início, mas logo se mostrou tão frenética que ele achou que conseguiria gozar só com a sensação da vagina dela se roçando e se apertando contra o seu membro.

– Mais, Bastian!

*Eu sempre vou lhe dar mais*, pensou ele, lembrando-se do que prometera naquele primeiro dia. *Até eu morrer*. Ele teria de se aguentar um pouco mais...

Inclinou-se e lambeu os mamilos duros dela, um e depois o outro, mas quando ela enfiou os dedos em seu cabelo e arqueou as costas, isso fez com que ele quisesse gozar mais depressa.

Então se ergueu um pouco, prestes a puxar o pênis para fora e possuí-la com a boca novamente. Mas ela agarrou dois dos dedos dele e suavemente sugou as pontas deles com a boca, molhando-os. Então, colocou-os contra o seu clitóris, mostrando-lhe exatamente o que desejava.

Tremendo, ele retesou todos os músculos do corpo para não ejacular naquele instante. Quando ele a acariciou lá e a beliscou de leve, ela foi à loucura, pulando e corcoveando na cama.

– Beba, Bastian – ofereceu ela, entre respirações ofegantes. – Eu preciso disso.

*Precisa que eu beba de você?* Ele nunca pensou que ouviria essas palavras, e suas presas doeram em resposta.

Ainda bombeando-se para dentro dela, sem parar, ele agarrou seus ombros magros e roçou os lábios em seu pescoço. Quando suas presas lhe perfuraram a pele e ele chupou, ela gritou e seus olhos reviraram nas órbitas. Sebastian rosnou contra aquela carne quando o corpo dela se retesou num orgasmo estremecido e longo.

Ele retirou as presas e jogou a cabeça para trás. O sangue dela circulava por dentro dele queimando tudo, pulsando, deixando-o louco de tesão. A vagina dela o apertava com mais força, exigindo mais, ainda faminta. Uma neblina pareceu lhe encobrir a visão. Ele sentiu como se algo dentro dele tivesse sido desencadeado e sabia que precisava tomá-la com mais força.

Quando ele puxou o membro para fora e a virou, ela engasgou de surpresa e estremeceu. Apertando-a contra ele com uma das mãos e colocando a outra sobre o seu sexo, ele a puxou com força para trás; em seguida, inclinou-a sobre a cama, os seios pressionados contra o colchão. Aprontando-a. Posicionando-a.

Ele apertou os quadris dela, prendendo-a no lugar para recebê-lo, e enfiou seu membro novamente lá dentro. Em seguida, puxou-o um pouco para fora, lentamente, mas retomou o ataque em golpes agonizantes, logo encontrando um ritmo constante que a fez gemer e pedir: – *Com mais força! Por favor!*

Quando ele ouviu os trovões explodindo lá fora, mergulhou por completo nela.

Sebastian aumentou o ritmo, tornando-o cada vez mais rápido, até ver que sua pelve batia com força nela, usando todo o corpo para tomá-la. Ele não podia acreditar que a inclinara sobre a cama daquele jeito. Não podia acreditar que, com ela, cada vez era mais cheia de prazer que a anterior.

A cabeceira da cama já batia contra a parede, mas ela ainda exigia mais.

Com um grito brutal, ele deu tudo a ela. Não se segurou nem por mais um segundo, comendo-a com toda a sua força, enquanto os gritos dela ficavam cada vez mais altos.

Quando ele recuou, conseguiu ver o rosto dela virado para o lado, os lábios entreabertos, os olhos prateados. Seus braços estavam esticados para fora, tensos na frente dela.

– *Bastian*. – Ela chorou baixinho, atordoada ao extremo. Suas reações e os relâmpagos lá fora eram a permissão dele.

– Eu vou ficar dentro de você a noite inteira. Vou beber de você a noite toda.

– Sim! – gritou. – Qualquer coisa, Bastian...

Qualquer coisa. Sem restrições. Liberdade absoluta. Ele se deixou entregar ao momento. Anos de dúvida se evaporaram. O passado ficou turvo em relação ao futuro que existiria com ela.

– Você precisa disso? – grunhiu ele.

– Preciso!

– Você precisa de mim?

– Ah, muito, muito! – Ela estendeu o braço para trás, oferecendo-lhe o pulso para ele beber mais, enquanto ele continuava a se bombear para dentro dela com muita força. Quando perfurou sua carne novamente com as presas, ela gozou na mesma hora, mais uma vez, com um grito longo e angustiado. Ele não conseguia mais resistir à pressão que aumentava dentro dele, então bebeu o líquido vermelho e também ofereceu algo em troca, sugando o sangue daquele corpo enquanto esvaziava seu esperma quente dentro dela.

Quando sentiu que não tinha mais nada para ejacular, ele se estendeu sobre ela, ainda empurrando o membro lá dentro, bem devagar.

Com a respiração irregular, murmurou em seu ouvido: – *Você é minha agora, Katja. E eu nunca mais vou deixá-la ir embora.*

**A primeira batalha do Lore que Sebastian vivenciaria era um confronto que, na verdade, ocorrera um milênio antes, no passado distante, e tinha sido um dos mais notoriamente brutais já vistos.**

**Naquela noite, ele e Kaderin recuperariam as irmãs dela, e esperavam descer no meio da guerra.**

**Eles montaram uma estratégia sobre onde e como usar a chave, decidindo tudo ainda em casa, especialmente porque sabiam que o clã de Kaderin tentaria matá-lo se eles fossem para Val Hall. No entanto, ela não estava muito interessada na ideia de ficar em Londres, para o caso de suas duas irmãs não enfrentarem muito bem a “viagem para o futuro”.**

Kaderin estava nervosa diante da perspectiva de reencontrá-las depois de tanto tempo, e se esforçou por uma hora para encontrar roupas que não parecessem muito modernas. Enquanto esperava, ele se sentou com as costas na cabeceira da cama, observando o vestido dela e pensando nos últimos dois dias, enquanto seu braço acabava de se curar.

– Vamos precisar de mais tempo – disse ela, após a primeira noite.

Ele sorriu.

– Confio na minha enfermeira.

Durante esse tempo, quando ele não estava dentro dela, tinham conversado a respeito de tudo. Ela lhe contara como suas irmãs eram, e ele revelara a ela tudo que havia acontecido com a sua família. Ele sentiu que poderia lhe dizer qualquer coisa, pois ela fora totalmente aberta com ele.

Sebastian estava aprendendo tudo sobre Kaderin – principalmente o quanto era satisfatório simplesmente morar em sua companhia. Ao seu bel-prazer, ele costumava beijar as orelhas dela só para fazê-las se contorcer. Podia estudar sua mão delicada pelo que pareciam horas, envolvendo-a por completo com a sua e passando a parte macia dos dedos sobre as palmas dela. Adorava vê-la dormir, isto é, nos momentos em que não estava exausto ao seu lado. Sua Noiva era tão insaciável quanto *ele*.

Kaderin tinha um assombroso abandono, era livre com o seu corpo e lhe dava tudo que ele queria, tudo sobre o qual algum dia fantasiara. Quando ele admitiu a pouca experiência, ela pareceu ainda mais determinada em lhe dar tudo que ele perdera.

No final, seu tempo juntos confirmou o que ele sabia desde o início: nunca mais queria se separar dela.

Curiosamente, o único obstáculo para a felicidade de Sebastian era saber com certeza que a chave realmente funcionava.

Claro que ele estava aliviado por saber que Kaderin teria suas irmãs de volta, mas não conseguia evitar pensar em como teria sido bom voltar para a sua própria família e vê-los mais uma vez. Talvez, se tivesse feito as coisas de forma diferente, Sebastian e Kaderin pudessem, ambos, ter tido essa oportunidade...

– Você está pronto? – perguntou ela, por fim, vestindo um jeans e um casaco mais longo, com a espada presa por cima do ombro.

Ele fez que sim com a cabeça e se levantou para recolher a própria espada. Quando ele cruzou o quarto até onde Kaderin estava, ela segurou a chave com as sobrancelhas erguidas.

– Você tem certeza de que quer ir? Será muito intenso.

Ele se empinou, jogando os ombros para trás.

– Eu estive em campos de batalha durante uma década, lembra? – Ele ajeitou a trança dela atrás da orelha.

Ela não pareceu convencida.

– Não se teletransporte na frente das minhas irmãs, por favor. E tente não abrir muito a boca. – Quando ele ergueu as sobrancelhas, ela explicou: – Suas presas. Não quero que elas vejam suas presas. Elas certamente vão tentar matá-lo.

– Você é bonita quando fica nervosa. – Ele lhe deu um breve e profundo beijo.

Com a voz sussurrada, ela disse: – Você está com a espada pronta?

Seus lábios se curvaram em um sorriso.

– Só quero que... que você não seja morto, Bastian. – Ela engoliu em seco. – Pode ser?

Ele tomou sua mão livre e apertou os lábios sobre a palma aberta.

– Vou procurar evitar isso.

Como tinha feito antes, ela ofereceu a chave, levantando-a bem alto. Um portal se abriu. Seus olhos se encontraram, e ambos, em seguida, atravessaram-no, de mãos dadas.

*E se viram no inferno.*

Estavam sob o que parecia uma cúpula imensa, que estremecia como se o troar de mil canhões sacudisse a terra. Ele já tinha visto tudo aquilo nos sonhos de Kaderin, mas nada poderia prepará-lo para a realidade. Relâmpagos cortavam o céu. Em torno deles, muitas Valquírias soltavam guinchos aterrorizantes e decepavam cabeças de vampiros. Os vampiros, por sua vez, arrancavam fora as gargantas de todas as inimigas que conseguiam sobrepujar.

Ele nunca vira um vampiro da Horda pessoalmente. Eles eram piores do que nos sonhos de Kaderin. Tinham olhos vermelhos, insanos.

– Já consegui vê-las! – gritou Kaderin, correndo na direção das irmãs no vale abaixo.

Mas ele estava louco de vontade de salvar uma Valquíria de um vampiro com o dobro do seu tamanho que a derrubara. Kaderin deve ter visto seu olhar.

– Eu sei, Bastian! Mas isso não vai mudar absolutamente nada, exceto que você poderá morrer. Ou pode ser que não consigamos voltar ao portal trazendo ambas.

Ele assentiu.

– Estou bem atrás de você. – Mesmo assim, ele se teletransportou e decapitou o vampiro por trás. Kaderin franziu a testa, mas ele sabia que ela não estava descontente. Em seguida, correram para a planície, onde suas duas irmãs estavam num confronto sangrento com os vampiros, lutando com espadas longas, sangue espirrando-lhes nas pernas.

Quando Kaderin parou, olhou para elas e engoliu em seco, Sebastian percebeu que elas eram versões similares de Kaderin, embora uma fosse um pouco mais alta e a outra mais baixa. E a coloração dos seus

cabelos, diferente. Uma tinha cabelo louro-avermelhado, enquanto a outra o tinha em tom castanho mais escuro.

Os olhos de Kaderin brilhavam, mas sua respiração era curta. Ele fechou os dedos sob o queixo dela, obrigando-a a olhar para ele.

– Vamos levá-las de volta.



Kaderin assentiu, acariciando a lateral das suas bochechas com os dedos. Então, virou-se para elas e as chamou na língua da sua mãe.

– Rika, Dasha, venham!

Ambas olharam para ela, e depois de volta para a luta.

– Nós não podemos sair agora!

– Venham *agora mesmo!*

Os olhos de Rika se arregalaram ao perceber o tom de comando, e os de Dasha se estreitaram, mas elas correram até onde estava a irmã. Kaderin teve de se lembrar que sempre fora doce e gentil com as duas...

Pouco antes de se encontrarem, um vampiro atacou Kaderin. Sebastian o interceptou, golpeando-o violentamente e abrindo caminho para elas.

Quando Kaderin se viu diante das irmãs, finalmente não conseguiu encontrar voz para se expressar. Com a mão trêmula, estendeu-a para envolver o queixo de Dasha e, em seguida, afastou o cabelo escuro e lustroso de Rika da frente dos seus olhos.

– E-eu... senti tanta saudade de vocês duas – conseguiu finalmente dizer, enquanto as lágrimas começaram a lhe escorrer pelo rosto.

– Senti saudade? – perguntou Dasha. – Quando foi que você começou a se vestir de forma tão diferente... e *estranha*? E quem é aquele homem ali atrás?

– Não temos tempo para isso, Dash. – Kaderin se forçou para ser direta. – Vocês duas vão morrer nesta batalha. Daqui a dez minutos, um vampiro arrancará suas cabeças. E a culpa será minha.

Dasha abriu a boca para interrompê-la, mas Kaderin ergueu a mão aberta para impedi-la.

– Precisamos fazer isso muito depressa. Eu vivo mil anos no futuro agora e vou levar vocês adiante no tempo esta noite; vou levá-las para a época em que estou vivendo. Sinto muito, mas vocês vão perder esses anos. Para sempre.

Sem piscar um olho, a sempre prática Dasha disse: – Para mim, parece que eles serão perdidos do mesmo jeito, já que estaremos mortas.

Rika colocou as mãos sobre os joelhos, curvando-se com força e tossindo sangue.

– Kaderie, eu não entendo. – Ela já tinha sido ferida de forma mais grave do que Kaderin imaginara. – Como isso é possível?

– Vocês sabem que coisas extraordinárias acontecem no Lore, nós já vimos maravilhas antes. Já vivenciamos coisas muito mais estranhas do que isso – explicou Kaderin. – Vocês só precisam confiar em mim agora, porque, se não passarmos por um determinado portal muito rapidamente, eu poderei deixar de existir.

– Mas... se abandonarmos a batalha agora, como conseguiremos encarar as pessoas novamente? – perguntou Dasha. – Seremos conhecidas como covardes. *Você mesma* poderia nos considerar covardes.

– Não – garantiu Kaderin. – Vocês serão lembradas como heroínas que morreram bravamente na batalha.

– Ninguém vai amaldiçoar nossos nomes? – perguntou Dasha.

– Nunca, eu juro.

Dasha voltou sua atenção para Sebastian.

– E quanto a esse homem?

– O nome dele é Sebastian. Eu... eu o amo.

As duas irmãs inclinaram a cabeça, observando-o enquanto ele lutava com bravura e os corpos dos inimigos se amontoavam à sua volta. Ele parecia absurdamente glorioso, poderoso, tudo o que qualquer uma delas sempre sonhara em ver num espécime masculino.

Mas elas não faziam ideia de que estavam cobiçando um vampiro.

Dasha assobiou, de forma elogiosa.

– Ali há muita coisa para amar, minha irmã.

Rika tossiu mais sangue.

– Ele é lindo, Kaderie. – Ela se inclinou sobre a espada, o último sinal de fraqueza, algo que uma guerreira jamais faria se pudesse impedir. – Então, leve-nos em frente. Será mais uma aventura.

Dasha não se convenceu por completo.

– Não existe paz no futuro, não é? Continuaremos lutando contra vampiros?

– Sim, ainda existem vampiros maus para eliminar.

– Vampiros *maus*? Até parece que existem bons. Você fala coisas estranhas.

Rika tropeçou.

– Estou tonta. Chame o seu namorado.

Kaderin deixou cair a espada de lado e a amparou, colocando-a no colo.

– Apenas um pouco mais, querida.



Quando tudo ao redor de Sebastian não passava de uma pilha de vampiros mortos, ele avistou a Kaderin do passado em plena luta.

E pareceu hipnotizado.

Ela usava um peitoral de ouro e segurava a espada e um chicote. Embora ferida, continuava a lutar ferozmente, gritando sua fúria e mil ordens acima dos trovões ensurdecedores.

Apontando com a espada, ela direcionava mulheres com arcos e suas flechas flamejantes, e orientava bruxas com suas magias, enquanto elas se arremessavam em pelotões luminosos contra o inimigo.

Tinha sangue escorrendo da testa e dos cantos dos lábios, e seu cabelo louro estava trançado para a batalha. Seus olhos eram de prata. Ela estava distraída, marcando os vampiros que matara.

Sebastian estava assombrado...

Um vampiro enorme com um machado de batalha se teletransportou para trás dela. Kaderin não o percebera em meio à luta tempestuosa. Sebastian ficou tenso e se preparou para se teletransportar...

– Bastian, não! – gritou a Kaderin que estava atrás dele, acima do clamor. Ele se virou e a viu colocando a irmã ferida nos braços da outra. Kaderin correu para ele.

– Ele vai matar você! – Depois de algum tempo, Sebastian finalmente se permitiu ser levado para longe, embora fosse contra tudo dentro dele *deixá-la* ali, para trás.

Quando encontraram as irmãs no portal, Kaderin disse: – Acredite ou não, Bastian, eu escapei daqui sem um arranhão. Ele acabou usando aquele machado como chapéu o resto da noite.

Sebastian puxou-a para si e beijou-a, cheio de orgulho.

– Você era magnífica.

– *Era?*

– É. Sempre será.

– Bastian, vamos voltar. – Ela exibiu um sorriso aguçado.

Eles tinham conseguido salvá-las. Ele as tinha todas e sentiu como se tivesse seis metros de altura.

No entanto, em seguida, ele a viu brandindo a espada a alguns metros de distância.

– Sua espada antiga! Eu posso recuperá-la...

– Deixe isso para lá, Bastian. Não tem mais importância! Nós precisamos ir!

Não, ela adorava aquela espada. Ele se teletransportou até ela, pegou-a e, em seguida, voltou para onde elas estavam.

A irmã ferida gritou ao ver aquilo, mesmo com a voz fraca: – Ele é um vampiro!

Uma lâmina foi enterrada entre as costelas de Sebastian.

– **Eu avisei que elas tentariam matar você – sussurrou Kaderin, com uma das sobrancelhas erguidas. Ela enrolava uma bandagem em torno do torso de Sebastian, agora que Rika tinha sido tratada.**

**Ele esfregou a mão sobre a parte de trás do próprio pescoço, enquanto Dasha abria buracos nele com os olhos.**

– Creio que Dasha desejava ter ela mesmo enfiado a espada em mim, em vez de Rika – murmurou ele.  
– E ainda gostaria de ter torcido a lâmina com força.

Kaderin sabia que precisava afastar Dasha de Sebastian, mas não queria deixar qualquer um deles fora de vista. Até mesmo enquanto o enfaixava, não conseguia deixar de olhar para as irmãs – Rika continuava deitada e muito pálida sobre o sofá, enquanto Dasha caminhava pelo aposento de um lado para outro, sem parar. Era como se elas pudessem tornar a desaparecer.

Sebastian acariciou seu ombro.

– Elas estão de volta para você – murmurou. – Não vão a lugar algum.

– Eu sei. É que tudo é muito estranho.

Rika e Dasha começaram a conversar em uma mistura de línguas antigas.

– O que elas estão dizendo? – quis saber Sebastian.

– Elas acham que você fez algum tipo de magia negra para me obrigar a desejá-lo. Têm certeza de que eu estou sob o seu domínio.

Quando Kaderin terminou de fazer o curativo, levantou-se e anunciou: – Vou colocar Rika na cama e conversar com elas no quarto dos fundos.

*E mais uma vez vou explicar que todas nós estaríamos mortas se não fosse por ele.*

Ela não deixou de reparar que os olhos de Sebastian escureceram. Ele sabia que talvez ela já estivesse se afastando.

Possivelmente, essa era a única coisa que ela *poderia* fazer, no momento.

Kaderin levantou Rika e fez sinal para Dasha segui-la. Dasha obedeceu – depois de lançar um olhar selvagem para Sebastian.

No quarto, Kaderin colocou Rika na cama, enquanto Dasha voltou a caminhar de um lado para outro.

– Você *já sabia* que ele era um vampiro, então?! E mesmo assim se apaixonou? Ele é lindo, com certeza – acrescentou Dasha, movendo-se de um estranho objeto eletrônico para outro, inclinando a cabeça ao levantar um relógio e, depois, um alto-falante estéreo. – Mas você corre o risco de ele se transformar a qualquer momento.

Kaderin se sentou na cama ao lado de Rika.

– O marido de Myst não se transformou. Isso só acontece quando um vampiro mata alguém no instante em que bebe. Então, se beber de um imortal, um ser que não pode morrer por causa de uma mordida, ele vai ficar imune à transformação.

Com uma expressão horrorizada, Dasha perguntou, com rispidez: – Você está insinuando que você e Myst ofereceram a si mesmas como alimento?

Kaderin mordeu o lábio.

– Quando você coloca desse jeito, a cena parece pior...

– De que outra forma eu poderia descrever isso?

Rika tossiu alto, um barulho forte e feio. Então, com a voz fraca, perguntou: – Ele realmente mora aqui com você?

Quando Kaderin assentiu, Dasha perguntou: – Você nos arrancou de uma guerra contra vampiros e agora espera que nós possamos morar sob o mesmo teto com um deles?

Kaderin expirou com força e nem se deu ao trabalho de explicar novamente a diferença entre Sebastian e outros vampiros. Como elas poderiam acreditar naquilo tão depressa quando a própria Kaderin tinha levado semanas para se convencer?

Dasha levantou um secador de cabelo e olhou com curiosidade para dentro do cano.

– Que diabo é isso?

– Esse aparelho seca o cabelo. – Kaderin estendeu a mão e ligou o interruptor. Dasha engasgou de espanto quando o apontou para si mesma, depois para Rika na cama, dando para Rika um olhar que só poderia ser descrito como um “*Putá merda!*”

Quando Kaderin arrancou o secador da mão dela e o desligou, Dasha foi direto para o armário, comentando sobre as muitas roupas e jogando itens sobre seu ombro em uma pilha, tudo para ser investigado posteriormente.

– O que aconteceu com o vampiro que nos matou? – perguntou, por sobre o ombro.

Em uma voz inexpressiva, Kaderin disse: – Eu o torturei até que ele implorou pela luz do sol; seis meses depois, atendi ao seu desejo.

Dasha parou e se virou para trás com as sobrancelhas unidas. Rika murmurou: – Você *fez* isso, Kaderie?

– Eu não aceitei com muita leveza perder vocês duas. – *E não pretendo considerar a volta de vocês como algo comum e natural.*



Sebastian sabia que aquilo aconteceria, é claro. Sabia que Kaderin pegaria suas irmãs e o abandonaria.

“Eu preciso de algum tempo com elas”, dissera Kaderin no dia seguinte, logo depois de eles terem trazido suas irmãs para o futuro. Sebastian já reudara algo assim, mas não se mostrou surpreso. “Eu as trouxe para este futuro e elas se sentem confusas com tudo que veem. Preciso me concentrar na adaptação delas duas. Eu me sinto responsável por elas, agora mais do que nunca.”

Ele ficou tentado a simplesmente dizer que não aceitaria isso, e quase conseguiu se convencer de que uma parte dela queria que ele reagisse exatamente assim. Mas Kaderin não desejava ser obrigada a escolher entre ele e sua família, e ele também não poderia colocá-la nessa posição. Além disso, Sebastian não achava, no fundo, que aquilo fosse unicamente uma desculpa – a verdade é que as irmãs de Kaderin realmente tinham necessidade de enorme ajuda.

E logo Sebastian, que julgava que estava *atrasado* em relação aos tempos modernos.

Naturalmente, aquele futuro as chocava a cada instante, e Sebastian já tinha reparado que o primeiro instinto delas em situações confusas era o de recorrer à violência. Kaderin estava certa em querer protegê-las, levando-as de volta para o seu coven na remota mansão das Valquírias.

Além disso, as duas odiavam estar perto dele. A simples visão de Sebastian se teletransportando deixara Dasha com muita raiva e fizera crescer em Rika um silêncio tumular – o que era quase pior. Elas viviam com uma desconfiança constante de Sebastian e nunca baixavam a guarda quando ele estava perto. Nem mesmo Rika, embora ela precisasse dormir muito para se curar.

Por tudo isso, Kaderin as levava de volta para o coven. Uma vez que ela também tinha ido, Sebastian não poderia fazer mais nada senão esperar. A cada dia ficava mais forte de corpo, mas se sentia mais fraco de espírito.

– Alguma vez ela pergunta por mim? – quis saber um dia, quando estive com Myst, depois que já se passara uma semana inteira.

– Ela está muito ocupada, Sebastian – foi o que Myst respondeu. – A língua falada pelas irmãs de Kaderin é o inglês “arcaico”, e elas continuam tentando matar qualquer coisa que lhes pareça pouco familiar. Kaderin voltará assim que elas estiverem acomodadas e adaptadas.

Kaderin, por sua vez, nunca perguntou sobre ele. Nem telefonou. Era como se estivesse se obrigando a esquecê-lo. Suas irmãs provavelmente viviam lembrando-a da luta contra os vampiros e convencendo-a de sua loucura em ficar com um inimigo.

– Compre uma propriedade perto do coven delas – aconselhou Nikolai a Sebastian. – Será um gesto muito positivo para ela e poderá ocupar sua mente.

– Eu tenho dinheiro suficiente para comprar uma propriedade? E para viver confortavelmente, se for cuidadoso?

– Você tinha ouro bizantino entre suas riquezas – respondeu Nikolai. – Um baú cheio, por sinal.

– O que isso significa?

– Isso significa que você é obscenamente rico. E Murdoch escolheu muito bem os investimentos ao longo do tempo. Ele tem um belo dom para isso.

Sebastian se virou para que Nikolai não pudesse vê-lo corar. Ambos os irmãos o haviam ajudado sem esperar nada em troca.

– Murdoch ainda mora no castelo dos Abstêmios? – Ele pretendia procurar o irmão para lhe agradecer pessoalmente.

Nikolai assentiu.

– Ainda ontem ele descobriu algumas pistas promissoras sobre Conrad e está impaciente para seguir todas elas, mas sempre volta ao castelo antes de cada amanhecer. Quando você tiver resolvido tudo com Kaderin, poderá levá-la até lá para conhecê-lo, se desejar.

Sebastian se percebeu ansioso não só para ver Murdoch novamente, mas também para se juntar ao grupo que procurava por Conrad. Perguntou a si mesmo se Kaderin se juntaria às buscas com ele.

Às vezes, Sebastian se teletransportava até onde Kaderin estava, na mansão Val Hall. Do lado de fora da casa, mantendo-se longe do alcance dos espectros, ele conseguia olhar através das janelas enquanto ela dançava com suas irmãs, lançando a cabeça para trás com muita alegria, ou jogava videogames com o rosto transformado numa máscara de concentração. Certa noite, ele viu as três irmãs sentadas no telhado,

relaxadas, ombro a ombro. Quando Kaderin apontou para uma estrela, a irmã menor deitou a cabeça no ombro de Kaderin.

As estrelas deviam estar parecendo diferentes, agora.

Como ele poderia competir com elas pelo amor de Kaderin?



As irmãs de Kaderin estavam aprendendo tudo sobre os novos tempos, tendo a terceira irmã como guia, mas Kaderin também estava reaprendendo a viver.

Ela descobriu que podia se acabar de chorar com filmes tristes produzidos para a televisão, e também que adorava trançar o cabelo de Nix, que tornara a crescer em poucas semanas. Aprendeu que as palhaçadas de Regin podiam fazê-la rir a ponto de seu estômago doer.

Regin adorava zoar o jeito arcaico de falar de Dasha e Rika, embora as duas estivessem aprendendo as estruturas e expressões modernas com uma velocidade espantosa.

– O jeito de falar delas parece aquele estilo “pub antigo”, e isso me assusta um bocado – dissera Regin. – Com todos aqueles “vós isso” e “vosso aquilo”, elas parecem atrizes de um festival de Shakespeare que insistem em não sair da personagem. – Ela puxou Kaderin de lado e contou, baixinho: – Juro que um dia desses elas usaram a palavra “supimpa”. Que diabo é isso? Não, fala sério!

Quando Kaderin perguntou a Regin se ela, especificamente, não se incomodava e achava ok o seu relacionamento com Sebastian, ela respondeu: – Se “achar ok”, para você, significa “suicídio”, então sim, com certeza. – Mas logo acrescentou, num murmúrio: – A sua sanguessuga nos deu duas novas Valquírias e trouxe você de volta do mundo dos mortos. Por causa do irmão dele, a nossa Emmaline está viva. Se existir algum “corta-ódio milenar”, eu poderia... fazer vista grossa para o seu vampiro. – E as coisas ficaram por isso mesmo.

O que impedia a felicidade total e completa de Kaderin era a ausência de Sebastian.

Ela sabia que ele estava observando a mansão naquele exato instante, olhando para ela. Ele a amava. Mas aquele era um momento difícil para suas irmãs, e a cada passo em falso delas, ou confusão na adaptação, a culpa de Kaderin retornava.

Ainda assim, Kaderin já pensava em escolher o momento certo para lhes revelar sua decisão. Até lá, todos precisavam ser compreensivos com as jovens, ainda mais depois de tudo pelo que tinham passado.

Dasha e Rika precisavam ser tratadas com luvas de pelica, até se integrarem por completo ao seu novo tempo.



– *Sua garota egoísta* – ralhou Myst um dia, empurrando Dasha contra a parede e segurando-a pelo pescoço. – Você não consegue compreender o que Kaderin passou durante tanto tempo? Ela merece essa felicidade. Você não tem ideia do quanto merece! E, mesmo assim, vocês continuam zombando da ideia de ela estar com um vampiro.

Rika chutou Myst atrás do joelho, fazendo-a tropeçar e soltar Dasha.

Esfregando o pescoço, Dasha disse: – É fácil para você aceitar Kaderin estar com um vampiro, já que você tem um como *seu homem*.

– Não importa se é fácil ou não – retrucou Myst. – Vocês simplesmente precisam aceitá-lo, por causa dela. Kaderin tem a felicidade ao seu alcance, ao lado de um guerreiro forte, honrado e que a adora; vocês estão atrapalhando o caminho dessa felicidade.

– Myst, acreditamos que ainda *podemos* vir a tolerar a decisão de Kaderin – afirmou Dasha. – Mas você esquece que estávamos num campo de batalha com Furie, menos de duas semanas atrás. A natureza dela não diminuiu de intensidade em nossas mentes, como aconteceu na mente de vocês. Quando Furie for encontrada, você acha possível que ela deixará um dos seus maridos vampiros viver?

Rika acrescentou:

– Será que Kaderin aceitaria fugir com esse homem? Tornar-se uma fugitiva? Nós nunca mais a veríamos.

Myst balançou a cabeça, embora tivesse os mesmos medos.

– Deixemos que Kaderin decida isso. Devemos deixar que ela e Sebastian decidam se querem assumir esse risco. – Ela olhou as duas irmãs. – Kaderin e Sebastian não podem viver um sem o outro. Marquem minhas palavras, eles estão apenas à espera do momento propício.

– **Se Kaderin não me mandou chamar – afirmou Sebastian, na entrada de Val Hall –, então eu não quero estar aqui. – Os relâmpagos espocavam constantemente. A fumaça e o nevoeiro inundavam os campos. A antiga mansão era imponente, sepulcral.**

– **Você não está curioso para saber o motivo de ter sido chamado até a mansão das Valquírias? – perguntou Nikolai. – Nem mesmo Myst faz ideia do que se trata.**

– Tudo que sei é que *ela* não mandou me chamar. – Sebastian fez uma careta para cima, vendo os espectros fantasmagóricos que guardavam a casa, e Nikolai bateu em suas costas, num gesto simpático e solidário.

– Eles não vão machucá-lo, a menos que você tente entrar sem pagamento ou autorização.

– Não estou preocupado com eles. – Diante do olhar interrogativo de Nikolai, Sebastian deu de ombros. – Não depois das coisas que vivenciei na Corrida do Talismã.

– Verdade, o roteiro de Nix feito em origami. Preciso perguntar a ela a respeito daquilo.

– Eu estava pensando que, se este aqui é o lugar que Kaderin chama de lar, ela não vai gostar da propriedade que acabei de comprar – disse Sebastian.

– Você deu carta branca a Myst para escolher a propriedade. Essa foi uma jogada ousada e imprudente, mas eu tenho a impressão de que vai te ajudar com a sua Noiva.

– Kaderin pediu um tempo. – Mesmo sentindo falta dela como sentia, Sebastian considerava razoável aquele pedido. Esperava passar a eternidade ao seu lado. Duas semanas não era nada diante disso. – Estou me intrometendo entre ela e suas irmãs.

Quando ele já estava prestes a se teletransportar, Nikolai o agarrou pelo braço.

– Quanto tempo você ainda vai esperar?

– Até que ela chame por mim.

– Não acho que vá ajudar sua causa você rejeitar um convite especial para conhecer o coven dela. Um convite desses é... ahn... muito raro. – Nikolai ergueu no ar uma mecha de cabelo ruivo que Myst lhe dera com antecedência. Um espectro desceu, recolheu a mecha, e o caminho se abriu.

Com alguma relutância, Sebastian seguiu Nikolai. No interior da mansão, ouviu a voz dela em uma sala próxima.

– Agora, esta lança é uma arma de poder apocalíptico – explicava. – Você deve usá-la sabiamente, Dash. Abusar dela trará a ruína para o nosso povo.

– Deixe-me ver isso – disse Dasha.

– Não! Aperte o botão vermelho à *direita* – explicou Kaderin. – A direita fica do *outro* lado, Dash!

Videogame. Sebastian sorriu, apesar de estar triste. Ele sentia muita saudade dela – seu peito parecia sitiado por uma dor constante, e agora entendia o motivo daquilo.

Quando ele e Nikolai pararam à porta, Nikolai deu-lhe um tapa encorajador nas costas; um tapa tão forte que teria derrubado homens menores. Em seguida, teletransportou-se dali.

Sebastian percebeu que os ombros de Kaderin ficaram rígidos.  
– Bastian? – murmurou ela. Um raio explodiu bem do lado de fora.



Kaderin ouvira sua voz e seus passos firmes.

*Ele veio me buscar.*

Sua mente pareceu ficar em branco. O anseio que sentira durante tanto tempo se transformou em empolgação, e depois em urgência.

Kaderin estava à espera do momento certo para contar às irmãs que pretendia passar o resto da sua vida ao lado dele. Esse momento chegara, afinal.

Se ela não o tocasse em poucos segundos, enlouqueceria.

Kaderin ficou de pé. Sabia que suas irmãs olhavam para ela com estranheza; sabia que seus sentimentos eram indisfarçáveis. Naquele momento, não se importou. Simplesmente virou-se e correu para ele. *Bastian estava ali!* Em pé na porta, muito alto e orgulhoso.

Quando ele a viu, seus lábios se entreabriram, e então, com ar distraído, ele colocou a mão espalmada no centro do peito.

Como ela não abrandara o passo, ele abriu os braços. Kaderin sabia o que isso significava, mas não hesitou em correr para eles, pulando para cima e agarrando-se nele com força. Ele teria cambaleado para trás, se não fosse tão forte.

A Valquíria que voara para o andar de baixo pelas escadas ao ouvir o raio forte que caíra a avistou. À volta delas, ouviram-se exclamações de espanto. Uma delas murmurou: – *Ela correu para os braços dele. Eu vi.*

– Bastian, senti muito a sua falta – sussurrou Kaderin.

– Por Deus, eu também senti a sua – murmurou ele, agarrando-a com mais força. Ela sentiu que ele retesara os músculos, e percebeu que Rika e Dasha tinham aparecido atrás dela. Ele a soltou com óbvia relutância, mas, uma vez que se viu novamente no chão, ela se virou, mantendo-se de costas para ele, à sua frente.

Justamente quando ela imaginou que haveria algum confronto, Rika disse: – Kaderie, temos uma coisa que queremos vos contar. – Ela estremeceu. – Isto é, queremos *lhe* contar.

– O que é? – perguntou Kaderin, puxando o braço de Sebastian e incitando-o a enlaçá-la. Ele a apertou imediatamente.

– Fomos nós que o convidamos – anunciou Dasha.

Rika acrescentou:

– E agora podemos ver que foi uma decisão sábia.

– O que vocês querem dizer? – perguntou Kaderin, com a voz trêmula.

– Você passou anos demais culpando a si mesma pelas nossas mortes, e mais tempo ainda sem conhecer a felicidade. Isso deve terminar. Está na hora de você ficar contente – respondeu Dasha.

– Merece isso mais do que ninguém – confirmou Rika, com um jeito meio tímido. Ela se aproximou de Kaderin e de Sebastian, e se dirigiu a ele. – Nós odiamos aquele vampiro pelo que ele fez a Kaderie e

a nós. – Ela franziu a testa, mas logo em seguida completou: – Só que você não é aquele vampiro. E se você ama Kad...

– Eu a amo – confirmou ele, bem depressa.

Ela apertou o braço dele com força.

– Então vocês devem se casar, com as nossas bênçãos – murmurou Dasha.

– Rika? Dash? – disse Kaderin, com a voz ofegante. – Vocês estão falando sério?

– Kaderie, você precisa dele. Mesmo que não suportássemos seu sentimento, você acabaria indo embora com ele, em algum momento. Nós entendemos isso.

Kaderin virou-se para Sebastian, olhando para cima e mordendo o lábio inferior.

– Sim, eu teria feito isso.

– Teria mesmo? – murmurou ele, com os olhos muito escuros.

– Claro, Bastian. – Ela olhou por cima do ombro e disse às irmãs: – Obrigada. Eu-eu... não sei o que dizer.

– Vão nessa! – disse Dasha, exibindo uma careta ao usar a expressão moderna. – Isso não significa que nós desejamos ver vocês dois presos nas agonias do amor, ou das mordidas, ou sei lá como será. Rika e eu temos batalhas de videogame para treinar, e também vamos receber aulas de direção de Regin e Nix quando elas voltarem com a embalagem tamanho família de goma de mascar Sad Wiener.

Quando Rika sorriu e acenou com a cabeça, Kaderin ficou na ponta dos pés para sussurrar no ouvido dele: – *Você me leva a algum lugar onde eu possa beijar você?*

Estremeceu quando ele se teletransportou, junto com ela.

– Onde estamos? – perguntou ela, não querendo tirar os olhos dele nem mesmo para olhar ao redor.

– Esta é nossa nova propriedade – explicou ele, estudando a reação dela, e muito obviamente desejando que ela gostasse. – Fica perto de Val Hall – acrescentou ele, inclinando-se para roçar os lábios na orelha dela, sua respiração quente já se acelerando pela necessidade de tê-la.

Kaderin não precisava ver nada para saber que iria gostar. Sebastian estava ali, e isso era tudo que ela precisava saber.

– Oh, Bastian – suspirou ela, as pálpebras tremulando mesmo fechadas, enquanto passeava com os dedos através do cabelo espesso dele. – Acho que é a melhor casa que eu já vi na vida. Tenho certeza disso.



Depois de fazer amor na sala de estar, na sala de jantar, na escada e sobre um banco no patamar da escada, eles finalmente conseguiram chegar ao quarto. Assim que se aninharam debaixo das cobertas em tom de damasco, um telefone tocou do outro lado do quarto. Sebastian ficou tenso ao ouvir o som; Kaderin franziu a testa. Quem poderia já ter conseguido o número dali?

O rosnado baixo de admiração que ele emitiu quando ela caminhou nua até o telefone valeu a pena.

Quando ela atendeu, Emma disse: – Kaderin, é você? – A voz dela estava em pânico. – Myst me contou que eu poderia encontrá-los aí. Por acaso vocês viram Bowen?

– Desde quando, querida?

– Desde que ele saiu em busca de uma cobra de fogo na Corrida do Talismã.

Oh, droga. Kaderin se esgueirou de volta para a cama.

– Bastian, depois de você e Bowen terem o seu desentendimento... o que aconteceu, exatamente? – Aquele período de tempo era uma névoa para Kaderin. Tudo o mais tinha perdido importância diante do sacrifício de Sebastian por ela e por sua família. E ela não gostava de imaginar que ele tivesse morrido fervendo naquela lava. Kaderin tinha imaginado cenários mais alegres.

– O Lykae prometeu, de forma convincente, que ele me mataria e a você também, depois de nos caçar até os confins da Terra – respondeu Sebastian. – Também afirmou que iria “comer o meu maldito coração”. – Ele deu de ombros. – Eu o deixei lá dentro daquela caverna, do outro lado do poço de lava. Imaginei que pudesse existir algum caminho pela parte de trás, por onde ele pudesse escapar.

Kaderin hesitou, então disse a Emma: – Pode ser que ele ainda esteja preso atrás de um poço de lava fervente, guardado por uma serpente de fogo.

– Há duas semanas? – gritou Emma. – Vocês podem ir lá buscá-lo, por favor? Ele é primo e melhor amigo do meu marido!

– Vamos usar o seu rifle com dardos tranquilizantes ou o nosso? – perguntou Kaderin. – Emma, ele certamente estará numa fúria assassina, depois de perder sua companheira... de novo.

– Eu sei, mas só estou preocupada que ele talvez tenha resolvido aproveitar essa oportunidade para... você sabe.

– Ah, ok – disse Kaderin, e se virou para Sebastian. – Podemos ir buscar Bowen em algum momento, hoje à noite? Ela está preocupada com a possibilidade de ele mergulhar na lava após a perda.

– Isso seria trágico. – Quando Emma ouviu Sebastian dizer isso, gritou alto. Ele, a contragosto, afirmou: – Não, Bowen não vai fazer nada disso. Precisa me matar primeiro. Confie em mim, eu sei disso. – Ele soltou o ar lentamente. – Tudo bem, vamos pegá-lo. – Ele agarrou Kaderin pela cintura e arrastou-a de volta para debaixo das cobertas, com ele. – Mais tarde.

– Mais tarde – concordou Kaderin, com ar ansioso. E disse a Emma: – Nós iremos buscá-lo ao pôr do sol. Se ele ainda estiver lá. Pode deixar que eu aviso você, Emma. Desligou e, num gesto “distraído”, colocou o telefone sobre a mesa de cabeceira, mas se virou novamente quando encontrou um papel.

– O que é isso? – perguntou ele.

– Um bilhete. – O papel estava dobrado em três e tinha um selo de cera carmesim carimbado com um R fluorescente. – É de Riora?

Ele olhou por cima do ombro de Kaderin quando ela abriu a carta.

– Será que vamos querer ler isto?

Ela encolheu os ombros, sem argumentos. Ambos leram: *É absolutamente impossível para vocês dois se sentirem em demasiado êxtase quando estão juntos.*

*Também não é possível para ambos terem famílias inteiramente ajustadas.*

*Verei vocês na próxima Corrida do Talismã.*

*Riora, deusa de tudo e de todos os hinos de clubes de futebol* Uma chave soou no fundo da dobra inferior da carta. Kaderin podia ouvir seu coração acelerar quando reconheceu o objeto.

Outra chance para o passado. Para Sebastian.

– Será que... – A voz dele ficou mais baixa. – Será que vai funcionar?

Ela olhou para ele e balançou a cabeça.

– Sim, acredito que sim. Você deixou Riora fascinada. Ela certamente gostaria de recompensá-lo.

Ele engoliu em seco.

– Eu não vou enfrentar isso de forma descuidada. Preciso conversar com Nikolai, Murdoch e, espero, Conrad. Vamos decidir juntos como e quando isso irá ocorrer. E vamos nos preparar para a aventura.

Quando Kaderin, cautelosamente, deixou a chave e o bilhete de lado, ele perguntou: – Você estaria confortável com isso? Com toda a minha família voltando do passado?

– Como você se sentiu em relação à minha? Claro! Vou apoiar você em qualquer coisa que queira fazer. E ousou dizer que suas irmãs serão muito mais fáceis de enfrentar que Dasha e Rika. Elas, provavelmente, não tentarão destruir todas as torradeiras que encontrarem.

Os cantos dos lábios dele se curvaram.

– Isso é muito incrível. Mal posso acreditar – disse Sebastian.

– Pois, então, espere até vê-las pela primeira vez depois de tanto tempo. É um choque muito grande.

Ele ergueu a mão para emoldurar e embalar o rosto dela.

– Minhas irmãs iriam gostar de você.

Ela sorriu de volta.

– Elas vão gostar de mim. E eu vou gostar delas também. Mas eu acho que você *deveria* se casar comigo primeiro. Só então seremos respeitáveis.

– Eu não acredito que este dia ainda possa ficar melhor.

Quando ele a puxou para baixo dele e descansou os quadris entre as suas coxas, ela olhou para seus olhos cinza, a cor certa para suportar as tempestades de verão.

– Eu amo você, Bastian.

– E eu nunca vou me cansar de ouvir isso. – Ele esfregou a orelha dela com os lábios e sussurrou com uma voz rouca contra ela: – Talvez, um dia, você venha a me amar tanto quanto eu amo você.

Ela franziu a testa e empurrou-se sobre os ombros dele, de forma a colocar seus rostos de frente um para o outro.

– Acontece que eu *adoro* você, vampiro. – Com as mãos em volta do pescoço dele, ela entrelaçou os dedos por dentro do seu cabelo pesado. – Não, nada disso! – completou em seguida. – Eu estou *absolutamente certa* de que amo você *muito mais*.

Ele sorriu para ela, com aquele meio sorriso que fazia seu coração dar cambalhotas e se balançou lentamente para frente, a fim de preenchê-la.

– *Diga isso para você mesma, Valquíria.* – Ele se inclinou para abafar o som rouco que ela emitiu com a garganta, cobrindo-lhe a boca com os lábios. – *Tantas vezes quanto quiser.*

## Trechos da obra

# O LIVRO DO LORE

**O Lore** “... e essas criaturas sensíveis que não são humanas deverão ser unidas numa única classe e coexistirão, embora em segredo, com os seres humanos.”

**As Valquírias** “Quando uma guerreira clama por coragem ao se ver diante da morte numa batalha, Wóden e Freya atendem ao seu chamado. Os dois deuses oferecem relâmpagos para atingi-la, preservando eternamente a sua coragem sob a forma de uma filha Valquíria imortal.”

- Alimentam-se da energia elétrica da Terra, partilhando-a num poder coletivo e devolvendo-a através das suas emoções sob a forma de relâmpagos.
- Possuem força e rapidez sobrenaturais.
- Se não treinadas, podem ser hipnotizadas por objetos brilhantes e joias.
- São também conhecidas pelos nomes *Damas Cisne* e *Damas Escudo*.
- São inimigas da Horda.

### **Os Vampiros**

- Existem duas facções em guerra, a Horda dos Vampiros e o Exército dos Abstêmios.
- Cada vampiro procura sua *Noiva*, sua eterna esposa, e caminha pelo mundo como morto-vivo até encontrá-la.

- Uma Noiva fará com que o corpo de um vampiro retorne plenamente à vida, dando-lhe o dom de respirar e fazendo com que seu coração torne a bater, um processo conhecido como *ressangueamento*.
- *Teletransporte* é o meio de transporte dos vampiros. Um vampiro só pode se teletransportar para um local onde já tenha estado antes.

**A Horda** “*No caos primordial que existia no Lore, uma irmandade de vampiros dominava tudo, com base na sua natureza fria, na adoração da lógica e na ausência de misericórdia. Vieram das duras estepes da Dácia e emigraram para a Rússia, embora exista uma lenda sobre um enclave secreto na Dácia.*”

- Os vampiros da Horda são identificáveis por seus olhos vermelhos, um efeito colateral de terem bebido sangue das vítimas até a sua morte.
- São inimigos de quase todas as outras facções do Lore.

**Os Abstêmios** “... *depois que a sua coroa foi roubada, Kristoff, o legítimo rei da Horda, percorreu todos os campos de batalha da antiguidade à procura dos mais fortes e mais valentes guerreiros humanos entre os que já existiram. Isso lhe valeu o nome de Caminhante dos Túmulos. Ofereceu vida imortal em troca de fidelidade eterna para ele mesmo e para o seu crescente exército.*”

- Formam um grande exército de vampiros que consiste em humanos transformados, que não bebem sangue diretamente do corpo.
- Kristoff foi criado como humano e depois passou a viver entre os vampiros, mas ele e o seu exército conhecem pouca coisa a respeito do Lore.
- São inimigos da Horda.

**O Clã dos Lykæ** “*Um guerreiro orgulhoso e forte do Povo Keltoi (ou Povo Escondido, mais tarde conhecido como Celta), foi apanhado no auge da juventude por um lobo enlouquecido. Esse guerreiro conseguiu ressuscitar dos mortos e agora é um imortal, mas continuou transportando dentro de si o espírito do animal ancestral e assumiu as características típicas da fera: necessidade de contato, grande lealdade para com os da sua espécie e ânsia pelos prazeres carnavais. Por vezes, a fera latente se sobrepõe e ressurge...*”

- Também conhecidos como *Lobisomens* ou *Combatentes das Terras Altas*.
- São inimigos da Horda.

### **As Furiae “*Se praticas o mal, implora por um castigo – antes que elas cheguem...*”**

- São guerreiras implacáveis, devotadas a aplicar justiça aos homens maus quando estes escapam à merecida punição, onde quer que estejam.
- São lideradas por Alecta, a Implacável.
- Também conhecidas por *Fúrias* ou *Erínias*.

### **Os Berserkers “*A vida solitária de um berserker é preenchida com batalhas sangrentas e furiosas, cheias de muito desejo por sangue...*”**

- Trata-se de uma unidade de guerreiros mortais que juraram lealdade a Wóden, conhecido por sua brutalidade implacável.
- Uma das poucas ordens humanas reconhecida e aceita pelo Lore.
- São capazes de conjurar o espírito dos ursos e canalizar sua ferocidade.

### **As Sereias “*Quando você estiver na beira do mar, cuidado com a canção das sereias...*”**

- Imortais do sexo feminino, podem magnetizar e escravizar os homens que ouvirem as canções que entoam.
- Obtêm seus poderes do mar e não podem se afastar do litoral mais do que um ciclo lunar.

### **Os Espectros “*... sua origem é desconhecida, e sua presença é arrepiante.*”**

- São seres espectrais que vivem constantemente. Imbatíveis e, na sua maioria, incontroláveis.
- Também conhecidos como *A Praga Ancestral*.

### **As Demonarquias “*Os demônios são tão variados quanto as tribos dos homens...*”**

- Trata-se de uma compilação de dinastias de demônios.
- Alguns dos seus reinos são aliados da Horda.

### **A Casa das Bruxas “*... imortais detentoras de talentos mágicos, praticantes do bem e do mal.*”**

- São mercenárias místicas que vendem seus feitiços.

**Os Kobolds** “*Quando alguém olha para eles, enxerga seres simpáticos e encantadores. Quando esse mesmo alguém lhes vira as costas, não dá para imaginar no que eles vão se transformar.*”

- Criaturas semelhantes a gnomos que moram no fundo de minas. O nome do caprichoso e perigoso elemento químico que conhecemos como cobalto deriva dessa espécie.

**Os Ghouls** “*Até os imortais temem a sua mordida...*”

- Seres humanos que foram transformados em monstros cruéis. Têm a pele verde e brilhante, os olhos amarelos; suas mordidas e arranhões são contagiosos.
- Sua principal missão é aumentar o número dos seus membros através de contágio.
- Diz-se que viajam em *bandos*.

**A Transformação** “*Apenas através da morte um deles pode se transformar no ‘outro’.*”

- Alguns seres, como os Lykae, os vampiros e os fantasmas, podem transformar seres humanos ou até mesmo outras criaturas do Lore em seres da sua espécie, por meio de diversos artifícios, mas o catalisador dessa mudança é sempre a morte, e o sucesso nem sempre é garantido.

**A Corrida do Talismã** “*Uma caçada em forma de gincana, muito cruel e traiçoeira, cujo objetivo de cada participante é recolher e conquistar talismãs mágicos, amuletos poderosos e outras riquezas místicas, numa corrida em torno de todo o planeta.*”

- É disputada a cada 250 anos.
- É promovida e organizada por Riora, a deusa da impossibilidade.
- Foi vencida, nas últimas cinco edições, pela Valquíria Kaderin Coração Gelado.

**O Acesso** “*E deverá chegar o momento em que todos os seres imortais do Lore, desde as mais fortes Valquírias, os vampiros, as facções de Lykae aos fantasmas, metamorfos, fadas e sereias deverão combater e destruir uns aos outros.*”

- Trata-se de uma espécie de sistema de acerto de contas para uma população de imortais que não para de crescer.
- Ocorre a cada 500 anos. Ou pode estar acontecendo neste exato momento...

**F I M**

## Sobre a autora



**KRESLEY COLE** formou-se em letras pela Universidade da Flórida e passou dois anos na biblioteca da famosa instituição fazendo pesquisas sobre mitos ancestrais e recolhendo material para seus livros. *Desejo Insaciável*, o primeiro romance da Série Imortais, vencedor do prêmio RITA na categoria *Paranormal Romance*, foi capa da *Romantic Times Magazine*. Mora com o marido Richard à beira de um rio situado numa bela península da Flórida. A ex-atleta e treinadora, agora Nº 1 da lista de best-sellers do *New York Times* e publicada em quase 20 países, traz finalmente para o Brasil uma das séries mais devoradas e apaixonantes dos Estados Unidos.

Visite [Kresleycole.com](http://Kresleycole.com) para todas as informações sobre a série.

# Sumário Créditos

Agradecimentos

Prólogo

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30  
31  
32  
33  
34  
35  
36  
37  
38  
39  
40  
41



É POSSÍVEL CONFIAR NO FUTURO  
QUANDO É IMPOSSÍVEL ESQUECER O PASSADO  
E O PRESENTE É UMA CANÇÃO SOBRE AMOR E TRAIÇÃO?

S. C. STEPHENS

Nº 1 da lista de best-sellers do *New York Times*

# COMPLICADO DE MAIS

TRILOGIA ROCK STAR LIVRO 2

valentina

# Complicado demais

Stephens, S. C.

9788565859394

454 páginas

[Compre agora e leia](#)

COMPLICADO DEMAIS (Trilogia Rock Star #2) S. C. Stephens É POSSÍVEL CONFIAR NO FUTURO QUANDO É IMPOSSÍVEL ESQUECER O PASSADO E O PRESENTE É UMA CANÇÃO SOBRE AMOR E TRAIÇÃO? Os limites já foram ultrapassados e a decisão já foi tomada. Chegou a hora de encarar as consequências de um amor inconsequente. Após se envolver num triângulo amoroso que culmina numa traição devastadora, Kiera jurou aprender com os erros cometidos. Ela está determinada a nunca mais infligir aquele tipo de sofrimento a ninguém, principalmente ao homem talentoso e sensível que é dono do seu coração. Mas a vida sempre oferece novos desafios e, quando o amor de Kiera for submetido ao teste máximo, será que vai sobreviver? Amar é fácil... confiar é que é difícil.

INFORMAÇÕES RELEVANTES A Trilogia ROCK STAR começou a ser escrita em 2009. O sucesso da autopublicação foi tão estrondoso que logo recebeu uma proposta para editar pela Simon & Schuster, um dos maiores grupos editoriais do mundo. Chegou ao 1º lugar na lista de best-sellers do New York Times, na categoria e-book, com o terceiro livro desta trilogia.

[Compre agora e leia](#)

"Extraordinário ... uma tocante e inspiradora obra-prima."  
Publishers Weekly

# *Yossarina*

*Kathryn Erskine*



valentina 

# Passarinha

Erskine, Kathryn

9788565859141

180 páginas

[Compre agora e leia](#)

No mundo de Caitlin, tudo é preto e branco. Qualquer coisa entre um e outro dá uma baita sensação de recreio no estômago e a obriga a fazer bicho de pelúcia. É isso que seu irmão, Devon, sempre tentou explicar às pessoas. Mas agora, depois do dia em que a vida desmoronou, seu pai, devastado, chora muito sem saber ao certo como lidar com isso. Ela quer ajudar o pai - a si mesma e todos a sua volta -, mas, sendo uma menina de dez anos de idade, autista, portadora da Síndrome de Asperger, ela não sabe como captar o sentido. Caitlin, que não gosta de olhar para a pessoa nem que invadam seu espaço pessoal, se volta, então, para os livros e dicionários, que considera fáceis por estarem repletos de fatos, preto no branco. Após ler a definição da palavra desfecho, tem certeza de que é exatamente disso que ela e seu pai precisam. E Caitlin está determinada a consegui-lo. Seguindo o conselho do irmão, ela decide trabalhar nisso, o que a leva a descobrir que nem tudo é realmente preto e branco, afinal, o mundo é cheio de cores, confuso mas belo. Um livro sobre compreender uns aos outros, repleto de empatia, com um desfecho comovente e encantador que levará o leitor às lágrimas e dará aos jovens um precioso vislumbre do mundo todo especial dessa menina extraordinária. *VENCEDOR do National Book Award, 2010 FINALISTA do Redbridge Children's Book Award (Reino Unido), 2012 FINALISTA do UKLA Award (Associação Literária do Reino Unido), 2012 VENCEDOR do International Reading Association Award, 2011 VENCEDOR do Crystal Kite Award, 2011 HONRA AO MÉRITO do Golden Kite Award, 2011 VENCEDOR do Southern Independent Booksellers Award, 2011 OBRA NOTÁVEL PARA CRIANÇAS da American Library Association's, 2011 MELHOR ROMANCE PARA JOVENS da American Library Association's, 2011 OBRA EXTRAORDINÁRIA no Bank Street Best Children's Books, 2011 OBRA NOTÁVEL PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES, Capitol Choices, 2011 VENCEDOR do Dolly Gray Children's Literature Award, 2012*

[Compre agora e leia](#)

1º LUGAR DA LISTA DE MAIS VENDIDOS DO NEW YORK TIMES

JENNIFER L. ARMENTROUT

# ORIGINAIS

SAGA LUX LIVRO 4



NADA O IMPEDIRÁ DE SALVA-LA!

valentina

# Originais

Armentrout, Jennifer L.

9788558890571

384 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nada o impedirá de salvá-la! Daemon fará o que for preciso para ter a Katy de volta. Após a bem-sucedida, porém desastrosa, incursão a Mount Weather, ele está tendo que encarar o impensável. Katy foi capturada. Sua única meta agora é encontrá-la. Destruir qualquer um que se ponha em seu caminho? Com todo prazer. Incendiar o planeta inteiro para salvá-la? Moleza. Expor sua própria raça ao mundo? Sem problema. Tudo o que a Katy pode fazer é sobreviver. Cercada por inimigos, a única maneira que ela tem de sair dessa é se adaptando. Afinal, nem todas as facetas do Daedalus são totalmente malucas, embora os objetivos do grupo sejam assustadores e as verdades propagadas ainda mais perturbadoras. Quem é de fato o inimigo? O Daedalus? A humanidade? Ou os Luxen? Juntos, eles podem encarar o que vem pela frente. No entanto, a pior de todas as ameaças esteve escondida o tempo inteiro. Quando as verdades vierem à tona e as mentiras forem enfim desmascaradas, de que lado o Daemon e a Katy decidirão ficar? E será que eles conseguirão, pelo menos, continuar juntos?

[Compre agora e leia](#)

SANDI LYNN

*Best-seller do New York Times*

# Nós para sempre

96 Páginas Forever livro 3 96

*Diante de desafios inesperados,  
o que será mais forte: o temperamento  
que os afeta ou o amor que os une?*

valentina 

# Nós para sempre

Lynn, Sandi

9788565859653

250 páginas

[Compre agora e leia](#)

Como será que os dois teimosos irão sair dessa zona de turbulência e salvar a família que com tanto sacrifício construíram? Realizando um sonho que ambos acreditavam ser impossível, Ellery e Connor agora são três: chegou Julia, que nasceu para ser a grande alegria dos pais. Quando tudo corre bem para a nova família - Connor está prestes a ampliar a Black Enterprises e Ellery é convidada a expor na inauguração de uma galeria em Chicago -, duas bombas explodem na sua vida: Ashlyn acusa Connor no tribunal de tê-la torturado psicologicamente e arruinado sua sanidade, ameaçando destruir a reputação dele para sempre. Furiosa, Ellery resolve ter uma "conversinha" com Ashlyn - naturalmente, sem contar nada a Connor. E quando ela começa a receber torpedos indecentes de um homem misterioso, é a vez de Connor ficar uma fera e tentar resolver o assunto "à sua maneira" - e o resultado é a crise mais grave que o casamento dos dois já enfrentou...

[Compre agora e leia](#)

JODI MEADOWS

# ALMANEGRA

TRILOGIA INCARNATE VOLUME 2

valentina 

# Almanegra

Meadows, Jodi

9788565859684

300 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma mescla de romance, aventura e fantasia numa extraordinária trilogia sobre uma nova vida, uma nova alma e a busca de nossas origens. ALMANEGRA Ana sempre foi a única. Marginalizada. Apartada. E, para piorar, após o Escurecimento do Templo causado por seu pai, vários cidadãos de Heart a culpam pela perda definitiva de algumas almas, as almasnegras — e pelas almasnovas que nascerão em seu lugar. SOMBRAS Muitos temem a presença de Ana, um lembrete constante das mudanças irreversíveis. E quando as sílfides começam a se comportar de maneira diferente em relação a ela, Ana terá que aprender não apenas a se defender como àqueles que não podem fazer isso por si mesmos. AMOR Ana aprendeu desde cedo que os sem-alma não podem amar. Mas, e as almasnovas? Mais do que tudo, ela deseja ter a chance de viver e amar como qualquer outro cidadão de Heart, porém mesmo depois de Sam declarar seus mais profundos sentimentos, será que ela conseguirá superar uma vida inteira de rejeição e aceitar o amor? Almanegra explora a beleza e as profundezas sombrias da alma, numa história que é ao mesmo tempo um romance épico e uma fantasia cativante.

[Compre agora e leia](#)